

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**

**PRISCILA PRADO**

***VAGALUMES DE CHERENKOV:***  
**TRADUÇÃO E LEITURA ECOCRÍTICA DA OBRA**  
***INQUIETANTE CROCIERA,***  
**DE MARIA IVANA TREVISANI BACH**

**CURITIBA**

**2023**

**PRISCILA PRADO**

**VAGALUMES DE CHERENKOV:  
TRADUÇÃO E LEITURA ECOCRÍTICA DA OBRA  
*INQUIETANTE CROCIERA*,  
DE MARIA IVANA TREVISANI BACH**

***Vagalumes De Cherenkov:*  
Translation And Ecocritical Reading Of  
*Inquietante Crociera*,  
By Maria Ivana Trevisani Bach**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Márcio Matiassi Cantarin

**CURITIBA**

**2023**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es).  
Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

15/02/2023



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Campus Curitiba



---

PRISCILA PRADO

**VAGALUMES DE CHERENKOV - TRADUÇÃO E LEITURA ECOCRÍTICA DA OBRA INQUIETANTE CROCIERA, DE MARIA IVANA TREVISANI BACH**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestra Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 15 de Fevereiro de 2023

Dr. Marcio Matiassi Cantarin, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dr. Cristiano De Sales, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Karine Marielly Rocha Da Cunha, Doutorado - Universidade Federal do Paraná (Ufpr)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 15/02/2023.

A meus avós,  
Nilla e Negrão,  
Pepita e Zezé,  
por sua travessia.

## **AGRADECIMENTOS**

Quantos, deliberada ou inconscientemente, incentivaram a prosseguir ou a alterar o rumo do caminho – inclusive aqueles que, por diferentes razões, já não estão em meu convívio.

À família sempre presente e amorosa, aquela em que nasci e a que construí com o Carlos Henrique Licheski Klein e nossos filhos, Érico e Vítor.

Aos amigos, afeto compartilhado para além do tempo e do espaço. Aos terapeutas, que se tornaram amigos. Aos artistas cujas obras serviram de alento ou alerta nos mais diversos momentos.

Aos colegas e professores que, suspeito, nem fazem ideia de seu real valor. Aos da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, onde cursei disciplinas isoladas e, em especial, aos do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens desta Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR.

Agradeço mais uma vez a oportunidade de estudar e pesquisar nestas Universidades Públicas, federais e gratuitas, que estão e sempre estiveram entre as melhores do país.

Ao Professor Doutor Klaus Eggensperger, da UFPR, que me apresentou a Ecocrítica e me acolheu entre os estudiosos do GECO – Grupo de Estudos Ecocríticos. A estes também agradeço.

Ao Professor Doutor Márcio Matiassi Cantarin, orientador desta pesquisa, por seu acompanhamento paciente e constante que, além de profissional e com forte embasamento teórico, é também afetivo e intuitivo.

Aos Professores Doutores Cristiano De Sales e Karine Marielly Rocha Da Cunha, por sua generosa contribuição como integrantes da banca.

À escritora Maria Ivana Trevisani Bach que proporcionou este “cruzeiro inquietante”, com tantos deslumbramentos no percurso.

Por último, o agradecimento primeiro. Embora com pudor, e sob risco de que cada um entenda como o seu este que é único, agradeço a Deus – o Deus de Dante? “Amor que move o sol e as demais estrelas”.

...o ocorrido em Babel foi  
tanto um desastre quanto  
(e essa é a etimologia da palavra *desastre*)  
uma chuva de estrelas sobre o ser humano.  
(GEORGE STEINER, 2005)

## RESUMO

Este trabalho consiste na tradução do italiano para o português do livro *Inquietante Crociera*, de Maria Ivana Trevisani Bach e análise da obra sob perspectiva ecocrítica. O título em português, *Vagalumes de Cherenkov*, resgata o título da primeira edição italiana, *Lucciole di Cherenkov*. Classificado pela própria autora como um “ecorromance”, o livro narra uma viagem de cruzeiro que tem início no porto de Savona, na Itália. A viagem começa com uma trajetória prevista e bem delimitada que, no entanto, torna-se deriva ao longo da narrativa. O navio é uma clara metáfora ao planeta Terra, a nave em comum da humanidade. Tendo em vista a crise ambiental global que se agudiza, relevante oportunizar ao público de língua portuguesa esta obra de qualidade literária e ecocrítica. Na abordagem teórica, são destacados aspectos de tradução e justificativa quanto às opções tradutórias adotadas, seguida de análise ecocrítica da obra, com enfoque principal na relação do ser humano no mundo.

**Palavras-chave:** Ecocrítica. Ecosofia. Ecorromance. Língua italiana. Tradução.

## **ABSTRACT**

*This work consists of a translation from Italian to Portuguese of the book *Inquietante Crociera*, by Maria Ivana Trevisani Bach, and its analysis from an ecocritical perspective. The title in Portuguese, *Vagalumes de Cherenkov*, rescues the first Italian edition's title, *Lucciole di Cherenkov*. Classified by the author herself as an "ecoromance", the book narrates a cruise trip that begins in the port of Savona, in Italy. The journey begins with a predicted and well-defined trajectory that, however, becomes adrift along the narrative. The ship is a clear metaphor for planet Earth, humanity's common vessel. As the global environmental crisis worsens, it is increasingly relevant to provide the Portuguese-speaking public with this work of literary and ecocritical quality. In the theoretical approach, aspects of translation are highlighted as well as justified some of the main translation's options. An ecocritical analysis of the book follows, with a main focus on human connections to each other and to the world.*

**Keywords:** *Ecocriticism. Ecosophy. Eco-novel. Italian language. Translation.*



## **ABSTRACT**

*Questo lavoro consiste in una traduzione dall'italiano al portoghese del libro **Inquietante Crociera**, di **Maria Ivana Trevisani Bach**, e nella sua analisi in una prospettiva ecocritica. Il titolo in portoghese, **Vagalumes de Cherenkov**, riprende il titolo della prima edizione italiana, **Lucciole di Cherenkov**. Classificato dalla stessa autrice come un "ecoromanzo", il libro racconta una crociera che inizia nel porto di Savona, in Italia. Il viaggio inizia con una traiettoria prevista e ben definita che, tuttavia, viene smarrita lungo la narrazione. La nave è una chiara metafora del pianeta Terra, la nave comune dell'umanità. Con l'aggravarsi della crisi ambientale globale, è importante offrire al pubblico di lingua portoghese quest'opera di qualità letteraria ed ecocritica. Nell'approccio teorico, vengono evidenziati gli aspetti della traduzione e giustificate alcune delle principali opzioni traduttive adottate. Segue un'analisi ecocritica del libro, con un focus principale sulle connessioni umane tra di loro e con il mondo.*

*Parole chiave: ecocritica. Ecosofia. Ecoromanzo. Lingua italiana. Traduzione*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - As Cinco Peles.....	69
Figura 2 - Efeito Cherenkov.....	106
Fotografia 1 - Capa da 1ª edição .....	19
Fotografia 2 - Capa da 2ª edição .....	19
Fotografia 3 - Capa da edição atual .....	20
Fotografia 4 - <i>Hydrometra stagnorum</i> .....	48
Fotografia 5 - Ilha de lixo no Mar do Caribe.....	72
Fotografia 6 - Museu Nacional Etrusco .....	27
Fotografia 7 - O Nascer da Terra .....	49
Fotografia 8 - Os Dois Telescópios MAGIC .....	26
Fotografia 9 - Sarcófago do Casal .....	83
Fotografia 10 - Vagalumes "fantasma azul" .....	106

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>09</b>
1.1 INTRODUÇÃO .....	12
<b>2 CRUZEIRO INQUIETANTE: O ORIGINAL</b> .....	<b>15</b>
2.1 MARIA IVANA TREVISANI BACH – A AUTORA.....	16
2.2 A PUBLICAÇÃO.....	18
2.3 O ROTEIRO .....	22
<b>3 ECOCRÍTICA: O QUE É</b> .....	<b>34</b>
<b>4 VAGALUMES DE CHERENKOV: A TRADUÇÃO</b> .....	<b>38</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E OPÇÕES TRADUTÓRIAS.....	39
4.2 TRADUÇÃO E ECOCRÍTICA.....	52
<b>5 UMA LEITURA ECOCRÍTICA</b> .....	<b>61</b>
5.1 NOSSA NAVE EM COMUM.....	65
5.2 BIOSFERA, TECNOSFERA,...UMA SÓ ESFERA.....	73
5.3 A PERCEPÇÃO DA CRISE e a CRISE DE PERCEPÇÃO.....	78
5.4 APOCALIPSE NÃO. ....	89
5.5 REENCANTAR O OLHAR.....	97
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>109</b>
<b>APÊNDICE A - <i>Vagalumes de Cherenkov de Maria Ivana Trevisani Bach</i> (tradução: Priscila Prado)</b>	
<b>APÊNDICE B - <i>Manifesto de Ecopoesia Italiana de Maria Ivana Trevisani Bach</i> (tradução: Priscila Prado)</b>	

## 1 APRESENTAÇÃO

Comecei o mestrado em 1990.

– Que obstinada! – dirão meus detratores.

– Que perseverante! – dirão meus amigos.

– Como não foi jubilada?! – espantar-se-ão meus colegas.

Sim, é preciso uma dose de obstinação e certamente é preciso perseverar para realizar um sonho.

E talvez por isso seja tão difícil ingressar no mestrado: para que quando, pela enésima vez, a mestranda pensa em desistir, lembra-se do quanto lhe custou chegar até ali – e persevera mais um pouco.

Sim, de fato fui jubilada naquele mestrado iniciado após concluir o curso de Direito, na Universidade Federal do Paraná. O tema era “Condições da Ação: uma Questão de Mérito”. O ano era 1994, eu estava casada, era advogada da Caixa – onde trabalhava a 50 km de casa –, tinha um filho de 3 anos e amamentava o mais novo.

Saí da Caixa em 2000. Ainda tentei voltar ao mestrado em Direito por mais alguns anos, até descobrir que poderia enveredar pelas Letras também na academia. Minha primeira publicação literária tinha sido em 2005.

Mais alguns anos se passaram estudando como aluna externa em Letras na UFPR, na pós e na graduação. E participando de sucessivos processos seletivos para o Mestrado, sem sucesso.

Iniciava-se o ano de 2020 e decidi tentar uma última vez. O critério de desempate de meu dilema – desistir ou não do mestrado em Letras – foi o teste de proficiência em idioma (Francês!) que ainda estaria válido até o final daquele ano.

Busquei, então, uma disciplina no mestrado em Letras da UFPR. “As Árvores na Literatura”, foi a que me interessou, oferecida pelo professor Klaus Eggenesperger que, felizmente, aceitou minha participação como aluna externa.

Tínhamos tido apenas uma aula presencial quando a pandemia do coronavírus interrompeu o funcionamento do país e do mundo.

Passado o impacto inicial, decidiu-se pelo prosseguimento da disciplina em ambiente virtual.

“As Árvores na Literatura” foi uma das únicas disciplinas daquele ano que sobreviveu à pandemia. Foi a sexta disciplina que cursei como externa no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR e uma das duas únicas que me foi possível aproveitar como parte dos créditos exigidos para o mestrado na UTFPR.

Foi meu primeiro contato com a ecocrítica: inúmeros autores e conceitos de que jamais ouvira falar e que, no entanto, soavam-me tão familiares.

Convidada a participar do Grupo de Estudos Ecocríticos – GECO, conheci muitos outros estudiosos do tema, vinculados a diferentes instituições de ensino, como o professor Márcio Matiassi Cantarin, da UTFPR.

Foi neste grupo que fiquei sabendo da existência do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens na UTFPR – e da abertura do processo seletivo para ingresso no mestrado.

Naquele ano de 2020 participei de dois processos seletivos para ingresso no mestrado, na UFPR e na UTFPR. Com dois projetos diferentes entre si, ambos na área de ecocrítica e envolvendo tradução. Ambos foram aprovados.

Afinal, prevaleceu a opção mais significativa em termos afetivos: a tradução da obra em italiano, na UTFPR.

É que houve um outro navio que partiu ali de perto do porto de partida da obra ficcional.

O ano era 1939. Minha avó materna, então com 10 anos, veio com a família da Itália para a América, do Sul, Brasil, Curitiba – onde o pai dela, o Nonno, tinha primos que lhe garantiriam emprego.

A Nonna, minha bisavó, a mais nova de seis filhos e a única mulher, despediu-se de sua mãe sabendo que era para nunca mais.

A vizinhança do povoado acompanhou a partida da família como a um cortejo fúnebre.

Naquele tempo a distância da Europa à América se contava em eternidades: sabia-se que eles não retornariam no tempo daquela geração.

Foi o último navio. Irrompeu a Segunda Grande Guerra.

Minha família paterna também está contemplada por estes acasos em sintonia: meu pai, Ivan, versão masculina do nome da autora, é aposentado da Marinha Brasileira e apaixonado por navegação.

Estes e outros vínculos afetivos me conectaram à obra, não sendo o menor deles o interesse pelo nosso destino compartilhado enquanto habitantes do planeta Terra, esta nossa casa em comum.

## 1.1 INTRODUÇÃO

“Men and women can be computerized into robots,  
yes – but they can also refuse.”<sup>1</sup>  
Herbert Marcuse  
(em palestra de 1979)

O presente trabalho consiste na tradução do original italiano *Inquietante Crociera*, ecorromance de Maria Ivana Trevisani Bach, para o português brasileiro – neste idioma sob o título: *Vagalumes de Cherenkov*.

Precede a tradução propriamente dita esta apresentação, em que se tece considerações sobre a tradução em si, bem como procede-se à análise literária e ecocrítica da obra.

Por que traduzir? Por que isto? Por que agora? Por que aqui? – Se estas questões pareciam teóricas, estéticas, acadêmicas, foram se revestindo de cada vez mais convicção e urgência ante o crescente e acelerado agravamento de crises nos mais diversos âmbitos: sanitário, educacional, social, econômico, político, ecológico... – local e globalmente, especialmente desde o início da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2.

As crises que ora assolam o planeta – e, com ele, a humanidade que lhe é indissociável – não são algo que tenha acontecido da noite para o dia nem resultado de algum ato ou fato que possa ser identificado isoladamente.

As questões que nos desafiam neste momento são resultado de um encadeamento complexo de ações e reações, causas e consequências, cuja origem exata não é possível rastrear.

O “cruzeiro inquietante” (do título original em italiano, *Inquietante Crociera*, de 2017), a que Maria Ivana Trevisani Bach nos convida, é uma metáfora da travessia da contemporaneidade, com as inúmeras crises que, em parte, foram desencadeadas pela própria atuação inconsequente do ser humano.

---

1 “Homens e mulheres podem ser transformados em robôs, sim – mas também podem se recusar.” (MARCUSE, 2019, p. 19) (tradução minha)

A narrativa elenca algumas dessas problemáticas: poluição dos mares, risco de alastramento de vírus, administração desumana da migração de pessoas entre territórios, ganância mercantil desenfreada e irresponsável – exemplificada com a questão do petróleo –, entre muitas outras. Aventa, em tom apocalíptico, o risco de que a ação antropogênica esteja afetando até mesmo o campo gravitacional terrestre, com risco de inversão dos polos magnéticos do planeta.

O enredo, prosaico no início, desenrola-se gradualmente em uma distopia que, todavia, o leitor atual reconhecerá como uma metáfora da realidade contemporânea.

A obra literária utiliza-se da ficção para lançar luz sobre a necessidade de mudança de atitude ante a crise ecológica atual. Sua apresentação, com destaque às questões ecocríticas, convida a um aprofundamento da leitura e da reflexão – da cada vez mais necessária reflexão ecosófica para adoção de uma postura ética correspondente.

Assim, esse ecorromance e a investigação ecocrítica convergem em uma mesma ética que lhes serve de mote e fundamento: a ecosofia<sup>2</sup> como conscientização da liberdade-responsabilidade, inerentes ao pertencimento recíproco, e busca de estratégias alternativas de sobrevivência e convivência neste nosso habitat em comum: o planeta Terra.

Trata-se de problemas sistêmicos que, portanto, somente por esforços sistêmicos poderão ser enfrentados, como há muito vêm intuindo e alertando cientistas diversos, como biólogos, físicos, antropólogos, astrofísicos, filósofos, juristas – alguns dos quais serão citados adiante.

A tradução, ampliando o acesso ao público de língua portuguesa, expande o alcance desse diálogo ético-estético e, assim, a ele se alia.

A tradução, por definição, tem por base um texto de partida. A mesma estratégia cronológica será adotada por este trabalho: inicia-se tecendo considerações sobre a obra original objeto da pesquisa, apresentando sua autora, a forma da publicação, o enredo de *Inquietante*

---

2 termo cunhado por Arne Naess (conforme BICCA, 2018, p. 166)



*Crociera* e seu contexto teórico – o que implica tratar da ecocrítica, conceito que merecerá um capítulo próprio.

Passa-se, então, a abordar a tradução em seus aspectos teóricos e opções adotadas no caso concreto, seguida da correlação entre tradução e ecocrítica.

Será, a seguir, proposta uma leitura ecocrítica dentre as muitas que a obra admite: o foco eleito é a questão relacional.

Em considerações finais não se pretende esgotar o tema mas, deixando a potenciais novas pesquisas outras tantas abordagens possíveis, alinhar os desdobramentos alcançados no percurso destes estudos.

## 2 UM CRUZEIRO INQUIETANTE: O ORIGINAL

*Durante un lungo viaggio in crociera, i passeggeri vengono coinvolti in una catena di avvenimenti misteriosi, imprevedibili e drammatici. Quale strano destino unisce la direttrice di un museo etrusco, un'impiegata della FAO, una scrittrice, due astrofisici, un manager della moda, un regista, una cantante lirica famosa, un viaggiatore vestito di bianco, un runner in tuta nera e un geologo dell'ENI? Quali di questi personaggi sono reali e quali immaginari? Come si intrecciano le loro vite con gli strani avvenimenti che si susseguono nella lussuosa nave da crociera? Gli insoliti eventi climatici e geologici che accadono lungo il percorso, sono precursori di un prossimo catastrofico destino del pianeta?*

*Sono segnali che la Terra, inascoltata, manda a questo inconsapevole e gaudente gruppo di crocieristi? Tali segnali, pur evocati ripetutamente nel flusso narrativo, vengono ignorati e si stemperano progressivamente in un'irresponsabile navigazione senza guida, senza approdi e senza meta. In questo eco-romanzo, la nostra colpevole indifferenza e la nostra fuga dalle responsabilità nei confronti delle attuali emergenze politiche, sanitarie ed ecologiche e rappresentata dalla sfarzosa e frivola vita di crociera. Quale metaforico viaggio stanno dunque facendo questi personaggi senza averne consapevolezza? Queste le domande che inquietano il lettore di questo libro e che avranno, alla fine, un'inconsueta ed enigmatica risposta.<sup>3</sup>*

Maria Ivana Trevisani Bach

O cruzeiro é inquietante para os personagens mas também o é para o leitor ao desenrolar um panorama amplo e complexo de fatos, informações científicas, artísticas, históricas.

A autora mobiliza o uso das palavras, dos recursos estilísticos e a maneira de os relacionar, despertando a imaginação e provocando imersão no ambiente de suspense e inquietação proposto.

---

3 “Durante um longo cruzeiro marítimo, os passageiros são envolvidos em uma cadeia de eventos misteriosos, imprevisíveis e dramáticos. Que estranho destino une a diretora de um museu etrusco, uma funcionária da FAO, uma escritora, dois astrofísicos, um empresário da moda, um diretor de cinema, uma cantora lírica famosa, um viajante vestido de branco, um esportista de corrida com roupa preta e um geólogo da ENI? Quais destes personagens são reais e quais, imaginários? Como se entretecem suas vidas com os estranhos eventos que se sucedem na luxuosa nave de cruzeiro? Os insólitos eventos climáticos e geológicos que acontecem ao longo do percurso seriam precursores de um próximo e catastrófico destino do planeta? São sinais que a Terra, ignorada, manda a este alienado e alegre grupo de cruzeiristas? Esses sinais, embora repetidamente evocados ao longo da narrativa, são ignorados e gradualmente se dissolvem em uma navegação irresponsável sem guia, sem porto e sem destino. Neste ecoromance, nossa indiferença culpável e nossa fuga da responsabilidade com relação às atuais emergências políticas, sanitárias e ecológicas são representadas pela suntuosa e frívola vida no cruzeiro. Qual é, portanto, a viagem metafórica que estes personagens estão fazendo sem ter consciência disso? Estas são as questões que inquietam o leitor deste livro e que terão, ao final, uma resposta insólita e enigmática.” (resenha da 1ª edição do livro, ainda sob o título *Le Lucciole di Cherenkov*, Amazon, 2015) <https://www.amazon.com/Lucciole-Cherenkov-Ecoromanzo-Ecologia-Italian/dp/1511528494> Acesso em 10 ago.2022. (tradução minha)

Valendo-se da ficção, descreve metáforas entremeadas de referências a avançados recursos científicos e tecnológicos, para formular as questões que são deixadas à reflexão do leitor.

A arte na pós-modernidade não se pretende totalizante – ao contrário, desmascarando e questionando as totalizações iluministas, deixa as respostas em aberto.

O pós-modernismo procura nitidamente combater o que acabou sendo considerado como o potencial do modernismo para o isolacionismo que separava a arte e o mundo, a literatura e a história. (...) Mantém-se cuidadosamente a autonomia da arte: a auto reflexividade metaficcional chega a enfatizá-la. Contudo, por meio da intertextualidade aparentemente introvertida, outra dimensão é acrescentada... Tanto a história como a literatura proporcionam os intertextos..., mas não se cogita nenhuma hierarquia, implícita ou não. Ambas fazem parte dos sistemas de significação de nossa cultura, e aí está seu sentido e seu valor. (HUTCHEON, 1991, p. 182)

Não por acaso, a obra em análise situa-se neste contexto: o Manifesto da Ecopoesia Italiana é uma espécie de declaração de princípios a nortear a produção literária da autora, que o assina:

Esta nova poesia, provisoriamente chamada por alguns de “Pós-moderna”, porque acolhe algumas tendências das correntes pós-modernas, neste Manifesto, entretanto, é simplesmente chamada: “ECOPOESIA”.<sup>4</sup> (Apêndice B, p. 5)

Tal como faz a autora em seu *Inquietante Crociera*: as questões estão postas – cabe ao leitor preencher as lacunas que o convidam à reflexão e à ação.

## 2.1 MARIA IVANA TREVISANI BACH, a autora

*Da questa consapevolezza di responsabilità nasce una nuova etica di rapporto; non più esclusivamente fra uomo e uomo, ma fra Uomo e Natura.*<sup>5</sup>

Maria Ivana Trevisani Bach

---

4 “Questa nuova Poesia, da taluni provvisoriamente definita “Post – post-modern Poetry” perché recepisce alcune tendenze delle correnti post-moderne, in questo Manifesto viene invece semplicemente definita: ‘ECOPOESIA’ ”. (BACH, 2005)

5 “Dessa consciência de responsabilidade nasce uma nova ética de relação; não mais exclusivamente entre humano e humano, mas entre Humano e Natureza.” (BACH, 2005)

Maria Ivana Trevisani Bach nasceu em Albisola (Savona, Itália) em 1942. Formada em biologia pela Universidade de Gênova, trabalhou como pesquisadora nessa instituição e como professora do Ensino Médio em Savona.

Casada com Pietro Bach, engenheiro, com quem tem a filha Valentina e um neto, Francesco.

Nascida Maria Ivana Trevisani, prefere o uso do sobrenome do marido, Bach, para evitar confusão com outra escritora de mesmo nome.

Foi conselheira do Parque Natural Regional do Beigua, reserva natural reconhecida como Geoparque mundial pela UNESCO em 2015.

Publicou numerosos artigos em revistas científicas e literárias.

Ganhadora do prêmio Lerici Pea<sup>6</sup>, *Premio per l'Ecopoesia*, em 2011.

Publicou também: *Ecopoesie* (Roma: Serarcangeli, 2005); *Il Patto con il Gatto* (Milano: Mursia, 2008); *La Felina Commedia* (2013); *Utopolis* (2018); *Infanzia Sfolata* (2018); *Poesie alla Rinfusa* (2019) – entre outros, sendo a mais recente coletânea de poemas *Un Treno per Tutte le Stazioni* (Genesi, 2020)

Autora de *Inquietante Crociera* (Roma: Europa Edizioni, 2017 - ISBN 978-88-9384-441-3), o *Cruzeiro Inquietante* cuja tradução para o português e análise literário-ecocrítica é objeto deste trabalho.

Filia-se ao movimento Ecoart, em cujo âmbito escreveu, em 2005, o Manifesto de Ecopoesia Italiana que, em agosto de 2012, apresentou no I Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica, na Universidade Federal da Paraíba (Brasil). O Manifesto foi também apresentado nas Universidades Oneonta (Nova Iorque, EUA), de Worcester (Inglaterra) e no Congresso de Literatura e Ecocrítica de Valladolid (Espanha).

O *Manifesto de Ecopoesia* é, na verdade, manifesto da poesia em sentido amplo e, assim, refere-se à arte de maneira geral, como explicita a autora em seu arremate:

---

6 *lericipea.com*, desde 1954.

Estas reflexões são extensíveis a toda forma de arte que tenha em seu centro a Natureza e o Meio-ambiente. No Manifesto, este tipo de Arte é definida como “ECOART”.<sup>7</sup> (Apêndice B, p. 5)

Apresenta-se, em apêndice, tradução também para o Manifesto, por sua relevância face à coerência com a abordagem proposta para este trabalho: análise literário-ecocrítica.

A autora reside e trabalha atualmente em Savona/Itália, tendo se demonstrado gentil e atenciosa durante a realização desta pesquisa. A interlocução deu-se mediante troca de e-mails.

## 2.2 A PUBLICAÇÃO

*L'Ecopoesia deve saper comunicare globalmente  
perché vive in un tempo in cui, tutti i pensieri,  
tutte le emozioni e tutta la creatività del mondo  
vengono universalmente e contemporaneamente a contatto.  
Essa si alimenta di questa immensa linfa collettiva  
per creare nuove sollecitazioni che a loro volta verranno,  
per le stesse vie, universalmente trasmesse e raccolte.<sup>8</sup>*  
Maria Ivana Trevisani Bach

Escrito originalmente em italiano, o livro *Inquietante Crociera* foi publicado em meio físico pela casa editorial de Roma, Europa Edizioni, em 2017.

O livro também está disponível em meio digital, como *e-book*, na *Amazon.com*: [https://www.amazon.com/-/pt/gp/product/B0786WY3VR/ref=dbs\\_a\\_def\\_rwt\\_hsch\\_vapi\\_tkin\\_p1\\_i7](https://www.amazon.com/-/pt/gp/product/B0786WY3VR/ref=dbs_a_def_rwt_hsch_vapi_tkin_p1_i7) (acesso em 2022-06-28).

A publicação em meio eletrônico não o caracteriza como um livro digital.

Literatura eletrônica é aquela que, nascida em meio digital, faz uso de recursos expressivos inerentes a este meio. Ou seja, além da

---

<sup>7</sup> “Queste riflessioni sono estensibili a qualsiasi forma di arte che abbia al suo centro la Natura e l’Ambiente. Nel Manifesto questo tipo di Arte viene definita: ‘ECOART’.” (BACH, 2005)

<sup>8</sup> “A Ecopoesia deve saber comunicar globalmente porque vive em um tempo em que todos os pensamentos, todas as emoções e toda a criatividade do mundo estão em contato universal e simultaneamente. Ela se alimenta desta imensa linfa coletiva para criar novos apelos que, por sua vez, serão transmitidos e recolhidos pelas mesmas vias.” (BACH, 2005)

palavra propriamente dita, vale-se de imagens, vídeos, sons, como parte da linguagem, de modo que não é possível transpô-la para a impressão em papel sem que se descaracterize total ou parcialmente. Há casos, inclusive, em que admite a interação por parte do receptor, não apenas como leitor ou usuário que meramente acessa a mídia, mas com formas de imersão e interação mais ativas. (HAYLES, 2009)

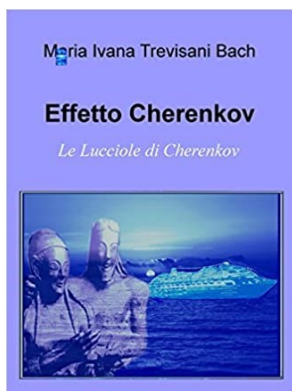
No caso do objeto de nossa análise o recurso tecnológico-digital não se encontra na gênese da obra e de sua linguagem, mas sim em sua estratégia de publicação: o formato *e-book* disponibiliza seu texto em meio digital, viabilizando o acesso ao público do mundo todo.

A publicação digital, aqui, revela a coerência da proposta que se pretende ecológica desde o suporte: evita o uso do recurso natural papel ao mesmo tempo em que amplia à escala internacional o alcance do público a sua mensagem ecológica.

Aliás, a tradução para o português une-se a esse propósito, ampliando potencialmente o acesso a um público de falantes que ultrapassa os 250 milhões de pessoas.

O livro fora publicado de forma independente pela autora em 2015, então com o título *Le Lucciole di Cherenkov*, agora recuperado para a tradução em português, com expressa anuência da autora: *Vagalumes de Cherenkov*.

**Foto 2: capa da 2ª edição**



Fonte: amazon.com

Em 2016, republicado como “Effeto Cherenkov”, ainda em edição da própria autora. Ambas – edição de 2015 e 2016 – viabilizadas pela plataforma de distribuição da *amazon.com*, coerentemente com o que defendera em seu Manifesto, sobre a necessidade de “saber comunicar globalmente”. (Apêndice B, p. 5)

**Foto 1: capa da 1ª edição**



Fonte: amazon.com

Foto 3: Capa atual



Fonte: amazon.com

A edição de 2017 passa a contar com uma casa editora tradicional, que lhe confere um projeto editorial e uma capa mais bem elaborada. Trata-se da editora *Europa Edizioni*, com sede em Roma e sucursais em Berlin, Madri, Lisboa, Paris.

Por sugestão da editora, *Le Lucciole di Cherenkov* ganha novo título: *Inquietante Crociera* – ou seja, *Um Cruzeiro Inquietante*, em tradução literal.

Para a tradução, optou-se, como já destacado, pelo retorno ao título original, em português: *Vagalumes de Cherenkov*, seja por seu efeito poético, seja porque a imagem remete ao Efeito Cherenkov – de grande importância na obra –, que é percebido pelo olho humano como faíscas de luz azul: os “vagalumes”. Apesar disso, especula-se que o título tenha sido abandonado no idioma de origem devido à indesejada ambiguidade da palavra “*lucciola*” que, a par de designar o vagalume, é também uma gíria para “prostituta”.

Consta, também, disponível em meio eletrônico, tradução do livro para o inglês.<sup>9</sup> (*International Books, copyright 2020*)

Ainda quanto ao estilo, a obra é escrita em linguagem simples, clara e acessível – assim como preconizado anteriormente em seu Manifesto:

#### **A linguagem**

A Ecopoesia não é uma poesia comemorativa, enfática, que se ergue sobre um pedestal indicando o caminho a seguir, mas sim a poesia empática de quem se sente interconectado com a Natureza e reporta suas emoções a partir de dentro. Uma poesia simples, humilde como o são os sujeitos oprimidos que falam através dela.<sup>10</sup> (Apêndice B, p. 4)

<sup>9</sup> <https://international-books.net/maria-ivana-trevisani-bach-the-unsettled-cruise/> (acesso em 2022-06-27)

<sup>10</sup> “Il linguaggio L'Ecopoesia non è una poesia celebrativa, enfatica, che si erge da un piedistallo ad indicare la via da seguire, ma è la poesia empatica di chi si sente interconnesso con la Natura e ne riporta emozioni dal di dentro. Una poesia semplice, umile come lo sono i soggetti oppressi che parlano attraverso di essa.” (BACH, 2005)

Uma linguagem simples, porém, não é equivalente a linguagem simplória nem medíocre.

Trata-se de retirar os excessos, aparar dificuldades desnecessárias. “Retirar peso à estrutura da narrativa e à linguagem”, como diz Italo Calvino na primeira de suas *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, a leveza - seguida de rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade, em intrínseca coerência. (CALVINO, 1990, p.15)

Neste sentido, a simplicidade não impede a intensidade – ao contrário, pode até acentuá-la, relacionando-se à capacidade de síntese.

Como bem diz a autora no Manifesto: a linguagem acessível é útil a que o tema ambiental seja bem compreendido e, de fato, provoque reflexão.

Alia-se a este projeto o uso de notas, de rodapé e em apêndice, com referências a diversos dos temas ventilados na narrativa. Para além de convidar o leitor a eventual pesquisa e aprofundamento nos assuntos, tais notas sugerem uma estratégia paratextual de reforço da verossimilhança e, com isso, de ênfase ao discurso de alerta ambiental; além de indicarem um potencial caráter pedagógico ao ecorromance.

A riqueza de informações científicas, o cuidado em acrescentar notas com referências a alguns dos temas de alta tecnologia mencionados, a linguagem clara e objetiva, a predominância do discurso direto, são alguns dos aspectos que parecem refletir o pendor pedagógico da autora, franqueando ao seu ecorromance potencial interesse do público juvenil.

Falar a esta faixa etária implica em acréscimo de responsabilidade - tanto ética quanto estética.

É uma categoria que não limita e sim amplia: admite ao público adolescente o acesso, sem a ele o restringir. O público adulto segue bem-vindo à leitura.

A literatura de fato tem impacto no despertar da consciência, na mudança de mentalidade, como sabe todo aquele que lê. Neste sentido os resultados da extensa pesquisa de Alexa Weik von Mossner, fundamentada em autores da ecocrítica – como Lawrence Buell, Scott Slovic e Louise Westling –, à biologia e neurociência – como Francisco



Varela e Antonio Damasio –, entre muitos outros. (WEIK VON MOSSNER, 2017)

Ela destaca que “uma estratégia narrativa que se tornou comum em livros de ciência populares é escrever sobre riscos futuros como se já fossem uma realidade presente.”<sup>11</sup> (WEIK VON MOSSNER, 2017, p. 141)

Presentes e iminentes, muitos dos perigos descritos na ficção de Maria Ivana são, de fato, uma realidade atual – como confirma o noticiário recente nos diversos temas que a narrativa percorre.

### 2.3 O ROTEIRO

Quando se aparelham os navios,  
as suas antenas inclinam-se na direção de um mundo  
estranho em relação ao quotidiano terrestre: em pleno mar alto,  
nada se assemelha nunca ao que se abandonou.  
O quadrado torna-se redondo e a estabilidade móvel;  
nunca se poderão fazer os mesmos gestos,  
falar-se-á uma linguagem singular que  
ninguém compreenderá se não tiver passado por isso.  
Partir: romper todos os laços.  
Michel Serres

A trama nos insere em uma viagem que se inicia clara e bem definida quanto a seus pontos de partida, itinerário, objetivo:

Dia 06 de janeiro de 2017, Flavia B. estava partindo do porto de Savona para um fabuloso cruzeiro de volta ao mundo a bordo do Etrúria...

Para Flavia aquele cruzeiro não era de férias: era uma viagem de trabalho. Não porque ela fosse parte da tripulação, mas porque, na esteira do sucesso de seu primeiro livro, tinha se comprometido com o editor a escrever o segundo romance em apenas três meses.<sup>12</sup> (Apêndice A, p. 4)

---

11 “One narrative strategy that has become common in popular science books is to write about future risks as if they were already a present reality.” (tradução nossa)

12 “Il 6 gennaio 2017, Flavia B. stava partendo per una favolosa crociera intorno al mondo dal porto di Savona, a bordo dell’Etruria... Per Flavia, quella crociera non era una vacanza, era un viaggio di lavoro. E non perché lei fosse un membro dell’equipaggio ma perché, sull’onda del successo del suo primo libro, si era impegnata con l’editore a scrivere il secondo romanzo in soli tre mesi.” (BACH, 2017, p. 11)

Específica, inclusive, quanto ao tempo — a data exata: “06 de janeiro de 2017” — e à delimitação espacial: no segundo capítulo o leitor fica sabendo que o navio, onde toda a trama transcorrerá, tem exatos 300 m de proa à popa.

A civilização Etrusca, que habitou a península itálica a partir do século IX a.C., é evocada desde o nome do navio, Etrúria, cuja decoração lhe faz referência onipresente.

Entre outras coisas, serve de mote para trazer à tona a questão da posição das mulheres na sociedade: “Li que as mulheres etruscas eram muito mais livres que as gregas e até mesmo que as romanas”<sup>13</sup>, diz Flavia a uma de suas companheiras de viagem, Laura, diretora do Museu Etrusco de Villa Giulia — diretora ficcional do museu existente de fato, em Roma. (Apêndice A, p. 43)

Os etruscos amavam a música, banquetes, festas animadas, o que leva as personagens, pela autora, a uma comparação com a atmosfera de entretenimento e alienação reinante no navio, e encerram:

— Neste cruzeiro despreocupado eu observo uma atmosfera muito, muito “etrusca”.

— Sim, é mesmo. Posso confirmar isso porque eu vivo no Museu de Villa Giulia, imersa nas pinturas deles.<sup>14</sup> (Apêndice A, p. 43)

De fato, como na ficção, luzes, música, decoração, tudo em um cruzeiro marítimo parece ter intenção de distrair da realidade. Um mundo de luxo e fantasia, um “mundo fora do mundo”.

“*Efeito Las Vegas*”: foi a denominação criada por Flávia, para designar este deliberado estado de entretenimento permanente, cheio de imagens, sons e luzes ofuscando, confundindo, desorientando. (Apêndice A, p. 6) Talvez um paralelo intencional da autora, num comparativo com as luzes do *Efeito Cherenkov*?

---

13 «*Ho letto che le donne etrusche erano molto più libere di quelle greche e anche di quelle romane.*» (BACH, 2017, p. 50)

14 «*Sì, è così. Posso confermarlo perché io vivo nel Museo di Villa Giulia, immersa nelle loro pitture.*» (BACH, 2017, p. 51)

A biblioteca, símbolo de conhecimento, reflexão, sabedoria, é, por contraste, insignificante: pequena, escondida. E sua porta está sempre fechada.

São sempre parciais as metáforas. Parciais em duplo sentido: porque partem de perspectiva que não é neutra e porque não dão conta da complexidade da realidade. Mesmo assim, para além da compreensão imediata, evocam e ecoam significados que se desdobram.

O navio é uma metáfora do planeta por muitas razões, inclusive pela bem delimitada estratificação socioeconômica que em seu interior se reproduz.

Explicitando-a, são reiteradamente mencionados os “lustradores de metais”, como uma casta indistinta. Entretanto, a certa altura é dado ao leitor saber que são todos muçulmanos do Paquistão e rezam isolados no espaço exíguo que lhes foi reservado como mesquita, próxima à biblioteca.

A personagem principal, por outro lado, está instalada em uma parte privilegiada do navio. Está confortavelmente instalada em uma cabine que conta com varanda: portanto, está acima do nível do mar.

Ela viaja a trabalho, mas não é parte da tripulação — ficamos sabendo logo nas primeiras linhas. É escritora e registra, talvez, a própria viagem em curso na narrativa.

Perambulando pelo navio, Flávia sempre encontra um misterioso personagem vestido de terno claro e chapéu panamá que, aparentemente, ninguém mais vê a não ser ela. A cada vez ele a cumprimenta tirando o chapéu e, em função deste, ela o apelida. Panamá é o primeiro e o último personagem que Flávia vê na narrativa.

Flavia, a protagonista é o centro gravitacional da obra. Sua interação com o meio e com os demais personagens coloca em movimento a dinâmica dos acontecimentos.

Os personagens vão se incorporando gradativamente, porto a porto, de modo que no capítulo 9, após breve parada no porto de Málaga, na Espanha, já estão todos embarcados e quase todos identificados.

O que os une é o fato de ocuparem uma mesma mesa no salão de refeições. Por isso, ao leitor é apresentado também Surésh, o gentil garçom indiano.

Flávia e seus amigos fazem parte de uma elite intelectual que conversa sobre assuntos que reputam de alta indagação científica, filosófica, humana. Conversam apenas entre si. E conversam apenas.

Os demais passageiros não detêm o interesse da trama e não são descritas interações entre eles. Sobre eles nada se fala, salvo para explicitar a alienação generalizada.

Sabe-se, porém, que o navio está cheio: “em menos de duas horas as malas de mais de três mil pessoas tinham sido entregues nas cabines!”<sup>15</sup> (Apêndice A, p. 09)

O foco da narrativa são os companheiros de mesa de Flávia, sempre em função de suas interações com a protagonista.

A primeira é Consuelo Domenica de la Fuente, cantora lírica famosa que, por ter medo de avião, optou pelo transporte marítimo para ir até Buenos Aires, onde fará uma apresentação.

Consuelo trouxe a bordo seu gato, segredo que logo conta à nova amiga, a quem revela também a proximidade com o Comandante, que o teria autorizado. Como justificativa, a cantora acrescenta que “...ter um gato a bordo faz parte de uma antiga tradição marítima. (...) Inclusive, se não houvesse gatos, as seguradoras não pagavam eventuais danos...”<sup>16</sup> (Apêndice A, p. 17)

Pitoresco dado que a literatura histórica confirma, a exemplo da informação trazida por Keith Thomas, sobre a marinha da Inglaterra no século XVII: “em um navio, os cães e gatos faziam parte da tripulação...” (THOMAS, 1988, p. 117)

Juntam-se a elas dois astrofísicos do INAN – Instituto Nacional de Física Nuclear, Elio Guglielmeti e Enrico Camuncoli, que estão indo para

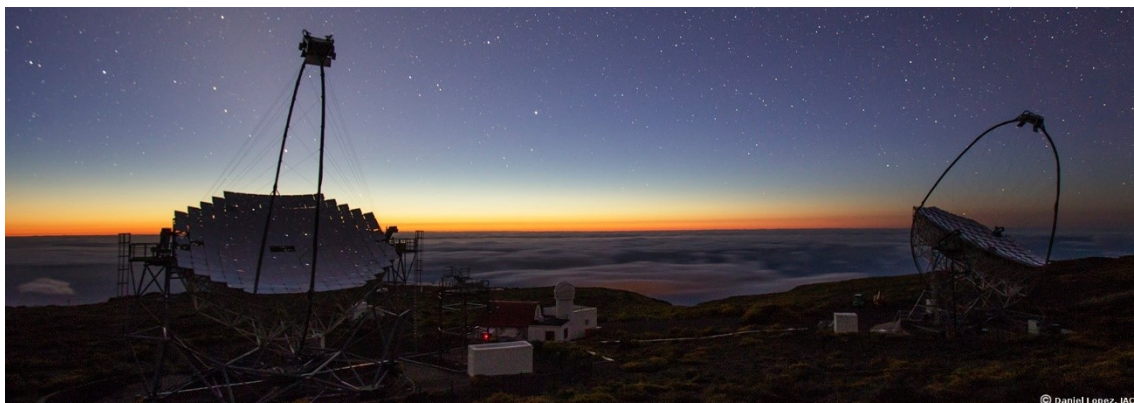
---

15 “...in meno di due ore le valigie di oltre tre mila persone erano state recapitate nelle stanze!” (BACH, 2017, p. 18)

16 “... avere un gatto a bordo fa parte di un’antica tradizione marinara. (...) Anzi, se non c’erano i gatti, le assicurazioni non pagavano gli eventuali danni alle derrate alimentari trasportate.» (BACH, 2017, p. 25)

as Ilhas Canárias, onde pretendem conferir os estranhos dados registrados pelos telescópios MAGIC nos dias antecedentes.

**Fotografia 8: Os dois telescópios MAGIC**



Fonte: Daniel Lopez, IAC.

É deles a primeira menção ao Efeito Cherenkov (Apêndice A, p. 14).

O Instituto, INAM, de fato existe; os telescópios MAGIC estão situados e atuantes nas Ilhas Canárias; o Efeito Cherenkov corresponde à explicação do personagem:

— Nós estudamos o efeito que estas radiações produzem quando, depois de ter deixado o vácuo do espaço, encontram-se com as partículas da nossa atmosfera — continuou Camuncoli, sem se importar com as interrupções anteriores.

— Ah...Ou seja?

— Ou seja: a emissão de radiações eletromagnéticas muito intensas, causadas por esse choque. O olho humano capta uma parte, a visível na faixa do azul, que é devida ao *Efeito Cherenkov*.<sup>18</sup> (Apêndice A, p. 14)

Estes e outros dados mencionados ao longo da narrativa, geográficos, culturais, científicos, foram checados e verificados: embora estejamos diante de uma obra de ficção, a trama ancora-se em elementos existentes na realidade factual, em prol da plausibilidade.

<sup>17</sup> MAGIC (*Major Atmospheric Gamma Imaging Cherenkov Telescopes*) é um sistema de dois telescópios situados no Observatório Roque de los Muchachos em La Palma, uma das Ilhas Canárias, a cerca de 2 200 m acima do nível do mar. Disponível em <https://magic.mpp.mpg.de/> Acesso em: 06 ago.2022.

<sup>18</sup> «Noi studiamo l'effetto che queste radiazioni producono quando, dopo aver lasciato il vuoto dello spazio, si scontrano con le particelle della nostra atmosfera» continuò Camuncoli, senza curarsi delle precedenti interruzioni. «Ah... E cioè?» «Cioè l'emissione di radiazioni elettromagnetiche molto potenti, generate da tale urto. Il nostro occhio ne capta una parte, quella visibile nella banda dell'azzurro, quella dovuta all'effetto Cherenkov.» (BACH, 2017, p. 22)

Talvez seja parte desta estratégia de verossimilhança a insinuação da protagonista como *alter ego* da autora. Com efeito, a viagem tem início no porto de Savona, onde mora a autora, que foi professora como Flavia, a protagonista, escritora que cogita usar o Efeito Cherenkov (invocado pelo primeiro título do ecorromance) como tema do romance que escreverá a bordo e, inclusive, inicia um capítulo com esse título no capítulo 4 (Apêndice A, p. 18).

As personagens são fictícias, mas boa parte das circunstâncias fáticas que lhes servem de pano de fundo são verídicas. São exemplos: Giorgio Introini é fictício geólogo da ENI, empresa italiana real, equivalente à Petrobras; Laura é arqueóloga e, na ficção, dirige o Museu Etrusco de Villa Giulia — que existe de fato e está situado em Roma; Malinka é dirigente da FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura —, e atuou como voluntária no combate ao vírus ebola, em epidemia existente de fato.

**Fotografia 6: Museu Nacional Etrusco de Villa Giulia**



**Fonte: <https://www.museoetru.it/> Acesso em: 14 set. 2022.**

A questão, real, do petróleo também tem relevância na trama, pelos impactos ambientais da prospecção e pelos interesses contraditórios que a circunscrevem, representados, por exemplo, pelo personagem Olaf Larsen, jovem norueguês de sotaque carregado que frequentemente lança mão de palavras em inglês: ele se diz ativista do

Greenpeace mas, nos capítulos finais, confessa ser acionista de uma companhia de petróleo norueguesa cujos interesses defende.

Giorgio Ferretti também revela ser acionista de petróleo, porém o faz desde logo. Empresário da moda aposentado e filósofo por formação, é quem mais se aproxima de Flavia e a quem ela mais se afeiçoa.

Os personagens são planos: não há um aprofundamento sobre seus aspectos emocionais, reflexões, alegrias ou insatisfações. A descrição das características é superficial: quanto à aparência física, trajes, profissão e, apenas, alguns poucos detalhes de personalidade que os distinguem entre si.

A narração é em terceira-pessoa, feita por um narrador onisciente: “Flávia, apesar de não ver, imaginou as profundezas que estavam abaixo dela: a dorsal atlântica, os vulcões submarinos e o misterioso mundo dos animais pelágicos.”<sup>19</sup> (Apêndice A, p. 44)

Apesar de onisciente, o narrador não revela tudo o que sabe. Deixa espaço à imaginação e juízo crítico do leitor, eis que tampouco faz julgamentos – ao menos não explícitos – sobre o que narra.

Há sim, opiniões, reflexões, questionamentos – mas estes são emitidos pelos personagens que se dirigem uns aos outros e portanto, implicitamente, também ao leitor.

Assim, embora haja uma narração que se utiliza do discurso indireto, é amplamente utilizado o recurso ao discurso direto. Aliás, a maioria dos temas são deixados à dicção dos personagens, cuja interação impulsiona boa parte dos desdobramentos da trama.

Os pontos geográficos da trajetória também são pretextos para inserção de informações científicas, artísticas, históricas, ambientais, mitológicas – com suas questões críticas subjacentes.

O baile de boas-vindas a bordo, que marca o início oficial do cruzeiro de volta ao mundo, ocorre logo após a passagem do estreito de Gibraltar, assim que o navio, tendo cruzado o Mediterrâneo, atravessa as Colunas de Hércules – o marco “*non plus ultra*” da navegação antiga:

---

<sup>19</sup> “*Flavia, pur non vedendoli, immaginò gli abissi che stavano sotto di lei: la dorsale atlantica, i vulcani sottomarini e il misterioso mondo degli animali pelagici.*”(BACH, 2017, p. 52)

— (...) É emocionante ver esta passagem mítica que separa as terras da Europa e as da África. Cruzar este portal entre o Mediterrâneo, tão conhecido, e o imenso oceano, absolutamente desconhecido. É como voltar a experimentar a desorientação, e também um pouco o medo, que sentiam os antigos navegadores.

(...)

— Era esse o *non plus ultra*, a direção proibida, dos antigos. Certo?

— Então você se lembra do mito de Hércules?

(...)

— É um belo mito, cheio de significados. Hércules, durante um de seus doze trabalhos, tinha chegado a estes montes, tidos como os limites extremos do mundo, para além dos quais os mortais não podiam ir. Então ele cortou o monte em duas partes (as duas colunas de Hércules) e justamente ali entalhou a inscrição "*non plus ultra*". Uma proibição que parece feita de propósito para estimular o desafio a desobedecer.<sup>20</sup> (Apêndice A, p. 35)

A partir dali, a embarcação não mais volta a atracar em nenhum dos portos previstos no itinerário, perde progressivamente todo o contato com terra firme e inicia-se a distopia.

Apesar da rotina repetitiva e alienante a bordo, fatos preocupantes emergem dos diálogos, e episódios inquietantes se sucedem:

- Flávia crê ter visto uma ondinha capaz de gerar tsunamis em terra;
- há anomalias magnéticas nas Canárias;
- os telescópios MAGIC registram emissões anormais vindas do espaço;
- o campo magnético da Terra está se reduzindo;
- Flávia vê flutuando no oceano uma forma que parece humana e que poderia ser o corpo de alguém morto na tentativa de migração por mar;
- temporal com relâmpagos e granizo, fazendo bailar até as estátuas do casal etrusco;

---

20 *“È emozionante vedere questo mitico passaggio che separa le terre dell’Europa da quelle dell’Africa; valicare questa porta fra il Mediterraneo, ben noto, e l’immenso oceano, assolutamente ignoto. È come riprovare il disorientamento, e anche un po’ la paura degli antichi naviganti.» (...)«Era questo il “non plus ultra”, il senso vietato, degli antichi. Vero?» «Allora te lo ricordi il mito di Ercole...» (...) «È un bel mito, pieno di significati. Ercole, durante una delle sue dodici fatiche, giunse su questi monti, creduti i limiti estremi del mondo, oltre i quali i mortali non potevano andare. Allora lui tagliò il monte in due parti (le due colonne d’Ercole) e vi incise la scritta “non plus ultra”, appunto. Un divieto che sembra fatto apposta per stimolare la sfida a disobbedire.» (BACH, 2017, p. 43)*



- fiordes altos e estreitíssimos que ladeiam o navio como em um corredor, enquanto a tripulação faz uma simulação com os botes-salvas-vidas.

Se bem que os botes tenham retornado à nave, o episódio marca o desaparecimento de vários dos personagens: os dois astrofísicos, o geólogo, o Comandante e Consuelo – que, apesar de não se despedir, deixou seu gato na cabine de Flávia. Desapareceram também todos os lustradores de metais.

Consuma-se, assim, a deriva: o navio resta sem rumo e sem comando: “Afinal para onde o navio estava indo agora? Quem o estava guiando?”<sup>21</sup> (Apêndice A, p. 76)

Rompem-se definitivamente as conexões tecnológicas: de televisão, telefone e internet.

Consuma-se também a deriva-alienação dos cruzeiristas:

Todos os outros passageiros não pareciam minimamente interessados na mudança do programa de navegação e nos estranhos acontecimentos do dia anterior. A sua existência despreocupada continuava no Casino, no salão de baile, ao ar livre, tomando o sol que agora parecia quente de verdade, quase veranil. Era evidente que não estavam sequer pensando em deixar aquele agradável país das maravilhas.<sup>22</sup> (Apêndice A, p. 77)

Malinka, a comissária da FAO, voluntária no combate ao ebola, é quem mais exprime consciência e preocupação com os sofrimentos da humanidade. “Percebia aquele cruzeiro como uma prisão dourada que progressivamente engolia toda sua possibilidade de pensamento e de movimento.”<sup>23</sup> (Apêndice A, p. 83) Melancólica, ainda que sem esperança passa a maior parte do tempo no convés superior, contemplando o horizonte.

---

21 *“Ma dove stava andando adesso la nave? Chi la stava guidando?”* (BACH, 2017, p. 80)

22 *“Tutti gli altri passeggeri non sembravano minimamente interessati alla variazione del programma di navigazione e agli strani avvenimenti del giorno prima. La loro esistenza spensierata continuava nel Casinò, nella sala da ballo, o all’aperto, a prendere il sole che adesso sembrava veramente caldo, quasi estivo. Era evidente che non ci pensavano proprio a lasciare quel piacevole paese delle meraviglie.”* (BACH, 2017, p. 81)

23 *“Percepiva quella crociera come una prigionia dorata che progressivamente ingoiava ogni sua possibilità di pensiero e di movimento.”* (BACH, 2017, p. 87)

É ela que percebe e chama os amigos quando o navio encontra uma das ilhas de lixo no oceano. Ilhas de lixo que de fato existem no oceano real que recobre 70% do planeta Terra. A deprimente travessia do monturo leva várias horas e Malinka questiona se é só lixo o que a humanidade deixará como herança.

Contudo, mesmo quando alguma preocupação emerge, é sempre inerte e fugaz: logo a inquietação se dissipa no brilho cintilante do “Efeito Las Vegas” e tudo volta a se resumir a resignação e indiferença, apenas comparável à do casal de terracota da escultura.

Nenhuma ação decorre dos discursos. Aliás, sequer, alguma proposição. Todos seguem à mercê do vento, da maré, de uma álea ignorada. Todos fazem parte da apatia que fica assim denunciada.

A nave continuava a sulcar o oceano sem encontrar ancoradouros, sem encontrar outras naves ao longo do caminho, sem que houvessem particulares novidades a bordo. Aquela grande extensão de água estava se tornando cada vez mais a imagem da resignação ou, antes, da indiferença dos passageiros que, agora, já nem sequer se perguntavam se haveria uma meta para aquela viagem. A maior parte deles só tinha uma exigência: que a viagem continuasse.<sup>24</sup> (Apêndice A, p. 92)

Ao formar-se uma tempestade, com relâmpagos, intensos ventos e redemoinhos, movida por curiosidade, Flávia vai para o convés e encontra um misterioso personagem de agasalho preto com touca que, trazido por um pé de vento, esbarra nela e afirma ser o Tempo, o seu tempo de vida.

Passada a tempestade, ela e os amigos vão jogar fliperama na sala de jogos e filosofam sobre o acaso e o destino.

Angustiados pela desorientação espacial, cogitam estar próximos à Ilha de Páscoa, o que oportuniza a Ferretti, o amigo mais próximo de Flávia, uma reflexão sobre a situação atual da humanidade em paralelo

---

24 *“La nave continuava a solcare l’oceano senza trovare approdi, senza incontrare altre navi lungo il percorso, senza che a bordo ci fossero particolari novità. Quella grande distesa di acqua stava diventando sempre più l’immagine della rassegnazione o, addirittura, dell’indifferenza dei passeggeri che, ormai, non si chiedevano nemmeno più se ci fosse una meta per quel viaggio. La maggior parte di loro aveva solo un’esigenza: che il viaggio continuasse.”* (BACH, 2017, p. 96)

com a queda daquela civilização, decorrente de conflitos, vaidades, espoliação da natureza. Segundo ele, os polinésios “cometeram dois erros fatais”: “Um foi dividirem-se em clãs guerreando entre si e, o outro, supor que os recursos da ilha eram inesgotáveis.”

Flávia concorda. E complementa:

Nossa pequena Terra está isolada no cosmos como a Ilha de Páscoa no Pacífico. Consumimos tudo em poucas gerações. Como formigas, espoliamos o planeta, usamos e, depois, lixo! – ‘Descartável’ como fazemos com todas as coisas. Mas não temos uma Terra sobressalente!<sup>25</sup> (Apêndice A, p. 108)

À noite, esperanças inconfessadas de avistar terra fazem Malinka contemplar o horizonte. Mais uma vez é ela que identifica a ocorrência extraordinária e chama os amigos.

Encantados, de início, pelo espetáculo de luzes, são alertados por Flávia de que pode tratar-se do exaurimento do campo magnético da Terra, cujas consequências seriam imprevisíveis.

Embora a hipótese os apavore, logo se conformam a aguardar o dia seguinte e se recolhem.

O livro termina de forma aberta e enigmática: ao retornar para sua cabine, Flavia vê uma intensa luz azul cujas faíscas se assemelham a uma infinidade de vagalumes: “Efeito Cherenkov” (Apêndice A, p. 112) — exclama a personagem, explicitando a remissão à radiação de Cherenkov, fenômeno desvendado pelo cientista de mesmo nome e que “consiste na emissão de luz azulada quando uma partícula carregada atravessa um meio dielétrico transparente a uma velocidade maior do que a velocidade da luz neste meio.” (TAKEDA, 2018, p. 1)

Flavia sai para a varanda de sua cabine e não mais retorna, deixando-se dissolver naquela luz azul.

---

25 «La nostra piccola Terra è isolata nel cosmo, come l'isola di Pasqua lo è nel Pacifico. Consumiamo tutto in poche generazioni. Come formiche, spolpiamo il pianeta, lo usiamo e poi, via!: 'Usa e getta' come facciamo con tutte le cose. Ma non abbiamo una Terra di ricambio!» (BACH, 2017, p. 111)

### 3 ECOCRÍTICA: O QUE É

"O animal que se tornou um deus. (...)  
 Apesar das coisas incríveis que os humanos são capazes de fazer,  
 permanecemos inseguros quanto aos nossos objetivos,  
 dando a impressão de estarmos tão descontentes como sempre.  
 Progredimos das canoas para as galeras, daí para os navios a vapor  
 e para os ônibus espaciais —mas ninguém sabe para onde estamos indo.  
 Somos mais poderosos do que nunca, porém  
 temos pouquíssima ideia do que fazer com todo esse poder.  
 Pior ainda, os humanos parecem mais irresponsáveis do que nunca.  
 Deuses feitos por si próprio, não prestamos contas a ninguém  
 por nossos atos. Consequentemente, estamos devastando  
 nossos amigos animais e o ecossistema que nos cerca,  
 buscando pouco mais do nosso próprio conforto e divertimento  
 sem jamais encontrar satisfação.  
 Existe alguma coisa mais perigosa que deuses insatisfeitos  
 e irresponsáveis que não sabem o que querem?"  
*Yuval Noah Harari*

Ecocrítica é a análise da arte, em geral, e da literatura, em particular, por uma abordagem ecológica. A partir de uma perspectiva que leva em conta as questões ambientais em sentido amplo, abrangente das relações e interrelações entre os seres vivos na natureza – inclusive a natureza-humana - sendo a própria natureza compreendida como uma complexidade dinâmica viva.

A ecocrítica não avalia a obra só por sua temática – tampouco exclui sua relevância ao considerar o tratamento artístico que lhe é dado.

“Crítica”, aqui, não tem um sentido prescritivo e sim de analisar, discriminar, discernir, distinguir – o que, diga-se desde logo, aliás, não implica em cisão nem polarização.

A ecocrítica celebra a diversidade. (GARRARD, 2006, p. 46)

Interessa-se pelo modo como são tratadas em literatura as questões ecológicas em sentido amplo, abrangendo animais, vegetais, minerais, suas relações e interrelações no ambiente; questões políticas, tecnológicas, de gênero - entre tantas outras: “Outros tópicos incluem fronteiras, animais, cidades, regiões geográficas específicas, rios, montanhas, desertos, indígenas, tecnologia, lixo e o corpo”<sup>26</sup>(GLOTFELTY, 1996, p. xxiii e xix)

---

<sup>26</sup> “Other topics include the frontier, animals, cities, specific geographical regions, rivers, mountains, deserts, Indians, technology, garbage, and the body.” (tradução nossa)

Tanta amplitude e abrangência justifica-se pela compreensão de que todas as coisas estão interligadas como que por “vasos comunicantes” (GUATTARI, 1990, p. 24), em um sistema complexo de múltiplas interações recíprocas, vivas, auto-organizadas e autorreguladas, como nos esclarece Edgar Morin:

Todos os objetos-chave da física, da biologia, da sociologia, da astronomia, átomos, moléculas, células, organismos, sociedades, astros e galáxias constituem sistemas. Fora dos sistemas só existe a dispersão particular. O nosso mundo organizado é um arquipélago de sistemas no oceano da desordem. Tudo o que era objecto tornou-se sistema. Tudo o que era unidade elementar, incluindo sobretudo o átomo, tornou-se sistema. (...) Assim, a vida é um sistema de sistemas de sistemas, não só porque o organismo é um sistema de órgãos, que são sistemas de moléculas, que são sistemas de átomos, mas também porque o ser vivo é um sistema individual que participa dum sistema de reprodução, porque um e outro participam dum ecossistema, o qual participa da biosfera... (MORIN, 1997, p. 96 e 97)

A ecocrítica tem por fundamento e norte a filosofia ecológica, a que Arne Naess chamou “ecosofia” (conforme BICCA, 2018, p. 166).

Para Felix Guattari, ecosofia é uma “articulação ético-política” entre três registros ecológicos: meio ambiente; relações sociais; subjetividade humana. Assim sendo, uma efetiva resposta à crise ecológica depende da articulação integrada entre todos estes registros, “em escala planetária”, concernindo “não só as relações de forças visíveis em grande escala mas também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo”. (GUATTARI, 1990, p. 8)(grifos nossos) – ou seja: do macro ao micro, do individual ao universal, do sensível ao racional. E vice-versa.

Portanto, como sintetiza Fritjof Capra:

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. (CAPRA, 2006, p.23)

Uma crise sistêmica, construída ao longo de tanto tempo, não será solucionada com gestos simples e imediatos. É possível enfrentá-la, porém, desde que seja abordada de forma compreensiva e sistêmica:

Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria. (CAPRA, 2006, p. 23)

A tomada de consciência é necessária, embora possa não ser suficiente, já que cada indivíduo é livre para agir ou não de acordo com sua consciência. Se o fato de “as pessoas terem consciência (...) acerca de que o impacto dos hábitos e das práticas de consumo delas não irá necessariamente fazê-las alterá-los” (BICCA, 2018, p. 230), certamente pode servir de estímulo:

Não é de se crer que o chamado homem comum tenha um desejo mórbido de ser um predador, um devastador ambiental, e o fato de isso acontecer se deve muito mais a fatores como a ação deletéria de fenômenos como a inculcação massiva por propaganda. O importante, do ponto de vista da educação para democratizar ecologicamente, é fomentar uma participação pública preservadora e restauradora, que quando são levadas a cabo por voluntários, cidadãos comuns, tem o grande mérito de encorajar uma verdadeira cultura da natureza. Não se trata de criar nichos de adeptos, grupos de iniciados e convertidos que apenas falem para seus pares e idênticos em pensamento, ou seja, os que de todo modo já pensam dessa maneira, e sim de produzir razões que justifiquem uma multiplicidade de práticas nas quais o maior número de pessoas possa ver as finalidades de proteção ambiental como parte essencial de seus próprios interesses pessoais ou dos maiores interesses comunitários. (BICCA, 2018, p. 230)

Ora, se a propaganda consumista produz efeitos deletérios, assim também produzirão efeitos positivos as estratégias ecológicas na educação, na política, nas artes. Algo tão necessário quanto atual:

No momento em que, ao pensar no mundo pós-pandêmico, estamos imersos em incertezas, sem conseguir vislumbrar com exatidão as transformações que a pandemia de Covid-19 legará

à humanidade, a sensibilidade ecosófica possibilita que ampliemos nossas perspectivas, convidando-nos não apenas à pausa, à observação e à reflexão, como também, essencialmente, à busca auspiciosa por um futuro comum. (MAFFESOLI, 2021, p. 09.)(em nota à edição brasileira)

Maiores considerações sobre ecocrítica serão trazidas nos capítulos seguintes, ao tratar de pontos de convergência e interseção entre tradução e ecocrítica e, mais aprofundada e organicamente, ao proceder-se à análise da obra literária sob esta perspectiva.

#### 4 VAGALUMES DE CHERENKOV: A TRADUÇÃO

“...a tradução é, por definição,  
a operação de leitura  
mais cuidadosa que se pode imaginar.”  
Paulo Henriques Britto

A leitura é sempre uma tradução (STEINER, 2005) – e a tradução, uma peculiar forma de leitura. Quando menos pela singular perspectiva em que o tradutor está inserido culturalmente, seu próprio repertório lógico, semântico, léxico, gramatical. Se isso lhe assegura uma certa liberdade, acarreta-lhe a respectiva responsabilidade.

A escolha tradutória já é, em si, um ato crítico. A escolha de o que traduzir. Por que traduzir. E, então, como traduzir.

A obra foi escolhida pela relevância dos temas abordados e qualidade literária no modo da abordagem. Visando a oferecê-la ao alcance do público do idioma de destino. Também, naturalmente, pelo conhecimento do idioma original de escrita.

Quanto à forma de traduzir, pautou-se por princípios éticos e estéticos, na busca de fazer a tradução corresponder ao original. O conteúdo já foi colocado pelo original, ao tradutor cabe se haver com o modo de significar. (CAMPOS, 2015 p. 142)

No limite, a tradução perfeita, no sentido da exata transposição de forma e conteúdo do idioma de partida para o de chegada, de absoluta fidelidade, é impossível: “...desde que se concebe o ato de traduzir como captação de sentido, algo vem negar a evidência e a legitimidade desta operação: a adesão obstinada do sentido à sua letra.” (BERMAN, 2013, p. 54)

Assim como na vida, “devemos, portanto, aprender a conviver com o imperfeito e o incompleto. (...) O fato de que não podemos jamais atingir a perfeição não deve nos desanimar nem nos levar a mudar de meta.” (BRITTO, 2021, p. 44-45) Em síntese:

As atividades práticas com frequência tomam como metas ideais inatingíveis...(...) O fato de sermos obrigados a *relativizar* a possibilidade de *atingir* uma meta não implica que



devamos *negar* a possibilidade de se *adotar* essa meta. (BRITTO, 2021, p. 30) (itálico no original)

O objetivo é que, inobstante os limites dos idiomas utilizados e suas próprias limitações pessoais, o tradutor seja capaz de produzir na língua de chegada, um texto tão próximo ao de partida que o leitor possa dizer de tal tradução, sem estar mentindo, que leu o original. Esta é a meta, reiteradamente lembrada por Paulo Henriques Britto. (BRITTO, 2021, p. 55)

#### 4.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E OPÇÕES TRADUTÓRIAS

“Do mesmo modo que, com uma concha marinha,  
o tradutor pode ouvir laboriosamente,  
mas pode tomar o rumor de sua própria pulsação  
erroneamente como a do mar estrangeiro.”  
George Steiner

Traduzir implica em sucessivas e incontáveis operações de seleção entre opções possíveis. Nem sempre será consciente a escolha, por exemplo, entre os potenciais sentidos de uma palavra ou entre seus sinônimos. No mais das vezes, somente ao se deparar com uma dúvida é que as alternativas possíveis chegarão ao nível consciente. A dúvida, portanto, poderá ser boa conselheira.

Quando a dúvida não a detém, a tradução pode estar deixando passar um engano ou uma alternativa melhor para aquele caso. Eis um risco impossível de afastar completamente - aliás, como em outros temas da vida.

Com efeito, traduzir implica em múltiplos desafios, seja quanto aos ideais a buscar – ainda que inatingíveis – (BRITTO, 2021)(STEINER, 2005), seja quanto às ciladas a evitar, como as treze “tendências deformadoras” elencadas por Antoine Berman:

Tendências deformadoras, que formam um todo sistemático, cujo fim é a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do “sentido” e da “bela forma”. (...) Evocarei aqui treze dessas tendências. Talvez existam outras; algumas convergem, ou derivam das outras (...): a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, o

empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos, o apagamento das superposições de línguas. (BERMAN, 2013, p. 68)

Esses foram alguns dos parâmetros ético-estéticos da tradução realizada e, porque não se pode garantir que tenham sido plenamente alcançados, reitera-se a remissão a Britto: “Se (...) é uma meta inatingível, nem por isso vamos abrir mão dela como orientação. (BRITTO, 2021, p. 50)

A obra em questão oportuniza o desafio de traduzir levando em consideração diversos contextos reais de uso, por exemplo, em função da variedade de temas abordados: terminologia náutica, termos tecnológicos, astrofísicos, geológicos, entre outros – e do contexto ecológico em específico

Uma característica bem específica desta tradução em particular, por exemplo, foi ter que lançar mão de um dicionário de termos náuticos para identificação de palavras como “convés” (*ponte*), “lança do práctico” (*pilotina*), “cabeços do mole” (*le bitte del molo*) (Apêndice A, p.5), “amurada” (*ringhiera*) (Apêndice A, p. 99), entre outros.

Quanto aos nomes próprios, apesar da advertência de Derrida de que “um nome próprio, enquanto tal, permanece sempre intraduzível”, o mesmo autor esclarece que “Peter...não é uma tradução de Pierre, da mesma forma que Londres não é uma tradução de London”, pois um nome próprio “não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua”. (DERRIDA, 2002, p. 21 a 23)

É que um nome próprio é, por definição: “a referência de um significante puro a um real singular” (DERRIDA, 2002, p. 13)

Sendo assim, na versão em português, optou-se por manter *Swarowski; Cerveteri; Montjuic; Greenpeace; Civitavecchia*, entre outros (p. 6, 7, 24, 27, 40, respectivamente, todas do Apêndice A).

Entretanto, quando o nome próprio já está popularizado em português, como Gibraltar (p.33) e Marselha (p. 19), por exemplo, a

opção foi por esses — em lugar de *Gibilterra* e *Marsiglia*, respectivamente —, a fim de evitar estranhamentos que não estão presentes no original.

A propósito, cabe invocar, a “regra” de Meschonnic quanto a não simplificar nem complexificar o original, e que Paulo Henriques Britto sintetiza: “Não cabe ao tradutor criar estranhezas onde tudo é familiar, tampouco simplificar e normalizar o que, no original, nada tem de simples ou convencional.” (BRITTO, 2021, p. 67)

Também o ritmo do original deve ser levado em consideração (MESCHONNIC, 2010, p. 41 a 56).

Embora a preocupação com o ritmo seja maior em caso de tradução de poesia, também a prosa tem sua própria melodia, um tom que a tradução busca sintonizar e, na medida do possível, reproduzir. Se “o tradutor de prosa não se preocupa tanto com a reprodução de efeitos rítmicos, ...” (CESAR, 2016, p. 413), não significa que os deva ignorar, pois os romances também têm seu ritmo próprio e, ante a leitura:

...pode se entranhar em nós uma espécie de melodia, um ritmo de narração, que flui e retorna como canção — e que pode até mesmo moldar o rumo do nosso pensamento. É mais do que uma melodia, é uma corrente sintática, uma coerência musical que organiza o mundo do romance e que teima também em organizar o nosso próprio mundo interior. É uma impressão que pode nos marcar mais profundamente do que a própria trama, porque vai penetrando imperceptivelmente, tal qual uma voz inesquecível;... (CESAR, 2016, p. 412)

Assim é que, na tradução em questão, buscou-se manter o tom geral da trama, da narração, dos diálogos e, em alguns casos, mesmo, o ritmo e sonoridade de algum trecho, expressão ou palavra em específico. Também, ecos sonoros, seja por aliteração, seja pela repetição de um mesmo termo ou de um sufixo, a exemplo de “imensidade” e “infinidade” (Apêndice A, p. 55).

Personagens que aparecem insistentemente ao longo da narrativa os “lustradores de metais” ficaram assim traduzidos para ecoar a aliteração ocorrente no original: “*lucidatori d’ottoni*”, e porque a palavra “polidor” (em lugar de “lustrador”) geraria ambiguidade com a substância, o produto usado para polir. Outra alternativa que manteria a aliteração

seria “lustradores de latão” que, entretanto, geraria um tom mais pejorativo do que o percebido no original. (Apêndice A, p. 31, 42, 51, 61, entre outras)

No capítulo 22, a personagem Laura faz uma citação de Epicuro, ao que Flávia responde: “*Lapalissiano*”. Na tradução, emulando a sonoridade do original:

— “Se você está aqui, a morte não está, e quando a morte chega, você já não está.”— Laura recordou aos amigos.  
— Óbvio ululante — concluiu Flávia.<sup>27</sup> (Apêndice A, p. 94)

Ocorre que a expressão “lapalissiano”<sup>28</sup> é de uso coloquial em italiano, diferentemente do que acontece no Brasil onde, embora dicionarizado — sinônimo de “óbvio” —, o termo causaria estranhamento a ponto de não ser compreendido. Por isso buscou-se substituí-lo — e com recurso a sonoridade equivalente, na tentativa de respeitar o ritmo do original. Mais uma vez recorre-se a Britto, tratando do “princípio de Meschonnic”:

...é preciso (...) reconhecer quais as palavras consideradas pelos nativos como comuns, não marcadas, palavras que eram de esperar naquele contexto específico, ...

e, por outro lado:

...quais as que são inesperadas, rebuscadas, até mesmo impróprias no contexto — pois a impropriedade e o erro são recursos de que os escritores lançam mão com frequência. (BRITTO, 2021, p. 69)(grifos nossos)

Com efeito, quanto a este último aspecto, não cabe ao tradutor “arrumar” o original, sob pena de estragar eventual efeito pretendido pelo autor. Por isso é que foi mantida, por exemplo, a repetição percebida à

27 “— *Se ci sei tu, non c'è la morte e, quando c'è la morte, non ci sei tu!* — rammentò Laura agli amici.

— *Lapalissiano* — *conclude Flavia.*” (BACH, 2017, p. 98)

28 *lapalissada*: “substantivo feminino: afirmação simplória que expressa uma evidência banal; truísmo; etim: fr. *lapalissade* (1861) (...), do antr. Jacques II de Chabannes, dito senhor de *La Palice* ou *La Palisse* (1470-1525, marechal francês), em cuja homenagem se compôs uma canção cujo caráter originalmente laudatório se dissipou em decorrência da obviedade contida nos versos” Disponível em [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br) Acesso em: 2022-08-06.

página 44: “Na manhã seguinte, o navio navegava em pleno oceano Atlântico.” (Apêndice A), do original “*la nave navegava*”. Talvez a autora tenha pretendido com isso deter a atenção do leitor, enfatizar a navegação e suas metáforas. O fato é que não cabe à tradução interpretar nem, muito menos, julgar — e, portanto, não lhe cabe “consertar”.

Retomando a questão do ritmo e sonoridade, destaque-se que demandou especial atenção a representação da oralidade na tradução, já que uma das características marcantes da obra de partida é o uso frequente do discurso direto. O objetivo da tradução, aqui, é provocar “um efeito de verossimilhança sem chamar demais a atenção para si própria”, já que “*efeito de oralidade* não é a mesma coisa que *transcrição de fala oral*” (BRITTO, 2021, p. 101) (itálico no original).

Para tanto, evitou-se, por exemplo, o uso dos pronomes oblíquos pois, no Brasil, raramente são usados na linguagem falada, mesmo entre falantes cultos. Assim é que, por exemplo, operou-se a inversão na ordem das palavras a fim de evitar “reavivá-las”, aqui: “— E o que mais podemos fazer durante este longo cruzeiro? A não ser espanar e reavivar as lembranças enquanto esperamos que aconteça algo de novo?” (Apêndice A, p. 109), sendo que, no original, lia-se: “espanar as lembranças e as reavivar”<sup>29</sup>.

Ainda quanto à oralidade, há em italiano, como em outros idiomas europeus — inclusive o português de Portugal —, um tratamento formal de polidez, que só vai se tornando informal mediante maior proximidade entre as pessoas ou quando combinado entre elas. Na obra, mais de uma vez, os personagens expressamente combinam tratar-se por “você”.

No trecho em que, no capítulo 23, Flavia, a protagonista, tem um encontro inusitado com “seu Tempo” — um misterioso personagem que esbarra nela no convés superior em meio a uma tempestade de raios —, ocorre, contudo, uma situação peculiar.

---

<sup>29</sup> “*E cos’altro possiamo fare durante questa lunga crociera? Se non rispolverare i ricordi e farli rivedere in attesa che succeda qualche cosa di nuovo?*” (BACH, 2017, p. 112)

Em português, a informalidade vinha sendo marcada pela 3ª pessoa: “você”. No original, a 3ª pessoa marca o discurso formal: “o senhor”, “a senhora”. Assim, neste caso específico, foi preciso usar uma outra forma de explicitar que o diálogo se dá em tom formal no original.

A estratégia adotada foi o uso da 2ª pessoa do singular que, pelo desuso, soa formal no Brasil. Também para evitar a ambiguidade que ocorreria parágrafos adiante, quando o enigmático personagem afirma: “— Sou teu tempo.” — já que “seu” poderia soar como referência a uma terceira pessoa não identificada na cena. (Apêndice A, p. 99 e 100)

Quanto à marcação dos diálogos, em lugar das aspas utilizadas pela autora, foi empregado o travessão, por ser a forma mais corrente em português.

Ainda quanto às aspas, foram mantidas as que expressam nítida deliberação da autora, para destaque de expressões, designação de obras de arte, lugares, termos por ela criados — a exemplo da expressão “Efeito Las Vegas” (Apêndice A, p. 6, 7, 8 e 41). Os “lustradores de metais” também estão sempre destacados entre aspas. (Apêndice A, p. 31, 42, 51, 61, entre outras)

Assim também para os itálicos utilizados deliberadamente pela autora: foram mantidos para respeitar sua intenção de destaque.

A alteração desses recursos utilizados pela autora significaria alterar a comunicação que eles veiculam.

Com efeito, a forma é instrumental ao conteúdo que transmite, de modo que se buscou, na medida do possível, respeitar também a forma do texto.

É o caso dos intervalos entre parágrafos que parecem ser propositalmente utilizados pela autora com função de pausa para sutis mudanças dentro de um mesmo capítulo.

Esta impressão é confirmada, a contrário senso, pela ausência de intervalos entre os parágrafos quando mantida entre eles coesão temática. É o que se percebe desde o prólogo, onde há uma sequência de parágrafos sem intervalo entre si e que, por isso mesmo, realça os espaços existentes a partir do primeiro capítulo, corroborando a ideia de que são deliberados os intervalos, seja para mudança de assunto, de

ótica, de discurso, para inserção de comentário próprio do narrador ou quanto à observação subjetiva da protagonista ou, mesmo, para marcar um intervalo de tempo. Exemplificativamente, espaços que marcam um intervalo no tempo da narrativa:

Flavia seguiu os ônibus com o olhar até que desapareceram por trás dos armazéns do porto. A plataforma ficou vazia e silenciosa.

Foi então que ela se deu conta de que naquela enorme cidade flutuante só havia sobrado adultos, a maioria velhos.<sup>30</sup> (Apêndice A, p. 33)

Ali, ajoelhados sobre um grande tapete vermelho, com o rosto no chão, uma dezena de homens estava rezando.

Flávia ficou na soleira observando. Não havia dúvida: tratava-se mesmo de uma pequena mesquita!

A certa altura, um dos fiéis a viu, levantou-se e dirigiu-se a ela. Era o lustrador de metais do bar central. Flávia o reconheceu de imediato. Muito gentilmente, sussurrando, ele explicou que, como era mulher, ela não podia ficar para rezar com eles.<sup>31</sup> (Apêndice A, p. 42-43)

As notas em apêndice, recurso paratextual e paradidático, foram mantidas e, também, no mesmo intuito, foram incluídas notas entendidas como pertinentes durante a tradução.

Quando possível, foi mantida a citação da nota original da autora. Todavia, houve casos em que o *link* referenciado em nota pela autora não mais estava ativo, exigindo atualização da pesquisa. Assim também quando a mera reprodução da nota corria o risco de resultar inócua ao leitor de português. Optou-se, então, por referenciar *sites* de consulta popular – como, aliás, feito pela própria autora -, porém, em idioma local e, preferencialmente, de instituições oficiais nacionais, a exemplo do

---

<sup>30</sup> “Flavia seguì con lo sguardo gli autobus fino a che scomparvero oltre i capannoni del porto. Il piazzale rimase vuoto e silenzioso. Allora lei si rese conto che, in quell’enorme città galleggiante, erano rimasti solo adulti, ma soprattutto vecchi.” (BACH, 2017, p. 41)

<sup>31</sup> “Lì, inginocchiati su un grande tappeto rosso, con il viso a terra, una decina di uomini stava pregando. Flavia rimase sulla soglia a guardare; non c’era dubbio, si trattava proprio di una piccola moschea! A un certo punto, uno dei fedeli la vide, si alzò e si diresse verso di lei. Era il lucidatore di ottoni del bar centrale. Flavia lo riconobbe subito. Molto gentilmente, sottovoce, lui le spiegò che, in quanto donna, non poteva restare a pregare con loro.” (BACH, 2017, p. 49)

CBPF - Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (Apêndice A, p. 114).

Foram mantidas em idioma estrangeiro as palavras assim registradas no próprio original, a exemplo das utilizadas pelo personagem Olaf que, como não domina bem o italiano, frequentemente entremeia seu discurso com palavras em inglês: “— Bem, eu despeço, eu vou correr. Belo dia. *See you soon!* — e, assim dizendo, afastou-se com meticulosos e elegantes passos de corrida.” (Apêndice A, p. 54)

Por outro lado, optou-se por traduzir as palavras estrangeiras que estão incorporadas ao discurso coloquial em italiano mas que, em português, veiculariam pedantismo e causariam um estranhamento que não as acompanha no original: “— No tumulto dos pequenos eventos do noticiário, no caos das fofocas e das guerras locais, perdeu-se a visão em perspectiva do nosso futuro.”<sup>32</sup> (Apêndice A, p. 108) O original utilizara o inglês “*gossip*” para fofoca.

Em tradução, até mesmo o que é um aparente facilitador, pode representar um desafio, uma cilada extra: dentre idiomas aproximados no tempo, espaço, por suas raízes etimológicas, culturais, por vezes uma falaciosa similaridade poderá induzir a equívocos. É um dos alertas feitos por George Steiner:

O tradutor está agora trabalhando com um texto-fonte de uma língua e/ou de um meio cultural vizinhos aos seus. Essa vizinhança pode ser um produto da contiguidade geográfica e histórica; muitas vezes emerge do fato de que sua própria língua e a língua do texto-fonte estão relacionadas por origens etimológicas e desenvolvimentos comuns. (...) O entendimento é acompanhado por um corpo de pressupostos e por antecipações quase instintivas. (...) O tradutor europeu de um texto europeu ‘estrangeiro’ (...) aproxima-se de sua fonte pela via de círculos concêntricos de autoconsciência linguístico-cultural, de informação presumida e de identificação. Isso tudo, obviamente, ilumina e explica seu texto-fonte; gera critérios de comparação e analogia com os quais se avalia o grau de compreensão e ‘traduzibilidade’. Mas também torna mais denso, mais opaco (...) o texto a ser traduzido. Desse modo, as relações do tradutor com o que está ‘próximo’ são inerentemente ambíguas e dialéticas. (STEINER, 2005, p. 381)

---

<sup>32</sup> “*Nella baraonda dei piccoli eventi della cronaca, nel caos del gossip e delle guerre locali, è andata perduta la visione prospettica del nostro futuro.*” (BACH, 2017, p. 112)



No caso da tradução entre idiomas de origem latina – como é o caso aqui -, a tendência ao “decalque” é uma das ciladas em que é fácil cair e difícil evitar. Frequentemente o idioma de destino terá palavras semelhantes, senão iguais, às do idioma de partida – embora nem sempre tenham o mesmo significado ou uso.

Uma amostra é a palavra “*nostalgia*”, que também há, idêntica, em português, porém, neste, com uso muito mais restrito. Onde em italiano “*nostalgia*” cabe bem, geralmente caberá melhor em português a “saudade”:

— Está com saudade da terra? — disse Ferretti com um inesperado tom afetuoso na voz. (...)  
 — Sim — respondeu com uma doce expressão de cumplicidade. — Sim, tenho saudade dos nossos pores-do-sol terrestres. Daquela luz dourada que desliza sobre as cores agonizantes dos campos e depois sobe lentamente até o topo das montanhas...<sup>33</sup> (Apêndice A, p. 78)

Assim, há que se tomar um cuidado a mais ante palavras muito parecidas na origem e no destino, a fim de não usar automaticamente a tradução mais óbvia, a palavra mais parecida. Evitar, em suma, o “decalque”.

Entretanto, tampouco se impõe alterar só por alterar, buscando desnecessariamente um sinônimo, quando a palavra mais assemelhada — ou, no caso do exemplo a seguir, idêntica — à do original seja também a mais aproximada ao sentido e a mais frequente no contexto de uso no idioma de chegada, no caso, em português. Vejamos a palavra “*suficiente*” utilizada no original com o mesmo sentido com que se a utiliza em português; no exemplo a seguir, não haveria vantagem alguma em meramente substituí-la por um sinônimo exclusivamente para evitar o decalque:

— A descoberta delas foi uma revolução! Até então a nossa exploração do cosmos se valia da radiação eletromagnética: luz, ondas de rádio, gama, raios-X, etc. Todos eles sinais que podem ser desviados ou reduzidos. Usar apenas radiações eletromagnéticas não é suficiente. Pense nos buracos negros...

---

33 “*Hai nostalgia della terra?*” disse Ferretti con un inatteso tono affettuoso nella voce. (...)

“*Si*” rispose con una dolce espressione di intesa. “*Si*, ho nostalgia dei nostri tramonti terrestri. Di quella luce dorata che scorre sui colori morenti dei prati e poi sale lentamente fino alla cima dei monti...” (BACH, 2017, p. 82)

— Sim, aqueles monstros que engolem tudo, até mesmo a luz!<sup>34</sup>  
(Apêndice A, p. 56, grifos nossos)

Vale repetir que traduzir não se limita a saber o nome das coisas em outra língua – até porque aquela mesma coisa às vezes nem existe em outra cultura.

Por outra, uma mesma palavra pode não ter o mesmo significado ou, ainda, mesmo que o tenha, não ser de uso corrente e, portanto, seu emprego não veicular a compreensão pretendida.

Exemplifica esta inusitada hipótese, uma bela e significativa imagem criada por nossa autora, no capítulo 12. No original lê-se: *“Il movimento fluido della nave sulla superficie di quell’immenso oceano le parve simile a quello di una piccola idrometra sul pelo d’acqua di un grande stagno.”* (BACH, 2017, p. 52) (grifos nossos)

No trecho em questão, a protagonista perdeu o senso de orientação pois está cercada por todos os lados por um mar que lhe parece infinito, ilimitado para todas as direções. Isso faz com que ela perceba que o navio, embora imenso, é minúsculo em escala frente ao oceano. Vislumbra, comparativamente, o movimento do navio sobre o oceano como o de um pequeno inseto na superfície de um lago.

Uma tradução literal deste trecho ofereceria: “O movimento fluido da nave sobre a superfície daquele imenso oceano lhe pareceu semelhante ao de um pequeno hidrômetro à flor da água de um grande lago.” (grifos nossos)

Uma tal tradução, além de virtualmente incompreensível, aniquilaria o encanto original da metáfora pois, para o falante regular de português, “hidrômetro” remete apenas aos vários possíveis instrumentos utilizados para medir a passagem de água, e não ao “hidrômetro” referido pelo original – nome popular de um inseto da família *Hydrometridae* que não é assim tão popular no Brasil:

---

34 «La loro scoperta è stata una rivoluzione! Finora la nostra esplorazione del cosmo si serviva della radiazione elettromagnetica: luce, onde radio, gamma, raggi X, ecc. Tutti segnali che possono venir deviati o ridotti. Usare solo le radiazioni elettromagnetiche non è sufficiente. Pensi ai buchi neri...» «Eh sì, quei mostri si risucchiano tutto, persino la luce!» (BACH, 2017, p. 59)

Fotografia 4: *Hydrometra stagnorum*

Fonte: © entomart

HIDRÔMETRO s.m.

1. Nome de vários instrumentos para exercer a hidrometria
2. [Entomologia] Inseto hemíptero: *Hydrometra stagnorum* in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/hidr%C3%B4metro> Acesso em: 2022-05-22.

Assim é que evitou-se o uso de “hidrômetro” pois, apesar de dicionarizado, sequer consta de alguns dos principais dicionários da norma brasileira, como Caldas Aulete e Michaelis. Visando preservar a imagem poética evocada pela autora, tornando-a acessível ao leitor de língua portuguesa, optou-se por revelar de imediato a comparação do navio com um “inseto” — e, em nota de rodapé, fazer remissão ao tipo específico de inseto, cujo peculiar modo de deslocamento sobre a superfície da água torna a metáfora do original ainda mais interessante:

O movimento fluido da nave sobre a superfície daquele imenso oceano lhe pareceu semelhante ao de um pequeno inseto à flor da água de um grande lago. (Apêndice A, p. 47)

Nota de rodapé n. 10:

No original, “*idrometra*”: o inseto hidrômetro ou “medidor de água”, nome popular devido ao modo como se desloca sobre a superfície da água o *Hydrometra stagnorum*. (N.T.)

Uma expressão merece ênfase, notadamente em face da metáfora central do ecorromance: o navio como análogo ao planeta Terra, este como a casa compartilhada pela humanidade: nossa casa “em comum”.

---

<sup>35</sup> Disponível em [https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hydrometra\\_stagnorum?uselang=war](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Hydrometra_stagnorum?uselang=war) Acesso em 13 dez.2022.

Apesar de algumas traduções optarem por “casa comum” e, mesmo em português, assim se expressarem autoridades como Leonardo Boff (BOFF, 2014), há uma diferença significativa, se bem que aparentemente sutil.

Como adjetivo, “comum” equivale a banal, ordinário, que não tem nada de especial: uma “casa comum” é uma casa normal, vulgar, que não tem grande importância ou valor.<sup>36</sup> O dicionário registra, ainda, um outro significado nada auspicioso: “casa-comum” é sinônimo de “banheiro”, “latrina”.<sup>37</sup>

Contudo, falar do planeta Terra como lugar de moradia, de vida e convivialidade, respeito, coexistência e responsabilidade, implica utilizar uma terminologia que veicule um sentido coerente com os princípios ecosóficos que norteiam a obra em análise e a ecocrítica em geral, defendidos pela autora em seu já mencionado Manifesto da Eco poesia:

A nova perspectiva da Terra, sugerida pelos novos conhecimentos no campo astronômico e pelas fascinantes imagens que nos chegam do espaço, traz consciência do pequeno lugar que ocupamos no Universo e da nossa não privilegiada presença na Terra. O Humano, portanto, constata seu papel como ator de destruição ou de proteção desta casa em comum e de suas responsabilidades para com este frágil planeta.<sup>38</sup> (Apêndice B, p. 2)

**Fotografia 7: O Nascer da Terra**



**Fonte: NASA. Foto de William Anders.**<sup>39</sup>

<sup>36</sup> <https://dicionario.priberam.org> (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa) e [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br) (Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa) Acesso em 2022-08-24

<sup>37</sup> [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#2](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2) Acesso em 2022-08-24

<sup>38</sup> “*La nuova visione prospettica della Terra, suggerita dalle nuove conoscenze in campo astronomico e dalle affascinanti immagini che ci provengono dallo spazio, ci rende coscienti del nostro piccolo posto nell'Universo e della nostra non privilegiata presenza sulla Terra. L'Uomo, perciò, prende atto del suo ruolo di attore di distruzione o di protezione di questa casa comune e delle sue responsabilità nei confronti di questo fragile pianeta.*” (BACH, 2005)

<sup>39</sup> Foto da Terra vista da lua, tirada pelo astronauta William Anders em 24.12.1968. Disponível em [https://www.nasa.gov/multimedia/imagegallery/image\\_feature\\_1249.html](https://www.nasa.gov/multimedia/imagegallery/image_feature_1249.html) Acesso em 11 dez.2022.

Embora “comum” também possa ser entendido como “compartilhado”<sup>40</sup>, este é o significado exclusivo e inequívoco de “em comum”, evitando, portanto, a ambiguidade. Além disso, o pertencimento recíproco, que evoca afeto e responsabilidade, o vínculo inextrincável entre todas as coisas e viventes no planeta, é o fio que conecta os elementos deste trabalho, justificando o realce que aqui se faz, visando evidenciar a expressão e a respectiva compreensão de que temos responsabilidades “em comum” quanto ao prosseguimento da vida neste nosso lar “em comum”.

Merece especial destaque, ainda, a palavra “*nave*”, navio em português, eis que se repete inúmeras vezes ao longo do texto — afinal o navio é o cenário e a principal metáfora invocada pela narrativa.

Termo unívoco ao italiano “*nave*” — pela origem em comum no latim *navis* —, nosso “nave”, em português, significa navio, embarcação, nau. Mas também remete a outros veículos de transporte de pessoas, como aeronave e astronave.<sup>41</sup>

A opção da tradução prioritária pelo sinônimo “nave”, em lugar de “navio”, deve-se à maior amplitude semântica do termo, que evoca de forma ainda mais imediata a metáfora do Navio Etrúria como nosso planeta, nossa nave em comum.

Não é uma metáfora particularmente inovadora – mas, e talvez por isso mesmo, efetiva quanto a sua compreensão e, espera-se, eficaz quanto ao resultado pretendido: despertar a consciência e instigar à ação.

Além disso, a nave, como símbolo, “evoca a ideia de força e de segurança numa travessia difícil”, sendo aplicável “tanto à navegação espacial quanto à marítima. A nave é como um astro que gira em torno de um centro, a terra, e dirigida pelo homem. É a imagem da vida, cujo centro e direção cabe ao homem escolher.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2002, p. 632)

---

40 “senso comum, amigo comum, responsabilidade comum, interesse comum, ...” [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#5](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#5) Acesso 2022-08-24

41 [www.aulete.com.br](http://www.aulete.com.br); [www.michaelis.uol.com.br](http://www.michaelis.uol.com.br), entre outros.

Não é à toa, portanto, que povoa o imaginário de diferentes culturas, sem que a metáfora se esgote, pois se transforma ao longo do tempo-espaço, no percurso, ante as diferentes tecnologias de transporte e os diferentes olhares.

A barca terá sido desde sempre símbolo, dentre tantas outras coisas, da superação do desafio da travessia - já que, através dela, viabiliza-se o atravessar. Mas também, simultaneamente, simboliza o desafio em si pois, uma vez embarcados é que a travessia de fato se inicia – e nos desafia.

A tradução também é uma travessia em que o significado veiculado no idioma de partida pretende chegar ao idioma de destino.

Ainda que nenhuma das peças da partida chegue ao porto de destino, já que as palavras do original terão sido todas substituídas pelas do outro idioma, ainda estaremos diante do mesmo texto?

*Inquietante Crociera* é o nosso Navio de Teseu, e chegará ao porto de destino como *Vagalumes de Cherenkov*.

A tradução é a travessia em que todas as peças terão sido trocadas quando a nave alcançar o destino.

## 4.2 TRADUÇÃO e ECOCRÍTICA: RELAÇÃO ÉTICA

“A tradução ou é relação ou não é nada.”  
Antoine Berman

“A ecologia — palavra proveniente do grego *oikos* ("lar")  
— é o estudo do Lar Terra.  
Mais precisamente, é o estudo das relações  
que interligam todos os membros do Lar Terra.”  
Fritjof Capra

Sendo a comunicação, desde Babel, tão impossível quanto imprescindível, a tradução impõe-se e pressupõe o reconhecimento da alteridade: o outro cuja singularidade é irreduzível e inalcançável – acrescido de uma predisposição ética para o escutar. A tradução será, assim, processo que concretiza a relação em um espaço-tempo, na dimensão ética dessa convivência, desse *ethos*.

**Ética** Todo o ato humano ocorre na linguagem. Toda ação na linguagem produz o mundo que se cria com os outros, no ato de convivência que dá origem ao humano. Por isso, toda ação humana tem sentido ético. Essa ligação do humano ao humano é, em última instância, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro. (MATURANA, 2001, p. 269)

Decorre uma responsabilidade em si mesma, ética inerente ao âmbito mesmo da relação.

Atentar ao outro não é apenas aceitar, aceder, receber; a atenção ao outro é uma atividade. (...) A diferença dessa compreensão transitiva e fortemente egótica – em que o outro não se configura senão como objeto do eu –, a noção de responsabilidade para Lévinas implica, ..., já de partida: ‘un pour autrui’. (...) ...entendido, a partir dessa perspectiva, como uma forma ativa de atenção e de escuta que funda a noção de responsabilidade para o outro. (CARDOZO, 2008, p. 6, 12, 15)

Também Leonardo Boff fala desta abertura para escutar o outro:

O indivíduo-pessoa, quer dizer, um ser irreduzível (indivíduo) mas sempre em comunicação (pessoa), funda um milagre no universo e um mistério abissal. A atitude mais coerente e adequada em face do indivíduo-pessoa - milagre e mistério - é a admiração, a veneração e a abertura e a escuta para captar-lhe a mensagem e a novidade singular. (BOFF, 2004, p. 91) (grifos nossos)

A diferença não gera desigualdade, não implica em negatividade, mas sim responsabilidade: ética da diversidade, que impõe reconhecer ao outro (humano ou não) – e a si mesmo – sua alteridade. Como diz Antoine Berman:

O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro. Refiro-me aqui naturalmente a toda a meditação de Levinas em Totalidade e infinito. (...) Acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo, não é um imperativo. Nada nos obriga a fazê-lo. (...) Essa escolha ética é certamente a mais difícil que há. Mas uma cultura (no sentido antropológico) só se torna realmente uma cultura (no sentido do humanismo de um Goethe da Bildung) (Berman, 1983) se for regida — pelo menos em parte — por essa escolha. (BERMAN, 2013, p. 95 e 96)

No âmbito da Teoria dos Conjuntos, em matemática, relação transitiva é a que se estabelece entre os elementos de um mesmo conjunto de tal forma que se o elemento A tem relação com o elemento B e esse tem relação com o elemento C, então o elemento A e o elemento C estão também em relação.

O planeta é um imenso conjunto de articulações infinitas, espaço de incontáveis relações transitivas. Conjunto complexo de elementos heterogêneos, singulares – unidades em si mesmas completas e complexas - que se relacionam entre si e, por isso mesmo, engendram relações entre os outros elementos do mesmo conjunto. Os elementos do conjunto são também, por sua vez, conjuntos – do micro ao macro, infinitamente.

Os elementos do conjunto-natureza estão vivos, em movimento, sob ação da força gravitacional, atraem-se, repelem-se, entrechocam-se, encontram-se. Mesmo a matéria mais dura é multidimensional, dinâmica e relacional, a nível dos elementos subatômicos que compõem suas moléculas. Em suma, um sentido simbiótico maior integra todos os “seres e coisas que coabitam a Terra”:

Na compreensão de seu primeiro formulador, Ernst Haeckel (1834-1919), a ecologia é o estudo do inter-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não-vivos entre si e com o seu meio ambiente. Não se trata de estudar o meio ambiente ou os seres bióticos (vivos) ou abióticos (inertes) em si mesmos. A singularidade do discurso ecológico não está no estudo de um ou de outro polo, tomados em si mesmos. Mas na interação e na inter-relação entre eles. Isso é o que forma o meio ambiente, expressão cunhada em 1800 pelo dinamarquês Jens Baggesen e introduzida no discurso biológico por Jakob von Uexküll (1864-1944). (BOFF, 2004, p. 16)

Células, pessoas, textos, países, ... os contornos-limites são membranas permeáveis. Como nas células, os elementos-indivíduos estão vivos. Em articulação dinâmica e viva, portanto, geradora, em permanente conexão e transformação – e transformadora.

Porquanto inerente ao pertencimento – ainda aqui no âmbito da Teoria dos Conjuntos –, a relação é inevitável, inexorável. Porém, o que chamamos de “relação” não passa, muitas vezes, de confronto,



enfrentamento, violência explícita — ou implícita, consistente na indiferença, na recusa a ouvir o outro. Não passa de *reação*.

*Reação* fisiológica, comum aos animais — inclusive o humano —, de fugir ou lutar: fugir, recusando-se ao encontro; lutar, indo “de encontro a”, enfrentando, contrapondo-se. Mera reatividade, reação instintiva que se nega a ir “ao encontro de”, tentativa de impedir que se efetive o encontro, o “estar com”.

Cada um é portador consciente e inconsciente desta riqueza da natureza e da cultura. Mas o é de forma *sui generis*, singular e irrepitível. Cada um faz a sua síntese da totalidade. Cada um pode transformar, do seu jeito, todas as experiências e conhecimentos num ato de amor, quer dizer, num ato de acolhida e afirmação do universo, numa entrega desinteressada ao outro e numa abertura ilimitada ao Mistério, que as religiões convencionaram denominar Deus. Ou também pode negar-se a isso tudo, viver um projeto de rebelião contra o sentido do universo e secundar atitudes de exclusão. (BOFF, 2004, p. 90)

Os espaços de convívio são espaços de choques, enfrentamentos, crises — mas também são espaços éticos, de convivialidade. Espaços de *reação* e de *relação*.

A *relação* não é ideal — idealizada —, ao contrário, é concreta: em concreto realiza a *relação* possível aos envolvidos. Porque a *relação* é dinâmica viva, o encontro traz em si potencial de transformação.

A *relação* — e seu potencial de transformação — intensifica-se a partir da postura do sujeito. Da escuta que se oferece. Que busca com disponibilidade e disposição de encontrar. Como demonstrou a física quântica: a perspectiva do pesquisador influenciando o resultado do experimento.

...como a física quântica demonstrou de maneira tão dramática — não há partes em absoluto. Aquilo que denominamos parte é apenas um padrão numa teia inseparável de relações. (...) Na visão sistêmica, compreendemos que os próprios objetos são redes de relações, embutidas em redes maiores. Para o pensador sistêmico, as relações são fundamentais. (CAPRA, 2006, p. 47)

Dizer que evoluímos do animal ao humano durante muito tempo implicou em atribuir um sentido negativo ao animal — como, de resto, à

natureza como um todo. Uma postura que autorizava a subjugação, aproveitamento, exploração da natureza. E de tudo o mais que lhe fosse equiparado.

Ora, não apenas somos equiparáveis à natureza: somos natureza. E não apenas “metade” natureza – como o “centauro ontológico” de Ortega y Gasset. (2009, p. 47) “Humano: cem por cento natureza e cem por cento cultura”<sup>42</sup> (SERRES, 2012, p. 50)

Não de forma adversativa mas aditiva: somos humanos e somos, simultaneamente, animal, vegetal, mineral. Em conjugação inextricável.

Na mudança do pensamento mecanicista para o pensamento sistêmico, a relação entre as partes e o todo foi invertida. A ciência cartesiana acreditava que em qualquer sistema complexo o comportamento do todo podia ser analisado em termos das propriedades de suas partes. A ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio da análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior. Desse modo, o pensamento sistêmico é pensamento “contextual”; e, uma vez que explicar coisas considerando o seu contexto significa explicá-las considerando o seu meio ambiente, também podemos dizer que todo pensamento sistêmico é pensamento ambientalista. (CAPRA, 2006, p. 46-47)

Mesmo o pensamento – o *cogito* que caracterizaria distintivamente nossa espécie – não é mera operação lógico-racional, mas metábole realizada por um indivíduo que tem um corpo. O corpo, com tudo o que ele implica, engajados todos os cinco sentidos e os outros: percepções, emoções, sentimentos, memória, lembranças, alimento, movimento, repouso, sono,...

O corpo em que cada ser é e se relaciona. E é na medida em que se relaciona.

A razão instrumental não é a única forma de uso de nossa capacidade de inteligência. Existe também a razão simbólica e cordial e o uso de todos os nossos sentidos corporais e espirituais.

Junto ao *logos* (razão) está o *eros* (vida e paixão), o *pathos* (afetividade e sensibilidade) e o *daimon* (a voz interior da natureza). A razão não é nem o primeiro nem o último momento da existência. Nós somos também afetividade (*pathos*), desejo

---

42 “Human: one hundred percent nature, one hundred percent culture.”

(*eros*), paixão, comoção, comunicação e atenção para a voz da natureza que fala em nós (*daimon*). Esta voz nos fala na interioridade e pede ser auscultada e seguida (é a presença do *daimon* em nós). Conhecer não é apenas uma forma de dominar a realidade. Conhecer é entrar em comunhão com as coisas. (BOFF, 2004, p. 28-29) (itálicos no original)

Abordando a questão a partir da biologia e neurociência, Maturana e Varela afirmam que todos os seres realizam sua própria autopoiesis<sup>43</sup> como parte de sua própria existência fisiológica; o ser humano, porém, deve realizá-la consciente e deliberadamente – e o faz através da linguagem. (MATURANA, 2001)

Esta capacidade criativa da linguagem o humano expressa e exerce na interação consigo mesmo, com os outros, com o mundo, sob as mais diversas formas de engenho e arte: a invenção, produção e uso das mais variadas ferramentas e instrumentos, desde científicos até musicais, desde construtivos até destrutivos, num rol inesgotável, alimentado pela criatividade, pela necessidade, pelo senso estético – e, idealmente, ético.

A capacidade de criar continuamente a si mesmo é inerente a todo ser vivo (*autopoiesis*). O humano, porém, diferencia-se por ser dotado da consciência de sua autoconstrução: por isto é livre. E, por esta mesma razão, é responsável.

É, a rigor, impossível alcançar o outro – humano ou não – em sua alteridade radical, entretanto é necessário comunicar-se no espaço-tempo compartilhado.

Isto tudo atesta um fato inegável, já prenunciado por Marx e Engels, o de que, com a aceleração das comunicações, vão sendo superadas as barreiras locais, o patrimônio literário de cada país vai cada vez mais se integrando numa literatura universal. Donde, corolariamente, surgir a tradução como uma atividade característica de nossa era cultural, que se marca sobretudo pela ânsia de mediação e de conhecimento recíproco, talvez um dos poucos antídotos eficazes ao estéril isolacionismo (voluntário ou forçado) onde se geram as frustrações e se eriçam as belicosidades. (CAMPOS, 2015. p. 19 e 20)

---

43 também, entre muitos outros, BOFF, 2004, p. 77.

A tradução só é necessária porque há diferenças – e só é possível porque há algo em comum. Este algo em comum que caracteriza nossa humanidade e a partir de onde a comunicação se viabiliza.

A conclusão, porém, é a mesma: as similaridades entre os seres humanos são, no final das contas, maiores que as diferenças. Todos os membros da espécie compartilham atributos básicos de percepção e resposta que são manifestos em enunciados verbais e que podem, portanto, ser compreendidos e traduzidos. (STEINER, 2005, p. 374)

Só há relação entre alteridades. Em uma massa indiferenciada de elementos idênticos, não haveria o que trocar, portanto, não haveria comunicação – mas mera identidade estanque e estéril.

Se o outro não é visto a não ser naquilo em que é idêntico, não há relação mas mera projeção do próprio sujeito. Se há recusa em reconhecer o outro naquilo em que difere, tampouco se estabelece relação porque a cisão a impede.

Por paradoxal que pareça, ao mesmo tempo que só há relação porque há diferença, só há relação porque há algo em comum.

Outro significa, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas. O outro comporta efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade de sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto. (MORIN, 2002, p. 82)

Não é preciso, porém, buscar algo etéreo ou místico, o elemento que temos em comum é da ordem da corporeidade, esta ancoragem na fonte de nossa natureza humana – que é humana a partir de sua fundação essencial como natureza. Ora, cada um é “singular e irrepetível”, “cada um é ele mesmo (...) de uma forma original, não antes experimentada nem depois repetível.”; entretanto, simultaneamente:

... possui uma infra-estrutura comum, com os elementos do universo, oxigênio (65%), carbono (18%), hidrogênio (10%), nitrogênio (3,3%) e outros elementos que, com exceção do

hidrogênio, foram todos produzidos nas estrelas, há bilhões de anos, com o mesmo código genético de todos os viventes a partir de onde fundamos nossa fraternidade e sororidade cósmica, a mesma inscrição bio-sócio-antropológica. (BOFF, 2004, p. 91)

Como diz Michel Serres para quem, como filho de marinheiro, as imagens marítimas também são especialmente caras: “Todo mundo navega sobre o mundo como a arca em cima das águas, sem nenhuma reserva exterior a esses dois conjuntos, o dos homens e o das coisas. Estamos embarcados!” (SERRES, 1991, p. 54)

Toda a tentativa de separação, de dissociar o humano do pertencimento a seu conjunto – seja do conjunto de seu próprio corpo seja da corporeidade do planeta -, somente alcança a alienação patológica. A perda de referencial a que a obra em análise alude com variados exemplos.

O conjunto interseção entre tradução e ecocrítica é, assim, a compreensão ética relacional de que a comunicação se dá entre elementos díspares a partir do que entre eles há em comum.

Tradução e ecocrítica, além disso, guardam entre si uma espécie de instrumentalidade, bem resumida no Manifesto:

A Ecopoesia liberta-se do isolamento das fechadas culturas literárias eruditas, das velhas modas sibilinas das vanguardas e das tradições poéticas locais, e utiliza uma comunicação poética simples e clara, compreensível por todas as culturas – portanto, também facilmente traduzível – para difundir-se a um público cada vez mais amplo...<sup>44</sup> (Apêndice B, p. 5)(grifos nossos)

Na tradução como na ecocrítica, a grande tônica é a relação. Relação ética que implica em reconhecimento da dignidade da alteridade, reconhecer a cada outro o direito a sua própria existência –

---

44 “L’Ecopoesia si libera dall’isolamento delle chiuse culture letterarie erudite, dalle vecchie mode sibilline delle avanguardie e dalle tradizioni poetiche locali e utilizza una comunicazione poetica semplice e chiara, comprensibile a tutte le culture -quindi anche facilmente traducibile- per diffondersi tra un pubblico sempre più allargato come richiesto dall’UNESCO nel messaggio della Giornata Mondiale della Poesia.”

e não apenas entre humanos mas entre todos os seres e coisas. Um sentido de ética coerente com o sintetizado por Boff:

Precisamos resgatar o sentido originário de *ética*. Vem de *ethos* em grego, que significa morada humana. (...) Morada como realidade existencial, o lugar onde o ser humano se refugia, cria o seu habitat, sente-se protegido e alimenta a sensação de “estar em casa”. A forma como organizamos a morada, a antessala, a sala de visitas, a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha, a dispensa, os quartos, o jardim e as relações de vizinhança... Tudo isso constituía a ética. (BOFF, 2014, p. 112) (itálico no original) (grifos nossos)

Esta ética, portanto, neste sentido de liberdade-responsabilidade que se funda no reconhecimento e respeito à alteridade, há que fundar a relação para uma efetiva comunicação, na linguagem, entre os idiomas, na vida.

## 5 UMA LEITURA ECOCRÍTICA

“Temos que parar de nos desenvolver  
e começar a nos envolver.”  
Ailton Krenak

A arte não precisa ter um propósito, basta-lhe sua própria realização estética. A opção estética, todavia, traz em si uma ética, imbricada, aliás, na própria palavra “estética”. Embora a arte não precise ter um propósito, o fato é que, declaradamente ou não, conscientemente ou não, muitas vezes o tem.

É que história, sociedade, economia, política, tecnologia, não são categorias absolutas, estanques e excludentes, mas sim perspectivas válidas, integrantes, complementares. A arte, e a literatura em particular, não se separa da vida.

Muitas obras podem ser analisadas por uma perspectiva ecocrítica. Esta, contudo, objeto da análise deste trabalho, é um efetivo convite para tanto, eis que ela própria se identifica como um “ecorromance”, assim expressamente declarada pela própria autora na dedicatória que faz ao marido: “*A mio marito, primo critico lettore di questo ecoromanzo*”<sup>45</sup>. (BACH, 2017, p. 7) (grifos nossos)

Aliás, algumas das chaves para a leitura ecocrítica da obra são dadas pela própria autora em seu Manifesto da Ecopoesia italiana, em que estão explícitos os objetivos de ampliar o conhecimento, consciência e responsabilidade sobre as questões ambientais.

Além disso, atende aos critérios elencados por Lawrence Buell para ajudar a reconhecer caráter ecocrítico à obra literária:

1. O meio ambiente não humano faz-se presente não só como um recurso de composição, mas como uma presença que começa a sugerir que a história humana está implicada na história natural.
2. O interesse humano não é entendido como o único interesse legítimo.
3. A responsabilidade humana pelo meio ambiente faz parte da orientação ética do texto.

---

45 “Para meu marido, primeiro leitor crítico deste ecorromance”. (Apêndice A, p. 3)

4. Encontra-se pelo menos implícita no texto uma certa ideia do meio ambiente como um processo, e não como uma constante ou um dado. (*apud* GARRARD, 2006, p. 81)

A obra não se inscreve na tradicional “escrita de Natureza” (*Nature Writing*), que se notabilizou nos países de língua inglesa a partir do século XIX, velho estilo questionado pela nova ecocrítica, notadamente por seu escapismo solitário e epifânico e busca de um passado mítico. (KERRIDGE, 2019)

Com efeito, Richard Kerridge<sup>46</sup>, identificou “3 ondas” da ecocrítica. Com a primeira, do início dos anos 1990, contrapondo-se à excessiva abstração do estruturalismo, veio a proposta de um *Nature Writing* levado a sério, libertado da idealização da natureza. A segunda onda, da virada do século XX para XXI, que nos Estados Unidos chamou-se “Movimento de Justiça Ambiental”, compreendeu a conexão entre questões ambientais e socio-econômicas, inclusive étnicas e de gênero.

Já em pleno século XXI, ainda segundo Kerridge, a terceira onda ecocrítica reconhece uma inextrincável conexão entre todas as coisas na natureza – aí incluído o ser humano: “A individualidade não é negada, mas sua inserção em redes e sistemas materiais, pelas quais é constituída e mantida, recebe maior ênfase.”<sup>47</sup> (KERRIDGE, 2019).

À primeira vista, poder-se-ia divisar o *Cruzeiro Inquietante* como uma espécie de “idílio”, de “fuga para a natureza”, no momento em que a protagonista, Flavia, embarca no cruzeiro de volta ao mundo com uma expectativa de recolhimento, paz, sossego. Assim também alguns dos outros personagens que demonstram esta intenção de afastamento das coisas mundanas, como Giorgio, realizando o sonho de viajar após ter se aposentado e perdido a esposa, bem como Malinka e Laura, que precisavam espairar após terem feito serviço voluntário ajudando vítimas do ebola.

De certa forma esta intenção se cumpre: os personagens ficam afastados de todo o restante do mundo. Entretanto, ao contrário do que

---

46 em palestra proferida na UTFPR, em Curitiba, em 2019.

47 “Selfhood is not denied, but its embeddedness in material networks and systems, by which it is constituted and maintained, is given greater emphasis.” (KERRIDGE, 2019)



postulavam os escritores do naturalismo romântico, não é tranquilidade o que encontram, ao contrário, ficam à mercê de uma natureza selvagem, do mar bravio, das intempéries climáticas. Como se buscassem a Pastoral e encontrassem o *wilderness* (GARRARD, 2006). O que não lhes traz satisfação e sim angústia.

Radiação Cherenkov; ondas gravitacionais; inversão dos polos magnéticos da Terra e seu potencial efeito no escudo eletromagnético do planeta; investigações e medições a cargo do telescópio Magic; ligas científicas internacionais – são alguns dos temas trazidos na voz dos turistas a bordo do navio: astrofísicos, geólogo, arqueóloga, filósofo, artista, professora, entre outros.

Na mesma medida em que a narrativa desfia um rol de elementos contextuais reais, questões contemporâneas de interesse ambiental, o navio se afasta do porto de partida, vai perdendo toda a conexão com terra firme e, os personagens, toda a perspectiva.

À obra de Maria Ivana subjaz não apenas a compreensão da correlação entre fatores ambientais e socioeconômicos; mais do que isso, há consciência da indissociabilidade entre todos os fatores, entre todos os elementos que compõem a realidade.

Isso é demonstrado com uma estratégia inversa, *a contrario sensu*: a crescente angústia, desorientação, perda de referenciais, de propósito na vida, à medida em que todas as conexões se esgarçam. Insere-se, portanto, e coerentemente com a postura teórica da autora, na corrente contemporânea da ecocrítica, a que Kerridge denominou “3ª onda”:

O que é defendido é uma mudança de ênfase na maneira como imaginamos o eu, do eu como um indivíduo atomizado com limites rígidos para um eu sempre já em processo de produzir o mundo e ser produzido por ele; um eu através do qual o mundo flui; um eu que é conceitualmente inseparável assim como é materialmente inseparável do ecossistema maior que sustenta seu corpo físico. A percepção ecológica dissolve noções unificadoras de individualidade e fortes separações dualistas entre cultura e natureza, sujeito e objeto ou humano e não humano. (KERRIDGE, 2019, *slide 8*)

Uma das estratégias para alertar quanto à crise ambiental e seus potenciais desdobramentos catastróficos, “a retórica apocalíptica afigura-se componente necessário do discurso ambientalista”, inclusive na arte, pois: “É capaz de eletrizar os militantes, converter os indecisos e, quem sabe, em última instância, influenciar o governo e a política comercial.” (GARRARD, 2006, p. 149)

Entretanto, é preciso achar o tom do discurso para evitar várias das armadilhas capazes de neutralizar o argumento, seja pelo risco de que “a retórica da catástrofe tende a ‘produzir’ as crises que descreve”, seja pela tendência à polarização, “instigando os céticos à desconsideração zombeteira e, potencialmente, incitando os crentes ao confronto e até à violência.” (GARRARD, 2006, p. 150)

Outros autores também alertam contra as potenciais “distorções de escala” que, “colapsando o trivial e o catastrófico um para dentro do outro”, acabam por não ser levadas a sério. (Timothy Clark, *apud* KERRIDGE, 2019)

Nossa autora escapou de tais armadilhas pois consegue manter a verossimilhança e a sobriedade, ao mesmo tempo em que cria uma atmosfera de crescente suspense, provocando a reflexão, mas também a fantasia e imaginação.

O contraponto ao alarme é dado pela apatia dos personagens — talvez, até, ainda que em parte, como mecanismo de defesa ante a angústia generalizada — que, afinal, é o espelho da reação de grande parte da população não-ficcional ante as notícias reais das ameaças reais à sobrevivência da espécie e do planeta.

Os alertas são feitos. E sempre seguidos do anticlímax da indiferença.

Guattari já destacara, na gênese dos desequilíbrios ecológicos, a crise das relações. Crise das relações em um sentido amplo: relações individuais e coletivas (de parentesco, conjugais, de vizinhança, sociais, políticas); relações “da subjetividade com sua exterioridade — seja ela social, animal, vegetal, cósmica” (GUATTARI, 1990, p. 8).

Assim é que, reconhecendo embora que a obra admite inúmeras abordagens de interesse ecocrítico, o foco da presente análise volta-se

para este aspecto que permeia toda a narrativa como um fio condutor que reiteradamente volta à tona: o afastamento, a ruptura de todos os laços, a alienação. A recusa à relação que, em última análise, é recusa à própria vida.

## 5.1 NOSSA NAVE EM COMUM

“Partilhamos a mesma viagem.  
Durante uma viagem conjunta é costume conversar, afinal,  
trocar impressões, nem que seja sobre o tempo  
ou sobre as estações que passam no trajeto.

Não faltariam assuntos, pois temos muito em comum.  
Essa mesma estrela nos mantém sob seu alcance.  
Projetamos sombras na base das mesmas leis.  
Procuramos saber algo, cada qual do seu jeito,  
e somos parecidos também no que não sabemos.”  
(trecho de *O Silêncio das Plantas*)  
Wisława Szymborska

Assim como o navio sobre o oceano, nossa “nave espacial” no universo seria também proporcionalmente comparável ao inseto hidrômetra na superfície de um lago: “A nossa pequena Nave Espacial Terra tem apenas doze mil quilômetros de diâmetro, o que, na enorme vastidão do espaço, constitui uma dimensão quase negligenciável.” (FULLER, 1998, p. 30)

Enquanto o navio do cruzeiro ficcional de Maria Ivana Trevisani Bach se afasta da terra firme, qual inseto que se perde no oceano, seus personagens vão se dando conta de que não há outra morada possível a não ser a Terra:

- (...) Aqui nesta nave, fora do nosso mundo, nos damos conta que a Terra é a nossa única casa possível nesta parte do Universo.
- Também é isso que dizem os astronautas.
- Lá de cima, realmente, não se veem mais as fronteiras nacionais, as diferenças de língua, de religião, de raça. Um único destino. (...)

Com efeito, J.P. Allen, um dos astronautas a ter efetivamente visto a Terra “lá de cima”, acabou por concluir:

Discutiram-se muito os prós e os contras referentes às viagens à Lua; não ouvi ninguém argumentar que deveríamos ir à Lua para poder ver a Terra de lá. Depois de tudo, esta foi seguramente a verdadeira razão de termos ido à Lua. (J.P. Allen, *apud* BOFF, 2004, p. 269)

E Boff conclui com ele: “Ao ver a Terra de fora da Terra, o ser humano desperta para a compreensão de que ele e a Terra formam uma unidade”. (BOFF, 2004, p. 269)

Terá sido essa a inspiração de Richard Buckminster Fuller que, em 1969, percebeu que a humanidade estava “a bordo” do planeta. Terá exclamado, antes de Michel Serres<sup>48</sup> — e, agora, ecoado pela obra de Maria Ivana: “Estamos embarcados!”

A Nave Espacial Terra foi tão extraordinariamente bem inventada e concebida que, tanto quanto sabemos, os humanos estiveram a bordo dela durante dois milhões de anos sem nunca se terem apercebido de que se encontravam a bordo de uma nave espacial. (FULLER, 1998, p. 29)

#### Embarcados e sem manual de instruções:

Existe um facto sumamente importante relacionado com a Nave Espacial Terra, que é o de nenhum manual de instruções vir a acompanhá-la. Considero muito significativo não existir nenhum manual de instruções com o qual possamos operar adequadamente a nossa nave espacial. Devido à infinita atenção evidenciada por todos os outros detalhes, acho que o facto do manual de instruções ter sido omitido deve ser entendido como deliberado e intencional. (FULLER, 1998, p. 30)

Percebendo esta “propositada omissão do livro de instruções sobre como operar e conservar a Nave Espacial Terra”, Bucky — como ficou conhecido — escreveu seu *Manual de Instruções para a Nave Espacial Terra* onde, já em 1969, falava da “sinergia” e da “teoria dos sistemas” operando nos “complexos sistemas regeneradores de apoio à vida” em funcionamento na Terra e que, portanto, cabe à humanidade observar e aprender com a natureza. (FULLER, 1998, p. 31)

---

48 Anteriormente citado (SERRES, 1991, p. 54)

Ao invés de tirar da natureza, aprender com ela as “valiosas lições extraídas do estudo de ecossistemas, que são comunidades sustentáveis de plantas, de animais e de microorganismos”, uma “alfabetização ecológica”, como chamou Capra (CAPRA, 2006, p. 231)

São incontáveis os casos deste aprendizado inesgotável, dentre os quais, alguns poucos:

...os insetos sociais, como as abelhas, as formigas e os cupins, possuem uma linguagem de alta sofisticação. (...) Não conseguem funcionar como um organismo social se não se comunicarem, pois a comunicação é a base da sincronização social. O que sabemos hoje sobre sua linguagem, sobre os códigos de comunicação dos insetos, é quase nada diante de sua esmagadora presença e importância para o planeta. Sabemos muito pouco sobre, por exemplo, formigas, que, para a agricultura, são consideradas uma grande praga. Se soubéssemos mais sobre sua comunicação, talvez pudéssemos nos valer de sua capacidade laboral em algum tipo de parceria entre espécies, em vez de travar um combate inglório contra elas. Como produzem sua sincronização perfeita sem comandos, sem chefias, sem central de inteligência? (BAITELLO JR, 2014, p. 96/97)

Também as plantas funcionam sem uma “central de inteligência” – algo que desafia nossa compreensão e oportuniza aprendizado e transformação:

De fato, elas são um modelo de modernidade; ... Dos materiais à autonomia energética, da resistência às estratégias adaptativas, as plantas encontraram desde tempos imemoriais as melhores soluções para a maioria dos problemas que afligem a humanidade. (...) Não é por acaso que a internet, o próprio símbolo da modernidade, é construída na forma de uma rede de raízes. Quando se trata de força e inovação, nada se iguala às plantas. Graças à evolução - que as levou a desenvolver soluções muito diferentes daquelas encontradas pelos animais -, elas são, desse ponto de vista, organismos muito mais modernos. Seria bom levarmos isso em conta ao projetar nosso futuro. (MANCUSO, 2019, p. 10-13)

Embora a palavra “sustentabilidade” tenha se desgastado, apropriada, às vezes, por interesses questionáveis, o conceito é de fato realizado pelo planeta Terra, que tem sobrevivido e sobreviverá independente da humanidade.

A nave-Terra, prosseguirá à revelia da sobrevivência da espécie humana. É o que alertam autores com James Lovelock – com sua

Hipótese de Gaia —, mas também brasileiros como Davi Kopenawa, Ailton Krenak, entre muitos outros. E foi a conclusão da *Conferencia Mundial de los Pueblos sobre Cambio Climático y Derechos de la Madre Tierra*, em Tiquipaya, Cochabamba, Bolívia, a 21 de abril de 2010: “A Mãe Terra poderá viver sem nós, porém nós não poderemos viver sem ela.”<sup>49</sup>

Com essa compreensão, seria inteligente da parte da humanidade buscar uma conciliação com a Terra, levando em consideração que o que é benéfico para o planeta é do interesse também do *antropo* que, assim, teria a chance de contribuir para superar o momento crítico do Antropoceno em direção a desdobramentos melhores.

A sugestão de Michel Serres é que, para além do contrato social, pacto parcial e limitado aos indivíduos e grupos sociais humanos, a humanidade passe a levar em consideração, abrangendo em um novo pacto, todas as coisas do planeta Terra, firmando o que ele chamou de “contrato natural”. (SERRES, 1991)

Também Leonardo Boff aproveitou a metáfora da nave espacial para sugerir uma correção na rota:

Somos todos passageiros na única nave espacial Terra. Mas as condições da viagem são totalmente diferentes: um pequeno grupo de super-ricos e poderosos reservou para si a primeira classe com um luxo escandaloso; outros, felizardos, ainda viajam na classe econômica e são servidos razoavelmente de comida e bebida. O resto da humanidade, aos milhões, viaja junto às bagagens, sujeito ao frio de dezenas de graus abaixo de zero, semimorto de fome, de sede e no desespero. Esmurra as paredes dos de cima, gritando: Ou repartimos o que temos nesta única nave espacial ou, num certo momento, acabará o combustível e, pouco importando as diferenças de classe, todos morreremos. Mas quem os escutará? Impassíveis, se saturam de consumismo. (BOFF, 2014, p. 30)

“Metaforicamente esta é a situação real da humanidade. Na verdade estamos perdidos e num voo cego”, acrescenta Boff mas, com otimismo, completa que “há uma carta de navegação” que, ainda

---

49 Declaração dos Povos Indígenas do Mundo: “*La Madre Tierra podrá vivir sin nosotros, pero nosotros no podemos vivir sin ella*”. Disponível em <https://cmpcc.wordpress.com/category/grupos-de-trabajo/07-pueblos-indigenas/> Acesso em 2022-07-22.

segundo ele, é a “*Carta da Terra*, nascida de uma consulta mundial que durou oito anos, sob a inspiração de Mikhail Gorbachev e aprovada pela Unesco em 2003.” (BOFF, 2014, p. 32)

Ele acrescenta que “a *Carta da Terra* propõe-se garantir a sobrevivência da Casa Comum<sup>50</sup>, desde que alimentemos uma ética do cuidado, da responsabilidade coletiva e da interdependência de todos com todos e com a Terra.” (BOFF, 2014, p. 79) Com tal ética por norte, habitar já não é meramente ocupar, dominar, explorar, mas relação, interconexão, cooperação, pertencimento planetário. Pertencimento não no sentido de propriedade, mas sim em sentido de interdependência, de complexidade em que os elementos, vivos, são tecidos juntos numa dinâmica de influências recíprocas.

...habitar a Terra, numa relação de dever e responsabilidade. ‘Habitar’ não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho. (GARRARD, 2006, p. 154)

A Terra, assim habitada, é este *oikos*, esta nossa casa em comum. Somos seus moradores, habitantes, cidadãos.

A propósito, Alexa Weik von Mossner traz à baila os conceitos de “cidadania ecológica” (efetivo exercício de direito e responsabilidade, esfera íntima) e “cidadania ambiental” (esfera pública) — de Andrew Dobson — bem como o “eco-cosmopolitanismo — de Ursula Heise. São conceitos complementares, em que não se enfatiza a questão territorial: trata-se de cidadania sem territorialidade. A pesquisadora destaca a necessidade da constituição de vínculos de afeto para que de fato se configurem e exerçam. (WEIK VON MOSSNER, 2017, p. 170-171)

Ou seja, o reconhecimento de que a afetividade tem parte na efetiva vivência da ética — como também afirma Leonardo Boff: “Antes de mais nada importa resgatar aquele universo no qual repousa a ética e nascem os valores. É o mundo do *coração*, do *afeto* e da *inteligência emocional*.” (BOFF, 2014, p. 78) (itálicos no original)

---

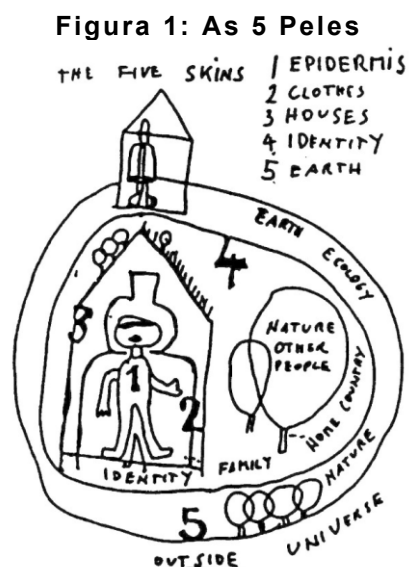
50 “Casa EM Comum” seria mais adequado, conforme defendido neste trabalho (item 4.1)

Particularmente quanto à ética do cuidado (BOFF, 2004 e 2014) que “funda um novo paradigma de relacionamento com a natureza, com as pessoas e com todas as coisas”: (BOFF, 2014, p. 116) (grifos nossos)

Hoje a casa não é mais a nossa casa, mas o planeta inteiro como Casa Comum<sup>51</sup>. A forma como o habitamos de tal forma que todos possam caber nele; não apenas os humanos, mas também toda a comunidade de vida, além dos rios, os lagos, os oceanos, as montanhas, as paisagens e as miríades de micro-organismos, dos quais depende nossa própria vida. Tudo isso constitui o conteúdo da ética. (BOFF, 2014, p. 112-113) (itálico no original) (grifos nossos)

Com efeito, nossa Casa em Comum compreende tudo o que integra o planeta, inclusive as coisas aparentemente inertes. Ao conjunto que reúne todos esses elementos, Michel Serres chamou “biogea” (SERRES, 2012)

Friedensreich Hundertwasser<sup>52</sup> percebe essa interconexão, essa integração, como tão íntima que a ilustrou com a imagem das cinco peles do ser humano: a epiderme, a roupa, a casa, o ambiente — compreensivo da natureza e relações sociais — e o universo:



Fonte: Hundertwasser<sup>53</sup>

<sup>51</sup> É Leonardo Boff que destaca a expressão com maiúsculas, enfatizando o mesmo sentido em que este trabalho insiste para “casa em comum”.

<sup>52</sup> Nome pelo qual ficou conhecido o artista e arquiteto austríaco nascido Friedrich Stowasser (1928~2000)

<sup>53</sup> “Hundertwasser conceived this drawing for the book *The Power of Art, Hundertwasser - The Painter-King with the five skins, Cologne, by Pierre Restany, published by TASCHEN Verlag in Cologne in 1998.*



Integrados nesse pertencimento íntimo e recíproco, fazemos esta travessia inquietante nesta nossa nave, a Terra, nossa morada em comum:

A maior maçã. A mais bela bola ou esfera turbulenta. O navio mais deslumbrante, a nossa eterna e nova caravela. O mais rápido ônibus espacial. O mais gigantesco foguete. A maior nave espacial. A floresta mais espessa. O maior de todos os rochedos. O refúgio mais confortável. A estátua mais móvel. O torrão inteiro aberto sob os nossos passos, fumegante. (SERRES, 1991, p. 139)

Casa, lar, nave – a Terra é um organismo vivo, em permanente vitalidade, homeostática, em equilíbrio dinâmico em que a tendência à neguentropia contrabalança a correlata tendência à entropia:

Os seres vivos<sup>54</sup> produzem entropia e ao mesmo tempo escapam da entropia. Eles metabolizam a desordem e o caos do meio ambiente em ordens e estruturas complexas que se auto-organizam, fugindo à entropia (produzem negentropia, entropia negativa, positivamente, produzem sintropia). (BOFF, 2004, p. 31)

Do micro ao macro – e vice-versa:

Por um lado, não vemos os micróbios passarem, em trânsito; os micróbios que, no entanto, todos carregam aos bilhões. Por outro, não vejo minhas células mudarem. Entretanto, elas cometem suicídio por apoptose a cada segundo, e novas as substituem. Não sou mais eu? Ainda sou eu? Não sou uma substância; sou um intercâmbio de substituições. Por acaso já vi minhas rugas se aprofundarem? Meu corpo, cada organismo – relógio ontogenético – gira, valsa e rola como um redemoinho.<sup>55</sup> (SERRES, 2012, p. 177-178)

---

*The pictogram represents the five spheres around which Hundertwasser's concerns revolve, and thus the five chapters of the book. The first skin: The epidermis; The second skin: The clothes; The third skin: Man's house; The fourth skin: The social environment and the identity; The fifth skin: The global environment - ecology and mankind.* Disponível no site da Fundação Hundertwasser : [https://hundertwasser.com/en/applied-art/apa382\\_mens\\_five\\_skins\\_1975](https://hundertwasser.com/en/applied-art/apa382_mens_five_skins_1975) Acesso em 15 ago.2022.

54 Em outras passagens, Boff deixa claro que considera a vitalidade intrínseca a todos os seres-coisas, não necessariamente estritamente viventes. (BOFF, 2004 e 2014)

55 *"we don't see the microbes pass in transit, the microbes that nonetheless everyone carries by the billions. Here, I don't see my cells change. Yet, they commit suicide by apoptosis every second, new ones replacing them. Am I no longer me? Am I still me? I'm not a substance; I'm an interchange of substitutions. Have I ever seen my wrinkles deepen? My body, every organism – an ontogenetic clock – turns, waltzes and rolls like an eddy."* (tradução nossa)

Nossa nave-corpo, como nossa nave-planeta: “está tão soberbamente concebida que consegue manter a vida regenerando-se a bordo apesar do fenômeno da entropia, pelo qual todos os fenômenos físicos locais perdem energia.” (FULLER, 1998, p. 29)

Assim como o mitológico navio de Teseu, os reparos são feitos em alto mar.

Após uma travessia de cinquenta anos, ao chegar no destino, o paradoxo: nenhuma peça do navio original remanesceu: é ainda o mesmo navio ou não?

A nave — o navio, o planeta, o corpo — vai sendo reparado à medida em que avança.

Talvez o que importa não seja tanto se ele é ou não o mesmo navio da partida, nem mesmo se alcançará o objetivo ou, sequer, se há um objetivo a atingir, mas sim que prossiga em seu rumo, em equilíbrio dinâmico e vivo, ainda que transformado.

## 5.2 BIOSFERA, TECNOSFERA, ...UMA SÓ ESFERA

“Antes longe era distante  
Perto só quando dava  
Quando muito ali defronte  
E o horizonte acabava  
Hoje lá trás dos montes  
Den'de casa camará

“De jangada leva uma eternidade  
De saveiro leva uma encarnação

Pela onda luminosa  
Leva o tempo de um raio  
(...)  
De avião o tempo de uma saudade”  
Gilberto Gil

Se todas as criações — e destruições — humanas passam a integrar a esfera planetária, assim também o lixo que a humanidade gera. Nele esbarram nossos personagens ficcionais — em uma das ilhas de lixo que, infelizmente, de fato acumulam-se nos oceanos reais:

— Ouvi falar dessas ilhas repugnantes, mas pensei que estivessem só no Pacífico — disse em dado momento Laura, a arqueóloga. — Então é este o testemunho que deixamos? (...) A navegação dentro daquele lixo flutuante continuou e durou algumas horas.”<sup>56</sup> (BACH, 2017, cap. 20)

No romance e na realidade assemelham-se as preocupações:

Que destino devemos reservar para os detritos gerados por nossa frenética atividade de transformação da natureza em cultura? Sim, porque o resultado final de toda nossa manipulação de palavras, imagens, artefatos é um imenso acúmulo de lixo, mesmo que eletrônico. (FLUSSER, 2007, p. 15)

Esse uso abusivo, desenfreado e inconsequente, vai criando uma espécie de mundo paralelo, como adverte Flusser:

...não são dois mundos que circundam o homem, mas sim três: o da natureza, o da cultura e o do lixo (...) O que se constata é que o lixo retorna para a natureza. A história humana, portanto, não é uma linha reta traçada da natureza à cultura. Trata-se de um círculo, que gira da natureza à cultura, da cultura ao lixo, do lixo à natureza, e assim por diante. (FLUSSER, 2007, p. 60-61)

**Fotografia 5: ilha de lixo no Mar do Caribe**



**Foto: Caroline Power<sup>57</sup>**

Na verdade, jogar o lixo “fora” não passa de ilusão, quando se compreende a unidade sistêmica em que tudo se integra — planeta, Sistema Solar, galáxia, universo: não há lado de fora.

<sup>56</sup> “*Ho sentito parlare di queste isole schifose, ma pensavo che fossero solo nel Pacifico*» disse a un certo punto Laura, l’archeologa. «*È dunque questa la testimonianza che lasciamo?*’ (...). *La navigazione dentro quella spazzatura galleggiante continuò e durò per qualche ora.*”

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41853621> Acesso em 01 ago.2022. “Estudo quantificou a dimensão do lixo oceânico: três vezes o estado da Bahia” in <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2018/03/grande-deposito-de-lixo-do-pacifico-contem-87-mil-toneladas-de-plastico.shtml> Acesso em 01 ago.2022

O cultural – inclusive o tecnológico e, inclusive, o resíduo de toda a intervenção humana – não é uma “segunda Natureza”, no sentido de que seja outra Natureza ou de que exista separado dela, mas sim porque, embora criado depois e a partir dela, passa a integrar sua totalidade.

Não somos capazes de criar algo que escape à natureza. Tudo o que criamos é criado a partir do que já existe e passa a inscrever-se, a estar inscrito e circunscrito, à realidade.

A partir do momento em que lhe damos existência, essa existência está no mundo, na natureza. Mesmo que a pretendamos excluir, expulsar – como fazemos com o lixo espacial, por exemplo: passa a integrar a realidade cósmica. Ainda que não tenhamos alcance para compreender ou, menos ainda, prever os desdobramentos do que criamos – ou expulsamos da criação –, pois a escala espaço-temporal ultrapassa a nossa própria.

Com a *internet*, pensávamos ter criado a abstração suprema, a mente sem corpo: a inteligência artificial. Entretanto, também o virtual faz parte do real. Um entendimento dualista que o imagina fora da realidade tem sido forçado a o reconhecer quando é atingido por seus efeitos reais, benéficos ou nocivos.

Guattari já antevia a integração do tecnológico ao ecológico – o ambiente em que o humano existe, e de que é indissociável:

Essa tensão existencial operar-se-á por intermédio de temporalidades humanas e não-humanas. Entendo por estas últimas o delineamento ou, se quisermos, o desdobramento de devires animais, vegetais, cósmicos, assim como de devires maquínicos, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas (e assim que vemos desenvolver-se a olhos vistos a expansão prodigiosa de uma subjetividade assistida por computador). (GUATTARI, 1990, p. 20)

É preciso, no entanto, lembrar que a tecnologia é que deveria estar a serviço do humano, e não o contrário:

O processo industrialista fez com que o domínio do ser humano sobre o instrumento se tornasse o domínio do instrumento sobre o ser humano. Criado para substituir o escravo, o instrumento tecnológico acabou por escravizar o ser humano ao visar a produção e o consumo em massa de forma ilimitada. Fez surgir

uma sociedade cheia de aparatos, mas sem alma. (BOFF, 2014, p. 120)

Os avanços tecnológicos, incorporados à vida cotidiana, passam a fazer parte do modo como os sujeitos percebem toda a realidade, a si próprios, às interações com os outros e no meio ambiente e, mesmo, o espaço e tempo.

Tudo está conectado por cabos: como o velame ao mastro? Ou o navio ao cais? Cabos visíveis ou invisíveis, análogos ao cordão umbilical:

Voando suficientemente alto para a ver toda, eis-nos ligados a ela pela totalidade dos nossos saberes, pela soma das nossas técnicas, pelo conjunto das comunicações, pelas torrentes de sinais, por todos os cordões umbilicais imagináveis, vivos e artificiais, visíveis e invisíveis, concretos ou de pura forma. Aparelhados assim desde muito longe, puxamos essas cordas até as compreendermos todas.

A humanidade astronauta flutua no espaço como um feto no líquido amniótico, ligado à placenta da Mãe-Terra através de todos os canais de alimentação. (SERRES, 1991, p. 140)

No ecorromance em análise, um dos traços emblemáticos da desconexão da terra firme da realidade é a falha progressiva de todos os sistemas de comunicação: televisão, telefone, internet – contribuindo para a desorientação dos personagens.

De fato, cada vez mais nos orientamos por conexões digitais: “A própria noção de distância deixou de ser medida em termos de quilômetros. Queremos saber se para onde vamos há rede telefônica. O fim do mundo é onde não há cobertura de antena.” (COUTO, 2009, p. 52)

Altera-se, portanto, toda a percepção — de si, do entorno, do tempo e espaço — na medida em que é tolhida a possibilidade de recurso às tecnologias já alcançadas.

Não raro a arte antecipa à normalidade do uso cotidiano aparatos, artefatos e tecnologias de vanguarda. Foi assim com a telefonia celular e os microchips dos filmes detetivescos, por exemplo, banalizando no imaginário coletivo a comunicação à distância e o armazenamento de

grandes quantidades de informação codificada em minúsculos cartões de memória.

Júlio Verne antecipou-se em muito à ciência ao imaginar, entre outras, a navegação espacial em *Da Terra à Lua* - ficção de 1860 cujo feito a realidade só logrou igualar cerca de um século depois, em 1969.

Se não alcança o prodígio de antever um futuro imponderável, Maria Ivana Trevisani Bach, via seus personagens, alerta para potenciais futuros, perigosamente anunciados pelas escolhas pretéritas e presentes quanto aos investimentos tecnológicos – salvo a decisão de alterarmos a rota.

Creio que o próximo desafio, o mais traiçoeiro, será o de romper a enorme montanha de inconsciência e irresponsabilidade do mundo atual para escavar uma passagem, uma via que permita uma equilibrada e duradoura sobrevivência de nossa espécie no planeta. Esta será a travessia crucial! Muito mais perigosa que a das antigas colunas de Hércules.<sup>58</sup> ( Apêndice A, p. 36)

No livro *Inquietante Crociera* muitas tecnologias são apresentadas, contudo, de nada valem aos personagens desorientados e desinteressados.

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos. (GUATTARI, 2001, p. 12)

Resta a provocação, o desafio, o estímulo para que a inteligência da espécie humana erija-se em sabedoria, unindo arte e engenho, ciência e consciência, estética e ética nos esforços em direção a novas e melhores tecnologias capazes de superar as contradições, conciliar os

---

<sup>58</sup> *“Credo che la prossima sfida, quella più insidiosa, sarà quella di spaccare l’enorme montagna di incoscienza e di irresponsabilità del mondo attuale per scavare un varco, una via che permetta un’equilibrata e duratura sopravvivenza della nostra specie sul pianeta. Quello sarà il passaggio cruciale! Molto più pericoloso delle antiche colonne d’Ercole.”*

paradoxos, sendo de fato utilizadas a serviço da “equilibrada e duradoura sobrevivência” do planeta como um todo.

Alguns tem aventado a hipótese de uma catástrofe de dimensões apocalípticas. Isso é possível, mas não fatal. Importa deixar em aberto a chance de um uso convival dos instrumentos tecnológicos a serviço da preservação da vida, do bem viver da humanidade e da salvaguarda da nossa civilização. (BOFF, 2014, p. 122)

Até porque, como enfatiza Viveiros de Castro:

A ‘alma’ e seus avatares leigos modernos, a ‘cultura’, a ‘ciência’ e a ‘tecnologia’, não nos isentam nem nos ausentam desse comprometimento não desacoplável com o mundo,\* até porque o mundo, segundo os Yanomami, é um plenum anímico, e porque uma verdadeira cultura e uma tecnologia eficaz consistem no estabelecimento de uma relação atenta e cuidadosa com “a natureza mítica das coisas” — (CASTRO, 2015, p. 14)

A jangada ainda é fato. Nave espacial também já é. Meio de transporte. Instrumento de trabalho. Ferramenta de prospecção do espaço sideral. Entre estes extremos situa-se o navio de cruzeiro: turismo de entretenimento e lazer, ostentação e desperdício, luxo e alienação, à deriva sobre o oceano da narrativa “ficcional” de Maria Ivana Trevisani Bach.

### 5.3 A PERCEPÇÃO DA CRISE e a CRISE DE PERCEPÇÃO

“Dormem muito,  
mas só sonham consigo mesmos.”  
Davi Kopenawa,  
sobre o homem branco

O campo da percepção humana certamente influencia, se não determina, o campo de sua atuação.

Com a percepção em crise, como perceber a crise? E, sem se aperceber da crise, como atuar para solucioná-la?

Capra já tinha identificado que a grave crise é de percepção:

Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. Ela deriva do fato de que a maioria de nós, e em especial nossas grandes instituições sociais, concordam com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo superpovoado e globalmente interligado. (CAPRA, 2006, p. 23)

Mantendo, porém, uma perspectiva otimista, desde que levadas a efeito as mudanças necessárias:

*Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. E, de fato, estamos agora no princípio dessa mudança fundamental de visão do mundo na ciência e na sociedade, uma mudança de paradigma tão radical como o foi a revolução copernicana. Porém, essa compreensão ainda não despontou entre a maioria dos nossos líderes políticos. O reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a nossa sobrevivência ainda não atingiu a maioria dos líderes das nossas corporações, nem os administradores e os professores das nossas grandes universidades. (CAPRA, 2006, p. 23-24) (destaque em itálico no original)*

Frágil mas inteligente — ou assim autoproclamada —, a humanidade buscou entender o mundo para escapar de estar à mercê dos humores instáveis das estações, arrogando-se, neste afã, uma superioridade fictícia:

*Só o próprio homem é que, talvez por ter dominado o fogo, se supôs diferente/superior aos demais entes da criação, chegando a inventar um Deus que autenticasse seus mandos e desmandos sobre as demais criaturas. (CANTARIN, 2013, p. 62)*

De fato, o avanço das ciências, a ampliação e aprofundamento dos conhecimentos, foi cada vez mais revelando a infinita diversidade dos seres e coisas que, nesta busca cientificista explorou, cindiu, dissecou.

Esqueceu-se de que toda classificação, separação, categorização, é sempre meramente para fins didáticos, para ajudar a



entender o que não dá conta de compreender: a complexidade que sempre escapa por sua dimensão extrema.

Contudo, é impossível escapar a ela: o ser humano é e está natureza: estar-e-ser — estes verbos não bipartidos em outros idiomas —, numa dinâmica viva de pertencimento complexo, reciprocamente implicado, imbricado, interativo.

É ilusória a independência dos territórios da Física, da Química, da Biologia, da Mecânica Quântica, da nova cosmologia e de outros. Todos os territórios e seus saberes são interdependentes, uma função do todo, como deixou claro a Teoria da Complexidade e a própria Física Quântica à la Heisenberg ou à la Bohr. (BOFF, 2014, p. 24)

Se a separação, para reconhecimento particularizado dos elementos constitutivos, já limita o campo de visão, ainda mais quando, dentre a multidimensionalidade viva, extrai-se apenas duas categorias extremas entre si e polarizadas, desconsiderando todas as outras.

E, pior, quando, pretensiosamente, erige-se prioridades, hierarquias, preconceituosas e aleatórias preponderâncias de uns elementos em relação a outros.

O verdadeiro problema, portanto, não está em distinguir, mas sim em contrapor; não, em diferenciar, mas sim em priorizar; na inferência infundada da hierarquia de um dos termos sobre outro. Como bem identificou Val Plumwood:

*...o simples diferenciar homens e mulheres, seres humanos da natureza, ou a razão da emoção não constitui, por si só, um antropocentrismo ou um androcentrismo problemáticos. Ao contrário, o modelo subjacente de supremacia compartilhado por essas formas de opressão baseia-se numa diferenciação alienada e na negação da dependência: na cultura euro-americana dominante, os seres humanos não são apenas distinguidos da natureza, mas opostos a ela de um modo que os torna radicalmente alienados da natureza e superiores a ela. Essa polarização, ou “hiperseparação” amiúde envolve uma negação da verdadeira relação do termo superior com o inferior. (apud GARRARD, 2006, p. 43-44) (grifos nossos) (itálico no original)*

Ou seja, há distinção, hierarquia é que não há; há diferença, separação é que não há.

A visão mecanicista estrita não é apenas estreita mas flagrantemente ilusória, pois a realidade de fato não se limita a dicotomias: é múltipla, diversa, complexa, relacional.

Os binarismos são uma simplificação reducionista que subestima a complexidade do mundo e a especificidade das situações que querem explicar, resultando, portanto, ineficazes.

Revela, todavia, alguma coerência, no contexto da lógica binária prevalente nos mais recentes anos — polarizada, sectarística, toda fragmentada e compartimentada —, que alguns tenham atingido o extremo de postular que a Terra é plana: o plano é bidimensional.

Explicitada a regressão a uma compreensão bidimensional do universo ou, ao menos, de nosso planeta, emerge a demanda de recordar que a Terra é, sim, redonda, “*e pur si muove*”! — como já se tornara lugar comum.

É o que nos lembra, através do diálogo dos personagens, Maria Ivana, evocando o estreito de Magalhães, cuja descoberta alargou o mundo, comprovando-o esférico: “— Exatamente nestas águas, cinco séculos atrás, Magalhães procurava uma passagem a Sudoeste para chegar ao Pacífico.”<sup>59</sup> (Apêndice A, p. 79)

É através das percepções que se estabelecem as relações do ser humano no mundo. O que é percebido, como é percebido, interpretado, metabolizado, influenciará as decisões e a atuação no mundo. Assim é que a percepção da Terra como esférica revolucionou a humanidade, especialmente depois de vista do espaço.

Historicamente, podemos dizer que, através de toda a história anterior ao século vinte, o ser humano não tinha visto individualmente mais do que um milionésimo da superfície esférica da Terra. Esta experiência limitada conferiu à humanidade um ponto de vista especializado e local. Não é, pois, de admirar que a humanidade julgasse que o mundo era plano e que os humanos pensassem que o seu plano estendido horizontalmente se prolongava circularmente até ao infinito. Ainda hoje, nas nossas escolas, iniciamos a educação das

---

<sup>59</sup> «*Proprio in queste acque, cinque secoli fa, Magellano cercava il passaggio a Sud Ovest per raggiungere il Pacifico.*” (BACH, 2017, p. 84)

nossas crianças dando-lhes planos e linhas que se prolongam incompreensivelmente "para sempre", em direção a uma infinidade sem significado. Pontos de vista assim tão supersimplificados enganam, cegam e debilitam, pois impedem a descoberta possível do significado das nossas experiências integradas. (FULLER, 1998, p. 11)

Esférica, complexa, multidimensional: nem mesmo a realidade material se limita a um plano bidimensional ou, sequer, tridimensional. Mesmo a realidade mais concreta, mais dura, é multidimensional na dinâmica dos elementos subatômicos, dos elementos químicos todos. E relacional.

Aliás, como, entre outros, Bicca salienta:

...é um grave risco a ser notado e reparado o costume de perder de vista a vitalidade da matéria e reduzir a atividade com significado ou repercussão política à ação exclusivamente humana. E decisivo agora enfatizar as contribuições das forças ou dos poderes não humanos. (BICCA, 2018, p. 267)

Pretensioso, o humano achou que alcançaria saber tudo, dirimir todas as dúvidas e mistérios, escapar à incerteza inerente à complexidade dinâmica viva do cosmos. Sem se aperceber de que, aniquilando a imprevisão, as surpresas e sustos, perderia junto a beleza do acaso.

O fato inquietante é que a vida continuou instável e a incerteza continuou sendo a única certeza.

A incerteza é inerente à vitalidade de tudo o que há. A tentativa de fugir dela, ao contrário das promessas do cientificismo, segue causando novas e, talvez, maiores incertezas. Certeza, enfim, é mera abstração.

Se a realidade é incerta, talvez se fizesse melhor em aceitar a incerteza inerente à vida e aos afetos – que o iluminismo procurou remediar. Porém, relutamos em abandonar esta ilusão:

Quanto mais consciência ecológica temos, mais fazemos experiência da inquietante estranheza. Essas observações servem ainda para lembrar a relação entre os aspectos de interconexão e incerteza. A incerteza sobre tantos pontos aqui evocados e ao evocar o estranhamente inquietante é essencial

para o encontro com o que quer que apareça como estranho. Posto que, por tanto tempo, estivemos apegados a fantasias, muitas delas detestáveis, deixá-las será algo doloroso. Como bem observou Morton, abandonar uma fantasia é mais difícil do que abandonar uma realidade. (BICCA, 2018, p. 268.) (grifos nossos)

Recusar-se a perceber a realidade é alienação – inclusive patológica. A própria percepção entra em crise devido aos esforços pela desconexão. Recusar-se à conexão com a Terra, com a materialidade da existência, é recusar-se à percepção.

“Embora continue a se alimentar da terra, a humanidade se afastou dela. Inevitável que esta desterritorialização tenha consequências.” (SERRES, *apud* BICCA, 2018, p. 245)

Em outras palavras: desconectados da Terra, desterritorializados, estamos à deriva.

Eis o que mais enfaticamente Maria Ivana Trevisani Bach denuncia à medida em que nos transporta em sua travessia inquietante: a alienação.

Inúmeros outros temas de interesse ecológico são trazidos à tona. Sim, para informar; sim, para despertar a curiosidade científica, mas, principalmente, para construir um cenário concreto e desafiador que, mesmo assim, não mobiliza nenhuma ação por parte dos personagens. Ao contrário, eles apenas se afastam e se afastam cada vez mais até a desconexão total.

Mesmo quando alguma consciência se insinua, conseguindo abrir caminho através da espessa névoa cintilante do “Efeito Las Vegas”, é descartada de imediato. Como um automatismo, um ato reflexo, a distração é recorrente durante toda a narrativa. A título de exemplo, vale citar:

A atmosfera angustiante da história de Malinka perdeu-se entre os brilhos das luzes e os reflexos dos espelhos. (Apêndice A, p. 31)<sup>60</sup>

Foi então que ela se deu conta de que naquela enorme cidade flutuante só havia sobrado adultos, a maioria velhos.

Velhos que partiam para uma longa viagem. Talvez a última de suas vidas.

A metáfora insidiosa e inevitável daquela longa viagem a perturbou.

Mas decidiu não pensar nisso. Voltou para a cabine e pôs-se a escrever.<sup>61</sup> (Apêndice A, p. 33) (grifos nossos)

Afinal o que teria acontecido? (...)

Talvez fosse melhor não pensar nisso, como se faz com um sonho mau. Ainda mais que, afinal, tudo parecia ter voltado ao normal.

Como sempre.<sup>62</sup>(Apêndice A, p. 73)

Faz parte da estratégia, a reforçar a dispersão generalizada, o destaque dado à estátua do casal etrusco, com seu ar plácido e alienado, o *Sarcófago do Casal* que a autora retira do Museu Nacional Etrusco de Villa Giulia, de Roma, e o expõe em área nobre do navio Etrúria para uso recorrente ao longo do texto. Como amostra:

Nesse momento, o cineasta levantou-se e foi filmar com sua camerazinha a estátua do casal etrusco que estava na frente deles. (...) Talvez Fiorentino estivesse filmando aquele seu modo alienado e enigmático de sorrir às coisas do mundo.<sup>63</sup> (Apêndice A, p. 97)

---

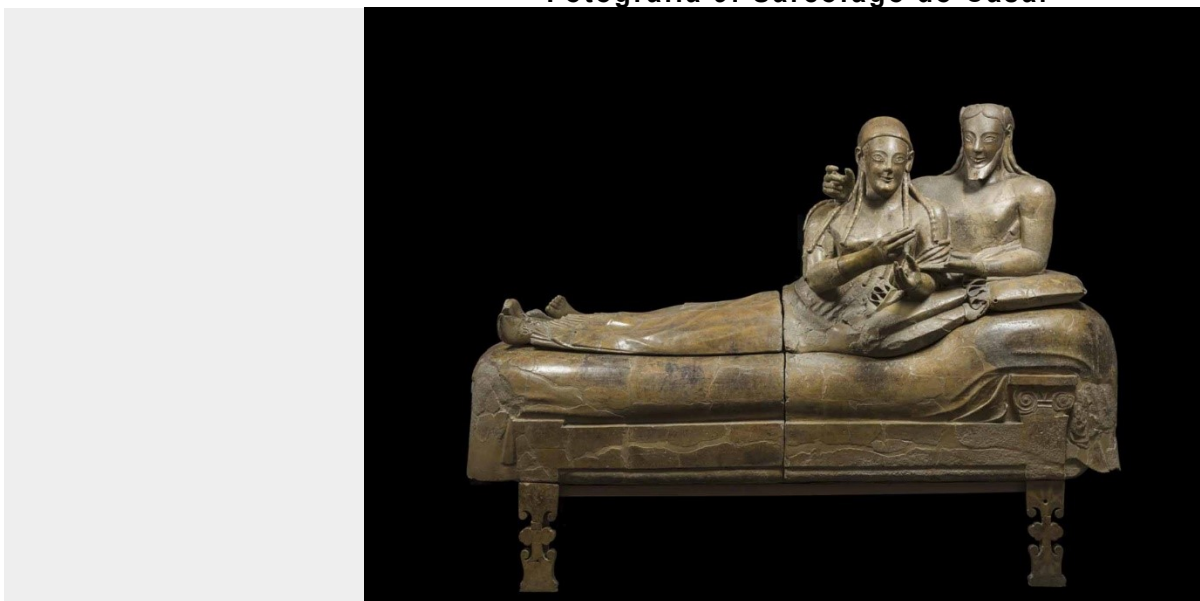
<sup>60</sup> "L'atmosfera angosciosa del racconto di Malinka si perse fra i bagliori delle luci e i riflessi degli specchi." (BACH, 2017, p. 40)

<sup>61</sup> "Allora lei si rese conto che, in quell'enorme città galleggiante, erano rimasti solo adulti, ma soprattutto vecchi. Vecchi che partivano per un lungo viaggio. Forse l'ultimo della loro vita. L'inevitabile insidiosa metafora di quel lungo viaggio l'inquietò. Ma decise di non pensarci; rientrò in cabina e si mise a scrivere." (BACH, 2017, p. 41)

<sup>62</sup> "Cos'era dunque successo? Non trovando risposta ogni passeggero decise di rinviare il problema al momento del pranzo, quando avrebbero potuto parlare con il personale. Forse era meglio non pensarci, come si fa con un brutto sogno. Tanto più che, alla fine, tutto sembrava tornato normale. Come sempre." (BACH, 2017, p. 77)

<sup>63</sup> "A quel punto, il regista si alzò e andò a riprendere con la sua telecamerina la statua degli sposi etruschi che stava loro di fronte. (...) Forse, Fiorentino filmava quel loro distaccato ed enigmatico modo di sorridere alle cose del mondo." (BACH, 2017, p. 100)

Fotografia 9: Sarcófago do Casal



Fonte: Museu Nacional Etrusco<sup>64</sup>

A desconexão é crescente durante toda a narrativa, seja pelo afastamento do navio em relação à costa, a qualquer perspectiva de porto; seja pelo crescente desinteresse dos cruzeiristas; seja pela desconexão tecnológica: “O *browser* do correio eletrônico, o telefone e a televisão não funcionavam mais.”<sup>65</sup> (Apêndice A, p. 76)

Em uma imagem mais poética: “A grande nave deslizava silenciosa sobre o mar pacificado. O sopro do tempo a levava para cada vez mais longe do porto de partida e o seu rastro se apagava na imensidão”.<sup>66</sup> (Apêndice A, p. 109)

Perdidas as coordenadas, o sujeito tem dificuldade de situar-se, de perceber-se. E, até mesmo, de distinguir-se, como ser vivo, dos “seres” de terracota.

O que Flavia viu naquele espelho foi a imagem refletida e desfocada de seu rosto, ao lado dos de seus amigos e, um pouco mais ao alto, atrás deles, a imagem ainda menos definida dos dois grandes rostos sorridentes do casal etrusco da estátua. Ficou hipnotizada por aquela visão. Não havia diferença entre as imagens refletidas. Rostos vivos e rostos de

<sup>64</sup> *Sarcófago degli Sposi*, 530~520 a.C. Museu Nacional Etrusco <https://www.museoetru.it/opere/sarcofago-degli-sposi#:~:text=Ricomposto%20da%20circa%20quattrocento%20frammenti,nella%20tipica%20posizione%20del%20banchetto>. Acesso em 09 ago.2022

<sup>65</sup> “*Il browser della posta, il telefono e la televisione non funzionavano più.*” (BACH, 2017, p. 80)

<sup>66</sup> “*La grande nave scivolava silenziosa sul pacificato mare. Il soffio del tempo la portava sempre più lontano dalla sponda di partenza e la sua scia svaniva nell’immenso.*” (BACH, 2017, p. 112)

terracota refletidos juntos sem mais nenhuma perspectiva temporal.<sup>67</sup> (Apêndice A, p.106)

Torpor e dissociação compõem a perda de referenciais de tempo espaço como traços distópicos que contribuem para a sensação desta deriva que não é apenas espaço-temporal mas também existencial.

A narrativa provoca também no leitor a sensação de dissolução dos referenciais de tempo e espaço, ao mesmo tempo em que se reconhece na apatia generalizada, na falta de interesse e de perspectivas.

Como indivíduos e como sociedade, é experienciada em concreto a deriva que a ficção do *Cruzeiro Inquietante* metaforiza.

Etimologicamente, do francês, *perdre de vue la rive* (perder a margem de vista), a “deriva” explicita a perda de conexões, com a resultante angústia que a autora foi bem sucedida em transmitir: a nave desencarnada da terra firme, como as pessoas/personagens desencarnadas de quaisquer relações; a nave na superfície da água, como as personagens/pessoas na superficialidade dos temas e preocupações.

Sem chão, sem orientação, sem rumo. Perda de referenciais e da própria identidade, levando à inércia, à perda da iniciativa, por não saber que direção tomar. São algumas associações trazidas por Licia Soares de Souza ao tratar da deriva como tema de desterritorialização, de mobilidades sociais, em contexto contemporâneo. O convite ao consumo antes de a atividades significativas de sociabilidade, bem como a impotência e/ou sensação de impotência ante as diferentes crises — política, econômica, ambiental,... — são algumas das causas para esta deriva que, ainda segundo a mesma autora, acarreta violência e criminalidade em geral. (SOUZA, 2010, p. 87 a 108)

---

67 “*Quello che Flavia vide in quello specchio, fu l’immagine riflessa e sfuocata del suo viso, a fianco di quelli dei suoi amici e, poco più in alto, dietro di loro, l’immagine ancor meno definita delle due grandi facce sorridenti degli sposi etruschi della statua. Rimase ipnotizzata da quella vista. Non c’era differenza fra le immagini riflesse. Visi vivi, e visi di terracotta, riflessi insieme senza più alcuna prospettiva temporale.*” (BACH, 2017, p. 108)

Ante a avalanche de informações disponíveis no mundo atual, inclusive quanto à magnitude das crises que a humanidade atravessa, são comuns as estratégias de fuga, negação da realidade, bem como a responsabilização de terceiros. Sentindo-se impotente diante das demandas, individual ou coletivamente, deliberada ou inconscientemente, escolhe-se a alienação.

Veja-se, de forma muito sintética, o que traz Marilena Chauí sobre o “fenômeno da alienação”:

Em geral, considera-se que o exterior (as coisas naturais, os produtos do trabalho, a sociedade, etc.) é algo positivo em si e que se distingue do interior (a consciência, o sujeito). (...) Essas duas faces aparecem como separadas, mas essa separação foi produzida pelo próprio Espírito, ao se exteriorizar nas obras e ao se interiorizar compreendendo sua produção. Ora, quando a interiorização não ocorre, isto é, quando o Sujeito não se reconhece como produtor das obras e como sujeito da história, mas toma as obras e a história como forças estranhas, exteriores, alheias a ele e que o dominam e perseguem, temos o que Hegel designa como alienação. Esta é a impossibilidade do sujeito histórico identificar-se com sua obra, tomando-a como um poder separado dele, ameaçador e estranho. (CHAUÍ, 2006, p. 16-17)

Alienar-se, recusando-se a perceber o que a realidade sensorial lhe apresenta. Alienar-se também significa abdicar da liberdade de ser. E alienar a outrem o poder e a responsabilidade das decisões. (CHAUÍ, 2006)

Alienação, reificação, fetichismo: é esse processo fantástico no qual as atividades humanas começam a se realizar como se fossem autônomas ou independentes dos homens e passam a dirigir e comandar a vida dos homens, sem que estes possam controlá-las. São ameaçados e perseguidos por elas. Tornam-se objetos delas. Basta pensar no trabalhador submetido às “vontades” da máquina regulada por um “cérebro eletrônico”, ou no indivíduo que, jogando na bolsa de valores de São Paulo, tem sua vida determinada pela falência de um banco numa cidade do interior da Europa, de que nunca ouviu falar. (CHAUÍ, 2006, p. 23)

Esta renúncia ao pensamento e à ação equivale a abdicar à liberdade-responsabilidade, voluntária submissão a vontades alheias e difusas: seja do poder constituído, da opinião pública, das redes sociais, da “inteligência artificial” – não por escolha mas por abdicar de escolher. Acarreta, até mesmo, a objetificação das pessoas – do outro e de si mesmo.



Não é o conhecimento, mas sim o conhecimento do conhecimento, que cria o comprometimento. (...) Em geral, ignoramos ou fingimos desconhecer isso, para evitar a responsabilidade que nos cabe em todos os nossos atos cotidianos, já que todos os seres – sem exceção – contribuem para formar o mundo em que existimos e que validamos precisamente por meio deles, num processo que configura o nosso porvir. Cegos diante dessa transcendência de nossos atos, pretendemos que o mundo tenha um devir independente de nós, que justifique nossa irresponsabilidade por eles. (MATURANA, p. 270-271) (grifos nossos)

Uma espécie de preguiça em que o ser humano se deixa levar à mercê de suas próprias criações, como mero usuário, consumidor. E resta anestesiado pelo excesso de informações, de distrações e de consumo. Tal qual os personagens de Maria Ivana T. Bach.

Ora, a anestesia é uma espécie de suspensão da vida, na medida em que bloqueia as antenas sensoriais através das quais o ser se relaciona com os outros seres e coisas e, inclusive, consigo mesmo.

De sua própria etimologia se extrai que, “anestesia” é a negação da “*aesthesis*”: a faculdade de perceber.

Esta aptidão para a comunicação, portanto, para o estabelecimento de relações. Capacidade esta que está em crise: “Nunca o nosso mundo teve ao seu dispor tanta comunicação. E nunca foi tão dramática a nossa solidão. Nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitámos tão pouco.” (COUTO, 2009, p. 8).

“Estética” não como um predicado, um adjetivo, mas uma estética substantiva, potencialmente constitutiva do sujeito, a lhe demandar atenção para efetivo exercício, para efetiva inserção no mundo, “sendo-estando”, com a liberdade-responsabilidade inerente à ética do pertencimento de que se falou em capítulo anterior. Acessando essa potencialidade de apercepção é que se poderá estabelecer – ou não – a relação.

A postura ecológica não é mera contemplação: o sujeito não apenas observa mas faz parte do que observa e, integrado, de dentro percebe. Atenção-percepção em que emprega todos os sentidos, todos os sensores físicos que engajam a presença no ambiente e tornam

possível a relação com o outro — humano, animal, vegetal; entes vivos ou não — que, então, deixa de ser mero objeto ou abstração.

É o contrário de uma postura utilitarista, cuja premissa é a objetificação dos seres, coisas-mundo e, até, das pessoas. No utilitarismo, onde há uso e/ou abuso, não se estabelece relação mas mero consumo.

Viver é essa dimensão complexa de engajamento no mundo, mediante uma cognição enraizada na corporeidade, *embodied cognition* como chamam alguns autores de língua inglesa, entre os quais Alexa Weik von Mossner que enfatiza, ainda, o aspecto relevante do afeto a determinar a qualidade das percepções, intensidade dos vínculos e direção das ações. O afeto para que se reconheça o pertencimento e se exerça o cuidado em relação à natureza, com todos os seus seres e coisas.

Afetar também é vincular, concernir, relacionar-se a, dizer respeito a, interessar. Pois bem, não há como desafetar o ser humano da natureza.

A busca de tudo acessar mediante a razão estrita, lógicas mecanicista, simplista, reducionista; o estabelecimento de vínculos estritamente lógico-rationais, culmina por descambar em desconexão e ausência de vínculo.

Impasse: sim, talvez a inteligência artificial seja capaz de se igualar a este humano que abdica de o ser; que, renunciando às conexões no mundo, renuncia à sua liberdade.

Para estar menos à mercê da “máquina” cabe ao ser humano se capacitar mais naquilo em que dela se diferencia: um “pensamento” que não é mera operação lógico-rationais mas que se enraíza no corpo e em todas as dimensões sensoriais, sensíveis, emocionais, afetivas do ser e que, assim, o constitui livre e responsável.

A par de que tais renúncias são, na prática, impossíveis: pertencer é da essencialidade do ser.

## 5.4 APOCALIPSE NÃO.

*Ella está en el horizonte — dice Fernando Birri —.  
Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el  
horizonte se corre diez pasos más allá.  
Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré.  
¿Para qué sirve la utopía?  
Para eso sirve: para caminar.<sup>68</sup>*  
Eduardo Galeano, citando Fernando Birri

Desde que o mundo é mundo – ou, pelo menos, há mais de 3.000 anos – a crença no fim do mundo assombra a humanidade. Como tema de obras de arte, e literatura em particular, tem menos um caráter de previsão do futuro e mais de exortação a evitar o apocalipse. (GARRARD, 2006, p. 141)

Evitar justamente porque não é impossível, especialmente ante as agressões reiteradas, sistemáticas e generalizadas:

A possibilidade de uma implosão barbara não está de jeito nenhum excluída. E se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...” (GUATTARI, 2001, p. 16/17)

Sob o aspecto dos perigos presentes e futuros que denuncia, a obra se aproxima do que Garrard chamou de “apocaliptismo ambiental” (GARRARD, 2006, p. 134), denunciando as ameaças reais para que sirvam de alerta e desafio.

Nessa estratégia, aponta os riscos que a crise ambiental representa, especialmente se continuar a ser ignorada. Utiliza-se, para tanto, de um contexto distópico.

---

68 “A utopia está no horizonte — diz Fernando Birri. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos mais para lá. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”. (GALEANO, 2001, p. 230) (tradução minha)

Se a utopia é um “não-lugar” no sentido de uma perfeição inatingível, um local ideal e idealizado, a distopia define-se *a contrario sensu*: a anti-utopia, um lugar indesejado.

A distopia, como gênero literário, critica a realidade acentuando-lhe os caracteres negativos existentes de fato.

Se a utopia, como disse o cineasta Fernando Birri, serve para incitar a seguir caminhando (*apud* GALEANO, 2001, p. 230), a distopia, em contraposição, avisa a mudar de direção, sob pena de chegar-se ao futuro indesejado.

Trevisani Bach cria uma ambiência de suspense e angústia neste “cruzeiro inquietante” em que transporta o leitor. Enquanto o exorta a evitar que o pesadelo se realize, elenca uma série de problemas reais enfrentados pela humanidade.

Entre eles, recorda a epidemia do vírus ebola, com a personagem que atuou como voluntária nos esforços sanitários e humanitários.

Depois de uma breve pausa, temendo tocar em um assunto delicado e doloroso para Malinka, Flávia acrescentou:  
 — E como está o Ebola agora, lá na África, doutora Koisan?  
 — Não vai nada bem não. Em alguns momentos a infecção parece contornada. Depois reaparece repentinamente a centenas de quilômetros de distância. Onde às vezes não há nem ao menos as mais elementares condições sanitárias. Nem sei como é que isso vai acabar. Uma tragédia sem fim...<sup>69</sup>  
 (Apêndice A, p. 31)

Quando da escrita e publicação do *Cruzeiro Inquietante*, o alastramento de eventual epidemia viral a proporções planetárias era inconcebível — sendo recebido como absurdo pelos amigos de Flávia, quando ela conta do burburinho que ouviu pelo navio: “— Que temos infectados de Ebola a bordo e que fazem a gente continuar navegando para esconder que estamos em quarentena.”<sup>70</sup>(Apêndice A, p. 95)

---

<sup>69</sup> *Dopo una breve pausa, con un certo timore di toccare un argomento delicato e doloroso per Malinka, Flavia aggiunge: «Come sta andando l’Ebola, adesso, laggiù in Africa, dottoressa Koisan?» «Non bene, non bene. In certi momenti l’infezione sembra arginata. Poi riprende improvvisamente a centinaia di chilometri di distanza. Dove magari non ci sono nemmeno le più elementari strutture sanitarie. Non so proprio come andrà a finire. Una tragedia senza fine...»* (BACH, 2017, p. 39)

<sup>70</sup> *«Che abbiamo ammalati di Ebola a bordo e che ci fanno navigare per nascondere che siamo in quarantena.»* (BACH, 2017, p. 99)

Infelizmente, porém, contra todos os prognósticos razoáveis, essa perspectiva surreal e distópica acabou por se realizar com a pandemia do vírus SARS-COV-2.

Como visto anteriormente, o mais enfático traço distópico do livro é também um dos que mais caracteriza nossa distópica contemporaneidade: esta alienação que a resenha do livro chamou de “indiferença culpável”.

De fato, uma das características marcantes das distopias é a inércia da maioria das populações descritas. Embora, em geral, os personagens principais caracterizem a revolta e as eventuais forças de mudança, a maioria dos demais permanece na imobilidade — inclusive pela impotência face à magnitude dos autoritarismos, das forças opressoras, sejam estas governamentais ou de outra ordem.

Diferentemente dos personagens das distopias de Orwell e Huxley, em que os protagonistas são dissidentes, percebem e se insurgem contra o sistema que os oprime, na obra de Maria Ivana Trevisani Bach é com a apatia, impotência e/ou indiferença que o leitor é convidado a se identificar.

Ante cada nova demanda que se lhes apresenta, segue-se sempre a deserção, a opção pela distração, a inércia, a desresponsabilização.

Todavia, quanto mais se afastam da realidade, mais perdem a autonomia, a liberdade. Já não podem fazer nada: nada lhes pode ser exigido — tampouco podem se autodeterminar em qualquer sentido que seja.

Na letargia generalizada e inquietante do cruzeiro de entretenimento que se extraviou, quando muito, alguma das personagens anseia por algo melhor, indefinido que, passivamente espera ver se materializar no horizonte:

Malinka, a seu turno, com frequência saía para o ar livre para investigar o horizonte. Buscava algum indício que a fizesse

gritar: “Terra! Terra!” — como um antigo marinheiro das caravelas de Colombo.<sup>71</sup> (Apêndice A, p. 83)

— Eu, ao contrário, sinto que lá adiante, lá mesmo naquele horizonte que é também o limite extremo dos meus pensamentos, bem lá adiante naquela trêmula linha de madrepérola onde o mar acaba, sinto que há alguma espécie de expectativa. A expectativa de algo que aguarda por nós.

— Eu, ao contrário, vejo lá somente a expectativa do próximo pôr do sol — sussurrou Ferretti.<sup>72</sup> (Apêndice A, p. 109)

À realização da utopia, porém, não basta que o horizonte esteja aberto, é necessária uma efetiva atitude, como bem esclarece Boaventura Sousa Santos:

A utopia assenta em duas condições: uma nova epistemologia e uma nova psicologia. Enquanto nova epistemologia, a utopia recusa o fechamento do horizonte de expectativas e de possibilidades, e cria alternativas; enquanto nova psicologia, a utopia recusa a subjectividade do conformismo e cria a vontade de lutar por alternativas. (SANTOS, 2018, p. 75)

A nave Etruria está à deriva. Talvez possa derivar para um outro destino, um percurso a escolher, deliberado. Para tanto, porém, será preciso que se interponha alguma atitude. Seus passageiros, os personagens deste “cruzeiro inquietante” não parecem dispostos a tanto. Aliás, não há notícia de que estejam minimamente interessados. Estão meramente vagando em suspensão, na superfície do oceano, na superficialidade da própria vida.

Além de espacialmente perdidos, estão também em uma deriva temporal. A ruptura entre passado e futuro é bem demarcada no capítulo 09:

O momento era mágico. Somente o silêncio poderia ser o pano de fundo perfeito para tal espetáculo.

---

71 “*Malinka, invece, usciva spesso all’aperto per esplorare l’orizzonte. Cercava qualche indizio che le facesse gridare: ‘Terra!’ ‘Terra!’ Come un antico marinaio delle caravelle di Colombo.*” (BACH, 2017, p. 81)

72 «*Io, invece, sento che laggiù, proprio laggiù in quell’orizzonte che è poi anche l’estremo confine dei miei pensieri, laggiù su quella tremante linea di madreperla dove finisce il mare, sento che c’è una specie di attesa. Un’attesa di qualche cosa che ci aspetta.*» «*Io, invece, ci vedo solo l’attesa del prossimo tramonto*» sussurrò Ferretti. (BACH, 2017, p. 112)

Estavam navegando exatamente entre os dois mares, mas também navegavam entre dois tempos: o passado que ficava para trás, à popa, e o futuro incógnito, que se anunciava à proa.

Passaram-se alguns minutos e o sol se pôs. Os tons de cinza substituíram progressivamente os rubros. As luzes intermitentes dos faróis sobre os promontórios foram ficando cada vez mais nítidas e marcaram o tempo de uma nova realidade.

Desconhecida.<sup>73</sup> (Apêndice A, p. 37)

São simultâneas, a partir daí, as perdas de referencial de espaço e de tempo, ambos aspectos da desconexão distópica.

Os personagens de Maria Ivana se veem presos no tempo presente, sem lembranças nem expectativas. Uma provável alusão ao imediatismo da sociedade atual: “— E será que nós ainda somos capazes de ter desejos? — perguntou Ferretti.”<sup>74</sup>(Apêndice A, p. 102) Também:

...temos necessidade de futuro. Você tem um projeto. Portanto, um tempo futuro para o realizar. Ao contrário, a maioria destes passageiros, inclusive eu, não temos.

- Mas, sabia que não consigo mais escrever?

- Mau, muito mau. Pensa no teu trabalho. Não se deixe levar por esta nave que é exclusivamente presente.<sup>75</sup>. (Apêndice A, p. 77)

Houve um tempo em que, invocando a sabedoria ancestral oriental, postulou-se por um retorno ao presente, pois a humanidade estaria doente de passado (nostalgia, remorso,...) e de futuro (ansiedade, medo,...). Mas o presente estanque, sem memória nem projetos, também é desconexo, estéril. Tampouco o tempo existe a não ser considerado em relação. Perdido o “tônus gravitacional” entre passado, presente, futuro, o tempo “desanda” em deriva.

---

<sup>73</sup> *“Il momento era magico. Solo il silenzio poteva essere il perfetto sottofondo di un tale spettacolo. Navigavano esattamente fra i due mari, ma navigavano anche fra due tempi: quello del passato che restava indietro, a poppa, e quello ignoto del futuro, che si annunciava a prua. Passarono alcuni minuti, poi il sole tramontò. I grigi si sostituirono progressivamente ai rossi. Le luci intermittenti dei fari sui promontori si resero sempre più visibili e scandirono il tempo di una nuova realtà. Sconosciuta.”* (BACH, 2017, p. 45)

<sup>74</sup> *“Ma noi, siamo ancora capaci ad avere desideri? – chiese Ferretti.”* (BACH, 2017, p. 105)

<sup>75</sup> *“...abbiamo bisogno di futuro. (...) “Pensa al tuo lavoro. Non ti lasci trasportare da questa nave che è solo presente”.* (BACH, 2017, p. 81)

Ferretti tinha razão: a imaginação precisa de um desenvolvimento, de um caminho em direção ao futuro. Renasce dos frutos que ela mesma produz. Em um poço, até a imaginação flutua como uma folha morta.”<sup>76</sup> (Apêndice A, p. 79)

- Falou bem, Flavia: uma visão em perspectiva. É bem isso: os projetos para nosso futuro devem vir de longe, de toda a nossa história, mas também devem projetar-se para adiante, em direção a uma compatível visão de mundo.<sup>77</sup>(Apêndice A, p. 109)

Na verdade, só a crença no amanhã justifica o investimento de esforços hoje:

...o verdadeiro desafio moral e político da ecologia talvez esteja na aceitação de que o mundo *não está* prestes a acabar e de que é provável que os seres humanos sobrevivam, ainda que a civilização de estilo ocidental não o faça. Afinal, somente se imaginarmos que o planeta *tem* um futuro é que tenderemos a assumir a responsabilidade por ele. (GARRARD, 2006, p. 153)

Se o indivíduo, isoladamente, não é capaz de solucionar as crises, tampouco está obrigado a se deixar levar a mercê delas.

Atualmente, o planeta é incapaz de tratar seus problemas vitais e evitar seus perigos mortais. A crise gigantesca que sofre traz em si todos os perigos do desastre, mas também as possibilidades de metamorfose. (...) Quanto mais nos aproximamos de uma catástrofe, mais a metamorfose é possível. Então, a esperança pode vir do desespero. Hölderlin dizia: “Onde cresce o perigo, cresce também o que salva” (*Patmos*) (MORIN, 2005, p. 181)

As novas soluções por elaborar demandam uma nova utopia. Este horizonte utópico que é alento, esperançoso estímulo. Que se fundamenta na imaginação ao mesmo tempo em que considera os dados da realidade, como sintetiza Boaventura Sousa Santos:

Perante isto, o único caminho para pensar o futuro parece ser a utopia. E por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que

---

<sup>76</sup> “*la fantasia ha bisogno di uno svolgimento, di un cammino verso il futuro. Rinasce dei frutti che essa stessa produce. In un stagno, anche la fantasia galleggia come una foglia morta.*” (BACH, 2017, p. 83)

<sup>77</sup> «*Ben detto Flavia, una visione prospettica. È proprio così: i progetti per il nostro futuro devono partire da lontano, da tutta la nostra storia, ma poi devono proiettarsi oltre, verso una compatibile visione del mondo.*» (BACH, 2017, p. 112)



existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito. (SANTOS, 2018, p. 74)

A utopia, assim considerada, não é fantasiosa ou impossível, ao contrário, deve desfazer-se das ilusões e ancorar-se nas relações reais que a demandam.

A minha versão de utopia é, portanto, duplamente relativa. Por um lado, chama a atenção para o que não existe enquanto (contra)parte integrante, mesmo que silenciada, daquilo que existe, ou seja, para aquilo que pertence a uma determinada época pelo modo como está excluído dela. Por outro lado, a utopia é sempre desigualmente utópica, dado que a sua forma de imaginar o novo é parcialmente constituída por novas combinações e escalas daquilo que existe, e que são, na verdade, quase sempre meros pormenores, pequenos e obscuros, do que realmente existe. A utopia requer, portanto, um conhecimento da realidade profundo e abrangente como meio de evitar que o radicalismo da imaginação colida com o seu realismo.” (SANTOS, 2018, p. 74)

Demanda, portanto, que sejam abandonadas algumas das perigosas fantasias de que padece nossa sociedade polarizada, tais como a ilusão de superioridade:

A Biologia é um modo maravilhoso de emigrarmos de nós, de transitarmos para lógicas de outros seres, de nos descentrarmos. Aprendemos que não somos o centro da Vida nem o topo da evolução. Aprendemos que as bactérias são seres sofisticados que fizeram mais do que nós, espécie humana, pela existência da Terra como um organismo vivo. (COUTO, 2009, p. 30-31)

A ilusão de que o humano está no comando e a correlata ilusão de que a matéria é inerte e disponível a usos e abusos:

...a imagem de uma matéria morta ou completamente instrumentalizada alimenta delírios arrogantes, fantasias de conquista e consumo destruidoras. Visa-se ainda induzir nas pessoas uma abertura estética afetiva em relação à vitalidade da matéria, esboçando um estilo de análise política que possa dar conta melhor das contribuições dos agentes não humanos, contribuindo para a demolição da fantasia de que nós humanos é que estamos no comando, decidimos e chefiamos tudo o que sucede, para bem ou para mal. (BICCA, 2018, p. 241)

Abandonar, também, a ilusão da desconexão, a fantasia de escapar à complexidade sistêmica e relacional do planeta — aspecto que este trabalho, com foco na obra analisada, tem enfatizado. Como diz Bruno Latour: “Não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas, pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo...” (LATOURE, 2020, p. 31)

É o pertencimento à realidade que dá mobilidade de ação. Proporciona o ponto de apoio aonde firmar a alavanca. Ao invés de mero movimento relativo, em suspensão.

Neste sentido é que a distopia convida à utopia: na medida em que acentua os aspectos negativos da realidade, acentua também a respectiva inquietação e, via de consequência, o desejo de transformação para melhor.

A imaginação utópica, assim, ancora-se na realidade factual e emocional.

emoção: o que põe em movimento. Como nos moveremos no dia em que já não nos apoiarmos nela? Como tê-la nos nossos braços sem ter os pés apoiados no seu esteio? Como aparelharmo-nos dela sem a ter? Portanto, como nos comoveremos? Aqueles que perderem a Terra jamais saberão chorar. Não poderão nunca mais enterrar os seus antepassados. (SERRES, 1991, p. 139)

A realidade atual assemelha-se de maneira inquietante ao cruzeiro ficcional: o afastamento literal e metafórico, individual e coletivo, das pessoas que deixam sua vida para trás ao mesmo tempo em que o navio abandona a costa e todos os referenciais conhecidos, mar afora.

Na mesma medida em que a trama da narrativa se esgarça e a coerência se rarefaz para a personagem principal, o leitor é convocado ao protagonismo: as lacunas abertas pela narrativa são convites ao leitor para que as preencha. E convites a que, desvendando as metáforas, assumo-se protagonista de sua vida - individual, social, ambiental.

Qualquer que sejam as atitudes, no entanto, jamais a incerteza quanto aos desdobramentos poderá ser completamente debelada, posto

que a incerteza é inerente e inafastável da realidade sistêmica, complexa, viva.

Qualquer crise é um acréscimo de incerteza. (...) As desordens tornam-se ameaçadoras. Os antagonismos inibem as complementariedades, os virtuais conflitos se atualizam. Os controles falham ou se quebram. É preciso abandonar os programas, inventar estratégias para sair da crise. Com frequência necessitamos abandonar as soluções que remediavam as antigas crises e elaborar novas soluções. (MORIN, 2015, p. 82)

Assim também o final do cruzeiro, no romance, é propositadamente inquietante, incerto, aberto, ambíguo: a explosão de luzes que encerra a narrativa tanto aventa quanto alerta para uma possível hecatombe, ao mesmo tempo em que acena com uma potencial esperança: vagalumes, afinal, são luzes vivas no breu.

Esperemos que a denúncia da letargia desperte mentes e corações. Que o “apocaliptismo” distópico da ficção seja um convite a sonhar, imaginar novos futuros possíveis, usando a utopia para dar um sentido ao caminhar, em direção à esperança: “...esperemos que, essas mesmas estrelas, possam contemplá-las também as gerações futuras! Significará que existirão gerações futuras!”<sup>78</sup> (Apêndice A, p. 87)

Que a narrativa de Maria Ivana seja “comovente”, no sentido da palavra destacado por Viveiros de Castro: “isto é, capaz de nos pôr em movimento junto com ela” (CASTRO, 2015, p. 40)

## 5.5 REENCANTAR O OLHAR

“PAIXÃO  
De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.  
O mundo, bola cheia de departamentos,  
não é a bola bonita caminhando solta no espaço.”  
Adelia Prado

---

<sup>78</sup> «E speriamo che queste stesse stelle le possano guardare anche le generazioni future! Vorrà dire che ci saranno generazioni future!» (BACH, 2017, p. 91)

Comover-se, porém, ganhou um sentido pejorativo em uma sociedade que não apenas separou mas buscou excluir as percepções, emoções e sentimentos, do âmbito científico, político, público.

Apesar das descobertas da física quântica terem demonstrado que o olhar do sujeito é indissociável dos resultados dos experimentos, ainda hoje a ciência, e os indivíduos nos mais diversos âmbitos, de um modo geral, priorizam a objetividade como valor supremo. As emoções e os sentimentos são frequentemente associados ao feminino, à natureza – e tudo o que lhes seja correlato por imprevisível, impreciso, incontrolável. Uma postura defensivo-agressiva diante da natureza, portanto, talvez pretenda escapar de seus afetos erráticos.

Todavia, por maior que seja a recusa ao envolvimento, a absoluta desconexão física, emocional, espaço-temporal, será ilusória: o ser humano não logrará escapar de ser afetado pela crise. Não, ao menos, pela crise eco-ambiental.

Será preciso, ao contrário, uma transformação no modo de lidar com a crise. Como sintetiza Márcio M. Cantarin:

De físicos teóricos europeus como Fritjof Capra, passando por teólogos latino-americanos como Leonardo Boff, filósofos tal qual Félix Guattari e Michel Serres, sociólogos como Steven Yearley, ecologistas como Greg Garrard, psicanalistas como Barbara Koltuv ou Edward Whitmont, até políticos como Al Gore, enfim uma gama multidisciplinar de estudiosos, concordam sobre a premente necessidade de a humanidade redimensionar totalmente suas práticas diante do universo, sob pena de sucumbir a um evento de extinção. E mais que mudar suas atitudes externas, o ser humano precisaria reorientar sua conformação psíquica de acordo com modelos não binários, não hierarquizados de compreensão do cosmos. Só assim poderia haver alguma chance para o diálogo fraternal entre os homens e as mulheres e todos os seres e coisas do universo. (CANTARIN, 2013, p. 20)

O que está em questão não é a divergência, nem mesmo a polarização, desde que se compreenda a cooperação entre os diferentes aspectos. O verdadeiro problema está na tentativa de neutralizar, destruir, aniquilar algum dos polos da equação, abolindo a tensão entre eles – é o que já dizia Heráclito, como nos lembra Nancy Mangabeira Unger, que pondera: “De fato, como *jogar* se se prega a cessação da

discórdia, se o jogo público é exatamente este espaço político-cultural onde os homens se educam no combater e no jogar?” (UNGER, 1991, p. 29)

A mera troca de sinais na polarização, a inversão dos sinais: de positivo para negativo – e vice-versa – obtém apenas a famosa guinada de 360°: traz de volta ao mesmo lugar.

A luz sem sombras da razão (que iria tudo iluminar), da ciência (que iria tudo desvendar) e da tecnologia (que iria tudo programar) e o ideal de uma sociedade transparente a si mesma (unidade sem fissuras) comungam de uma mesma ruptura, de uma mesma *hybris*. A ruptura com o contraditório, o paradoxo, as zonas de sombra. (UNGER, 1991, p. 26)

O movimento pendular, optando por um dos polos em detrimento do outro, é apenas “uma forma de *reproduzir o corte*, apenas escolhendo o outro lado”. E a autora prossegue: “Romper o movimento pendular só é possível se conseguirmos superar o corte. Trabalho de soldador. De tecelão. De religar, reunir, tecer esses fios.” (UNGER, 1991, p. 27, itálico no original)

Estes fios com que se pode constituir elos, laços, enlaces, alianças, cordas que não prendam mas sustentem, como lembra Michel Serres: “um sistema de relações, um conjunto de trocas”, em que liberdades e restrições interatuam-se reciprocamente (SERRES, 1991, p. 123 e ss., entre outras)

No mesmo sentido o alerta de Leonardo Boff: “Temos que desenvolver urgentemente a capacidade de somar, de interagir, de religar, de repensar, de refazer o que foi desfeito e de inovar.” (BOFF, 2014, p. 25)

Mas Nancy Mangabeira Unger vai além. Questiona:

Ou será que o trabalho não é sequer o de juntar, recolar, soldar, mas de compreender a tensão sem nenhuma aspiração a que *Polemos* cesse? O mito parece nos indicar um caminho: Ares (o deus da *guerra* e da violência) amou Afrodite (a deusa do *amor*). Desta união nasceu uma filha chamada *Harmonia*. “Não compreendem”, diz Heráclito, “como o divergente consigo mesmo concorda. *Harmonia de tensões contrárias*, como do arco e da lira” (UNGER, 1991, p. 27)

Tensão, aqui, não será antônimo de calmo, mas de lasso, frouxo; tenso não será sinônimo de rígido e sim, de túrgido. Não teso como o rigor de morte, mas como a corda do arco deve estar para lançar a flecha, tesa como o pulso de vida. Tensão necessária para flexão e passo. Tensão dinâmica entre os extremos, sem que se dissociem. Tensão gravitacional que mantém em relação os corpos, sem que se misturem nem dispersem.

Se a força da gravidade fosse um pouco mais fraca, impediria a condensação dos gases e a formação das grandes estrelas vermelhas, e daí dos elementos que compõem a vida. Se fosse um pouco mais forte, tudo se voltaria sobre si mesmo em explosões sem fim. E não teria surgido o universo, o Sol e a Terra. (BOFF, 2014, p. 116)

Se não se trata de impedir o contraditório – sendo inerente a tensão entre os opostos (UNGER, 1991, p. 29), como conciliar tão diversos e díspares aspectos?

Nancy M. Unger nos convida a reconhecer e aceitar essa tensão dinâmica, “O homem tem sede de mistério. A pretensão de esgotar o mistério transforma o mundo em um deserto.” (UNGER, 1991, p. 30) e relembra a possibilidade de aproveitamento criativo do caos, da sabedoria grega, da resposta mitológica. Segundo a autora:

O mito representa em grande parte uma elaboração humana de situações paradoxais. A apreensão o mundo, no limite do dizível, e por isso mesmo uma fala mais imagética do que discursiva, o mito traduz o contraditório em imagens sem reduzi-lo. (UNGER, 1991, p. 29)

Realmente, o mundo de que se retire todo o mistério, toda o acaso, todas as surpresas, seria um deserto. Aliás, só há liberdade porque há incerteza. Se já estivesse tudo dado e previsto, não haveria espaço para arbitrar, decidir.

A interpretação do oráculo é tarefa do indivíduo que o consulta e nesta interpretação residem a liberdade e a responsabilidade do sujeito. *O mundo é oracular para aquele que se põe à esculta dele.* Mas os homens não querem ou não podem se pôr à esculta do mundo porque nenhum espaço lhes é aberto para isso,

porque à voz oracular do Ser se opõe o barulho ensurdecedor da Verdade, da Programação, da Definição Definitiva. A voz do Partido, a voz da Instituição é a voz que *tudo fala e tudo esconde*. Que não emite *sinais* e sim *ordens*. É a voz da máquina que não *indica*, mas *codifica*. (UNGER, 1991, p. 31) (itálico no original)

As decisões deste ser complexo, portanto, não terão por fundamento exclusivo a razão, mas também “sua capacidade de sentir, de ter afetos e de se comover sem, com isso, pretender invalidar a contribuição imprescindível da razão” (BOFF, 2014, p. 78):

uma qualidade nova da criação expressa pelo *pathos* (afetividade), pelo *logos* (razão), pelo *eros* (paixão), pelo *nomos* (lei), pelo *âaimon* (voz interior) e pelo *ethos* (ética) humanos. É só neste nível que pode ocorrer a tragédia ou a realização, o sentimento de frustração ou de bem-aventurança, à medida que o ser humano descobre o seu lugar nessa totalidade complexa ou dela se aliena e se extravia. (BOFF, 2004, p. 90-91)

A eco-logia, a eco-sofia e, sim, também a eco-nomia convidam a humanidade a voltar para casa, a efetivamente habitar este *oikos* que é o planeta Terra.

A natureza não é somente *physis*, caos e cosmo em conjunto. A natureza é aquilo que liga, articula e faz comunicar profundamente o antropológico, o biológico e o físico. Temos, pois, de reencontrar a natureza para reencontrar a nossa natureza, (MORIN, 1997, p. 340)

São convites a “...um novo olhar sobre a Terra (mente), vista como um ente vivo e uma nova relação de cuidado e de amor (coração)”, uma atenção afetiva que precede o verdadeiro cuidado, “obedecendo à lógica universal da interdependência de todos com todos e da responsabilidade coletiva pelo futuro comum.” (BOFF, 2014, p. 113) (grifos nossos)

Este novo *ethos* funda uma ética do cuidado de todas as coisas, da cooperação entre todos e da responsabilidade universal pelo futuro comum da Terra e da humanidade. Essa ética esta aberta à manutenção de Gaia, acolhe todos os seres humanos, cuida da biodiversidade, organiza a economia, a política, o mundo dos valores, de tal forma que torna a vida leve e feliz, ou onerosa, sacrificada e ameaçada de morte. Essas são as grandes questões que uma ética planetária, fundada no ethos

(*Casa Comum*<sup>79</sup>) deve responder adequada e eficazmente. (BOFF, 2014, p. 113) (itálico no original) (grifos nossos)

É o afeto que faz com que a pessoa se sinta em casa, acolhida, em confiança:

Na distância, as primeiras luzes das casas brancas de Tânger testemunharam que a passagem já tinha acontecido. À frente, no oceano distante, uma leve névoa velou o horizonte.

— Agora podemos voltar para dentro — disse Ferretti, oferecendo a mão a Flávia para acompanhá-la. — Já está na hora do jantar. Vamos. Flávia sentiu o calor daquela mão e a apertou. Um contato macio, um confortável refúgio ao qual se abandonar. (Apêndice A, p. 37)

Ao mesmo tempo, o afeto vincula, compromete, inspira ao cuidado. *Amor mundi*, o compromisso a que o vínculo de pertencimento convida é a própria vida — e a recompensa está nela mesma ínsita: a reconexão ao mundo. A reconexão ao mundo é o próprio re-encantamento do mundo:

...um saber mais feminino, sob uma luz lunar em contraste com uma certa arrogância de um outro conhecimento que se apresenta como fonte solar. (...) a possibilidade de recriar uma fogueira imaginária em redor da qual podemos fazer aquilo que creio ser tão necessário nos nossos dias. E que é reencantar o mundo. Uma constrangedora aridez foi-se instalando como nossa condição comum. A culpa não é evidentemente nossa. Mas nós herdámos uma ideia de ciência que vive de costas para a necessidade de trazer leveza e construir beleza. (...) (COUTO, 2009, p. 30)

Nancy Magabeira Unger adverte que, na verdade, não se trata de re-encantar o mundo, posto que o mundo sempre esteve e se manteve encantado por sua própria vitalidade inerente. Ela inverte a equação: o que é preciso é re-encantar o olhar:

Esta crise é a expressão de um sociedade fragmentada, de uma civilização que dissociou corpo e espírito, luz e mistério, ser humano e Cosmos. Na busca sempre crescente de estabelecer

---

79 Linhas antes, Boff falara do “futuro comum” e, aqui, coloca a expressão “Casa Comum” como sinônimo de *ethos*, valendo a remissão ao significado distintivo, insistentemente explicitado neste trabalho, para “em comum”.



um controle e dominação sobre a Natureza, sobre os outros homens e sobre os próprios ritmos da vida, perdemos uma dimensão essencial da experiência humana. Resgatar essa experiência se dá na medida de nossa possibilidade de re-encantar o mundo, o que na verdade significa re-encantar o nosso olhar. Para isso somos chamados a uma mudança de consciência, um repensar de quem somos e de qual o nosso lugar no Todo.” (UNGER, revista Usina)

A liberdade é sequestrada pela distração. E o indivíduo não quer pagar o preço para a resgatar: a atenção. A atenção que o reconectaria a suas próprias percepções, que lhe devolveria a consciência dos vínculos vivos do pertencimento, que faria com que se estabelecessem efetivas relações, ativaria a comunicação verdadeira. Essa não será, no entanto, a atenção focal do aprendizado lógico estrito, mas a atenção que conecta aos dados sensoriais, espaço-temporais, relacionais.

Uma luz mais suave, mais afetiva — que já não precise tudo dissecar nem, muito menos, “vivi-secar”, mas que se compraza em ser e estar com a natureza, em si próprio e em todos os seres-coisas, em movimento vivo e, consigo e com tudo o que há, reconciliar-se.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é da luz do sol que carecemos.  
 Milenarmente a grande estrela iluminou a terra  
 e, afinal, nós pouco aprendemos a ver.  
 O mundo necessita ser visto sob outra luz:  
 a luz do luar, essa claridade que cai  
 com respeito e delicadeza.  
 Só o luar revela o lado feminino dos seres.  
 Só a lua revela a intimidade  
 da nossa morada terrestre.  
 Necessitamos não do nascer do Sol.  
 Carecemos do nascer da Terra.  
 Mia Couto

A força gravitacional é o que mantém os corpos em relação. Se o campo magnético deixasse de existir, os astros ficariam à deriva no espaço sideral. Se o afeto é abandonado, os indivíduos ficam à deriva, isolados, siderados.

Se a Terra não é percebida como um lar, e os outros seres e coisas não são percebidos em sua vitalidade e dignidade de existência, não há como estabelecer relação. Apenas tangenciam-se as superficialidades ou, pior, os seres utilizam-se uns dos outros e se consomem reciprocamente.

É a partir do reconhecimento do outro que poderá se estabelecer a relação diante da qual cada sujeito se coloca com sua liberdade e consequente responsabilidade.

O que se destaca em comum, o elemento de interseção, entre *Vagalumes de Cherenkov* – o *Cruzeiro Inquietante* conduzido por Maria Ivana Trevisani Bach –, o processo de tradução e a análise ecocrítica, é a consciência da ética relacional a nortear e fundamentar o trabalho estético.

Uma ética que compreende a liberdade do ser humano como responsabilidade, pela consciência do pertencimento; consciência de que sua existência não é isolada e sim pertencente a um conjunto dinâmico vivo de relações sistêmicas.

Essa a premissa que nortear este trabalho. Esse o princípio ético-estético que fundou tanto o trabalho de tradução, quanto o de análise literário-ecocrítica.

Quando os idiomas têm parentesco próximo entre si, como é o caso do italiano e do português por sua raiz latina em comum, as semelhanças podem confundir. Podem também, desde que se tenha isso em mente, servir de alerta para evitar a equívoca assimilação e, ao contrário, reconhecer a identidade própria de cada idioma, lembrar que se está diante do “outro”.

Na tradução, procurou-se reconhecer a legitimidade do idioma de partida com suas peculiaridades, conteúdo e forma do discurso, ao transpô-lo para o idioma de chegada.

Há um tom próprio da narrativa, que se altera e alterna, por exemplo, quando em discurso indireto, quando em discurso direto. Há amplo recurso ao discurso direto, exigindo a busca do efeito de oralidade. Há um ritmo e uma sonoridade próprias ao discurso da autora que, inclusive, particulariza-se sutilmente quanto às peculiaridades de cada personagem. Há, entre outras tantas, questões mais pragmáticas como o uso de aspas, itálicos, espaçamentos entre parágrafos. Ainda, e não menos importante, o uso de notas de rodapé e de notas em apêndice, como recurso paratextual e paradidático.

Foram, assim, levadas em consideração as estratégias literárias da autora bem como sua postura declaradamente ecocrítica, buscando-se respeitar seu estilo de modo que o falante de português possa ouvir a voz da autora mais do que a da tradutora. Inevitável, contudo, que esta transpareça de alguma forma – o que não é de todo indesejável, na medida em que revela e atesta a tradução como relação em processo.

Quanto à análise ecocrítica, detectou-se como a tônica da narrativa analisada a crítica à desconexão, ou seja, à falta de comunicação, de estabelecimento de efetiva relação entre os sujeitos e destes para com os temas pulsantes da própria vida.

Muitos outros temas correlatos, de interesse da ecocrítica, permeiam a obra. Outros tantos permanecem em aberto, suspense deliberadamente criado pela narrativa.

Quem é – ou, o que simboliza – o misterioso personagem Panamá? Ou o enigmático atleta de capuz e agasalho preto que afirma ser o próprio Tempo? Estas e outras questões, entre os inúmeros temas

trazidos à baila no ecorromance, restam como provocação à curiosidade de pesquisas ulteriores. Ou, simplesmente, à ponderação singular de ulteriores leitores. Deixando a arte como um oráculo cuja interpretação é deixada à responsabilidade de cada interlocutor.

Ante as crises que assolam o planeta — e a humanidade, dele indissociável —, não parece útil deixar-se paralisar nem adotar as mesmas estratégias anteriormente condenadas e que, afinal, trouxeram até este ponto. Afigura-se mais auspicioso usar de criatividade na alternativa civilizatória, que implica aceitar a oportunidade de liberdade com responsabilidade. A alienação no esforço da desresponsabilização tem o custo da perda da liberdade — pois liberdade e responsabilidade implicam-se reciprocamente.

Em tempos de excesso de informações — inclusive equívocas e, mesmo, deliberadamente inverídicas —, oportuno valorizar a ciência, a tecnologia e as respectivas reflexões éticas. Somente com conhecimento e consciência as questões poderão ser percebidas como necessidades a exigir novas tecnologias. Se os velhos modos geraram as atuais crises, possam ser vistas nelas oportunidades de buscar novos modos de relacionamento, e novas tecnologias que sirvam aos propósitos do cuidado, da ética, da vida.

As mudanças tecnológicas transformam o modo como as pessoas se relacionam e como se relacionam com o conhecimento e com a arte — e vice-versa: a arte pode provocar mudanças tecnológicas. Ao lançar luz sobre as tecnologias e as questionar, as reflexões que a arte dispara podem influenciar a direção, sentido e orientação das mudanças tecnológicas. Convidando a uma nova estética — em que esteja implicada a ética. É a literatura, como também outros elementos de cultura, influenciando na plasticidade do mundo.

Benvinda, portanto, esta obra que desperta a consciência ecológica, a curiosidade científica e convida à pesquisa e à ação. Arte que incita a vislumbrar e a almejar “para além da infâmia, outro mundo possível.”<sup>80</sup> (GALEANO, 1998, p. 222, *in O Direito de Sonhar*)

---

<sup>80</sup> “*Vamos a clavar los ojos más allá de la infamia, para adivinar otro mundo posible*” (Eduardo Galeano)

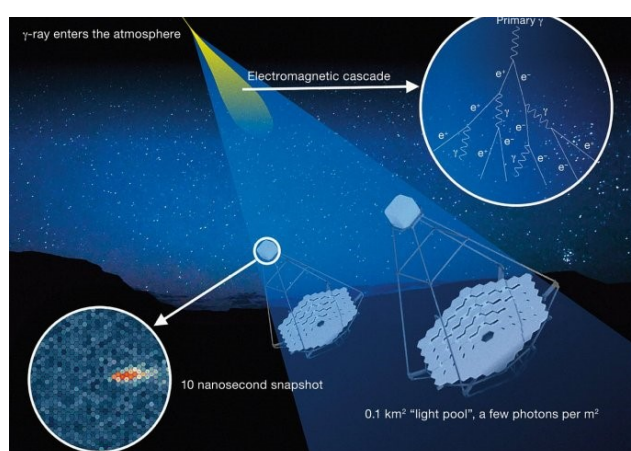
A capacidade humana de apreensão pelos sentidos — não apenas os físicos — é sempre relativa, limitada, condicionada por fatores objetivos (fisiológicos, culturais,...) e subjetivos (personalidade, memória,...). A luz que lhe é possível acessar — e suportar — também é.

Já não sejam percebidas apenas as luzes do “Efeito Las Vegas”, artificiais, ofuscantes, a distrair e seduzir as pessoas.

A luz no horizonte já não seja exclusivamente a luz da razão, luz do sol: ponto fixo, masculino, certeza inflexível. Mas também luz da lua, móvel, feminina, afetiva, instável, cíclica, a influenciar os ciclos de toda a natureza.

Faíscas azuis encerram o *Cruzeiro Inquietante*. Será o Efeito Cherenkov? Terá o campo magnético da Terra se invertido? — questionam, alarmados, os personagens nas páginas finais do livro (Apêndice A, p. 114)

**Figura 2: Efeito Cherenkov**



**Fonte: CTA Cherenkov Telescope Array**

Será possível formar-se um novo campo de forças de atração gravitacional?

**Fotografia 10: Vagalumes “fantasma azul”**



**Fonte: Spencer Black**

Uma nova espécie de luz prenuncia possibilidades em aberto. Talvez sejam vagalumes: luz movente, encantadora, intermitente. E viva.<sup>81</sup>

Um alento cheio de encanto como os “pirilâmpagos” de Nancy Mangabeira Unger:

<sup>81</sup> *Blue ghost fireflies (Phausis reticulata)* em North Carolina, EUA Foto: Spencer Black Disponível em <https://www.nationalgeographic.com/photo-of-the-day/photo/fireflies-forest-north-carolina> Acesso em 11 dez.2022.

*Pirilâmpagos da Perplexidade*<sup>82</sup>, título de capítulo de seu livro *O Encantamento do Humano*:

A perplexidade pode ser fonte de criação porque é uma força desorganizadora, subversiva, titânica. Nas palavras de Nietzsche: "Só o caos pode gerar uma estrela dançarina". O que não quer dizer que todo caos leva à criação, que a perplexidade traz necessariamente um novo olhar. Pelo contrário, o medo de *Polemos*, enquanto combate, luta de contrários, contradição, leva tanto ao cinismo e à inércia como ao desvirtuamento da luz. O desafio para nossos dias está na maneira como vivemos ou não essa perplexidade.

A luz que ofusca é a luz que pretende aniquilar o mistério: a luz da Verdade única e eterna. A nossa luz não é a luz definitiva e ofuscante que aguarda no fim do túnel, *mas a luz da Aurora Boreal, também chamada "o sol da meia-noite", as múltiplas luzes dos vagalumes que, como o fogo heraclítico, se acendem e se apagam.* (UNGER, 1991, p. 26)(itálico no original)

Diante dos vagalumes toda a gente se faz criança. Assim, como criança, com mais afeto, mais curiosidade, criatividade, humildade, seja possível acessar uma luz mais suave que convida a mover-se com ela, num tempo que se arredonda: um presente túrgido de lembrança (passado) e de esperança (futuro).

A tradução é exercício de diálogo. Sua realização na prática, conquanto adstrita a seus notórios limites intransponíveis, acena para à viabilidade do diálogo em si. Tradução é relação. Neste sentido, cada tradução traz em si alento quanto à viabilidade da relação entre elementos díspares, entre os diversos elementos da nave Terra, esta morada em comum. A travessia tem início com a disponibilidade para tal.

---

82 Artigo da autora originalmente publicado em 1984.

## REFERÊNCIAS

BACH, Maria Ivana Trevisani. *Inquietante crociera*. Roma: Europa Edizioni, 2017. Disponível também em Edição do Kindle: [https://www.amazon.com/-/pt/dp/B0786WY3VR/ref=tmm\\_kin\\_swatch\\_0?\\_encoding=UTF8&qid=&sr=](https://www.amazon.com/-/pt/dp/B0786WY3VR/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=) Acesso em: 10 ago. 2022.

BACH, Maria Ivana Trevisani. *Manifesto di Ecopoesia Italiana*. Disponível em <http://www.ecopoems.altervista.org/manifesto%20it.html> Acesso em: 04 jul. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014.

BERMAN, Antoine. *A Tradução e a Letra* ou o Albergue do Longínquo. tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BICCA, Luiz. *Vida cotidiana e pensamento ecológico*. Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio : 7 Letras, 2018.

BOFF, Leonardo. *A Grande Transformação: na economia, na política e a ecologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BRITTO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. 1ª ed. 2012. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 3ª ed.

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: lições americanas*. tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CANTARIN, Márcio Matiassi. *Por uma nova arrumação do mundo - a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosóficos*. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2013.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*. tradução: Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOZO, Mauricio Mendonça. *Tradução, apropriação e o desafio ético da relação*. in: Oliveira, Maria Clara Castellões de; Lage, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, crítica, cultura I*. 1. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2008. v. I, p. 179-190.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *O Recado da Mata*. Prefácio. in KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CESAR, Ana Cristina. *Crítica e Tradução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução: Vera das Costa e Silva *et al.* 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse Africano e Outras Interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

FULLER, R. Buckminster. *Manual de Instruções da Nave Espacial Terra*. Porto: Via Optima Oficina Editorial, 1998. Tradução: Luís Torres Fontes.



GALEANO, Eduardo. *Las Palabras Andantes*. Buenos Aires: Catálogos, 2001. 1ª ed. 1993.

GALEANO, Eduardo. *Patás Arriba: La escuela del mundo al revés*. Madrid: Siglo XXI Ediciones, 1998.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 2006. (1ª edição: 2004.) 2006.

GLOTFELTY, Cheryl. Literary Studies in an Age of Environmental Crisis. in *The Ecocriticism Reader, Landmarks in Literary Ecology*. Athens: *The University of Georgia Press*, 1996.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade*. tradução: Jorio Dauster. posfácio: Rodrigo Petronio. texto complementar: Nellie Bowles. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. (Edição comemorativa de 10 anos)

HAYLES, N. Katherine. Literatura Eletrônica: O que é isso? in: HAYLES. *Literatura Eletrônica - Novos horizontes para o literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global Editora, 2009

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KERRIDGE, Richard. *Qual a relação entre a análise ecocrítica e a escrita criativa?* (Conferência). Tradução: Zélia Bora e Márcio Matiassi Cantarin. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Curitiba - PR, 29 nov. 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *A Vida não é Útil*. pesquisa e organização: Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOURE, Bruno. *Diante de Gaia*. Tradução: Maryalua Meyer. São Paulo: Ubu, 2020.

LEAL, Abinael Moraes. *Dicionário de Termos Náuticos, Marítimos e Portuários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MAFFESOLI, Michel. *Ecosofia: uma ecologia para nosso tempo*. tradução: Fernando Santos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MARCUSE, Herbert. *Ecology and the Critique of Society Today: Five Selected Papers for the Current Context*. California-USA: International Herbert Marcuse Society, 2019.

MATURANA, Humberto R. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela; tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin. Palas Athena: São Paulo, 2001.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MORIN, Edgar. *O método 1. A natureza da Natureza*. 3.ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América Lda., 1997.

MORIN, Edgar. *O Método 5: A Humanidade da Humanidade. A Identidade Humana*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditação sobre a técnica*. Lisboa: Fim de século, 2009.

PRADO, Adelia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

RESTANY, Pierre. *El Poder del Arte – Hundertwasser: El Pintor-Rey con sus Cinco Pielés*. Colônia/Alemanha: Taschen, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Essencial*. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas / Boaventura de Sousa Santos; compilado por Maria Paula Meneses... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SERRES, Michel. *O Contrato Natural*. Tradução: Beatriz Sidoux. RJ: Nova Fronteira, 1991.

SERRES, Michel. *Biogea*. Tradução: Randolph Burks. Minnesota-USA: Univocal Publishing, 2012.

SOUZA, Licia Soares de. Deriva. in BERND, Zilá et al. *Dicionário de Mobilidades Culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Trad. Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Ed. UFPR, 2005.

SZYMBORSKA, Wislawa. *Um Amor Feliz*. Tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

TAKEDA, Carolina Sayuri. *Radiação de Cherenkov*. Instituto de Física de São Carlos, USP, Maio/2018. Monografia disponível em <https://www.ifsc.usp.br/~strontium/Teaching/Material2018-1%20SFI5708%20Eletromagnetismo/Monografia%20-%20Carolina%20-%20Cerenkov.pdf> Acesso em: 25 jul. 2022.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

UNGER, Nancy Mangabeira. *O Encantamento do Humano: Ecologia e Espiritualidade*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

UNGER, Nancy Mangabeira. (org.) *Fundamentos Filosóficos do Pensamento Ecológico*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

WEIK VON MOSSNER, Alexa. *Affective Ecologies - Empathy, Emotion, and Environmental Narrative*. Columbus: Ohio State University Press, 2017.

## 7.1 OUTRAS REFERÊNCIAS consultadas

\* [https://www.amazon.com/-/pt/dp/B0786WY3VR/ref=tmm\\_kin\\_swatch\\_0?\\_encoding=UTF8&qid=&sr=](https://www.amazon.com/-/pt/dp/B0786WY3VR/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=) (edição de *Inquietante Crociera* para Kindle) Acesso em: 05 jul.2022.

\* <https://www.amazon.com/Lucciole-Cherenkov-Ecoromanzo-Ecologia-Italiano/dp/1511528494> (edição de 2015, sob o título *Lucciole di Cherenkov*) Acesso em: 27 jun.2022.

\* <https://cmpcc.wordpress.com/category/grupos-de-trabajo/07-pueblos-indigenas/> (*Conferencia Mundial de los Pueblos sobre Cambio Climático y Derechos de la Madre Tierra*. Tiquipaya, Cochabamba, Bolivia, 21 de abril de 2010) Acesso em: 22 jul. 2022.

\* <https://www.cta-observatory.org/wp-content/uploads/2019/05/Cherenkov-Effect-1024x741.png> Acesso em: 11 dez.2022.

\* Dicionários:

<https://aulete.com.br> (Dicionário Caldas Aulete) Acesso em: 09 dez.2022.

<https://dicionario.priberam.org> (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa) Acesso em: 24 ago. 2022.

[www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br) (Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa) Acesso em: 24 ago. 2022.

<https://michaelis.uol.com.br> (Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa) Acesso em 09 dez.2022.

\* [ecopoems.altervista.org](http://ecopoems.altervista.org) (poemas da autora traduzidos para inglês) Acesso em: 08 ago. 2020.

\* <http://www.ecopoems.altervista.org/manifesto%20it.html> (Manifesto de Ecopoesia Italiana) Acesso em: 04 jul. 2022.

\* [europaedizioni.com](http://europaedizioni.com) (*site* da editora de *Inquietante Crociera*) Acesso em 28 jun. 2022.

\* <https://www.fao.org/brasil/pt/> (*site* da FAO no Brasil) Acesso em 28 jun. 2022.

\* <https://international-books.net/maria-ivana-trevisani-bach-the-unsettled-cruise/> Acesso em: 27 jun. 2022.

\* <http://www.ivanatrevisani.altervista.org/index.htm> (*site* pessoal da autora) Acesso em: 26 jun. 2022.

\* *lericipea.com* (*prêmio de poesia italiano, desde 1954*) Acesso em: 20 set. 2020.

\* <https://www.museoetru.it/> Museu Etrusco de Villa Giulia Acesso em: 26 jun. 2022.

\* <https://www.nationalgeographic.com/photo-of-the-day/photo/fireflies-forest-north-carolina>

\* <https://www.poetrytherapy.it/i-numeri-della-rivista/numero-005/l-ecopoesia-di-ivana-trevisani-bach-manifesto-intervista-e-poesie> (Manifesto da Ecopoesia e entrevista com Maria Ivana Trevisani Bach) Acesso em: 26 jun. 2022.

\* <https://revistausina.com/instantaneos/ecologia-e-espiritualidade-o-re-encantamento-do-mundo/> (entrevista com Nancy Mangabeira Unger) Acesso em: 31 jul. 2022.

\* <https://www.youtube.com/watch?v=Z-0bNIXzSIc> (Pedro Loos, sobre Efeito Cherenkov) Acesso em: 11 maio 2022.

\* <https://www.youtube.com/watch?v=Hp3RlmjH5xs> (*Parabolicamará*, música de Gilberto Gil) Acesso em: 10 ago. 2022.

## **APÊNDICE A – Vagalumes de Cherenkov**

**VAGALUMES de CHERENKOV**  
**de Maria Ivana Trevisani Bach**

tradução de Priscila Prado  
apresentada como requisito parcial  
à obtenção do título de Mestre em  
Estudos de Linguagens, no  
Programa de Pós-Graduação em  
Estudos de Linguagens Estéticas  
Contemporâneas, Modernidade e  
Tecnologia, da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Márcio  
Matiassi Cantarin

### 1ª orelha

Quando Flavia embarca no navio Etrúria, espera fazer um esplêndido cruzeiro de volta ao mundo, com luxo e conforto. E, no início, parece que será mesmo assim.

Entretanto, após alguns dias de navegação, enquanto observa distraidamente o mar, repara numa pequena onda muito mais veloz do que as outras. Pelo que se lembra, ondas deste tipo são geradas por violentos terremotos submarinos, os mesmos que dão origem aos devastadores tsunamis que golpeiam os litorais.

Aquela estranha anomalia é apenas a primeira de uma longa série de situações estranhas e perigosas, por entre tempestades de potência inédita, nevoeiros impenetráveis, ilhas de rejeitos e risco de encalhar, a nave Etrúria perde contato com terra firme. Como se estivesse envolta em uma bolha do espaço-tempo, continua a viajar, implacável, em direção a um destino que não há como perceber.

A viagem torna-se surreal e a dimensão insólita dos fatos transforma tudo em algo de conceitual, de simbólico. Como uma lenta deriva da consciência em direção a um novo plano de existência, enquanto, silenciosamente, *Panamá* observa...



dedicatória:

*A meu marido,  
primeiro leitor crítico  
deste ecorromance*

agradecimento:

*Agradeço à minha gata, Spilla,  
pela atenta supervisão.*

## Prólogo

Era dia 06 de janeiro de 2017, Flavia B. estava partindo do porto de Savona para um fabuloso cruzeiro de volta ao mundo a bordo do Etrúria, a mais recente pérola luxuosa de uma renomada Companhia de Navegação Italiana.

Para Flavia aquele cruzeiro não era de férias: era uma viagem de trabalho. Não porque ela fizesse parte da tripulação, mas porque, na esteira do sucesso de seu primeiro livro, tinha se comprometido com o editor a escrever o segundo romance em apenas três meses.

Três meses de trabalho intenso, em um lugar afastado de todas as distrações, de todos os compromissos familiares, de toda as relações com suas numerosas amizades. Sobretudo longe de um assunto que havia recentemente transtornado suas emoções. Um assunto definitivamente encerrado e em que ela absolutamente não queria mais pensar.

Isolamento total para uma imersão completa na escrita.

Que ambiente melhor do que o de um cruzeiro para trabalhar longe de todos? E, como recusar, se as despesas da viagem seriam pagas pelo editor com boa parte dos lucros do primeiro livro e como antecipação sobre os do segundo?

Flavia não gostava da atmosfera pomposa de férias dos cruzeiros, mas aquela estranha proposta talvez fosse a única maneira de escrever um outro romance. E talvez até - por que não? —, conseguir fazê-lo de maneira agradável.

Além disso, a viagem duraria apenas três meses! Tudo considerado, uma ausência breve e bem delimitada no tempo.

Foi por isso que Flavia não quis que ninguém viesse se despedir. Parecia-lhe uma profanação da cerimônia clássica e triste de adeus ao emigrante. Tinha se despedido rapidamente de toda a família na porta de casa, inclusive do gato, como se estivesse realmente se afastando por uns poucos dias apenas.

Agora, porém, sentia uma espécie de remorso por aquela despedida tão apressada.

## Capítulo 1

Com os motores na potência mínima, muito lentamente, o grande navio de cruzeiro se afastou do cais.

“Agora é para valer...” pensou Flavia, olhando do alto do convés 13 os operários que estavam soltando as enormes cordas dos cabeços do mole.

“Agora é pra valer: esta estranha viagem está mesmo começando!” repetia consigo mesma, como que para se convencer de que o que estava acontecendo não era um sonho.

Apoiada no parapeito do convés, ficou por muito tempo contemplando a antiga *Torretta* e os castelos oitocentistas de Savona até deixar de vê-los, cada vez mais distantes, confundindo-se com a tênue neblina daquela fria tarde invernal.

Flavia tinha idealizado o dia da partida, imaginando um céu sereno e um mar tranquilo e reluzente ao sol. No entanto, quando o navio alcançou o mar aberto e a lancha do práctico retornou em direção ao porto, arremetendo violentamente entre ondas altíssimas, ela se deu conta de que as coisas não estavam absolutamente saindo como previsto. O mar estava terrivelmente agitado e violentas rajadas de vento prometiam uma tempestade furiosa.

Quando, mais adiante, costeando o litoral da Ligúria, ela reconheceu ao longe sua própria casa, sentiu uma estranha sensação de angústia. Como se aquele afastamento normal fosse, na verdade, uma ruptura visceral e definitiva.

Sensação causada por aquela atmosfera sombria e invernal ou, talvez, um pressentimento? As nuvens negras no horizonte seriam apenas prenúncio de tempestade, ou seriam sinistros sinais misteriosos?

Para não se deixar perturbar por aquele céu ameaçador, Flavia decidiu descer para o interior do navio, rumo à ponte *Tarquínia*, para tomar posse de sua cabine, a de número 942.

O elevador, velocíssimo e com paredes de cristal lúcido, levou Flavia, num piscar de olhos, por dentro de um enorme *hall* que se estendia na vertical para baixo, para baixo, do décimo segundo até o sexto andar. Desembarcou em uma sala imensa, iluminada por milhares de luzes de todos os tipos, cada uma, por sua vez, refletida por infinitos espelhos reluzentes que recobriam as paredes.

Aquele inesperado mundo fantástico a fez imediatamente esquecer daqueles instantes de tristeza e desânimo de pouco antes. Naquele mundo não havia lugar para presságios nem preocupações. Havia apenas esplendor e encanto.

Embriagada pelas luzes, Flavia se divertiu descendo e subindo várias vezes naquele elevador velocíssimo e transparente, como uma criança experimentando um novo *videogame*. Ficou encantada admirando as escadas brilhantes decoradas com cristais *Swarovski*, o bronze reluzente dos corrimãos, os quadros, as estátuas douradas, as cascatas, as fontes, o piano-bar com piano de cauda, os inúmeros corredores que partiam do *hall* iluminados por luzes de *led* de todas as cores e as centenas de pessoas que se deslocavam confusamente de um lado para o outro no interior daquela estrutura imensa, fabulosa.

Aquela exagerada atmosfera de luxo e festa da nave *Etrúria* inebriava os passageiros com luzes piscantes, música ambiente animada, vitrines cheias de joias e objetos preciosos, tapetes extremamente macios e quadros de pinturas famosas nas paredes.

Um mundo de fantasia, irreal. Um mundo fora do mundo. Exatamente o que ela estava precisando.

Flavia ficou inebriada e desorientada com tudo aquilo. Compreendeu que cada efeito de luz, cada música, cada ornamento tinha uma única finalidade: transportar os passageiros para fora da realidade, portanto, para longe de todas as preocupações anteriores, pessoais ou coletivas. Sorrindo consigo mesma, Flavia decidiu chamar o conjunto daquelas recentes sensações de “*Efeito Las Vegas*”.

A reforçar a impressão de estranhamento do mundo que acabava de ser deixado em terra — aquele agitado e convulso do presente —, contribuía as onipresentes alusões ao passado: reproduções de conhecidas obras clássicas de

museu, imagens serenas, distantes das paixões e indiferentes ao fluxo do tempo dos viajantes.

Referências à arte etrusca estavam efetivamente presentes por toda a parte.

Réplicas de vasos com pinturas e desenhos de tema mitológico tinham sido colocadas em quase todos os ambientes. Nos corredores, para assinalar o hall dos elevadores, havia reproduções de conhecidos afrescos etruscos com cenas de dança, música e banquetes. No grande átrio que se estendia por toda a altura do navio, havia até mesmo uma cópia perfeita, em grande escala, do famoso “*Sarcófago do Casal*” da necrópole de Cerveteri. Na entrada da cintilante discoteca, uma estátua do *Apolo de Veios*<sup>1</sup> acolhia sorridente os passageiros que queriam dançar. No meio da Academia da proa, dois grandes cavalos alados, cópia dos do Museu de Tarquínia, pareciam levantar voo em direção a praias distantes.

Flavia continuou passeando entre as salas luxuosas daquela cidade resplandecente. Visitou o enorme teatro de três andares, o cassino, as lojas, os sete restaurantes e os inúmeros bares espalhados por todos os andares. Chegou às academias com suas grandes vidraças, as áreas de bem-estar com saunas e hidromassagens, os salões de dança, as salas de videogames. Vagou por muito tempo naquele paraíso artificial, mais consciente do que nunca de estar fascinada por aquela overdose de ilusões.

Tinha sido arrebatada pelo “*Efeito Las Vegas*”. Não havia possibilidade de fuga.

Surpresa e atordoada com todas essas percepções, parou para escutar uma música suave tocada no piano de cauda do bar central.

Refeita por essa pausa, prosseguiu sua exploração até encontrar um pequeno cômodo em que estava instalada a Biblioteca. Era um local realmente insignificante. Tentou abrir a porta de vidro. Estava fechada. Não se surpreendeu. No fundo, as pessoas que andavam pelos vários ambientes pareciam interessadas somente no

---

1 Veios (*Veii* em latim): antiga cidade etrusca, situada na atual Ilha Farnese, a 16 km a noroeste de Roma. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Veios> Acesso em 2022-08-06) (N.T.)

aspecto lúdico da viagem e na despreocupação daquelas férias no país das maravilhas.

As nuvens negras e o mar agitado não mais existiam.

Estavam alhures, em uma vida agora finda, abandonada.

A nova realidade era aquela. Aquela do mundo de fábula. Aquela do “*Efeito Las Vegas*”.

## Capítulo 2

A busca por sua cabine foi um tanto complicada. O corredor da ponte 9, coberto por um espesso tapete vermelho com desenhos florais, era muito longo, estreito e cercado de ambos os lados por centenas de portas anônimas.

Flavia percorreu os quase 300 metros, da popa à proa, tentando memorizar algumas referências para poder se orientar no futuro: os vãos que se abriam aos elevadores, as cópias de afrescos etruscos, alguns enfeites dourados ao longo das paredes e outros detalhes aparentemente insignificantes.

Mesmo assim, perdeu-se várias vezes.

Em seus deslocamentos, sempre via, na parte oposta do longo corredor, um homenzinho vestido de branco, com óculos escuros e chapéu de palha, que tirou quando a viu, muito educadamente, numa saudação. Flavia respondeu com uma pequena reverência e agradeceu com um sorriso.

Esse encontro à distância ocorreu mais vezes e, a cada vez, o ritual se repetia. Sorrindo, Flavia calculou que aquele senhor distante e gentil também estivesse utilizando a sua mesma estratégia de orientação.

Ou será que estava perdido?

Por fim, Flavia entrou na cabine 943, a sua. O ambiente era exatamente como tinha visto no folheto: um quarto-sala com uma escrivaninha, um pequeno sofá, uma grande cama, um banheiro confortável com chuveiro, elegantes toldos semi abertos sobre uma varanda provida de cadeiras e mesinha. Havia inúmeras tomadas e a conexão de wi-fi estava funcionando.

Muito bem. O local parecia ideal para trabalhar.

Suas malas já tinham chegado e estavam colocadas em ordem ao longo da parede. Flavia ficou contente com uma organização tão eficiente: em menos de duas horas as malas de mais de três mil pessoas tinham sido entregues nas cabines! Naquela enorme cidade em cima d'água tudo parecia funcionar perfeitamente.

Ótimo começo.

Abriu as malas, colocou em ordem suas coisas, testou as conexões do computador, mandou uma mensagem para casa, tomou uma ducha rápida e por fim, cansada, estirou-se sobre a cama.

Quando acordou, já estava completamente escuro lá fora.

Evitou debruçar-se da varanda para não se deixar afetar pelo mar agitado, mas se deu conta que o ruído do navio tinha aumentado e que ela estava com dificuldade de manter o equilíbrio. Para evitar problemas, apressou-se a tomar um remédio para enjoo.

Então, vestiu-se para o jantar da maneira mais simples possível: calça preta e blusa de seda marfim.

Ao sair viu, ao fundo do longo corredor, o homem de chapéu Panamá. Ele tirou o chapéu, ela sorriu.

Ele também estava indo jantar ou tinha mesmo se perdido?

Por fim, Flavia chegou ao restaurante onde um gentil garçom indiano lhe indicou sua mesa.

Era uma mesa redonda de oito lugares, elegantemente arrumada.

Estava vazia. Ela era a primeira...



### Capítulo 3

Esperou por alguns minutos mexendo no celular.

Então, sua atenção foi atraída por uma mulher de meia idade, alta, opulenta, que andava confiante, como se — apesar da sala estar quase vazia — avançasse em meio a uma grande multidão. Seu olhar levemente voltado para o alto, em direção a um ponto indefinido, ou em direção a um interlocutor inexistente a quem ela dirigia seu sorriso. Usava um vestido preto muito justo, estampado aqui e ali com rosas vermelhas. Nos ombros, uma jaqueta curta de renda preta. Também eram vermelhos os sapatos de salto muito alto. O cabelo farto, ondulado, “ruivo tiziano”, estava preso em uma única trança meio solta e jogada lateralmente sobre o amplo decote do vestido. Uma echarpe de chiffon vermelho escondia, parcialmente, as ruguinhas do colo e se entrelaçava com um colar de corais e pérolas. Oscilando ligeiramente, um pouco instável sobre o salto alto, a mulher aproximou-se justamente da mesa de Flavia e, com um sorriso amável, sentou-se a seu lado.

— Consuelo Domeninca de la Fuente — disse, estendendo-lhe uma mão bela e meio gordinha com unhas compridas perfeitamente pintadas de vermelho.

Flavia sorriu e hesitou por um instante enquanto ajustava o foco sobre aquele nome que lhe parecia conhecido.

— A cantora — completou a outra, como que para ajudá-la a lembrar.

— Ah, claro, a cantora! Que prazer em conhecê-la! Vi muitas vezes na televisão! Maravilhosa! Lembro-me de sua inesquecível “*Casta Diva*”, realmente extraordinária! Fiquei emocionada!

— Obrigada! Gentileza sua!

Consuelo era muito simpática, exuberante, ávida por comunicar-se. Era espanhola, de Valladolid. Falava bem o italiano — tinha estudado música na Itália — ainda que se percebesse, por algumas sutilezas de sotaque, que o italiano não era sua língua natal.

Falou do belo navio, das coisas que já tinha visto, do que ainda queria visitar, perguntou em que Flávia trabalhava e quais os motivos de sua viagem. Depois

explicou que tinha pavor de avião e que pretendia chegar de navio até Buenos Aires para uma apresentação.

Acrescentou, também, que era amiga do comandante e que talvez, numa daquelas noites, cantasse para os amigos — convidou inclusive Flávia — apesar de que, a seu critério, o piano de bordo não estava à altura de uma performance sua.

Estavam falando da possível apresentação quando viram aproximar-se da mesa dois homens que conversavam animadamente entre si e que pareciam se conhecer muito bem.

Um, o mais velho, sessentão, magro, com barba grisalha curta, bem unida ao bigode da mesma cor, cabelo quase raspado, rosto comprido, regular, olhos cinzentos com óculos de inusitada armação verde. O outro, mais novo, mais alto, cabelo crespo preto, barba curta desalinhada, óculos de grau com uma pesada armação preta.

Ambos estavam em trajés esportivos: jeans e camisa — azul celeste, o mais velho, e xadrez colorida, o mais jovem. Como se não tivessem tido tempo de se arrumar para o jantar.

Ou como se não ligassem a mínima para isso.

Mesmo quando já estavam muito perto da mesa, continuaram sua discussão intensa e compenetrada. Despertou-lhes a atenção, porém, a bela mão de Consuelo oferecida para o tradicional beija-mão. Apressaram-se a cumprir o ritual com uma leve reverência. Em seguida disseram rapidamente seus nomes que, entretanto, Flávia não conseguiu memorizar.

Então, os dois recém chegados sentaram-se, olharam rapidamente o cardápio para se prepararem para escolher e, com flagrante falta de educação, retomaram a discussão anterior.

— Qual o objetivo da viagem dos senhores? — interrompeu-os Consuelo, sem fazer rodeios.

— A ilha de *La Palma*, nas Canárias, para uma pesquisa de radioastronomia — respondeu brevemente o mais velho, sem dar maiores explicações.

— Não sabia que havia um observatório de radioastronomia nas Canárias — disse Flávia, tentando dar continuidade à conversa.

E conseguiu, porque o mais jovem começou imediatamente a falar com entusiasmo do trabalho de pesquisa deles.

— Tem sim, com certeza! Fica na ilha de *La Palma*, no *Roque de los Muchachos*, a 2.200 metros acima do nível do mar. Lá em cima há dois radiotelescópios MAGIC, cada um com 17 metros de diâmetro!

— 17 metros de diâmetro?! Incrível! — exclamou Consuelo, encantada. — Imagina que maravilha de céu estrelado se pode ver com esses telescópios!

— Não, os telescópios MAGIC não são telescópios óticos. Os MAGIC revelam raios gama de altíssima frequência, emitidos pelas mais potentes fontes cósmicas.

— Oh, não dá para ver o céu estrelado? — interrompeu Consuelo, muito decepcionada.

— Não, não com o MAGIC. Mas ali perto há também telescópios óticos potentes, inclusive o maior de todos os italianos, o *Galileo*. De lá de cima, de fato, pode-se ver imagens fantásticas do céu noturno. É porque as condensações de nuvens não chegam naquela altitude.

— Enrico, por favor, deixa isso pra lá. Certamente esses detalhes todos não interessam às senhoras — interrompeu o outro.

— Ah, não é verdade, me interessa muito! — interveio Flávia.

— Eu também me interesso muito por astronomia! — acrescentou Consuelo que não estava gostando de ser excluída da conversa. — Contem pra nós: vocês são astrônomos? Que fascinante! Nunca conheci um astrônomo pessoalmente! E, de onde vocês são?

— Somos astrofísicos — especificou o mais jovem, que tinha tanta disposição para falar. — Ele é o Professor Elio Guglielmetti, do INAM, o Instituto Nacional de Física Nuclear. Eu também sou astrofísico. Meu nome é Enrico, Enrico Camuncoli.

— Que legal, dois astrofísicos! E por que escolheram este cruzeiro?

— Durante a viagem vamos preparar um plano de trabalho para realizar com os novos MAGIC do observatório. Estamos reavaliando os dados das emissões cósmicas estranhíssimas que foram registradas nesses últimos dias.

— Olha aí: outro que vem fazer um cruzeiro para trabalhar — disse Consuelo, dirigindo-se a Flávia.

— Pelo jeito é uma ideia que ocorre a muita gente — respondeu Flávia, reconfortada por essa informação.

— Faça-me um favor, Enrico. Posso chamá-lo assim, certo? Conte-nos um pouco mais sobre esses estranhos telescópios MAGIC. Só o nome deles já é uma viagem!

— Na verdade trata-se de um acrônimo adequado. Como eu ia dizendo, os MAGIC captam as radiações provenientes de potentes fontes galácticas e extragalácticas, tipo buracos-negros, supernovas, etc.

— UAU!

— Nós estudamos o efeito que estas radiações produzem quando, depois de ter deixado o vácuo do espaço, encontram-se com as partículas da nossa atmosfera — continuou Camuncoli, sem se importar com as interrupções anteriores.

— Ah...Ou seja?

— Ou seja: a emissão de radiações eletromagnéticas muito intensas, causadas por esse choque. O olho humano capta uma parte, a visível na faixa do azul, que é devida ao *Efeito Cherenkov*.

— Que lindo! — exclamou Consuelo. — E, portanto, vocês estão indo ver essa estranha luz azul! Que romântico!

— Bem, talvez seja romântico, mas não é essa radiação a que mais nos interessa, apesar de não desprezarmos seus sinais. Nós estudamos todas as faixas dessas radiações.

— Que pena!

— A verdade é que vamos a *La Palma* porque nos foram reportadas novidades importantes: foi observado recentemente um excepcional fluxo de energia proveniente do núcleo da Galáxia ativa IC 310. Um buraco-negro de mais de 300 milhões de massas solares — prosseguiu com entusiasmo o jovem pesquisador.

— Não é bem assim. Não é novidade! Na noite de 12 de novembro de 2012, houve um fluxo semelhante que durou cerca de 5 minutos — pontuou Guglielmetti.

— Sim, professor, mas este observado em dezembro passado era anômalo, durou cerca de 3 dias, e é previsto que se repita em breve! Radiações *Cherenkov* evidentes estão presentes atualmente em altas latitudes. E os MAGIC estão nos fornecendo um monte de dados novos!

— Agora chega, falemos de outra coisa! — interrompeu o Prof. Guglielmetti. — Entendi que a senhora também trouxe trabalho para fazer a bordo? A que se dedica? Com certeza não à radiação *Cherenkov*!

— Estou escrevendo um romance e ainda não tenho muitas ideias. Me falta até mesmo o assunto de onde partir. Aliás, pensando nisso, a radiação *Cherenkov* bem que poderia servir. Seria um ponto de partida extraordinário!

— Esses temas são sérios, minha cara senhora! Não é o caso de dar informações erradas e fantasiosas em romances de impacto — interrompeu o Professor, quase murmurando consigo mesmo, claramente aborrecido, e ajeitando repetidas vezes sobre o nariz aqueles óculos esquisitos de armação verde.

— Sei, sei, professor. O senhor tem razão. O fato é que, há muitos anos, cheguei a dar aula de astronomia e, falando de raios gama e de neutrinos, abordava também o efeito *Cherenkov*. Portanto, fique tranquilo, não vou falar do tema com leviandade.

— Parabéns, senhora! — apaziguou Camuncoli, cada vez mais convencido de que o assunto estava mesmo interessando a Flávia.

Camuncoli fez uma pausa, olhando um tanto inseguro para o Professor, quase como se buscasse sua permissão para prosseguir. Então, como o outro estivesse todo concentrado polindo seus estranhos óculos, continuou:

— O fato é que o *Blazar*, perdão, o núcleo ativo desta Galáxia IC 310, esse estranho monstro cósmico, emite um par de jatos de plasma lançados em velocidades relativísticas, um dos quais forma um ângulo com a articulação da Terra-fonte de menos de 20 graus e, portanto,...

Ninguém mais o detinha...

## Capítulo 4

O discurso foi interrompido pelo sorridente e gentilíssimo garçom indiano que se aproximou da mesa para anotar o pedido. Por alguns instantes todos se ocuparam do cardápio, pedindo conselhos ao garçom e trocando várias vezes as escolhas.

Em uma dessas pausas, Flávia perguntou ao garçom:

— Com licença: por que será que ainda tem lugares vagos na nossa mesa?

— É que um passageiro embarca amanhã em Marselha, *madam* — respondeu o garçom. — Mas pode me chamar de Surésh. — E depois acrescentou: — Ah, desculpe, já ia esquecendo: duas senhoras embarcaram ontem em Civitavecchia! E também devemos ter ainda um cliente, embarcado hoje em Savona, como vocês.

— Sim — completou o Professor Guglielmetti. — É um geólogo. Já encontrei com ele à tarde. Ah! Lá está ele. Está falando no celular.

Flávia voltou-se para o lugar indicado pelo professor e notou um homem de seus cinquenta anos que, caminhando nervosamente, estava falando ao telefone. Depois de um tempo, ele se aproximou da mesa sem parar de andar pra cá e pra lá e sem parar de falar.

Foi então que Flávia reparou que ele estava falando em inglês. Escutava pouco e falava muito, com o tom de quem está acostumado a dar ordens e a resolver as coisas.

Era um homem não muito alto, atarracado, com olhos escuros e a pele visivelmente bronzeada para a temporada. Jaqueta azul, calça clara, camisa azul celeste e gravata *regimental* ligeiramente folgada. Em suma, um tipo completamente diferente dos dois astrofísicos.

— Com licença — disse, pouco depois, aproximando-se da mesa. Em seguida, arrastando ruidosamente uma das poltroninhas, sentou-se.

— Boa noite, meu nome é Giorgio Introini e sou executivo da ENI<sup>2</sup> — acrescentou apressadamente, desdobrando o guardanapo.

---

2 *Ente Nazionale Idrocarburi*, equivalente à brasileira Petrobrás. (N.T.)

— Ah, finalmente, doutor Introini! — interveio Camuncoli. — O professor me falou muito do senhor hoje. Vai ser uma confusão e tanto de geólogos e navios lá nas Canárias!

Essa afirmação causou um certo constrangimento. Introini e o professor se entreolharam com ar interrogativo. Então o professor completou:

— É mesmo, parece que tem um pouco de petróleo praqueles lados.

— Bem, não só por isso — disse Camuncoli, dirigindo a Introini uma piscadela cúmplice.

— Doutor Introini, nós já pedimos, agora é sua vez. O garçom está esperando!  
— Encerrou o professor, com o evidente objetivo de mudar de assunto.

Durante o jantar falou-se pouco e principalmente sobre a comida e o tempo. As senhoras que haviam embarcado em Civitavecchia não apareceram.

De vez em quando o professor cochichava, rápido e em inglês, com o geólogo da ENI.

Flávia e Consuelo sentiram-se excluídas e começaram a falar entre si de um assunto que apaixonava a ambas: os animais. E foi assim que, a certa altura, Consuelo lhe revelou, em segredo, ter trazido a bordo o seu gato.

— Como assim? Não é proibido? — perguntou Flávia.

— Teoricamente sim, mas o meu Mozót vai ficar bem comportadinho na cabine durante todo o tempo e ninguém vai ver. O capitão, que é meu amigo, autorizou. Acontece que eu não vou a lugar nenhum sem o Mozót e, também, não tinha com quem deixar. Ele já viajou meio mundo comigo. Além disso, o capitão me contou que ter um gato a bordo faz parte de uma antiga tradição marítima.

— Ah, é? Que interessante, eu não sabia.

— Pois é. Antigamente todo navio tinha gatos a bordo. Inclusive, se não tivesse, as seguradoras não pagavam os eventuais danos aos gêneros alimentícios transportados.

— Você me deixa ver esse teu gato?

— Sim, mas é segredo!

Esse segredo aproximou as duas mulheres, e Flávia reparou que, na hora de se despedir, tinha chamado Consuelo de “você”.

Mais tarde, Flávia subiu ao convés superior para conferir como estava o mar. Não encontrou absolutamente ninguém lá em cima.

Tentou abrir a porta que dava para fora, mas um forte vento em sentido contrário quase a impediu. Só conseguiu, por um instante, segurar aberta uma fresta pela qual passou um forte jato de respingos e vento que a atingiu com espantosa violência.

O clima parecia ter piorado ainda mais.

Flávia voltou a fechar a pesada porta e flagrou a si mesma imaginando o navio — sua atual casa — vista do alto, no escuro, no mar tempestuoso.

A imagem a assustou.

Por isso, voltou imediatamente para a luz e o calor do mundo mágico do lado de dentro.

Num instante, o elevador a levou de volta ao seu andar. O enorme corredor estava deserto. Mas lá no fundo Flávia entreviu, de costas, o mesmo passageiro do chapéu de palha.

Decidiu passar a chamá-lo de “Panamá”, como seu chapéu.

Ainda estaria perambulando?

Ou era só coincidência?

Enfim, entrou na sua cabine e se pôs imediatamente a trabalhar. Finalmente tinha encontrado um título para começar o romance!

Abriu o computador e escreveu no meio da nova página do word, em negrito e fonte 16:

**Efeito *Cherenkov***

Nada mais escreveu naquela noite. O resto viria sozinho. Pouco a pouco.



## Capítulo 5

Na manhã seguinte, Flávia decidiu permanecer a bordo para trabalhar. Conhecia bem Marselha e, com aquele tempo feio, não tinha razão para descer e visitá-la. O forte vento mistral e a chuva pesada certamente não estimulavam a fazer excursões turísticas.

Trabalhou o dia todo idelizando um esquema geral da trama, desenvolvendo os perfis dos personagens (embora alguns já estivessem delineados no livro anterior) e fazendo pesquisas de aprofundamento logístico e histórico com os mecanismos de busca .

Quando terminou um esboço do trabalho, Flávia resolveu mandar uma cópia por e-mail para suas amigas Angelica e Mimma. Esse era o combinado entre elas. Desde sempre trocavam seus escritos entre si, não tanto para uma revisão formal, mas para discussão crítica e para receber novos estímulos criativos. Um brainstorming à distância que já tinha se tornado um hábito e que também era um modo de manter a antiga relação de amizade e de troca de confidências pessoais.

Quando Flávia enviou o e-mail com o anexo, espantou-se com aquele cordão tecnológico veloz e espantoso que ainda continuava a conectá-la a um mundo que agora lhe parecia distante, tão distante. Quase perdido.

O e-mail foi devidamente recebido pelo destinatário.

Portanto, aquele mundo ainda existia!

Ao final daquele dia de trabalho, Flávia se preparou para o jantar. Estava ansiosa para conhecer os recém-chegados e retomar as conversas interessantes da noite anterior.

Ao sair de sua cabine tentou, com curiosidade, ver se por acaso Panamá estava no corredor.

Não, o corredor estava deserto. Ficou quase decepcionada. Mas , quando estava prestes a chegar ao hall do elevador, o viu de relance, por um segundo, atravessar rapidamente o corredor.

E desaparecer.

Consuelo já tinha chegado no salão e, assim que viu Flávia, acenou com o braço num cumprimento. Recebeu-a com um carinhoso:

— Olá, querida, como está?

— Bem — respondeu Flávia. — Você desembarcou em Marselha hoje?

— Não, muito frio! Tenho que cuidar da minha voz... Hoje fiquei descansando, arrumei minhas coisas, respondi os e-mails...

— E Mozót?

— Ficou dormindo e pedindo carinho o dia todo

— E agora?

— Dormindo. Claro.

Levado para a mesa por Surésh, que muito gentilmente lhe mostrava seu lugar, um homem de aspecto senhoril aproximou-se. A coluna levemente vergada para frente e rugas profundas faziam-no parecer um ancião. A vivacidade do olhar, o rosto bronzeado, o cabelo branco ondulado, farto, bem cuidado e comprido até o ombro lhe conferiam um ar jovial, irreverente. O traje, porém, era impecável: jaqueta branca, pequena gravata borboleta vermelho amaranço, calça preta, sapatos pretos lúzidos.

Parou como que em posição de sentido e, em seguida, inclinou-se numa mesura:

— Boa noite, prezadas senhoras, meu nome é Giorgio Ferretti, e será um prazer sentar à mesa convosco durante este longo cruzeiro — disse com voz pausada e grave, com um leve tom irônico que seguiu de um sorriso sincero.

— O prazer será meu — respondeu Consuelo que, acostumada com esse tipo de abordagem formal e elegante, ofereceu-lhe com naturalidade a mão para o cumprimento.

O senhor Giorgio Ferretti encenou o beija-mão mantendo os lábios à distância correta, depois voltou-se para Flávia com quem repetiu todo o ritual.

A conversa inicial foi formal: sobre o tempo, a beleza do navio, etc. Mas, quando Consuelo lhe pediu:

— Fale um pouco do senhor — Ferretti não se fez de rogado e contou com naturalidade muitas coisas da sua vida.

Era de Milão mas morava há muito tempo na Costa Azul. Tinha sido um importante e famoso empresário da moda. Há alguns anos tinha deixado os negócios para a filha e vendido aos franceses a marca e suas sucursais de vendas em todo o mundo. Depois da morte da esposa, ocorrida há um ano, tinha decidido dedicar-se às coisas que sempre quisera fazer. A pintura, a leitura, o estudo de filosofia (em que era graduado), as viagens, como o cruzeiro de volta ao mundo que, precisamente, estava por iniciar. Recentemente tinha criado uma fundação cultural e filantrópica a que destinava parte dos lucros que ainda recebia das ações da sociedade de sua atividade anterior.

Depois, muito discretamente, Giorgio Ferretti perguntou sobre as duas senhoras que responderam prontamente. Achou muito interessante o que elas contaram e as cumprimentou por suas atividades.

Flávia gostou muito desse novo companheiro de viagem.

## Capítulo 6

Passado o Golfo do Leão, o mar se acalmou.

A noite foi bem tranquila e Flávia passou muitas horas tentando organizar as ideias para seu romance. Eram muitas, confusas e sem um fio lógico que as conectasse em uma trama coerente.

Permitiu-se apenas um sono breve, pois na manhã seguinte queria descer em Barcelona.

Flávia tinha um velho conhecido na cidade, Ricardo, um amigo que não via há muitos anos e que trabalhava no *Museo de Arte Catalunya*.

Não tinha tido tempo de avisá-lo de que estava chegando.

Iria fazer uma surpresa.

Na manhã seguinte, mal a nave atracou, Flávia desceu para terra firme e foi de taxi para o *Museo*.

Ao chegar, subiu correndo a linda escadaria da *Fuente* e, ao chegar lá em cima, parou para admirar do alto o amplo panorama da *Plaza de España* e da cidade.

Quantos anos teriam se passado desde a última vez em que ela estivera no *Museo*? Mais de vinte, talvez. Seria possível?

Naquela manhã cinzenta, tudo lhe pareceu diferente. Um baixo manto de nuvens cinza cobria a cidade que parecia estar com a respiração suspensa debaixo daquele cobertor oprimente. A fonte estava desligada. Muda. Sem o seu jorro, sem os seus jatos sonoros, exibia, sem pudor, seu esqueleto de pedra branca. Uma cidade encerrada no cinza de seu presente, sem mais memória das cores de seu passado.

Flávia teve de repente sensação de que aquele panorama fosse, de alguma forma, a representação da sua viagem. Livrou-se daquele pensamento inútil e incômodo e entrou rapidamente no *Museo*.

Mentiu ao recepcionista dizendo que era esperada pelo doutor *Ricardo Benllok*. Conhecia o caminho. Com certeza o encontraria no seu escritório.

Entretanto, ele não estava lá. Uma funcionária lhe disse que ele tinha descido para a Sala 6, a sala onde tinha sido reconstruída a antiga basílica bizantina de São Clemente.

Assim, Flávia desceu à Basílica e, enfim, o viu. Mal o distinguia na penumbra da sala; estava sentado num pequeno banco de frente para a abside e olhava fixamente a imagem do Cristo Pantocrator no trono.

O olhar poderoso do Cristo dirigia-se aos olhos de Ricardo que, estranhamente, parecia-se com ele. A magreza e as rugas profundas de sua face lhe davam um ar “bizantino” que Flávia jamais notara nele.

Atônita, ela ficou por muito tempo contemplando o espetáculo daquele olhar longo e recíproco. Uma estranha comunicação fora do tempo. Como se Ricardo tivesse sido sugado pela potência daqueles olhos e estivesse se transformando em um dos personagens do afresco.

Flávia percebeu que não podia infringir aquela espécie de encantamento, irromper com sua presença, com seus cumprimentos, com os habituais questionamentos sobre a família.

Seria como estilhaçar a perfeição de um cristal.

Teria ela o direito de o fazer?

E além disso, aquele homem tão emagrecido, tão exausto e enrugado, não era mais a mesma pessoa que tinha conhecido tantos anos atrás. Talvez ela também estivesse igualmente mudada.

Por que despertar nele frieza e constrangimento?

A penumbra daquela abside e a fixidez do olhar de Ricardo tinham algo em comum com o esqueleto da fonte que a tinha impressionado momentos antes. Uma imobilidade atemporal. Talvez a expectativa de alguma coisa que Flávia não conseguia apreender, mas que percebia instintivamente.

Algo que, aparentemente, Ricardo talvez soubesse.

Curiosamente, teve a impressão de ouvir, atrás de si, o barulho do estilhaçamento de vidros.

Mais um sinal?

Desde que partira, Flávia tinha a sensação de que certos objetos ou certas pessoas silenciosas quisessem lhe comunicar alguma coisa.

Informações que, todavia, jamais conseguiam chegar até ela.

Que nada! - talvez fosse apenas a mesma sensação que lhe provocavam as figuras de certos quadros de De Chirico ou de Magritte. Personagens mudas, portadoras de misteriosas mensagens e vagas premonições.

De qualquer forma, o melhor era mesmo ir embora daquele lugar estranho.

Afastou-se lentamente, sem fazer barulho.

Ricardo não a notou.

Na saída, em frente ao majestoso edifício do Museo, Flávia suspirou profundamente.

Um ar renovado despenteou-lhe os cabelos.

A cidade, vista de cima, parecia não ter fim. Cortada por vias retas que a seccionavam em fatias geométricas, como dolorosas feridas. Reconheceu à direita, ao fundo, os altos pináculos da Sagrada Família, pareciam sabres retorcidos no ato de golpear com violência as nuvens cinza que fechavam o céu.

Mais perto da colina de *Montjuic* reconheceu as árvores alinhadas de *Las Ramblas* que confluíam para a *Plaza Catalunya*. Aquela vista lhe provocou um inexplicável arrepio que sentiu escorrer ao longo da espinha e, naquele momento, a imagem da *Rambla*, do Cristo Pantocrator e de Ricardo começaram a girar perante seus olhos, juntas em uma inexplicável vertigem e acompanhadas de um forte apito.

Atordoada e confusa, sentou-se sobre um degrau de mármore e fechou os olhos. Permaneceu assim por um tempo. Até que aquele assobio agudíssimo que parecia perfurar-lhe os ouvidos se atenuasse. Então, reabriu com cuidado os olhos.

Tudo cessara. Tudo parecia ter voltado ao normal.

Pareceu-lhe estar saindo de um sonho indecifrável. Ou de um incubo, ou, talvez, de algum distúrbio do vestíbulo do ouvido interno: uma repentina e inexplicável labirintite.

Mas não tinha tempo a perder com essas reflexões. Ela tinha que trabalhar, muito que trabalhar! Sendo assim, escolheu a terceira alternativa, a mais lógica, e decidiu chamar um taxi para voltar o mais rápido possível ao navio.

## Capítulo 7

Trabalhou durante toda a tarde, intensamente. Por isso nem se deu conta de que já era quase hora da janta. Arrumou-se com pressa e quando saiu da cabine deu-se conta de que Panamá havia acabado de passar por ali e lhe estava dando as costas. Por isso não a viu. Pouco depois, porém, voltou-se e a cumprimentou, tirando o chapéu de palha com um gesto teatral. Como sempre.

Quando Flávia chegou ao restaurante já estavam todos sentados à mesa e falando com o garçom.

Lá estavam também as novas passageiras, aquelas que tinham embarcado em Civitavecchia.

Era duas senhoras de meia idade, duas amigas, ambas de Roma.

Uma delas, Malinka Koisan — africana de Serra Leoa — era executiva da FAO<sup>3</sup>; a outra, Laura Marchetti Blasi, era arqueóloga do Museu Etrusco de Villa Giulia.

Tinham ficado fechadas na cabine por dois dias inteiros por causa do enjoo marítimo e, naquela noite, forradas com os remédios prescritos pelo médico de bordo, tinham finalmente se decidido a ir jantar.

Todas essas novidades Flávia ficou sabendo por Consuelo que já tinha feito amizade com as recém-chegadas. Flávia, ao contrário, por causa do vozerio confuso de fundo, somente conseguiu trocar com elas um ou outro sorriso.

Por sorte, seus vizinhos à mesa eram Consuelo de um lado e o empresário Giorgio Ferretti, do outro. Duas pessoas simpáticas e interessantes que ela já conhecia.

— Foi ao Museu essa manhã, Flavia? — perguntou Ferretti a certa altura.

— Sim. Mas como é que o senhor sabe? — respondeu Flávia sem conseguir esconder a repentina surpresa.

---

3 *Food and Agriculture Organization*, agência especializada das Nações Unidas que lidera os esforços internacionais para erradicar a fome no mundo. <https://www.fao.org/brasil/pt/> Acesso em 06 ago.2022. (N.T.)

— É que eu também estava indo para lá e a vi sair, correndo, e depois entrar rapidamente num taxi. Nem mesmo deu tempo de chamá-la.

— Sim, queria retomar o meu trabalho o mais rápido possível — respondeu Flávia com o tom definitivo de quem não admite ulteriores questionamentos.

O empresário compreendeu e mudou imediatamente de assunto. Virou-se para Camuncoli, que estava sentado a seu lado:

— Enrico, e o senhor, foi fazer um passeio nas *Ramblas*?

— Ah, não...não tinha tempo, tive que dar continuidade a uma montanha de cálculos para os algoritmos do *software* que vai nos ajudar a eliminar os sinais falhos que estão chegando aos MAGIC.

— Mas, afinal: será que tem alguém se divertindo neste cruzeiro? — acrescentou Ferretti, zombando.

Como ninguém respondesse, ele continuou:

— Ainda bem que hoje, em Barcelona, embarcaram os alunos de um Liceu das Canárias, em excursão estudantil. Assim, a idade média dos passageiros deste navio abaixa um pouco.

— Ah... é por isso que ouvi toda aquela algazarra nos corredores! — disse o geólogo Introini.

— Que nada: não é algazarra; é alegria, é vida! — interrompeu Flávia, que sempre tinha um pouco de saudade da sua atividade anterior como professora.

— Talvez a senhora tenha razão. — respondeu Introini erguendo as sobrancelhas com ar de superioridade. Em seguida, tirou do bolso o celular e colocou bem à vista, ao lado dos seus copos.

— Desculpem-me — disse, então —, mas estou esperando um telefonema urgente.

Seguiu-se um silêncio um tanto constrangido e todos se concentraram no prato dos deliciosos aperitivos que Surésh tinha servido.

Mais uma vez foi Consuelo que reanimou a conversa com uma pergunta direta ao geólogo:

— Diga a verdade, a ENI está procurando petróleo nas Canárias?



— Bem, sim... Há muito petróleo lá, mas seria necessário perfurar a grandes profundidades e, na prática, há muitos problemas.

— Sobre essa questão eu também tenho muito a dizer! — disse inesperadamente a arqueóloga, do outro lado da mesa.

Todos viraram-se em direção a ela, surpresos com aquela repentina intervenção. Aquela senhora miúda de cabelos curtos e grisalhos eriçara-se na cadeira e seus pálidos olhos azul-celeste repentinamente iluminaram-se com uma luz brilhante.

— Sobre essa questão eu também tenho muito a dizer! — repetiu em voz nitidamente mais alta, para concentrar sobre si mesma a atenção de todos. — Minha sobrinha, que é ativista do *Greenpeace*, foi gravemente ferida por um navio militar espanhol durante uma ação de protesto contra essas prospecções profundas.

— Mas nós não temos nada com isso, senhora. São os espanhóis da empresa *Rapsol* que queriam prospectar ao largo de *Lanzarote*. Foram eles que se fizeram proteger por aquele navio militar que abalroou o bote de borracha de sua sobrinha. Nós da ENI não temos nada a ver com isso, senhora.

— Sim, mas agora, pelo que acabo de ouvir, vocês também estão indo para lá! — interrompeu a arqueóloga inclinando a cabeça para trás, num gesto quase desafiador.

— Não, nós estamos indo só para uma consultoria. Estão havendo muitos problemas graves. Por causa deles, mesmo a *Rapsol* interrompeu temporariamente as operações. Nós vamos dar uma mão, averiguar a situação, mas provavelmente não vamos nos meter nesta aventura perigosa.

— Exatamente, o senhor disse “aventura”, se bem entendi. Uma aventura perigosa. Mas o que é, então, que está acontecendo no meio do Atlântico? — agora sua voz estava mesmo alta e o ritmo das palavras, agitado. — E se ocorrer um vazamento de petróleo como aconteceu no Golfo do México não faz muitos anos? Não conseguiriam nunca mais despoluir o Atlântico! Será que vocês não percebem?

Nessa hora, Laura Marchetti Blasi foi obrigada a se interromper porque foi tomada de violenta tosse causada pelo excesso de veemência do discurso.

Sua amiga Malinka, perplexa ante essa repentina e incomum explosão oratória, lhe ofereceu um copo d’água para tentar acalmá-la e fazer cessar aquela

tosse convulsiva. Com a face agora quase inteiramente roxa, a arqueóloga bebeu toda a água de um só gole, depois pousou a cabeça no largo peito da amiga que começou a bater-lhe nas costas com sua grande mão negra.

Malinka era mesmo muito mais alta e encorpada do que a arqueóloga que, magra e miúda como era, quase desaparecia entre as dobras do amplo vestido de flores alegres da africana.

Malinka, aliás, trajava, para o jantar, uma elegante túnica tradicional de seu país, com um turbante, do mesmo tecido do vestido, que lhe cobria completamente a cabeça.

Foi então que Ferretti interveio em favor da doutora Blasi:

— Tem razão, sra Laura, com estas perfurações profundas ao redor de Lanzarote é melhor ter cuidado! — e, então, voltando-se para Intronini — Muito, muito cuidado, doutor Intronini! — concluiu Ferretti com firmeza e confiança, como se estivesse bem informado sobre o problema. E, por fim, acrescentou: - O sr sabe, doutor Intronini, que sou um grande acionista de sua empresa? Participei do último Conselho de Administração.

— Ah, então é por isso que me parecia já conhecê-lo. Agora entendi. — acrescentou Intronini inflamando-se de repente de cordial entusiasmo. — Que prazer reencontrá-lo aqui à minha mesa! Depois, se o senhor quiser, podemos aprofundar essa questão complexa. Há algumas novidades importantes relativamente às apresentadas no último Conselho de Administração. Estou indo verificar pessoalmente.

— Não, não... não agora, agora estou de férias! Por outro lado, soube que o senhor joga xadrez e eu estou procurando um parceiro.

— Será um prazer. Quando quiser.

— É, mas com o celular desligado!

— Com certeza. — respondeu, após breve hesitação e com certo constrangimento, Intronini.

Naquele exato instante, o celular de Intronini começou a vibrar sobre a mesa. Ele o pegou resolutamente e se afastou de imediato para ir falar fora da sala.

— *Sem que eu quero, escutei* — disse, aproximando-se da mesa um juvenzinho alto e loiro, em um italiano inseguro e com sotaque estrangeiro. Sua voz

era profunda, gutural e abafada. Então, acrescentou: - Meu nome é Olaf Larsen, sou norueguês e também sou do *Greenpeace*.

— Então conhece minha sobrinha Camilla?

— Conheço sim, senhora.

— Doutor Larsen, por acaso está espionando o Doutor Introini e as atividades da ENI nas Canárias? — interrompeu o professor Guglielmetti fixando no jovem norueguês um olhar severo e interrogativo.

Naquele exato instante apagaram-se todas as luzes e adentraram os garçons com as flamejantes tortas de *meringa flambé* acesas.

Dos autofalantes saía, em volume máximo, o som de uma tarantela napolitana.

*“Jamme, Jamme, Jamme ja,*

*Funicoli, funicolà...*

*Jamme, Jamme, ja...”*

Todos aplaudiram e Olaf Larsen aproveitou para não responder.

## Capítulo 8

Depois do jantar, Flávia convidou Consuelo e as duas recém-chegadas para irem ao *Bar Rasenna*. Queria conhecê-las melhor, falar um pouco com elas. Queria mais informações sobre Camilla e sobre sua atividade no *Greenpeace*.

Pediram um chá digestivo e sentaram-se em uma mesa afastada e silenciosa. A atmosfera estava tranquila, ritmada por uma música baixa e suave ao fundo.

Em um outro canto, concentrados no jogo de xadrez, estavam Ferretti e Introini.

— Bem, doutora Blasi, estou muito curiosa para saber o que aconteceu com sua sobrinha nas Canárias. — disse Flávia, depois de tomar uns goles do seu chá.

— Pode me chamar de Laura, faço questão. — respondeu a arqueóloga. — Pelo que me contaram, a coisa foi assim: as embarcações da Marinha Militar espanhola abalroaram o bote inflável do *Greenpeace*<sup>4</sup>; com os choques, Camilla e outros ativistas acabaram caindo no mar e muitas ficaram feridas. Uma delas, a mais grave, foi levada de helicóptero para o hospital de *Tenerife*.

A arqueóloga continuou a contar, com entusiasmo e orgulho, os vários detalhes da operação.

— Por que você nunca me contou dessa ação da Camila? — perguntou, a certa altura, Malinka Koisan, apertando a mão de sua amiga em sinal de afeto.

— Naqueles meses você estava na África, depois, quando voltou, tínhamos coisas muito mais importantes para fazer! — respondeu Laura. Depois, voltando-se para Flávia, continuou: - Nos últimos meses do ano passado nos oferecemos como voluntárias ao *Emergency*. Queríamos contribuir nas atividades logísticas em prol dos hospitais africanos onde se faz tratamento do Ebola.

— Sim, fui para a África algumas vezes para levar materiais e recursos. Da última vez, fui substituir uma amiga da minha terra natal que mora em Roma como eu.

---

4 “Dois activistas da Greenpeace feridos em incidente com a Marinha espanhola. Ambientalistas protestavam contra prospecção de petróleo ao largo das Canárias.” Jornal português Público, de 15.11.2014. Disponível em <https://www.publico.pt/2014/11/15/ecosfera/noticia/dois-activistas-da-greenpeace-feridos-em-incidente-com-a-marinha-espanhola-1676398> Acesso em: 07 ago.2022. (N.T.)

— Na volta, Malinka estava muito triste e deprimida, por isso a convenci a vir comigo neste cruzeiro. Para espairecer, para não pensar tanto em todas aquelas desgraças. Aqui se vive fora das tristezas do mundo. Aqui tudo é perfeito e agradável.

— Tinha intuído que vocês são duas pessoas extraordinárias! — disse Flávia, visivelmente emocionada. — Estou muito feliz por tê-las conhecido.

Depois de uma breve pausa, temendo tocar em um assunto delicado e doloroso para Malinka, Flávia acrescentou:

— E como está o Ebola agora, lá na África, doutora Koisan?

— Não vai nada bem não. Em alguns momentos a infecção parece contornada. Depois reaparece repentinamente a centenas de quilômetros de distância. Onde às vezes não há nem ao menos as mais elementares condições sanitárias. Nem sei como é que isso vai acabar. Uma tragédia sem fim...

De vez em quando, grupos de adolescentes passavam, correndo, gritando e rindo. Estavam participando de uma caça-ao-tesouro. Quando eles passavam, Flávia e as outras paravam de falar para olhar para eles, como se dali retirassem uma energia positiva.

Também os dois jogadores de xadrez interrompiam sua concentração, esperando que cessasse aquela perturbação juvenil.

Até o empregado encarregado de lustrar os metais parava por um instante de esfregar balaústres e corrimãos e se detinha a olhar para eles.

Em uma dessas pausas, Consuelo tentou mudar de assunto; estava se emocionando demais.

— Sabem me explicar por que estes lustradores de metais estão em todos os salões? Já estão reluzentes! Reluzentes! Vou levar um deles para minha casa para polir a minha prataria!...

— Aqui tudo deve ser resplandecente, tudo deve remeter a festa, luxo, riqueza, alegria — disse, sorrindo, Flávia — O cruzeiro é evasão.

A atmosfera angustiante da história de Malinka perdeu-se entre os brilhos das luzes e os reflexos dos espelhos.

— A propósito de coisas estranhas — Flavia acrescentou então — vocês também repararam naquele estranho homenzinho vestido de branco, com um chapéu de palha, que vagueia permanentemente pelos corredores? Eu o vejo com tanta frequência que creio que ele passa o tempo passeando pelo navio a procura de alguém ou de algo. Ou então, me ocorre que ele tenha se perdido e não encontre mais sua cabine. Vocês o encontraram?

Não, ninguém, absolutamente ninguém, o tinha visto.

“Que estranho” — pensou Flávia —, “muito estranho, eu encontro ele a toda hora...”

Olaf Larsen também tinha chegado ao bar e foi sentar-se, de costas, em uma mesinha vizinha à de Flávia. Parecia focado digitando em seu *iPad*, entretanto, a certa altura, virou-se de repente e disse no seu anglo-italiano esquisito:

— Sabem me dizer *about* conexão de wi-fi? Vai e vem... Na maioria das vezes, vai.

— Na minha cabine funciona super bem — respondeu Flávia — pelo menos, até hoje à tarde, funcionava super bem.

Olaf Larsen a trouxera de volta à realidade de seu trabalho. Já estava tarde e Flávia ainda queria escrever pelo menos mais algumas horas. Despediu-se de todos desculpando-se e saiu do bar *Rasenna* para subir à ponte *Tarquinoa*. A da sua cabine.

No corredor, entreviu, muito de longe, Panamá que a reconheceu e tirou o chapéu. Mas Flávia não lhe deu atenção, estava com alguns novos personagens em mente para o romance; tinham sido sugeridos, inadvertidamente, pela história de Laura Blasi. Deveriam ter algo a ver com o *Greenpeace*. Sentia que esses novos personagens queriam ser registrados com urgência.

— Já vou! Já vou! — disse Flávia consigo mesma enquanto, sorrindo, abria a porta de sua cabine.

## Capítulo 9

Pela manhã, o navio chegou a Málaga. Estava prevista apenas uma parada de poucas horas. Nem valia a pena descer.

Os estudantes, porém, desceram do navio para prosseguir por terra a viagem de instrução até Granada. Flavia tinha encontrado uma pequena parte do grupo no café da manhã e ficara sabendo que não tinham dormido nada naquela noite. Depois da discoteca, tinham se reunido em algumas das cabines para conversar (?!). Ao ouvir isso, Flavia sorria, lembrando de suas exaustivas excursões escolares como acompanhante.

Da varandinha de sua cabine, ficou olhando os jovens descerem para a grande plataforma do porto, onde inúmeros ônibus os esperavam. Saíram em grupos, fazendo uma grande algazarra, chamando e correndo atrás uns dos outros. Finalmente, os professores conseguiram reuni-los para uma última chamada e os fizeram subir.

Flavia seguiu os ônibus com o olhar até que desapareceram por trás dos armazéns do porto. A plataforma ficou vazia e silenciosa.

Foi então que ela se deu conta de que naquela enorme cidade flutuante só havia sobrado adultos, a maioria velhos.

Velhos que partiam para uma longa viagem. Talvez a última de suas vidas.

A metáfora insidiosa e inevitável daquela longa viagem a perturbou.

Mas decidiu não pensar nisso. Voltou para a cabine e pôs-se a escrever.

Trabalhou quase todo o dia. Os novos personagens iam sendo adequadamente descritos e inseridos na trama dos eventos que ela estava tecendo e desfazendo, como Penélope.

Antes do pôr-do-sol o navio se aproximou do Estreito de Gibraltar. Flávia decidiu que não poderia perder o espetáculo: passar entre as Colunas de Hércules não acontece sempre.

Para um europeu, especialmente de formação cultural clássica, costear as montanhas do Atlas sempre tem um profundo significado simbólico.

Uma emoção única que vale a pena viver e saborear.  
Subiu ao convés-passarela 13, aquele da Piscina maior.

Não fazia frio. O mar estava calmo. O sol, apesar de baixo e parcialmente escondido pela Roca de Gibraltar, ainda lambia a costa espanhola. Do lado oposto, o promontório africano de Ceuta mal se distinguia na bruma do pôr-do-sol.

— Será que se pode ter uma espécie de *síndrome de Stendhal* também por uma paisagem?

Flavia reconheceu aquela voz. Virou-se e viu, sentado em uma *chaise longue*, Giorgio Ferretti. Trajava um terno de linho branco, muito elegante, sobre uma simples camiseta em tom de corda. Também era em tom de corda o sapato de lona, bem como o boné mole sem aba.

— Vejo que a senhora também subiu para admirar este pôr-do-sol especial. Sente-se aqui do meu lado, Flavia. Vamos aproveitar juntos esse momento. Posso chamá-la de Flavia, certo?

— Sim, claro, fique à vontade. Aliás, podemos nos tratar por “você”.

— Fico feliz. Esse compartilhar de emoções quase que o exige.

— Sim, eu também acho que se pode ter esta estranha síndrome também diante de uma paisagem. — respondeu Flávia, reconectando-se à afirmação anterior e acomodando-se na poltrona ao lado de Giorgio Ferretti. — Aconteceu comigo certa vez em *Monument Valley*.

— Sério? Conte-me, Flávia!

— Bem, era um pôr-do-sol maravilhoso como este quando voltei a ver, na vida real, aquelas paisagens que tantas vezes tinha admirado nos clássicos filmes de *Far West* de Ford.

— Ah, belíssimos!

— Fui tomada por uma emoção diferente de todas as outras, muito forte, diria até pungente, uma espécie de vertigem. Tão forte a ponto de apagar qualquer outra sensação.

— Provavelmente algo similar ao que os religiosos chamavam de “êxtase místico”.



— É sim, talvez seja. Nunca tinha pensado assim. Diria que havia também um forte componente evocativo.

— Sim, é verdade. Provavelmente, um conflito entre a memória de algo que nos atraiu virtualmente e o impacto com sua realidade. Cria-se uma fascinante desorientação. Era o que eu estava sentindo há pouco, quando você chegou.

— Te atrapalhei?

— Não, não. Como eu te disse: é melhor acompanhado. É emocionante ver esta passagem mítica que separa as terras da Europa e as da África. Cruzar este portal entre o Mediterrâneo, tão conhecido, e o imenso oceano, absolutamente desconhecido. É como voltar a experimentar a desorientação, e também um pouco o medo, que sentiam os antigos navegadores.

— É sim, para além deste estreito, os fenícios somente navegavam ao longo da costa.

— Talvez algum deles tenha tentado ir além, para o mar aberto, mas decerto não retornou.

— Era esse o *non plus ultra*, a direção proibida, dos antigos. Certo?

— Então você se lembra do mito de Hércules?

— Não muito... Já se passaram muitos anos dos tempos do colégio.

— É um belo mito, cheio de significados. Hércules, durante um de seus doze trabalhos, tinha chegado a estes montes, tidos como os limites extremos do mundo, para além dos quais os mortais não podiam ir. Então ele cortou o monte em duas partes (as duas colunas de Hércules) e justamente ali entalhou a inscrição "*non plus ultra*". Uma proibição que parece feita de propósito para estimular o desafio a desobedecer.

— Uma vez que tenha sido aberta a passagem, evidente que o limite pode ser ultrapassado. Um desafio aos corajosos.

— Um mito muito moderno que pode ser lido como desafio ao conhecimento do homem que já não tem tabus.

— Então quer dizer que eram mesmo estas montanhas, as colunas a superar?

— Parece que estas eram as últimas. A cada vez que os navegadores chegavam mais longe da mãe-pátria, as fronteiras do mito eram deslocadas para um pouco mais adiante. Provavelmente, antes destas, haviam os Dardanelos, e o

desconhecido era o mar Negro. Tudo é sempre relativo à experiência que se está vivendo.

— Me vem à mente que Dante colocou Ulisses no inferno porque ele tinha ousado, por sede de conhecimento, fazer o “vôo insano” afastando-se para além das Colunas de Hércules — disse Flávia abotoando seu casaco de lã porque começava a sentir frio.

— Dante achava que a pretensão de Ulisses era um pecado grave. Sabe como é, dá castigo quando a razão quer superar os limites impostos pela fé.

— E, de fato, Dante imaginou que Ulisses, depois de meses de navegação em mar aberto, naufragasse em um terrível redemoinho, bem à vista das terras novas com que tanto sonhava.

— Dante era um medieval, impregnado de estudos teológicos. Hoje a sede de conhecimento não é um pecado e sim um valor. Ainda bem! — concluiu Ferretti enfatizando com determinação essas últimas palavras.

— Qual será, portanto, na tua opinião, a passagem a ultrapassar hoje? Qual o desafio? As viagens espaciais? — disse Flávia após uma longa pausa.

— Esse tipo de desafio já foi iniciado e, de certa forma, superado. Creio que o próximo desafio, o mais traiçoeiro, será o de romper a enorme montanha de inconsciência e irresponsabilidade do mundo atual para escavar uma passagem, uma via que permita a equilibrada e duradoura sobrevivência de nossa espécie no planeta. Esta será a travessia crucial! Muito mais perigosa que a das antigas colunas de Hércules.

— Sabe que você não se parece em nada com um “*fashion manager*”?

— Quando uma pessoa, na juventude, escolhe formar-se em filosofia, isso permanece por toda a vida. Independentemente da profissão que terá na sequência. Há muitos *coach* de importantes equipes esportivas que são formados em filosofia. Sabia disso?

— Pois bem, caro Giorgio, você está eleito meu filósofo e *coach* de referência. E olha que ando precisando!

— Para o teu romance?

— Não só por isso...

Então, calaram-se; o navio tinha agora adentrado o estreito.

A proa apontava resolutamente para oeste, onde o sol parecia lentamente imergir no mar. O navio deixara, à direita, a Roca e, à esquerda, navegava paralelamente às montanhas do Atlas.

O momento era mágico. Somente o silêncio poderia ser o pano de fundo perfeito para tal espetáculo.

Estavam navegando exatamente entre os dois mares, mas também navegavam entre dois tempos: o passado que ficava para trás, à popa, e o futuro incógnito, que se anunciava à proa.

Passaram-se alguns minutos e o sol se pôs.

Os tons de cinza substituíram progressivamente os rubros. As luzes intermitentes dos faróis sobre os promontórios foram ficando cada vez mais nítidos e marcaram o tempo de uma nova realidade.

Desconhecida.

Na distância, as primeiras luzes das casas brancas de Tânger testemunharam que a passagem já tinha acontecido.

À frente, no oceano distante, uma leve névoa velou o horizonte.

— Agora podemos voltar para dentro — disse Ferretti, oferecendo a mão a Flávia para acompanhá-la. — Já está na hora do jantar. Vamos.

Flavia sentiu o calor daquela mão e a apertou. Um contato macio, um confortável refúgio ao qual se abandonar.

## Capítulo 10

Quando Flávia entrou na sua cabine levou um susto que a deixou sem fôlego. Em cima da sua cama, enrodilhado em um círculo perfeito, estava um gato ruivo.

Como teria conseguido entrar?

Seria o gato de Consuelo? Ela o teria levado?

Impossível, ela não tinha a chave da cabine. E então? Aquele gato teria chegado pelas varandinhas?

A única coisa a fazer era localizar Consuelo imediatamente. Pegou o telefone e chamou a recepção.

— Boa noite, gostaria de falar com a senhora Consuelo Dominica de la Fuente, poderia chamá-la por telefone?

— Sim, claro. Espere, por favor.

Enquanto esperava uma resposta, Flávia começou a acariciar aquele magnífico gato ruivo. Ele acordou, alongou-se espreguiçando-se, enrodilhou-se em sentido contrário ao que estava antes e, por fim, tornou a dormir.

— No quarto, a senhora De la Fuente não atende. Quer que a chame com o autofalante?

— Não, não. Não é o caso. Mais tarde eu mesma procuro.

— Espere, senhora. Minha colega está me dizendo que, há cerca de uma hora, a senhora De la Fuente tinha um encontro marcado com algumas amigas no Teatro Duse.

— Agradeço. Vou procurar lá.

Flávia saiu imediatamente. Correu para o elevador e não se deteve para reparar se aquela espécie de mancha branca que se via ao longe, ao fundo do corredor, seria Panamá. Desceu no quinto andar e, atravessando os corredores das lojas, foi em direção ao Teatro.

Não foi necessário entrar pois cruzou com Consuelo na sala das *Slot Machines*.

— Ah! Olá, Flávia — disse Consuelo.

— Preciso falar com você — interrompeu Flávia em voz baixa.

— Diga! O que aconteceu? — espondeu Consuelo nitidamente preocupada por ter notado o ar transtornado de Flávia. E logo acrescentou:

— Mozót, algo com Mozót?

— Sim, eu o encontrei em cima da cama no meu quarto.

— Mas como é possível, como é que ele fez?

— Ah, isso não sei...

— Que vadio! Ainda bem que foi para a tua e não para a cabine de outros passageiros.

— É comum os gatos escolherem uma segunda casa. Sem o conhecimento de seus supostos donos. Especialmente os machos. Sentem-se mais livres, talvez. Porém, não querem parecer “traidores”. Então, fazem escondido...

— Olha só! Você conhece bem mesmo os gatos! Por isso é que ele escolheu a tua cabine. E por sorte, porque se tivesse ido para qualquer outra, seria uma encrenca de verdade.

Continuaram falando de gatos no elevador e, depois, no corredor do nono andar. Mas quando Flávia abriu a porta do seu quarto, Mozót não estava mais lá. Nem em cima da cama nem em nenhum outro lugar.

Correram para o quarto de Consuelo e, mal ela abriu a porta, Mozót foi em sua direção com a cauda levantada e começou a se enroscar entre as suas pernas.

— Que foi que eu te disse? Está fazendo de conta de nunca ter saído do teu quarto.

— Os gatos são como fantasmas, ou como personagens do *Star Trek*: materializam-se do nada!

Rindo, as duas amigas (porque como tais já se sentiam) sentaram-se sobre a cama. Mozót juntou-se a elas e se fez acariciar por ambas.

Agora tinha duas amigas e ele era o segredo delas.

## Capítulo 11

Nos portos de Civitavecchia, Savona, Marselha, Barcelona e Málaga concluíram-se todos os pequenos cruzeiros parciais. Por isso é que para aquela noite estava prevista o verdadeiro jantar de “Bem-vindos a Bordo”, que estava reservado aos passageiros do “Grande Cruzeiro de Volta ao Mundo”. Uma grande festa de gala com a presença do capitão, com a apresentação do programa de viagem, os brindes inaugurais, as premiações, etc, etc,

Em resumo, era preciso mesmo vestir-se de maneira formal e elegante.

Auxiliada pelas mãos experientes de Consuelo, Flávia também se produziu para a ocasião. Até mesmo os dois astrofísicos compareceram de paletó e gravata.

Durante o jantar, Consuelo apresentou o capitão a seus companheiros de mesa e ele parou um pouco para falar com eles.

O capitão Agostino Ferraro era um homem bonitão de cerca de sessenta anos, alto, forte, elegante e de modos joviais. Os cabelos, cor de sal com pimenta, levemente ondulados, e o sorriso aberto e confiante.

Era evidente que entre o capitão e Consuelo havia algo mais que uma simples amizade. Formavam um belo casal, muito afinado. Seguravam as mãos um do outro e sorriam com uma intensa luz de desejo nos olhos. Percebia-se em seus olhares um contínuo fluxo de segredos íntimos em comum e uma promessa apaixonada de futuros entendimentos análogos.

Após o jantar, a festa passou para o teatro Duse, onde o capitão apresentou os membros da tripulação, e premiou os melhores colocados na votação quanto à satisfação dos passageiros.

Surésh foi um dos mais aplaudidos.

Depois, todos foram para o salão de baile principal. Apesar do insistente convite de Consuelo, Flávia não se uniu a eles. Preferiu ir passear um pouco antes de subir para sua cabine.

Bisbilhotou no longo corredor das lojas. Vitrines reluzentes expunham artigos preciosos de todos os tipos. As balconistas elegantes mostraram-se disponíveis e gentis, mas Flávia não encontrou nenhum objeto em particular que pudesse lhe interessar.

Ao longo do mesmo caminho, ao terminarem as lojas, estava uma extensa exposição das fotografias tiradas no momento do embarque e nos dias seguintes, a bordo. Uma série infinita de rostos sorridentes. Uma ilusão de felicidade coletiva imortalizada sobre o brilhante papel fotográfico.

O registro documentado do *efeito Las Vegas* da viagem.

Flávia procurou por si mesma por entre todas aquelas imagens alegres, mas não se encontrou.

Lembrou-se, então, que naquele piso ficava a pequena biblioteca. Encontrou-a, mas a porta estava de novo fechada.

Ao lado da porta, notou uma passagem estreita por um corredor que, bruscamente, prosseguia em ângulo reto até uma porta de vidro fosco. Fechada.

Chegou até lá. Não havia maçaneta para abri-la. Estava para voltar pelo mesmo caminho quando achou, na parede lateral, um botão meio escondido. Apertou-o e duas portas de correr abriram-se silenciosamente. À sua frente, uma espécie de banheiro com diversas pias e algumas pequenas duchas para pedilúvio.

Qual poderia ser a função daquela estranha toilette? Curiosa, Flávia continuou até uma outra porta de correr, que também se abria apertando um botão.

Quando também esta se abriu, encontrou-se em uma saleta com as paredes recobertas de inscrições em elegantes caracteres árabes.

Ali, ajoelhados sobre um grande tapete vermelho, com o rosto no chão, uma dezena de homens estava rezando.

Flávia ficou na soleira observando. Não havia dúvida: tratava-se mesmo de uma pequena mesquita!

A certa altura, um dos fiéis a viu, levantou-se e dirigiu-se a ela. Era o lustrador de metais do bar central. Flávia o reconheceu de imediato. Muito

gentilmente, sussurrando, ele explicou que, como era mulher, ela não podia ficar para rezar com eles.

Em seguida a acompanhou até a saída.

— Desculpe se atrapalhei, não sabia que havia uma mesquita no navio. — disse Flavia.

— É só um pequeno cômodo que o capitão reservou para nossas orações. Afinal, somos poucos. Somos apenas dez, todos paquistaneses. Somos todos da mesma cidade, Islamabad. Somos todos meio parentes entre nós.

— Qual seu trabalho no navio?

— Somos todos lustradores de metais. Um em cada andar.

— Reparei que fazem muito bem o seu trabalho.

— Sim, caprichamos muito. Tudo tem que estar lustrosíssimo! Perfeito.

Esse é o nosso trabalho.

Enquanto isso, passando pelas duas portas automáticas, chegaram ao final do estreito corredor.

— Qual é o seu nome? — perguntou Flávia, antes de se afastar.

— Mahammâd — respondeu o lustrador de metais, voltando de onde viera.

Quando Flávia chegou ao bar central, o pianista brasileiro estava tocando canções doces e melancólicas de *Ipanema*. Sentada em uma mesinha à frente, a arqueóloga estava bebericando uma infusão de ervas.

— Laura, você também não ficou para dançar? — perguntou Flávia, sentando-se a seu lado.

— Não, nunca soube dançar e, além disso, não gosto de confusão. Já chega de festa para mim esta noite.

— Por outro lado, vi que Malinka ficou...

— Ela, como se diz, tem a música no sangue! Eu prefiro relaxar um pouco com essa música suave. Este pianista é ótimo!

— Se bem me recordo, os etruscos também amavam a música. Nos afrescos veem-se sempre músicos e dançarinos.

— É verdade, segundo Aristóteles, todas as atividades deles, de trabalho ou lazer, eram sempre acompanhadas do som de flauta. Costume por ele condenado,



junto com aquele, que o escandalizou sobremaneira, de permitir que as mulheres participassem dos banquetes dos homens.

— Li que as mulheres etruscas eram muito mais livres que as gregas e até mesmo que as romanas.

— Sim, com certeza, eram também mais liberadas sexualmente. Sem que isso provocasse escândalo. Participavam de todas as festas, de todas as competições esportivas, de todos os banquetes. Atividades sempre embaladas por música, naturalmente.

— Um pouco como neste cruzeiro! Sempre tem uma música de fundo em todos os ambientes. E, diga-me, qual era o som dessa flauta etrusca?

— A meio caminho entre o oboé e a clarineta. Mas, nas festas, tocavam também trombetas, tambores, cítara, flauta transversa, sistro e outros.

— Nas tumbas eles sempre ilustraram festas animadas e desinibidas. No imaginário coletivo, essa associação entre alegria e morte passou a ser associada ao mundo dos Etruscos.

— Sim, porque eles registravam nas tumbas não a dor de quem ficava, mas as lembranças alegres da vida de quem tinha morrido.

— Neste cruzeiro despreocupado eu observo uma atmosfera muito, muito “etrusca”.

— Sim, é mesmo. Posso confirmar isso porque eu vivo no Museu de Villa Giulia, imersa nas pinturas deles.

— Por falar nisso, faz tempo que queria te perguntar: é por acaso ou não o fato de você, que é diretora de um Museu Etrusco, estar exatamente neste navio?

— Não, não é por acaso. Eu fui a consulente histórica e artística, a pedido da Sociedade armadora deste navio.

— Portanto, você está mesmo se sentindo em casa...

— Até demais. Estas imagens, estas estátuas, estes sorrisos enigmáticos não me abandonam jamais. É quase uma obsessão. Talvez eu devesse ter planejado férias diferentes. Mas, tenho que confessar: a Sociedade está me oferecendo este cruzeiro em troca das minhas consultorias.

## Capítulo 12

Na manhã seguinte, o navio navegava em pleno oceano Atlântico.

Por todos os lados via-se apenas mar. Nem mesmo gaivotas em voo. Nem mesmo montanhas brancas no horizonte. Nem mesmo nevoeiro distante. Nem mesmo embarcações navegando ao longe. Nem mesmo uns poucos peixes aflorando na superfície na água.

Em síntese, não havia mais vestígio da terra. Apenas mar azul e apenas céu levemente mais claro.

Um deserto de água.

A navegação veloz do Etrúria produzia uma brisa suave e um leve e uniforme deslocamento de águas.

A nave prosseguia, resoluta, rumo a uma direção que Flávia, na falta de pontos de referência, percebia como indefinida e desconhecida. Ela estava acostumada a ter sempre limites em volta de si. Não os ter lhe dava uma inusitada percepção de infinito mas, ao mesmo tempo, provocava uma desagradável sensação de desorientação.

O movimento fluido da nave sobre a superfície daquele imenso oceano lhe pareceu semelhante ao de um pequeno inseto<sup>5</sup> à flor da água de um grande lago.

Flávia, apesar de não ver, imaginou as profundezas que estavam abaixo dela: a dorsal atlântica, os vulcões submarinos e o misterioso mundo dos animais pelágicos.

O dia estava bonito, a temperatura agradável. Assim, Flávia decidiu trabalhar na varandinha de sua cabine. Não funcionou muito porque passou mais tempo olhando para o mar do que escrevendo.

A certa altura, enquanto estava contemplando aquela monótona extensão de água, viu passar uma onda pouco mais alta que as outras, mas velocíssima.

---

<sup>5</sup> No original, *idrometra* : o inseto hidrômetro ou “medidor de água”, nome popular devido ao modo como se desloca sobre a superfície da água o *Hydrometra stagnorum*. (N.T.)

Excepcionalmente veloz. Passou diante de seus olhos tão rapidamente que, por fim, teve a impressão de apenas tê-la imaginado.

Mas, não! Tinha mesmo visto!

Poderia tratar-se daquele raro evento sobre o qual tinha lido nos livros? Seria possível?

Flávia tinha explicado muitas vezes em aula que, quando ocorre um terremoto submarino, a pressão provoca uma onda não particularmente alta no mar aberto — considerando-se a grande profundidade e, portanto, a enorme quantidade de água deslocada — mas velocíssima. Muito mais veloz do que as ondas provocadas normalmente pelo vento. Quando, porém, ela se aproxima da costa, desacelerada pelo atrito com o fundo, libera toda sua energia e a grande massa d'água, projetada para frente, causa tsunamis pavorosos.

Seria, portanto, aquela que tinha visto, uma onda de tsunami?

Para afastar qualquer dúvida, Flávia entrou no quarto e ligou a TV. Se tivesse havido um terremoto, algum telejornal certamente teria noticiado. A tela, porém, preencheu-se de listas horizontais deslizantes, e dos autofalantes saíram apenas farfalhos e ruídos irregulares.

Flávia foi atravessada por uma irrequietação desagradável. Até agora ela estava aproveitando o maravilhoso isolamento das coisas do mundo de que se gozava no navio. Naquele momento, porém, percebeu aquela interrupção do sinal como uma definitiva ruptura do vital cordão umbilical que a conectava à realidade.

Decidiu procurar Introini, o geólogo, para falar com ele do que tinha visto. Começou procurando nos vários bares do sexto andar onde o tinha visto, muitas vezes, em companhia de Guglielmetti. Encontrou-o, no entanto, no convés superior, passeando no *Lido Populonia*, ao lado da piscina.

Caminhava nervosamente e falava em voz alta, sozinho. Só que não, não sozinho: estava com o fone de ouvido, portanto estava, como sempre, ao telefone.

Quando Introini a viu, lhe fez com a mão amplos gestos de significado claro: a palma mostrada em sinal de *stop*, seguido de uma rápida rotação da mão e, depois,

a palma, agora fechada, duas vezes. Significava: um momento, por favor, falamos depois, espere, vou terminar o telefonema.

— Desculpe, Flávia, mas é que estou tentando entrar em contato com Milão, mas a linha cai — disse.

— Estamos tendo problemas, eu acho. A televisão também está sem sinal.

— Verdade? — respondeu Introini manifestando uma ligeira preocupação.

Depois, para tranquilizar Flávia e a si mesmo, acrescentou: — Bem, de fato, estes dias têm tido muitas tempestades solares! Vou tentar mais tarde.

— Preciso falar com o senhor. — interrompeu Flávia em tom assertivo.

— Diga, pode dizer.

— Agora há pouco, acho que vi passar, a toda velocidade, uma ondinha de tsunami.

— Verdade? — respondeu Introini, incrédulo e com uma postura um pouco zombeteira.

Porém, quando Flávia lhe descreveu em detalhes o que tinha visto, ele ficou mais atento e pensativo. Mesmo assim, tentou parecer indiferente, e até acrescentou, em tom irônico:

— E pensar que eu, em todos esses anos neste ofício, jamais vi uma dessas ondas especiais!

Então Flávia o pressionou:

— Será que pode ser perigoso?

— Para nós, aqui no mar, com certeza não. No continente, não sei avaliar, depende de muitos fatores. Ah, se conseguíssemos estabelecer uma comunicação decente com a Itália! Poderíamos esclarecer todas as dúvidas.

— Eu acho que pode se tratar de um terremoto submarino.

— Mas pode não ser relevante, a Dorsal Mesoatlântica está sempre em movimento. Aqui não é como no Pacífico, quase nunca há terremotos violentos. A expansão do fundo oceânico é contínua. Ultimamente, porém, tem havido sinais estranhos, e é por isso que estou indo checar alguns dados nas Canárias.

— Que dados?

— Os navios que estão sondando as profundezas do solo oceânico em busca de petróleo, estão sempre reportando fortes irregularidades do campo magnético.

— E o que isso quer dizer?

— Por exemplo, que há grandes quantidades de magma profundo em movimento e, portanto, efeitos dínamo específicos e variações do campo magnético.

— Li que, segundo alguns cientistas, o campo magnético da terra estaria se enfraquecendo e, talvez, próximo à inversão de polaridade.

— Sim, o global, sim. Mas pode ser que haja também anomalias localizadas.

— De vez em quando se fala de inversão do Campo Magnético da Terra. O que aconteceria neste caso?

— Bem, cara Flávia, ninguém sabe. Caso sucedesse ao longo de muito tempo, provavelmente nada de relevante. Se acontecesse de repente, por outro lado...

— Significaria, talvez, que o ferro fundido em torno do núcleo da Terra e o magma na manta teriam invertido sua rotação sem mais nem menos?

— Quem é que sabe? Nesse caso tudo poderia acontecer: ruptura da crosta, terremotos, novos vulcões, um cenário de filme de terror americano.

— *Mamma mia!*

— Mas não é só isso, pense na enorme quantidade de raios cósmicos não mais contidos pela magnetosfera que poderiam vir contra nós, uma tempestade energética que destruiria as comunicações de rádio e televisão, os sistemas de navegação e que colocaria as usinas elétricas fora de serviço. Atualmente, as nossas metrópoles dependem completamente da energia elétrica. Não estamos preparados para a interrupção do serviço, nem por poucos dias.

— Seria uma catástrofe!

— Com certeza. Mas de vez em quando acontece: os testemunhos fósseis o demonstram! Da última inversão, a de 40.000 anos atrás, há evidências claras em uma sondagem feita recentemente na Antártica. Mas as mais remotas inversões também deixaram marcantes vestígios na magnetização das lavas das dorsais submarinas.

— E as consequências, quais seriam? Li que, no passado, em seguida a uma inversão magnética, aconteceram mudanças no clima e, em consequência, a extinção de algumas espécies.

— É sim. O fato é que o campo magnético terrestre serve de escudo, nos protege dos raios cósmicos. Se acontecer de faltar ou sair do lugar, desencadeia-se uma série de mudanças na atmosfera, por exemplo, a produção de óxido de azoto,

variações nas quantidades de ozônio, etc, etc. Em suma, uma cadeia de eventos conexos entre si, nem sempre previsíveis.

— E se viesse a faltar completamente? Se se esgotasse?

— Seria ainda pior. Perderíamos o nosso escudo eletromagnético e mais cedo ou mais tarde até mesmo a atmosfera seria eliminada.

— Sem atmosfera não tem vida.

— Exato, como deve ter acontecido em Marte que praticamente não tem atmosfera.

— Dá arrepios. Melhor nem pensar nisso. Mas, me diga, o que poderia convulsionar assim tão fortemente o núcleo da Terra?

— Rupturas do equilíbrio interno, eventualmente também provocadas por eventos externos.

— Por exemplo?

— Pense, por exemplo, na posição diferente que o sistema solar assume periodicamente na nossa galáxia, ou então nas perturbações devidas a algum gigantesco evento cósmico.

— Ouvi falar disso a propósito das ondas gravitacionais.

— Não, não, pelo que sei dessas ondas, diria mesmo que não. Teríamos que perguntar a nossos amigos astrofísicos quais são as novidades. Sei que construíram detectores que confirmaram sua existência. Mas elas não têm condições de produzir efeitos sobre o equilíbrio do nosso sistema planetário.

— Agora entendi porque o senhor está tão interessado nos estudos de Guglielmetti.

— Quem se ocupa de ciência tem que se interessar por tudo. Cada fenômeno pode ter um significado que nos escapa.

— Tá bem... tá bem... Mas, nesse caso?

— Veja, Flávia, tudo isso são suposições. Nada de fazer castelos nos ares e, principalmente, nada de falar com os outros, porque sabe-se lá o que entenderiam. Vamos nos ater aos fatos. E os fatos são:

\* que a senhora, esta manhã, talvez — e sublinho o talvez — tenha visto passar uma ondinha de tsunami;

\* que há anomalias magnéticas nas Canárias;

\* que os MAGIC registram emissões anômalas provenientes do espaço

\* que atualmente o campo magnético terrestre está se reduzindo

- E lhe parece pouco?
- Não.

## Capítulo 13

Tinha chegado a hora do almoço. Flávia e Introini comeram rapidamente qualquer coisa no *self-service*, continuando a conversar sobre placas tectônicas, inversões magnéticas, perturbações gravitacionais e assuntos afins.

Naturalmente, sem nada concluir.

Introini prometeu a ela que falaria com os dois astrofísicos à tarde.

Então, combinaram de se encontrar para o jantar.

Quando Flávia entrou em sua cabine, encontrou sobre a cama os costumeiros folhetos da programação para os eventos do dia seguinte. Estavam enumeradas as festas, torneios, vendas promocionais nas várias lojas de bordo, mas não apareciam os programas para as visitas a terra. Os da visita a Casablanca. Flávia reparou porque tinha intenção de descer à terra no dia seguinte.

Nunca tinha visto Casablanca.

“Vão entregar à tarde”, pensou.

De fato, à tardinha, o camareiro do andar bateu na porta e lhe entregou um novo folheto. Estava escrito:

**“Avisamos aos passageiros que as visitas a Casablanca estão momentaneamente suspensas por motivos técnicos.”**

O que queria dizer esse “momentaneamente”?

Teria havido talvez algum problema mecânico? Entretanto o barulho dos motores parecia normal, como sempre.

Havia previsão da chegada de alguma forte turbulência? Entretanto, o céu e o mar pareciam tranquilos.

Perguntas para as quais Flávia não encontrou resposta.

Decidiu, então, ir ouvir a opinião dos outros passageiros. Havia muita gente passeando pelos corredores, nos bares e no Cassino. Mas ninguém parecia se fazer as perguntas que assolavam Flávia.



Isso queria dizer que estava tudo bem? Queria dizer que era apenas ela a se preocupar sem motivo?

Pelo caminho, Flávia reparou que os “lustradores de metais” estavam todos trabalhando regularmente. Essa constatação chegou a tranquilizá-la de alguma forma. Sabe-se lá porquê.

Dos seus companheiros de mesa encontrou apenas Camuncoli que, de agasalho, fazia *footing* pela passarela exterior.

Ao vê-la, ele parou para cumprimentar. Para tomar fôlego, apoiou-se no sólido parapeito de madeira lustrosa que corria ao longo do convés.

— A senhora também veio fazer um pouco de exercício?

— Não, não, aliás nem estou com o calçado adequado. Na verdade, aproveito a oportunidade para perguntar um pouco das coisas que o doutor Introini me disse para perguntar ao senhor.

— Para mim? Por que para mim?

— Porque o senhor é astrofísico.

— Ah, então diga; pode dizer.

— Me fale das ondas gravitacionais. — disse logo Flávia, para ir direto ao assunto, sem meias palavras.

— Francamente! Mas... o que é isso, uma prova?

— Não, não, me desculpe. O fato é que o tema me interessa e Introini acha que só um astrofísico pode me falar disso corretamente.

— Ah, vá! Sério?

— Sim, foi o que ele disse.

— Bem, o tema é complexo... Até porque, essas benditas ondas gravitacionais, antes de setembro de 2015, ninguém tinha realmente detectado com instrumentos.

— Acompanhei apaixonadamente as notícias sobre a descoberta delas, na América, graças ao Projeto LIGO<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> *Laser Interferometer Gravitational-Wave Observatory*: Observatório de Ondas Gravitacionais por Interferômetro Laser (N.T.)

— As primeiras confirmações são muito promissoras mas, como sempre, apareceram outros eventos semelhantes a serem estudados a fundo antes de se ter uma interpretação segura dos eventos.

— O interessante é que, mais uma vez, Einstein tinha razão!

— Sim, a Teoria da Relatividade geral já previa...O problema é que é preciso conciliar o que diz a Relatividade Geral com o Princípio da Indeterminação.

— Portanto...?

— Portanto, estamos procurando uma equação matemática que unifique as duas coisas, mas ainda não conseguimos. Talvez a *Espuma Espaço-Temporal* possa ser um modelo...

— Deixa pra lá, por favor.

— O fato é que, por ora, vêm à tona equações complexas demais e, em alguns detalhes, até mesmo contraditórias.

— Geralmente, as coisas verdadeiras são simples, evidentes. Se são obscuras, em geral, é porque há algum erro.

— Seria como a senhora diz, se a realidade que vemos e experimentamos fosse a realidade toda. Uma boa parte, ao contrário, ainda está escondida.

— Aí é que está a beleza!

— Concordo. Por isso é que o trabalho que faço me agrada tanto. Mas, na prática, o que é que queria saber sobre as ondas gravitacionais.

— Tirando as equações, o que me diz de mais concreto sobre as ondas gravitacionais?

— A descoberta delas foi uma revolução! Até então a nossa exploração do cosmos se valia da radiação eletromagnética: luz, ondas de rádio, gama, raios-X, etc. Todos eles sinais que podem ser desviados ou reduzidos. Usar apenas radiações eletromagnéticas não é suficiente. Pense nos buracos negros...

— Sim, aqueles monstros que engolem tudo, até mesmo a luz!

— Exato! As ondas gravitacionais, ao contrário, passam incólumes através do Universo. Basta ter ouvidos para as escutar.

— Ouvidos?

— Sim, porque são detectadas em frequência de áudio: dezenas a centenas de Hertz. E agora temos os meios para escutá-las.

— Graças ao Projeto LiGO?

— Sim, o LIGO na América e o nosso VIRGO, na Itália. O trabalho é em colegiado porque os dados são analisados conjuntamente. Por um período também trabalhei no VIRGO, em Pisa.

— Fantástico. Com que trabalhava?

— Com uma série de *software* e algoritmos para distinguir e isolar o sinal de um ruído confuso decorrente de outros sinais que chegavam. Mas o experimento mais fantástico será o LISA<sup>7</sup>. Adoraria fazer parte dessa pesquisa. Seria fabuloso! Deixa eu explicar... — disse Camuncoli, cheio de entusiasmo mas, logo, hesitou: — Não, não agora, levaria ao menos algumas horas e, também, teria que ter um papel para escrever e desenhar e... Como é que eu vou fazer?

— Entendo. Diga-me apenas isto: um evento cósmico catastrófico, sei lá, por exemplo, duas massas enormes que colidam, ou qualquer coisa do tipo, poderia, de alguma forma, provocar no nosso planeta efeitos que...

— Bem, não saberia dizer; depende da distância do evento. Talvez o LISA possa nos ajudar a entender muitas coisas...

— Ah, o senhor conhece o LISA? — era uma voz com um sotaque peculiar que Flavia reconheceu de imediato.

Virou-se e viu, logo atrás de si, Olaf, de agasalho de ginástica. Evidentemente, ele também estava fazendo *footing* no convés e tinha parado para escutar.

O doutor Camuncoli, então, olhou o relógio e exclamou:

— Que coisa, como está tarde! Vou ter que voltar ao trabalho. Me desculpem.

Em seguida, com toda pressa, dirigiu-se à escadinha e, descendo os degraus de dois em dois, desapareceu.

Flávia e Olaf ficaram ali, parados perto do parapeito do convés, sem saber o que fazer nem o que dizer. Enfim, Olaf pigarreou e anunciou:

---

7 NOTA DA AUTORA: A missão LISA (iniciada em janeiro de 2016) será constituída por três satélites independentes que vão orbitar em volta do sol formando um triângulo equilátero imaginário com lados de 5 milhões de quilômetros. Cada satélite será dotado de um cubo de ouro e platina flutuando livremente no espaço; os três estarão ligados por vários laser, com o objetivo de monitorar a posição dos respectivos cubos. Devido à grande distância que separa os detectores, a passagem de uma onda gravitacional deverá ser capaz de causar um deslocamento entre dois dos satélites da ordem de um bilionésimo de milímetro, detectável pelos laser.

— Bem, eu despeço, eu vou correr. Belo dia. *See you soon!* — e, assim dizendo, afastou-se com meticulosos e elegantes passos de corrida.

Flávia, vendo-se sozinha, ficou tentando entender o motivo daquela estranha e inesperada interrupção da conversa.

E também ficou se perguntando por que um dos fenômenos naturais mais simples, que o ser humano conhece desde sempre, a gravidade, seria o mais difícil de explicar em astrofísica.

Mas, afinal, desistiu de entender ambas as coisas e decidiu voltar à sua cabine.

Ao entrar, Flávia voltou a tentar ligar a TV. Mas, de novo, viu apenas listas cinza e ouviu apenas ruídos de eletrostática. Então, foi para a varanda para ver se o tempo estava mudando.

Não. O oceano estava perfeitamente calmo, o céu, apenas encoberto.

Perplexa, Flávia ficou mais um pouco contemplando aquele imenso azul, que era também infinito silêncio, e imaginando as escuras profundezas inexploradas que transcorriam sob ela.

O mistério daquelas profundezas a perturbou.

Havia um outro mundo ali embaixo. Abismos, montanhas, desfiladeiros, profundezas arenosas, vulcões, lava, e também seres vivos de todos os tipos: microscópicos e enormes. Um outro universo que vivia com vida própria, escondido. A sua nave arranhava-lhe a superfície, deixando apenas um traço minúsculo que o oceano apagava de imediato para não guardar memória.

A certo ponto, na distância, pareceu-lhe ver flutuar, por sob a superfície da água, algo bastante extenso, mas não bem identificado. Algo que lembrava vagamente um corpo humano. Foi então que Flávia teve aquela visão; aquela visão que a perseguia e que não a deixava dormir à noite: cadáveres pálidos em lenta queda nos abismos. Tumbas flutuantes, corpos exangues de jovens imigrantes naufragados, às centenas. Depois, a imagem das brancas profundezas de areia onde aqueles corpos jaziam, espalhados, entre carcaças de barcos, pontas de rochas e cascas de conchas mortas e vazias. Mortas como aqueles corpos sem nenhuma vida e sem nenhuma esperança.

Portanto, aquela forma que ela tinha visto pouco antes, talvez pudesse ser... Poderia talvez ser o corpo de algum desesperado que tentava chegar até a Europa desembarcando nas Canárias?

Por muito tempo Flávia ficou esmiuçando atentamente o curso das pequenas ondas à procura daquela forma fugaz. Mas não voltou a vê-la.

Aquela imagem que a tinha angustiado tanto dispersou-se, pouco a pouco, na imensidade daquele mar sem confins e na confusão de seus pensamentos. Aquela imensidade de espaço confundiu-se com a infinidade do tempo que parecia repousar por sobre.

Como toda tragédia humana se dilui e se dispersa no fluir do tempo.

Apesar de tudo, quando Flávia, de volta ao computador, quis escolher um título para o *Capítulo VI* do romance, escreveu:

**“Abismos”**

E não conseguiu escrever mais nada.

## Capítulo 14

Ainda navegaram por mais dois dias sem ver terra.

A vida a bordo parecia transcorrer normalmente entre bailes, jantares, shows teatrais e, como o clima estava mais quente, também banhos nas piscinas e nas numerosas banheiras de hidromassagem.

Somente à noite, quando se reuniam para o jantar, os cruzeiristas falavam daquela estranha mudança no programa e na perdida visita a Casablanca. Sem se preocuparem muito com isso, no entanto.

Pouco importava, de tão magnífica que era a vida a bordo!

Eram tantas as hipóteses, e cada passageiro tinha a sua preferida: problemas mecânicos no navio, imprevistos políticos em terra, previsões meteorológicas muito desfavoráveis, entraves burocráticos à atracação.

Malinka Koisan chegou até a aventar a hipótese de que a epidemia de ebola tivesse chegado ao Marrocos e que a atracação fosse desaconselhada para evitar o contágio.

Medos indefinidos, sinais de alarme percebidos apenas, mas descartados de imediato.

Guglielmetti, Camuncoli e Introini, ao contrário, estavam felizes por ter evitado a visita a Casablanca porque acreditavam que, sem aquela parada, estariam mais brevemente desembarcados nas Canárias. Na noite do segundo dia, aliás, os três começaram a arrumar a bagagem e a preparar-se para os procedimentos burocráticos do desembarque.

Por causa das falhas de sempre nas comunicações, entretanto, suas tentativas de agendar os sucessivos deslocamentos em terra não tiveram sucesso.

Nenhum deles jamais mencionou as preocupações de Flávia com relação ao maremoto, a ponto de que, afinal, nem mesmo ela pensou mais nisso.

Consuelo também tinha sido tranquilizada pelo comandante, que lhe assegurou que aquele contratempo tinha sido causado tão somente por uma questão burocrática entre a companhia armadora e a autoridade portuária.

Assim, naquela noite, cansados daqueles dias de navegação sem estórias, todos decidiram que no dia seguinte iriam, finalmente, desembarcar nas Canárias.

Enquanto estavam jantando, porém, o navio começou de repente a balançar violentamente. Os garçons tiveram dificuldade de levar os pratos às mesas. Até o competente Surèsh, enquanto colocava vinho em uma taça, derramou.

— Recomeça o baile! — disse Ferretti.

— Nós vamos voltar para a cabine — disse Malinka ao notar a repentina palidez da amiga, Laura — nossos comprimidos nos esperam!

— E nós vamos terminar os preparativos para amanhã — replicou Camuncoli, depois de confabular com o professor Guglielmetti.

Restaram quatro à mesa: Consuelo, Flavia, Introini e Ferretti.

Quando a oscilação ficou ainda mais violenta, Consuelo decidiu ir procurar o Capitão em busca de notícias.

— Mas...estava prevista tempestade? — perguntou Flavia, um pouco preocupada, a Ferretti.

— Quem é que sabe! Ninguém consegue acessar o *site* da meteorologia... — disse Introini.

— Tudo parecia tão tranquilo...

— Talvez estivéssemos no olho de um furacão — acrescentou Ferretti — , um furacão que agora nos sugou de volta para o seu vórtice.

— Então deve ser dos grandes! — disse Flavia tentando levantar-se do assento para ir em direção à grande vidraça e ver como estava o tempo. Mas perdeu o equilíbrio e caiu de volta na poltroninha.

Naquele mesmo instante, um súbito relâmpago iluminou a sala como se fosse dia. Seguiu-se, de imediato, um trovão fortíssimo que sacudiu a sala e a percorreu com uma gigantesca e potente oscilação que parecia não acabar mais.

— É agora! — disse Introini, examinando o rosto dos amigos para ver a reação deles.

Em seguida, ouviu-se um intenso tiquetaquear contra os vidros que, logo, tornou-se cada vez mais forte e violento. Estava chovendo granizo. Bolinhas de gelo golpeavam a nave fazendo um estrondo infernal. Então as bolinhas aumentaram ao tamanho de tangerinas e o barulho ficou ainda mais forte e apavorante. Foi então que, do autofalante, ouviu-se a voz do Comandante:

**“Pede-se aos senhores passageiros que permaneçam tranquilos. Fomos surpreendidos por uma tempestade tropical, de que sairemos logo. A nave foi projetada para suportar tempestades muito mais graves do que esta.”**

— Agora mesmo estava pensando naquela nossa conversa sobre a rápida inversão do campo magnético da terra e a mudança do clima — disse Flavia, dirigindo-se a Introini.

— Como assim? — perguntou Ferretti, que não sabia nada daquilo.

Diante disso, Introini começou a lhe contar das hipóteses levantadas por Flávia nos dias anteriores. O interlocutor parecia conhecer bem a geofísica terrestre e, assim, foi bastante fácil e rápido lhe falar do tema.

— E, quais seriam as consequências, em caso de mudança repentina do magnetismo? — perguntou Ferretti ao final.

— Não dá pra saber. Porém, pode-se fazer relação com eventos históricos desse tipo que já aconteceram e com os vestígios que deixaram. Provavelmente: novas fraturas, novas dorsais, novas subduções<sup>8</sup>, fortes emissões de gás e poeira vulcânica e, portanto, eventuais mudanças de clima, etc, etc. Ou, talvez, nada disso!

— Não são alternativas boas. Por falar nisso, talvez seja útil que eu também fale de uma de minhas dúvidas

— Qual? Diga, diga.

— É que, há dois dias, graças ao meu navegador via satélite, que aliás está muito desequilibrado, percebi que não estamos navegando na direção sudoeste,

---

8 SUBDUÇÃO: “deslocamento lateral e descendente da borda de uma placa tectônica para dentro do manto terrestre, por sob uma placa vizinha [Provoca a fusão parcial do manto subjacente e induz à atividade sísmica e ao vulcanismo.]” *in* Grande Dicionário Houaiss. Disponível em [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br) Acesso em: 2022-08-06.



como deveríamos para chegar às Canárias. Estamos indo direto para o sul. Como se quiséssemos evitá-las e ultrapassá-las.

— Não! Não diga isso! Eu tenho que ir para La Palma, obrigatoriamente, o mais rápido possível! — bufou Introini, muito irritado.

— Se for verdade — disse Flavia — então temos mesmo que nos perguntar por que é que o capitão não nos avisou da mudança de rota. Foi obrigado? Está escondendo algo de nós?

— Nesta área pode acontecer de tudo — disse Ferretti brincando — não nos esqueçamos de que estamos acima da suposta área de Atlântida!

— Não brinque, Ferretti, vamos tentar ser objetivos! — atalhou Introini muito irritado.

— Não se esqueça, caro Introini, que perdemos a capacidade de ser objetivos por aqui: estamos vivendo esta espécie de fábula fora do mundo — acrescentou Flávia.

— Então, vamos lá, enlouqueçamos! Asas à imaginação! — concluiu Introini com sarcasmo.

Nesse momento, mais um súbito relâmpago e um terrível trovão trouxeram-nos de volta à realidade. A sala já estava deserta. Surèsh e os outros garçons estavam limpando as mesas.

— E o senhor, o que é que acha deste temporal, Surèsh?

— Nunca vi um assim! Especialmente nessa região! — respondeu ele enquanto se afastava com um carrinho carregado de copos tilintantes.

Mal ele terminou de dizer essa frase e se ouviu um estrondo fortíssimo. Muito perto, na verdade parecia dentro do navio, pois tudo começou a tremer. Era uma espécie de trovão violento que não acabava nunca. E não tinha havido um relâmpago premonitório.

Aquele estrondo terrível durou pelo menos dois ou três minutos.

Durante todo esse tempo, Flavia e seus amigos ficaram mudos e aterrorizados, olhando um para o outro na esperança de encontrar nos olhos dos outros alguma explicação ou, ao menos, algum alento.

— Um temporal como este, também nunca vi! — disse Introini quando aquele longuíssimo, gigantesco trovão finalmente cessou.

## Capítulo 15

A tempestade durou a noite toda. Só perto do amanhecer pareceu acalmar-se e, finalmente, os passageiros conseguiram adormecer. A maior parte pulou o café-da-manhã.

Já durante a tarde, porém, a navegação foi retomada com menos solavancos e então, gradualmente, normalizou-se.

Não houve mais informações sobre as excursões a Casablanca.

Nem sobre o desembarque em La Palma.

A novidade que se apresentava agora era uma névoa muito densa que impedia toda a visão; as referências, já escassas durante navegação em mar aberto, tinham desaparecido completamente. Nem sequer o movimento das ondas nos flancos do navio era mais visível.

A nave, contudo, prosseguia segura e decidida, cortando o muro de névoa rumo a uma direção misteriosa que ninguém tinha condições de intuir.

Do lado de dentro, tudo estava normal, os lustradores de metais prosseguiam seu monótono trabalho em todas as salas. As pessoas tinham retomado seus passeios de costume, as paradas nas lojas luxuosas e no cassino.

Do lado de fora, porém, sentia-se um cheiro esquisito; não era forte, mas certamente diferente.

— A essa hora deveríamos estar quase chegando nas Canárias, mas com essa névoa não se consegue ver nada — disse Guglielmetti sentando-se no bar *Cerveteri*, onde já estavam Flávia, Introini e Ferretti.

— Talvez o capitão tenha tido que reduzir a velocidade por causa do mau tempo — contemporizou Ferretti, ocultando-lhe o fato de que, segundo o seu navegador, o navio encontrava-se bem mais ao sul das Canárias.

Mentia para não preocupar Guglielmetti ou porque não tinha certeza de que seu navegador fosse confiável naquelas circunstâncias tão estranhas?

— Realmente me arrependi de fazer esta viagem por cruzeiro — disse Guglielmetti — Camuncoli tinha razão: melhor de avião! Mas os dados dos radiotelescópios estavam tão estranhos que eu queria chegar lá com um pouco dos cálculos já feitos. Para isso precisava de um pouco de tempo.

— Nunca tinha dito que os dados estavam “estranhos” — alfinetou Flávia — e, aliás, o que me diz dessa névoa esquisita?

— E, pra falar a verdade — acrescentou Ferretti — quando saio ao ar livre, sinto até um cheiro estranho de enxofre... Será que isso é coisa do diabo<sup>9</sup>? — arrematou Ferretti, rindo.

— Não, do diabo não mas, talvez, do Pico do Fogo, das ilhas de Cabo Verde — respondeu Introini, sério — É, estranho, porém, que seus gases tenham chegado assim tão longe, tão ao norte, praticamente nas bordas das Canárias. Deve ter acontecido alguma coisa. Esse vulcão deve ter voltado à atividade.

— Era só o que faltava, o Pico do Fogo! — disse Flávia à meia voz.

— Do que é que estão falando? — era a voz felpuda de Olaf. Ninguém tinha notado, mas ele, como sempre, estava bem ali, atrás deles.

— Do Pico do Fogo, que o senhor conhece tão bem, caro Olaf — respondeu secamente Introini — vulcão de um Ponto Quente atlântico, com mais de 10 mil metros de altura desde a base, um vulcão ativo que emerge nas Ilhas de Cabo Verde e que, em apenas um ano, em 2014, emitiu mais óxido de enxofre do que emitem todas as indústrias europeias juntas.

— Pois bem, meus caros cientistas, devo colocar também esse vulcão na lista das coisas estranhas? — disse Flávia.

— Ora... sim, coloquemos na lista! — concluiu Introini. Depois, voltando-se para Guglielmetti: — E o senhor, o que acha, doutor?

Guglielmetti não respondeu, entretanto, absorto em seus pensamentos, aparentemente sem vê-la, pôs-se a olhar fixamente para a grande estátua do *Sarcófago do Casal* que ali, naquele salão central, estava bem na frente dele. Ficou um bom tempo absorto.

Flavia e os outros ficaram em silêncio, esperando por uma bem ponderada resposta dele.

Que não veio.

---

9 “*il diavolo ci ha messo la coda*”: literalmente, “o diabo meteu o rabo”; dito popular, quando algo corre mal; algo como “aqui tem dedo do diabo”. (N.T.)

Enquanto isso, oscilando com muita graça sobre seus saltos altíssimos, Consuelo chegou.

— Passei para ver Laura e Malinka. Elas estão acabadas. Sofreram terrivelmente esta noite. Malinka está até com febre. Que noite! Por sorte, parece que agora passou tudo.

Evidentemente o capitão não tinha dito nada nem mesmo a ela. Caso contrário, ela teria falado.

Flávia não conseguiu se decidir se essa informação era reconfortante ou não.

— Nestas condições, não tenho a mínima vontade de cantar esta noite... — disse Consuelo, enrolando bem ao redor do pescoço uma echarpe de seda florida e jogando a cabeça para trás graciosamente.

— Ah, era esta noite? Eu tinha esquecido. Sim, tem razão, não é mesmo um bom momento — disse Flávia, ao notar que ninguém parecia interessado no que Consuelo estava dizendo.

— Mas, olha só estes dois como são abençoados! — acrescentou, então, Consuelo, contemplando o casal da escultura — Nada nem ninguém abala esses aí! Se bem que o temporal dessa noite deve ter feito até eles bailarem um bocado!

Nesse ponto, Guglielmetti pareceu despertar do seu torpor. Deixou de fitar a estátua e disse apenas:

— Desculpem-me, tenho que ir.

Acenou e, às pressas, dirigiu-se ao elevador.

— Como assim, Malinka está com febre? — disse, então, inesperadamente, Introini.

— Não sei, acho que só está com um pouco de dor de garganta. — respondeu Consuelo, dando-se conta, apenas naquele momento, da gélida suspeita que estava serpenteando em seu interlocutor.

— Não se preocupe, Introini. Verá que Malinka logo se recupera. — disse Ferretti com calma, bebericando seu aperitivo. — Essas coisas horríveis que o senhor está pensando foram deixadas em terra. Neste cruzeiro fantástico, fora do mundo, essas coisas não acontecem. Não podem acontecer.

— É o que o senhor acha? — respondeu, cético, Introini.

— Tenho certeza. As coisas do mundo já nos abandonaram. Ou nós é que abandonamos a elas. — disse Ferretti depois de uma pausa e um gole de aperitivo.

— Às vezes, também tenho a mesma impressão. — encerrou Flávia.

## Capítulo 16

Um silêncio inusitado despertou Flávia.

Devia estar amanhecendo. Um pouco de luz entrava pela janela.

De repente, o monótono ruído do motor, a regular batida das ondas, o contínuo assobio do vento, tinham cessado instantaneamente.

Será que o navio tinha finalmente parado? E onde?

Flávia, surpresa, precipitou-se à janela da varandinha. Ficou petrificada: com efeito, o navio não tinha parado, ao contrário, estava deslizando em alta velocidade como se fosse arrastado por uma força invisível em um cânion estreitíssimo, escuro, com paredes verticais, ameaçadoras.

A água, com uma cor verde garrafa, escuríssima, estava perfeitamente calma, sem ondinhas, sem rastro de nenhum tipo. Como se o navio estivesse sobrevoando, sem tocar, aquelas águas.

E em altíssima velocidade!

Apavorada, Flávia se vestiu às pressas e precipitou-se para fora do cômodo. Queria encontrar os companheiros de mesa para ver o que eles achavam do que estava acontecendo.

Atravessou correndo o longo corredor e chegou ao hall do elevador. Apertou o botão para subir.

A porta se abriu imediatamente, como se o elevador já estivesse parado naquele andar. Dentro, estranhamente, estava Panamá. Teve a impressão de que ele a estivesse esperando. Como de costume, ele tirou o chapéu com um gesto teatral. Flávia respondeu com um sorriso e um aceno de cabeça, em seguida apertou o botão 13.

Durante a subida, Flávia pôde, finalmente, observar Panamá de perto. Os óculos, com lentes grossas de presbiopia, aumentavam os olhos opacos, apagados, inexpressivos. O rosto era bronzeado e coberto de manchas. A pele, fina e enrugada, era atravessada por linhas irregulares. Os lábios mal se notavam, o nariz, pouco protuberante, quase encoberto por aqueles enormes óculos.

Panamá trajava um terno clássico de espesso linho branco, amassado, paletó largo demais, camisa um tanto amarelada, gravata bege com o nó folgado.

Flávia ficou tentada a iniciar uma formal conversação com ele, até para descobrir qual era o seu idioma e sua proveniência. Mas o elevador chegou num instante ao 13º andar e a porta se abriu. Panamá não saiu; voltou a tirar o chapéu e ensaiou um sorriso. Os dentes eram regulares, amarelados. Talvez fosse fumante.

Mas eram bem outras as coisas que Flávia queria saber naquele momento! Dirigiu-se rapidamente à sala das refeições. Quando a porta corrediça se abriu automaticamente, Flávia percebeu que a imensa sala estava completamente deserta. Nenhum passageiro às mesas, nenhum garçom atrás dos balcões que, no entanto, estavam, como sempre, abastecidos com todas as iguarias possíveis e imagináveis. Nenhum dos lustradores de metais. Como assim?

“Devem estar todos lá em cima, ao ar livre, para ver o que está acontecendo” — pensou.

Flávia, então, dirigiu-se à escadinha externa que levava ao convés superior e subiu precipitadamente.

Realmente, estavam todos lá.

Em grupos, discutiam animadamente apontando para as paredes ameaçadoras do canyon, deslocando-se ora para um lado, ora para o lado oposto do convés, para ver de perto aquelas paredes altíssimas que roçavam dos dois lados da nave.

Ao fundo, perto das piscinas, Flávia conseguiu reconhecer alguns de seus companheiros de mesa. Eles também estavam discutindo. Juntou-se a eles rapidamente.

— Até que enfim! — disse Ferretti — E você, o que acha? — acrescentou em seguida, sem preâmbulos.

— Não sei, eu também não estou entendendo nada... Vocês perguntaram pra tripulação?

— Parece que sumiram todos.



Todos deslocaram-se para a balaustrada da esquerda porque, naquele instante, o costão daquela parte do canyon pareceu aproximar-se ainda mais. As paredes rochosas eram lisas, escuras, sem bordas de vegetação, sem terraços. Das altíssimas paredes a água escorria silenciosamente banhando fissuras de rochas quase negras. A enorme nave, pertíssimo, roçava perigosamente aqueles costões íngremes seguindo seu curso velocíssimo e silencioso.

Dentro de poucos instantes, os passageiros, apavorados pela repentina aproximação do flanco da esquerda, deslocaram-se novamente todos para o outro lado. Mas ali também as rochas, ameaçadoras, estavam a poucos centímetros da nave!

No alto, entre as duas paredes escuras, entrevia-se apenas uma estreita fenda de céu nublado. Uma morsa de pedra os estava apertando de forma apavorante. E a nave não desacelerava seu curso.

Chegaria a esmagá-los?

— Me faz lembrar do Canal de Corinto, mas este é mais alto e mais estreito — disse a arqueóloga com voz trêmula.

— Não! Este não é um canal artificial. Não está vendo como são as rochas? Uma escavação artificial deixaria sinais diferentes nesta rocha basáltica. Não, não: esta é uma falha natural, uma falha recente, não resta dúvida. — explodiu o geólogo. — Monstruosamente alta e estreita. Aquela que emergiu na Islândia, em comparação, não passa de um fosso!

— E por que é que nosso navio veio se meter aqui? — disse Ferretti.

— Para mim lembra mais um fiorde norueguês — arriscou Flávia.

— Não! Este muito mais estreito! — disse Olaf, de trás. — além disso, nada erosão glacial ... além disso, aqui é outro hemisfério, onde nada de fiordes. E se... E se... *oh, my god!* — balbuciou Olaf em surdina, como se falasse consigo mesmo.

Ficou evidente que Olaf tinha tido alguma ideia ou pressentimento em específico que queria guardar para si mesmo. Temendo preocupações adicionais ninguém ousou pedir-lhe explicações. Fez-se um longo silêncio.

Então, Ferretti disse em voz alta, quase com raiva:

— O mais estranho é a velocidade! O comandante deveria mover-se com mais cautela entre estas rochas!

Mas o comandante... Todos se deram conta de que fazia tempo que não o viam. Será que já tinha abandonado o navio? Teria sido substituído?

Foi então que Flávia se lembrou de que, no dia anterior, depois do almoço, tinha recebido a visita de Mozót e, para encorajar os amigos, acrescentou:

— Imagina! Consuelo teria me dito. Ontem à tarde ela veio até minha cabine para buscar o gato e não me disse nada.

— Que gato? — perguntou Ferretti, atônito.

— Nada... um de pelúcia! — respondeu Flávia, ela mesma surpreendida pela velocidade com que tinha conseguido mentir.

Em seguida, para mudar de assunto, acrescentou:

— Sabiam que encontrei Panamá no elevador?

Ninguém parecia interessado no assunto.

Aliás, Ferretti continuava indignado:

— Mas onde é que se meteu o comandante? Por que não nos dá nenhuma informação? Seria seu dever nos dar alguma notícia!

— E se não pudesse? — acrescentou Olaf.

Essa interrogação disparou uma cascata de outras interrogações preocupantes nas mentes de todos. As fantasias mais inquietantes se sobrepuseram.

Mas ninguém ousou explicitá-las porque, de fato, eram pouco mais que fantasias.

Ficaram em silêncio por um bom tempo. Depois, pouco a pouco, foram em busca de informações junto aos outros grupos de passageiros que estavam no convés.

## Capítulo 17

Flávia também decidiu ir em busca informações. E ver se encontrava algum membro da tripulação. Algum deles tinha que saber o que é que estava acontecendo!

Voltou ao andar do elevador e o chamou. Ele chegou imediatamente e as portas se abriram.

Panamá ainda estava lá.

— O que é que o senhor acha do que está acontecendo? — Flávia perguntou sem delongas, finalmente decidida a iniciar uma conversa com ele.

Panamá simplesmente sorriu, mas não respondeu. Talvez não falasse a sua língua, ou apenas não quisesse responder. Flávia o observou de perto e, desta vez, pareceu notar no rosto de Panamá algum traço vagamente oriental.

Num instante a porta se abriu no 5º andar e Flávia saiu apressada; tinha decidido percorrer de um lado a outro todas as áreas comuns. Mais cedo ou mais tarde teria que encontrar algum membro da tripulação!

Ficou frustrada.

Nem um garçom, nem um encarregado da limpeza dos ambientes, nenhum barista, nem mesmo o pianista, nem mesmo algum daqueles lustradores de metais. Não encontrou absolutamente ninguém.

Depois de muito procurar, voltou a subir ao 13º andar e ali encontrou os amigos sentados na sala de refeições. Flávia notou que estavam faltando os dois físicos e o geólogo.

— Desapareceu todo mundo! — disse Flávia, quase gritando, assim que chegou.

Ninguém pareceu se espantar.

— Eu também estive lá embaixo — respondeu Ferretti — Estão todos no 4º andar, o piso dos botes salva-vidas, para uma simulação.

— Uma simulação com os botes? Mas não dá pra fazer isso com o navio nesta velocidade! — interrompeu Flávia.

Mas, exatamente nesse momento, a nave pareceu desacelerar e, após alguns minutos, parou.

Foi então que todos olharam pela ampla vidraça lateral da sala e perceberam que, naquele ponto, o estreito canyon parecia abrir-se em uma espécie de lago que fazia comunicarem-se entre si outros canais semelhantes.

Pouco depois começaram a ouvir rangidos e outros barulhos metálicos irritantes: os guinchos estavam mesmo soltando os cabos para fazer descer os grandes barcos salva-vidas.

Ferretti tinha razão: estavam se preparando para descer os botes de borracha até o mar.

Todos voltaram para cima, ao ar livre, no último convés, para ver melhor.

Abaixo, no 4º piso, os guindastes com os botes, suspensos por cilindros hidráulicos estavam, com efeito, projetando-se para fora da nave para amerissar os enormes botes salva-vidas.

— Viram? Estão colocando os botes no mar. Como eu disse. — disse Ferretti com um certo ar de superioridade.

— Mas por que uma simulação bem agora? — interrompeu, preocupada, a arqueóloga — Por que justamente em meio a estes estranhos fiordes?

— Quem é que sabe? Devem ter suas boas razões — concluiu Ferretti sem muita convicção.

— E se toda a tripulação descer e nos deixar sozinhos aqui, neste lugar que nem sequer sabemos em que parte do globo se encontra? — retrucou ela.

— Não fale bobagens! — explodiu Ferretti com um tom de voz que ninguém jamais ouvira dele — Por acaso você sabe, Laura, quanto vale um colosso do mar como este? Bilhões de euros, bilhões de euros. Não se abandona um tesouro como este!

Aquela vaga sensação de medo que Flávia vinha experimentando de vez em quando nos dias anteriores voltou a assaltá-la. A fala de Ferretti não a convencera de jeito nenhum.

Então, ela também interveio, dizendo:

— E se tivermos vindo parar em um fiorde estreito demais, de onde eles não saibam mais como sair?

Em seguida, vendo a expressão de desgosto de Olaf, apressou-se a acrescentar:

— Que seja: este gargalo, esta espécie de fiorde, pode chamar como quiser, Olaf. Esta fissura, esta estranha falha. Falha... e se tiver emergido a falha mesoatlântica?

— Chega, basta de fantasiar! Está tudo bem detalhado nas cartas náuticas, e também tem os navegadores por satélite que mostram ao comandante a nossa posição com precisão de centímetros — retrucou Ferretti.

Mas era evidente que também ele estava tudo, menos tranquilo.

A preocupação de todos voltou-se ao comandante. Desde a noite da festa no Teatro Duse ninguém mais o tinha visto.

Onde estaria o comandante? Estaria participando da simulação?

Por que não comunicava aos passageiros sobre a mudança do programa de navegação?

— Vocês notaram que, ontem à noite, Consuelo não estava no jantar? — disse a arqueóloga. Ninguém respondeu. Mas, com certeza, todos tomaram nota mentalmente.

— Mas, como eu disse pra vocês, ela veio até minha cabine à tarde — rebateu Flávia. — Melhor nos perguntarmos onde é que foram parar os nossos astrofísicos e Introini?

— Devem estar fazendo os seus cálculos de sempre. — disse Malinka, com certa frieza.

Enquanto isso, os botes de borracha estavam amerissando, um por um. A bordo estavam algumas pessoas com os salva-vidas cor de laranja.

Longe demais para serem reconhecidas.

Então, as barcaças dirigiram-se em alta velocidade rumo à proa da nave e, logo, desapareceram na névoa tênue que começava a subir.

Pouco menos de uma hora depois, todos os botes foram novamente içados a bordo.

Sim, Ferretti tinha razão: tinha sido mesmo só uma simulação.

Tudo pareceu ter voltado a normalidade: a nave tinha retomado a navegação com menor velocidade em um canal definitivamente mais largo. Já não havia névoa e ao longe até se via uma abertura que parecia comunicar com o mar aberto.

Afinal o que teria acontecido? Não encontrando resposta, cada passageiro decidiu deixar o problema para o momento da refeição, quando teriam oportunidade de falar com o pessoal.

Talvez fosse melhor não pensar nisso, como se faz com um sonho mau. Ainda mais que, afinal, tudo parecia ter voltado ao normal.

Como sempre.

Flávia também decidiu voltar à sua cabine onde a esperava, há horas, aquele fatídico Capítulo IX, aquele que a tinha paralisado no dia anterior. Tinha que terminá-lo e o enviar. Isso se o e-mail ainda estivesse funcionando.

Chamou o elevador. A porta se abriu de imediato. Já estava no andar. Mas Panamá não estava lá dentro.

Aliás, sabe-se lá porque Flávia esperava que ele estivesse.

Mal entrou na sua cabina, viu Mozót sentado em cima da cama. Bem desperto. Evidentemente estava esperando por ela. Olhava para ela com aquele olhar penetrante que os gatos usam quando querem descobrir o que os humanos estão pensando. Mas, no olhar perdido de Flávia, o pobre felino não leu nada.

Então, foi em direção a ela e se enrolou em suas pernas.

Nesse momento, Flávia notou uma grande sacola de plástico ao lado da cama. Estava cheia de latinhas de comida para gato.

Foi então que ela compreendeu: Consuelo tinha ido embora e tinha lhe deixado Mozót!

Teria ido embora com os botes naquela manhã? Com o comandante?

Eram perguntas sem resposta.

Flávia tomou Mozót nos braços. O gato começou a ronronar e a fazer uma leve massagem *shiatsu* contra seu peito.

## Capítulo 18

Tinham restado quatro na mesa: Ferretti, Laura, Flávia e Malinka, que já estava recuperada de sua breve doença.

— Posso juntar-me aos senhores? — tinha pedido Olaf naquela noite.

— Claro, com prazer! — Laura tinha respondido — O senhor já faz parte do nosso grupo.

— Muito agradecido, Laura. — respondeu ele com um sorriso incomum.

— Posso eu também vir para a mesa dos senhores? Me permitem? — Era um comensal da mesa do lado que se tinha intrometido. Flávia o conhecia de vista. Normalmente só se cumprimentavam e trocavam algumas frases circunstanciais. Era um tipo alto, robusto, desleixado no vestir, ainda que suas roupas fossem de boa qualidade. Por causa de seu tamanho, movia-se sem elegância e caminhava ora rapidamente, como se estivesse com muita pressa, ora lentamente, como se estivesse meditando ou imaginando alguma coisa que absorvia completamente sua mente.

— Reparei que têm alguns lugares sobrando e gostaria de ficar na mesa dos senhores — continuou ele. — Não tenho muita afinidade com meus atuais companheiros de mesa. Eles já se conheciam faz tempo e são muito próximos; as mulheres falam sempre das partidas de buraco e os maridos, das lindas garotas ucranianas que trabalham no cassino. Assuntos que realmente não me interessam. Me parece ter percebido que na mesa de vocês, ao contrário, as conversas são mais interessantes.

— Fique à vontade — interrompeu Ferreti, levantando-se e afastando a cadeira que tinha sido de Introini para facilitar o acesso do novo convidado à mesa.

— E agradeço por apreciar nossas conversas. Podem não ser grande coisa, mas certamente são mais interessantes do que buraco!

— Meu nome é Mauro Fiorentino e sou diretor de cinema. Talvez tenham visto algum dos meus filmes...

— Claro, com certeza! — confirmou Laura que sempre gostava de ser gentil, se bem que, naquele momento, não conseguisse lembrar de nem ao menos um.

— Como é que pode! Até o senhor aqui, neste cruzeiro? — perguntou Flávia com curiosidade evidente.



— Era para eu descer em Casablanca. Tínhamos decidido gravar algumas cenas naquela belíssima cidade.

— Locação sugestiva, realmente.

— Sim, mas, como sabem, foi tudo cancelado. Na recepção me prometeram que vão me pagar a passagem aérea do Rio a Casablanca, além do ressarcimento pelo tempo perdido e outros danos comprovados.

— Vamos ver...

— Por quê? A senhora acha que não devo confiar?

— Não, não. Só disse por dizer...

— Qual é a trama do filme?

— Será uma surpresa!

— Ah... nesse caso...

— Só posso dizer que vai falar de uma intriga internacional e que vai ter muitas alusões a um clássico do cinema: Casablanca! Inclusive algumas referências à belíssima música daquele filme.

Malinka começou, então, a cantarolar em voz baixa o tema:

— *You must remember this... a kiss is still a kiss ... la la la la la la ... la la ...*

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual aquelas notas permaneceram no ar e na mente de cada um deles.

— *As time goes by...* — sussurrou Laura, dentro em pouco.

— *As time goes by* — repetiu Flávia para concluir, em uma espécie de “Amém”, como se faz nas orações, refletindo sobre o significado mais geral daquelas palavras nas quais tanto tinham pensado nos dias anteriores.

Ferretti interrompeu aquele canto melancólico:

— Nestes dias ouvi João tocar esse tema com frequência.

— Eu tinha pedido a ele. Para entrar no clima. — respondeu o cineasta.

— Se as coisas continuarem assim, esse clima vai ficar cada vez mais distante...

— Na verdade, os estranhos eventos destes últimos dias me fizeram perder um pouco a inspiração.

— Então tire umas ideias desta viagem inverossímil! Creio que pode dar um bom filme, não acha?

Fiorentino ficou em silêncio, como se estivesse colocando em ordem ideias que, talvez, já o estivessem oprimindo e que, agora, tinham necessidade de associações e confirmações.

Enquanto isso, Surèsh chegou à mesa com os cardápios do menu do jantar. Como sempre, os pratos oferecidos eram ótimos e refinados.

Era evidente que comida não faltava. Tampouco energia: a nave estava iluminada como sempre e os motores funcionavam normalmente. Entretanto, há tempos não se fazia escala para provisões. E ninguém se perguntava como era possível.

Afinal para onde o navio estava indo agora? Quem o estava guiando?

Ferretti, olhando seu navegador, que agora pouco funcionava, afirmava que a nave estava se dirigindo às ilhas de Cabo-Verde e que, dali, tomaria a rota prevista em direção ao Brasil, seguindo aquela que tinha sido a antiga rota de deportação dos escravos.

Flávia tinha praticamente parado de escrever. Não conseguia mais. Tinha decidido que retomaria somente quando cessasse aquela inexplicável insegurança em que sua mente estava flutuando.

O *browser* do correio eletrônico, o telefone e a televisão não funcionavam mais.

O navegador GPS de Ferretti, apesar de tudo, de vez em quando recebia algum sinal truncado. Por isso ele afirmava que as Ilhas de Cabo Verde agora estavam perto.

Flávia, Ferretti, Olaf, Fiorentino e Laura agora passavam boa parte do tempo no bar Central, na frente da grande estátua, sob o olhar benevolente do Casal Etrusco.

Falavam de tudo e de nada, de suas lembranças, do tempo, da comida.

Nunca dos seus planos. Nunca do livro que Flávia deveria estar escrevendo. Nunca do filme de Fiorentino.

Ele, porém, de vez em quando ficava em silêncio, como se meditasse. De repente balbuciava frases incompreensíveis. Talvez fossem os diálogos de seus personagens.

Malinka, a seu turno, com frequência saía para o ar livre para investigar o horizonte. Buscava algum indício que a fizesse gritar: “Terra! Terra!” — como um antigo marinheiro das caravelas de Colombo.

Todos os outros passageiros não pareciam minimamente interessados na mudança do programa de navegação e nos estranhos acontecimentos do dia anterior.

A sua existência despreocupada continuava no Casino, no salão de baile, ao ar livre, tomando o sol que agora parecia quente de verdade, quase veranil.

Era evidente que não estavam sequer pensando em deixar aquele agradável país das maravilhas.

— Tem certeza mesmo que chegaremos nas Ilhas de Cabo-Verde? — perguntou Flávia a Ferretti quando, no fim da tarde, estavam sentados à mesa do bar do convés 12 contemplando o horizonte.

— Não, não tenho certeza, mas temos necessidade de segurança. Porque temos necessidade de futuro. Você tem um projeto. Portanto, um tempo futuro para o realizar. Ao contrário, a maioria destes passageiros, inclusive eu, não temos.

— Mas, sabia que não consigo mais escrever?

— Mau, muito mau. Pensa no teu trabalho. Não se deixe levar por esta nave que é exclusivamente presente.

— De qualquer forma, pra algum lugar nós estamos indo! Portanto, uma direção, uma meta tem que ter! Mesmo que desconhecida para nós, quero dizer.

— Pode ser que tenha uma direção mas não um sentido. Desde ontem tenho a impressão que nos deslocamos sobre uma linha desprovida de sentido.

— Você quer dizer que não estamos indo nem pro Sul nem pro Norte? Que estamos girando em círculos? Sentido horário ou anti-horário? ...Mas isso é ridículo! Não faz sentido!

— Sim, é verdade: não tem sentido. Talvez eu esteja confundindo o espaço com o tempo. O tempo parece ter parado, assim, temos a impressão de não estar indo a lugar nenhum. Nada nunca muda por aqui.

— De tanto ficar sem referências neste oceano imenso, às vezes também me acontece de ter essa mesma impressão. — disse Flávia. Depois, melancolicamente, continuou: — Me entristecem estes pores-do-sol no mar, sempre iguais, idênticos toda noite e idênticos há milhões de anos.

— Está com saudade da terra? — disse Ferretti com um inesperado tom afetuosos na voz.

Flávia notou essa transformação e sentiu seu coração aquecer-se. Mais do que nunca sentia falta de amizade e de afeto. Retribuiu com um olhar aquele sinal de carinho e abandonou-se às lembranças sem mais constrangimentos.

— Sim — respondeu com uma doce expressão de cumplicidade. — Sim, tenho saudade dos nossos pores-do-sol terrestres. Daquela luz dourada que desliza sobre as cores agonizantes dos campos e depois sobe lentamente até o topo das montanhas...

Não recebendo dele comentários irônicos sobre este seu deslize poético, Flávia continuou no mesmo tom:

— Daquela asa invisível que deixa sobre a terra tapetes de cinza e meandros de sombras. Do vento que se aplaca...

— Já eu sinto falta dos arabescos dos voos dos pássaros que, ao sol poente, lançam seus últimos gritos — disse Ferretti, pronunciando essas palavras de olhos fechados, como se estivesse revendo imagens distantes que lhe eram caras.

Quanta emoção e doçura haviam, finalmente, nas suas palavras. Flávia se emocionou com a ideia de sentir-se, mais uma vez, assim tão intimamente próxima dele.

Aqueles poentes, dali em diante, pertenciam apenas a eles dois! Talvez fosse verdade, também para eles, o destino da nave não tinha mais importância.

A mão de Flávia buscou a de Ferretti, que a apertou com força.

O fluxo de duas vidas tornou-se uma única vida.

## Capítulo 19

Outros dias se passaram sem que aparecessem as Ilhas de Cabo Verde.

Malinka continuava passando muito tempo ao ar livre, mas não olhava mais para o horizonte. Um leve véu de melancolia tinha descido sobre seus olhos e tinha apagado aquela luz que os tornava sempre tão cheios de vida.

Não tinha, porém, desistido das cores. Todos os dias usava uma echarpe, um turbante, uma saia ou uma blusa de cores ostensivamente vívidas.

Laura, ao contrário, passava o tempo lendo ou ouvindo as belas músicas que João tocava ao piano no bar central.

Flávia escrevia pedaços de frases que depois relia e apagava. Ferretti tinha razão: a imaginação precisa de um desenvolvimento, de um caminho em direção ao futuro. Renasce dos frutos que ela mesma produz. Em um tanque, até a imaginação flutua como uma folha morta.

Mozòt não parecia sofrer pela falta de Consuelo. Vivia magnificamente o seu momento presente, como só os gatos sabem fazer. Aproveitava a companhia de Flávia, a cama macia, o aroma de suas latinhas.

Só de vez em quando se ausentava. Talvez fosse usar a sua caixa biológica na outra varanda.

Antes do jantar, encontraram-se todos sentados no bar Cerveteri para o aperitivo.

— E agora, Ferretti, o que me diz das Ilhas de Cabo Verde? — disse Malinka com ironia, em tom quase de reprovação.

— Acho que agora já passamos por elas, sem ver. Estamos muito mais para o Sul, infelizmente.

— Pra mim parece que estamos vagueando, como se estivéssemos procurando alguma coisa. Mas, o quê? — continuou Malinka.

— Exatamente nestas águas, cinco séculos atrás, Magalhães procurava uma passagem a Sudoeste para chegar ao Pacífico.

— E nós, o que estamos procurando?

— Meus caros amigos, a estas alturas, que tal nos tratarmos por “você”? Vamos nos chamar pelos nossos primeiros nomes e acabar com este tratamento cerimonioso. Flávia e eu estamos fazendo isso há dias. Lembro a todos que meu nome é Giorgio! Não deveria ser eu a fazer esta proposta às senhoras, mas tomo a iniciativa, pois agora estamos unidos em um mesmo destino.

— Tem razão, Giorgio, mas não fale de destino! — respondeu Laura — É uma palavra que não suporto. Gosto de pensar que não existe nada de definido em nossa vida.

— Contudo, no teu Museu, os destinos de todos aqueles personagens estão definidos há mais de dois mil anos! — disse Malinka, ainda visivelmente carrancuda.

— Por isso mesmo, cara Malinka, por isso mesmo: espero que para nós seja diferente.

— Olha! Uma boa notícia! — disse de repente Ferretti, olhando para a tela de seu navegador — estamos apontando em direção à Ilha de Santa Helena.

— Santa Helena? A de Napoleão? — disse Malinka, novamente animada.

— Sim, essa mesmo! — disse ele, satisfeito por ter conseguido despertar um pouco de entusiasmo.

— Vou buscar a filmadora — disse Fiorentino, levantando-se de um salto da cadeira — Não vou deixar escapar de jeito nenhum esta ilha peculiar.

Talvez nem fosse verdade, mas a notícia da chegada àquela ilha causava uma certa agitação também para Flávia.

Que lugar mágico, Santa Helena! Um local onde havia se apagado definitivamente uma centelha da história.

Uma ilha distante de tudo. Fora de todas as rotas. Perdida entre as tempestades do oceano. É assim que Flávia sempre a tinha imaginado.

Inatingível, na verdade. Por que não se pode atingir um lugar que existe exclusivamente nos livros de história. E somente no passado.

A nave, porém, estava indo para lá. Seria possível?

Mas, talvez, fosse apenas a mais recente sacada de Ferretti... Por isso, quando ficaram de novo a sós, Flávia lhe perguntou diretamente:

— Diga, Giorgio, é verdade que estamos indo para Santa Helena?

— Não sei, mas gosto de pensar que sim. Com a mente podemos navegar para trás na história. Assim como fazemos na linha da vida com nossas memórias. Não acha?

— Como fazem os velhos que não têm futuro... — respondeu Flávia com resignação.

— Já chega dessa ideia de velhos! Navegar para trás na história também é fascinante. Você viu como despertei o ânimo de todos quando falei de Santa Helena? Inclusive o meu próprio, pra falar a verdade.

— Sim, uma bela sacada...

— E se for verdade? — retrucou Ferretti aproximando seu rosto do de Flávia e balançando a cabeça com ar zombeteiro e um jeito de quem sabe das coisas.

— Se for verdade, daqui a pouco veremos Napoleão com a mão escondida no colete branco olhando para nós do alto de um rochedo. — acrescentou Flávia, para provocá-lo.

— Isso mesmo, Flávia, então vamos fazer reviver, por um instante, esse tal Napoleão! Nossa mente tem poderes excepcionais!

— Isso: vamos fazer ele reviver! Eu detesto aquela tumba de pórfiro maciço onde ele foi fechado nos *Invalides*, em Paris. Como se tivessem trancado ele lá dentro para terem certeza de que não veriam ele voltar mais uma vez!

— Está escurecendo, Flávia, temos que entrar. Devem estar nos esperando na mesa.

— Você já reparou, Giorgio, que se alternam no céu a luz forte do dia, a vermelha do poente e, depois, o escuro da noite, sem que jamais apareça o sol? Será que tem muito nevoeiro lá no alto?

— O sol evidencia o movimento da Terra. Nesta nave, porém, são as refeições que demarcam o nosso tempo agora. Ninguém mais olha pro céu. — respondeu Ferretti rindo e dirigindo-se ao elevador para descer à sala de refeições.

— É a mesma coisa que acontece nas cidades. — disse Flávia.

Não seguiu Ferretti, demorou-se contemplando o mar. E lhe pareceu ver, ao longe, entre as nuvens, uma forma cinzenta indefinida.

O contorno de montanhas, ou um efeito da nebulosidade?

Depois, de repente, sobre a vaga linha do horizonte, a ilha apareceu. Clara, decidida. E, ao longo da costa, em cima de um pico rochoso, Flávia viu, nitidamente,

uma sombra escura, uma forma humana com o característico chapéu de dois bicos na cabeça. Por um instante!

Então, lentamente, anteparos velados e vapores indefinidos alçaram-se entre o céu e o mar. E, assim, a inatingível, mítica ilha, de súbito, desapareceu.

Ferretti tinha razão mais uma vez.

Como é grande o poder da mente!



## Capítulo 20

Malinka agora passava muito tempo no convés superior, ao ar livre. Não para tomar sol, nem para fazer *jogging*. Ficava lá, parada, apoiada no parapeito, com o olhar fixo no horizonte, à espera de um evento indefinido.

Não é que esperasse verdadeiramente ver aparecerem ilhas distantes, ou altos rochedos, ou navios de passagem.

Ficava ali simplesmente porque não conseguia fazer outra coisa.

Todas as atividades no interior do navio já não lhe interessavam. Percebia aquele cruzeiro como uma prisão dourada que progressivamente engolia toda sua possibilidade de pensamento e de movimento.

Somente ao ar livre, com o vento no rosto, Malinka sentia que ainda tinha um fiapo de liberdade.

Uma tarde, porém, algo realmente aconteceu.

Em determinado momento, teve a impressão de ver à distância uma estranha irregularidade sobre a superfície do oceano. Parecia uma mancha branca, extensa e descontínua. Um atol, talvez? Uma praia acidentada? Sopro de baleias? Grupos de gaivotas?

Não importava o que fosse. De qualquer maneira, era algo de diferente. Era uma novidade.

Diante disso, Malinka precipitou-se para baixo, para o andar inferior, para mostrar logo aquele evento inesperado aos passageiros que estavam tomando chá na Cafeteria.

— Venham! Venham ver! Rápido! Venham! — gritou com a voz entrecortada e esbaforida pelo esforço da corrida.

Como que impulsionados por uma mola invisível, todos levantaram-se de um salto e, às pressas, foram para o convés superior.

Havia mesmo alguma coisa estranha, ao longe, entre as ondas. À medida que o navio avançava, a dimensão daquela “coisa” parecia aproximar-se e crescer.

— Está fervilhando — disseram alguns.

— Talvez seja um vulcão emergindo — disseram outros.

— Se fosse isso, haveria emissão de gás ou de fumaça — observou Ferretti.  
— Verdade. Não vejo nada desse tipo, mas me parece que há mesmo uma espécie de vórtice lá no fundo. — acrescentou Flávia.

Enquanto isso, aquela “coisa” parecia aumentar e se aproximar cada vez mais do navio.

Logo ficou claro para todos: tratava-se de uma imensa ilha flutuante de lixo. Pouco a pouco, distinguiram-se claramente, garrafas de polietileno, sacos plásticos brancos, azuis, verdes, alaranjados. Tudo isso misturado com algas, restos de redes de pesca, pedaços de madeira, tubos, caixas de isopor e outros objetos indefinidos.

Diante daquela visão, os passageiros ficaram estupefatos, sem palavras. Ninguém tinha vontade de fazer comentários. Uma profunda prostração os assaltou.

E, quando o navio passou bem no meio daquela ilha, dividindo-a em duas partes, um mal-estar de repulsa apoderou-se de suas mentes e de seus corpos.

Aquele monturo flutuante parecia não ter fim.

— Tinha ouvido falar dessas ilhas repugnantes, mas pensei que fosse só no Pacífico. — disse, em dado momento, Laura, a arqueóloga. — Então é esse o testemunho que deixamos? Quem sabe por quantos séculos pode durar... Não será preciso escavar para encontrar os nossos restos.

— Faz dias que não sabemos nada de nosso mundo. Só chega até nós este seu amontoado de rejeitos. Nada mais. Só este sinal horroroso. — disse Flávia.

— Parece mesmo uma mensagem macabra. — completou Ferretti.

— Eu sabia — disse Olaf — Me falou de ilha lixeira o comandante do petroleiro *Jahre Viking*.

— Aqui no meio de toda esta nojeira, me ocorre uma ideia louca — acrescentou Ferretti — Se uma catástrofe global tivesse feito desaparecer todo o nosso mundo...digo só por dizer, naturalmente... seria apenas isto o que resta? Teria desaparecido para sempre tudo o que o homem fez de belo sobre a terra?

— Claro que não: restariam as memórias digitais do nosso passado: os romances, os filmes salvos em todas as bases de dados do mundo. Não podem ser destruídos todos e em todos os lugares. — concluiu Fiorentino, em busca de consolo.

A navegação dentro daquela lixeira flutuante continuou e durou algumas horas.

Fiorentino, com sua filmadora, por muito tempo, capturou todos os detalhes daquela vista repugnante.

Depois, do parapeito da proa, chegou um grito forte e visceral de Malinka:

— Lá no fundo! Lá no fundo! Vejo de novo um pouco de azul. Sim, vejo de novo o oceano!

Era verdade.

## Capítulo 21

Depois da janta, quando voltaram ao convés superior para dar uma volta, a ilha de rejeitos tinha desaparecido completamente.

A noite estava quente, mas a leve brisa, causada pelo veloz deslocamento da nave, a tornava agradável. Percorreram muitas vezes o longo convés, para frente e para trás, falando de tudo e de nada.

O céu límpido, escuro, quase preto, estava cravejado de uma quantidade incrível de estrelas. Como jamais tinham podido observar no céu de suas cidades, ofuscados pela poluição luminosa.

— Nunca vi um céu assim! — disse Laura, extasiada, jogando-se numa espreguiçadeira e abrindo os braços como que arrebatada por tanta beleza e imensidão.

— Claro! Você está sempre fechada no museu! — disse Malinka, sentando-se na poltrona ao lado. — Na África, por outro lado, longe das cidades, ainda se pode ver um céu estrelado como este.

— Maravilhoso! — acrescentou Fiorentino. — Vi coisa parecida nas montanhas, em um refúgio, em grande altitude. Mas não era tão lindo assim.

Fiorentino, Ferretti e Olaf sentaram-se ao lado das três mulheres. Todos ficaram em silêncio por muito tempo, com o nariz pra cima, arrebatados por aquele espetáculo estupendo - sempre igual desde remotos tempos mas, para eles, inusitado e novo.

— Quem sabe se, daquelas estrelas longínquas, alguém está vendo nossa pequena nave perdida no oceano. — disse Malinka, suspirando.

— Perdida?! Não! — enfatizou Olaf — *What the hell do you say?! Next porto, I'll go back!* Com avião, eu vou *immediately* pras Canárias!

— Com certeza, Olaf, com certeza. Mais cedo ou mais tarde você vai conseguir voltar — interrompeu Ferretti, tranquilizador. — Enquanto isso aproveitamos este espetáculo. Não nota nada de interessante? Presta atenção... Consegue se orientar neste céu?

— Bem... *the polar star* eu vejo mais baixa... e Cassiopeia *too*. O que quer dizer?

— Quer dizer que andamos pro Sul, e não foi pouco.

— Tem razão, Giorgio! — disse Flavia que conhecia um pouco as constelações, porque todo ano levava seus alunos para admirar o firmamento no inverno.

— E, olha bem, Flavia, no horizonte, tem uma novidade!

— O Cruzeiro do Sul?

— Exatamente! Parabéns! — confirmou Ferretti.

— Finalmente estou vendo! Finalmente! — exclamou Flavia. — Mas, olhando melhor, não é bem uma cruz. Pra mim parece mais um losango...

— Cada um vê no céu o que quer ver — disse Laura, carregando a frase de outros significados que lhe passavam pela mente naquele momento.

— Claro, basta pensar nos astrólogos! — concluiu Fiorentino.

— Este oceano que nos parece imenso e sem fim — disse Flavia, depois de um longo suspiro — não é nada comparado à imensidão dos espaços cósmicos. E ainda mais insignificante é o tempo infinitesimal da nossa vida.

— Estou pensando em todas as gerações humanas que, no passado, contemplaram estas mesmas estrelas — disse Fiorentino.

— E esperemos que estas mesmas estrelas possam ser contempladas também pelas gerações futuras! Significará que existirão gerações futuras! — acrescentou Ferretti.

— As estrelas estarão sempre aí, aparentemente paradas e indiferentes aos problemas humanos! — disse Malinka — Isso me dá uma raiva!

— Ofende teu egocentrismo cósmico? — respondeu, sorrindo, o cineasta — E o que mais poderiam fazer as estrelas, bloqueadas como estão pelas suas atrações e repulsas recíprocas? Certamente essas enormes massas incandescentes não têm olhos para olhar para nós.

— Sei disso, sei disso, mesmo assim eu gosto de viajar com a imaginação pela imensidão. — disse Flavia, depois de um longo suspiro. — Sentir o tempo do universo passando e compreender que fazemos parte dele, turbilhonar dentro de nossa galáxia e entrar em rotação junto com a nossa Terra.

— Ah, rotacionar junto com a nossa pobre Terra? Essa Terra transbordando de humanos, abarrotada de lixo, esta Terra que dispersa no espaço gritos de dor e

explosões de guerra! — acrescentou Malinka quase com raiva. — Em alguns momentos, quando estava na África, cheguei a pensar que este planeta infeliz fosse amaldiçoado.

Ouvindo essas palavras terríveis todos se calaram.

Porém, depois de algum tempo, o fascínio pelo infinito voltou a tomar conta deles. Era impossível resistir àquele espetáculo. E assim, olhando para aquele límpido céu estrelado, Flávia continuou o seu discurso.

— Lá em cima, tudo está girando a uma velocidade alucinante: a Terra, o sistema solar, as estrelas da nossa galáxia, as outras galáxias. E nós nem ao menos nos damos conta.

— Para nós parece que estamos parados — acrescentou Laura. — Quantas ideias equivocadas temos sobre a realidade da nossa existência.

— O próprio universo está se expandindo a uma velocidade louca! E nós nem ao menos nos damos conta. — repetiu Flávia.

— Se é que só existe um universo... — acrescentou Ferretti.

— Não seja por isso, para mim basta um! — interrompeu Malinka.

— E até mesmo este pode não existir — acrescentou Flávia com a intenção de espantar Malinka de novo.

— Como assim? Este existe. E eu estou olhando para ele!

— O fato é que se imediatamente depois do *Big Bang*, não tivesse havido a famosa partícula de *Higgs* o nosso mundo não existiria.

— E daí?

— É verdade! Os prótons, os elétrons, etc, do nosso universo começaram a existir a partir do momento em que estas nossas partículas se separaram das respectivas antipartículas; exatamente graças à de *Higgs*.

— Ah, sim, também já ouvi falar disso. — intrometeu-se Ferretti — matéria e antimatéria que se anulam, universo e anti-universo. Fascinante. Adoraria saber mais sobre isso. Invejo nossos amigos astrofísicos. Entretanto, tudo o que a ciência ainda não sabe explicar vira matéria de discussão para nós, filósofos.

— O que é que ainda resta para vocês discutirem? — disse Fiorentino, para provocar.

— As perguntas fundamentais: “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “até quando?”, etc.

— Não quero te desiludir, mas temo que sejam perguntas sem resposta. — acrescentou Flávia

— De qualquer forma, os filósofos gostam de discutir sobre isso. Por exemplo: foi por acaso que as partículas se separaram logo depois do *Big Bang*? Ou terá sido uma Vontade Superior que emitiu a partícula de Higgs?

— Ah, então é por isso que foi chamada de partícula de Deus! — disse Laura, satisfeita por ter finalmente descoberto.

— Se foi Deus que começou esta brincadeira, depois se desinteressou completamente dela — interrompeu Malinka que, depois de suas trágicas experiências africanas, tinha se convencido de que nenhuma das várias divindades invocadas por aqueles miseráveis — cristãs, muçulmanas ou animistas que fossem — se ocupava dos seus sofrimentos.

— Nesse tipo de discussão, jamais se chega a nenhuma conclusão. Basta ter a humildade de admitir. A ciência pode chegar até um certo ponto. O resto é deixado à imaginação ou às crenças consoladoras de cada um.

— Mas, então, pra que serve a Ciência, se jamais chegará a nos explicar tudo? — acrescentou o cineasta.

— Para satisfazer a sede de conhecimento do ser humano. Que é uma das características evolutivas da nossa espécie. — enfatizou Flávia — Talvez seja bem este o objetivo da nossa evolução: a afirmação de uma inteligência em condições de fazer perguntas a si mesma, de tentar entender o universo. A criatura que pensa a si mesma.

— É por isso que muitos dizem que Deus, se é que existe, tolera os fiéis, mas ama os que têm muitas dúvidas. Porque são eles que levam adiante as finalidades da evolução. — acrescentou Fiorentino tentado com uma das mãos arrumar a sua vastíssima cabeleira que o vento da noite estava despenteando.

— E assim, voltamos ao começo... — comentou Ferretti que estava tomando gosto pela discussão e que tentava levá-la de volta às questões iniciais — E então, por que é que temos esta faculdade? Por acaso?

— Bem que poderia ser um acaso.

— Um acaso bem estranho, já que levamos milhares de anos sobre este planeta para chegarmos a ele! — acrescentou Laura.

— Quase nada, comparado com o tempo do Universo.

— Porém, é justamente olhando para um céu como este que, finalmente, somos obrigados a nos perguntar o porquê de toda a dor que inunda a Terra. — acrescentou Malinka secamente.

— O cotidiano nos distrai destas reflexões às vezes por uma vida inteira. — disse Ferretti — Tive a impressão de que todos os meus compromissos do passado, todos os complicados enredos das minhas relações, todas as preocupações da minha vida aconteceram exatamente para me impedir de pensar.

— *Now, you have the time... All the time* — disse Olaf — Esta *journey* sem fim, é *very, very stressfull for me! I fly into a big rage! I like to act!*

— Porque você é jovem e quer salvar o planeta. Quer lutar, fazer algo. Não é mesmo? — disse Flávia afetuosamente, em sinal de solidariedade — Os mais velhos, ao contrário, estão saboreando a doçura desta viagem porque o crescente distanciamento dos problemas do mundo dá a eles uma serenidade que jamais experimentaram antes.

— Eu ainda não entendi bem se Olaf está mesmo viajando por uma nobre missão ambiental como quer fazer crer — disse, então, Ferretti —, ou para obter informações sobre as perfurações nas Canárias por conta de sua companhia petrolífera.

— Sua companhia petrolífera? — explodiu Laura

— Foi o que me contou Introini, antes de ir embora.

— Sério? Sério mesmo? É sério que o Olaf é acionista de uma companhia petrolífera? — interrompeu Malinka, gritando — Mas ele disse para nós que era do *Greenpeace!*

Olaf ficou um pouco em silêncio. Todos estavam esperando que ele desmentisse. Em vez disso, começou a procurar freneticamente algo nos bolsos, como se a resposta estivesse em alguma coisa escondida ali. Dali a pouco, sacou um velho cachimbo que colocou entre os dentes sem acender. Continuou ainda em silêncio.

Então, Ferretti continuou:

— A Noruega está interessada nas perfurações profundas e nas perturbações magnéticas. Isto que está acontecendo aqui pode influenciar o futuro clima da Terra e, portanto, o derretimento do gelo Polar. Está iniciando uma grande batalha econômica e tecnológica para o aproveitamento do petróleo que está sob as geleiras do Polo Norte. O clima tornou-se mais ameno e a espessura do gelo está se



reduzindo. No próximo decênio teremos novidades. A Noruega estará na linha de frente.

— Ao menos nós usamos os *petrodollars* para o bem! — respondeu, finalmente, Olaf, em tom agitado, quase gritando. — *money* não é para xeiques tiranos ou para *boss* russos super ricos. O *money* é para o futuro de todos nós noruegueses! Vocês falam assim porque não têm petróleo.

Depois, levantou-se de um salto e dirigiu-se rapidamente para a escadinha externa.

Todos ficaram em silêncio.

Os longínquos acontecimentos do mundo tinham, mais uma vez, atropelado a todos. Como uma inesperada rajada de vento vinda de longe. De muito longe.

A serena observação do céu interrompeu-se definitivamente.

## Capítulo 22

Mais dois dias se passaram. A nave continuava a sulcar o oceano sem encontrar ancoradouro, sem cruzar com outros navios ao longo do percurso, sem que houvesse especiais novidades a bordo.

Aquela grande extensão de água estava se tornando cada vez mais a imagem da resignação ou, antes, da indiferença dos passageiros que, agora, já nem sequer se perguntavam se havia um destino para aquela viagem.

A maior parte deles só tinha uma exigência: que a viagem continuasse.

— Já reparou, Flavia, que ninguém reclama mais do fato de que não conseguimos manter contato com a Itália pelos celulares? — disse Ferretti bebericando o aperitivo da noite junto aos amigos de sempre, no bar central.

— Reparei sim. E ninguém reclama mais do fato de que não dá pra ver a TV via satélite. Eu não consigo mais nem enviar e-mail. Mas não desisto e, toda noite, ainda tento ligar para casa. Me incomoda pensar que minha família esteja preocupada comigo. Estranhamente, não me preocupa nosso estranho destino aqui, nesta festiva cidade flutuante. Não sei explicar porquê. Também estou começando a viver só o presente, como os gatos.

— Você gosta de gatos?

— Claro, muitíssimo.

A esta altura, Flávia pensou que não tinha mais sentido continuar a manter segredo sobre a presença de Mozót no navio. E contou tudo a Ferretti. E, assim, ficou sabendo que, há alguns dias, um gato ruivo visitava também a cabine dele.

— Sabe de uma coisa, Flávia? Tenho a impressão de que este gato, que você chama de Mozót, sabe muito bem aonde é que estamos indo!

— Não me surpreenderia. Os gatos dão a impressão de saber muitas coisas... Pena que não possam nos contar!

— Talvez nós também saibamos aonde estamos indo: não estamos indo a lugar nenhum! — disse Ferretti com um tom verdadeiramente desanimado.

— Não, não fale assim, Giorgio. Estamos todos vivendo uma fase de desorientação. Mas vai passar, você vai ver. — respondeu Flávia. — Logo vamos

desembarcar no Brasil. Bem no meio do carnaval! E naquela bagunça festiva vamos esquecer toda a melancolia, você vai ver! Vem comigo pro carnaval no Rio?

— Não creio. O navio continua indo para o Sul. Se estivesse indo para o Brasil, mais cedo ou mais tarde teria que virar para oeste. Sinto que a bateria do pêndulo da minha vida está se acabando. Não vai ter outro carnaval a não ser este que estamos vivendo neste navio de entretenimento. Vamos concluir nosso destino, lentamente, até que o mundo se esqueça de nós. Mas será que ainda existe o mundo para além deste oceano que parece não ter mais limites?

— Claro que existe! Aonde acha que foi parar?

— Às vezes tenho a impressão de que a única realidade seja a nossa. A realidade dessa nave cheia de luzes que navega no escuro da noite. Mas, até quando? Pelo que sabemos, o resto do mundo poderia até ter desaparecido em alguma catástrofe.

— Ah, tá: agora nós somos A Arca de Noé! Meu caro Giorgio, nunca te ouvi falar assim. Você pensa mesmo o que está dizendo?

— Penso, penso muito. Não tenho mais nada para fazer. Portanto, penso de tudo e o contrário de tudo. Veja bem: alguns decidiram fazer este cruzeiro para se divertir e não pensar mais em nada. Outros, como você, para trabalhar em paz. Eu, por outro lado, decidi viajar para finalmente ter tempo de refletir sobre o significado da minha vida que, aliás, já se aproxima de um encerramento. Aproveitei este tempo remanescente. Todo para mim. Para entender se minha vida teve sentido ou não. Para entender se ainda poderei fazer algo que tenha sentido.

— Esse tipo de balanço é sempre muito perigoso. E este tal “sentido”, se formos sinceros, quase nunca se encontra. — disse o cineasta Fiorentino, que até aquele momento tinha ficado em silêncio bebericando seu aperitivo.

— Tem razão, Mauro. Porque o balanço se refere ao passado e aqui, neste cruzeiro, temos apenas o presente que devora todo o tempo.

— E agora?

— Agora é aprender a aproveitar cada momento do dia: admirar um pôr-do-sol, ouvir boa música, ler um bom livro,...

— Como faz nossa amiga, Laura — disse Flávia voltando-se para a arqueóloga que estava sentada ao lado de Ferretti.

— Sim, porque a ampulheta do tempo do mundo pode acabar de escorrer sua areia a qualquer momento. — declamou lentamente, e um tanto ironicamente,

Laura, como se estivesse recitando nos salões do seu Museu, cheios de ecos e rimbombos.

— Laura, querida: estava esperando que você nos animasse e, em vez disso... — respondeu Flávia.

— À noite tenho a impressão de ouvir caírem os últimos grãos de areia no fundo da ampulheta. Um a um. Um após outro. — continuou, então, Laura, falando mais suavemente, como se se dirigisse apenas a si mesma. — E, assim, fico esperando ouvir cair o último grãozinho e, depois, o definitivo silêncio. E este silêncio não me preocupa, ao contrário, me parece fazer parte de um oceano de serenidade.

— O oceano! O oceano! Já não aguentamos mais este oceano em que estamos perdidos! — bufou Malinka, reclinada sobre um grande divã do outro lado da saleta do bar.

— Laura é que tem razão, — disse Ferretti — ela entendeu que não faz sentido toda a angústia que relacionamos ao pensamento do fim de nossa vida.

— Nos esquecemos, portanto, dos sábios ensinamentos dos Epicuristas e de Lucrécio! — murmurou Fiorentino.

— “Se você está aqui, a morte não está, e quando a morte chega, você já não está.”<sup>10</sup> — Laura recordou aos amigos.

— Óbvio ululante<sup>11</sup> — concluiu Flávia. — Já eu tenho uma angústia que me persegue. E não é do tipo filosófico-existencial...

— Qual?

— O que aconteceu naquele dia em que apareceu aquele fiorde enorme? Aonde é que foram parar os dois astrofísicos e o nosso amigo geólogo? Por que Consuelo também desapareceu? Será que eles foram embora com os botes infláveis? E, para onde? Será que vieram buscá-los uma noite de helicóptero, como dizem alguns passageiros que ouviram barulho de hélices? — disse Flávia, precipitadamente, como se quisesse se livrar de um peso de uma só vez.

— Eu não ouvi nada — retrucou Ferretti.

— Como assim?! O senhor não ouvir *helicopter noise*? *A big noise*?

Era Olaf.

---

10 Epicuro (N.T.)

11 “*Lapalissiano*”, no original. Termo não usual em português, apesar de dicionarizado: LAPALISSADA: “substantivo feminino: afirmação simplória que expressa uma evidência banal;” in Grande Dicionário Houaiss: Disponível em [www.houaiss.uol.com.br](http://www.houaiss.uol.com.br) Acesso em: 2022-08-06. (N.T.)

— Ah! Saudações, Olaf! Ainda está aqui com a gente. Por que não fugiu como os outros? — disse Flávia, um pouco irritada com aquela intromissão de costume.

— *They run away* debaixo meu nariz! *I am here, instead!* Estou aqui! Estou aqui e não nas Canárias!

— Canárias? Mas, de novo essas benditas ilhas?! — interrompeu Ferretti em tom zombeteiro.

Flávia reparou, com satisfação, que a melancolia que antes velava os olhos de Ferretti tinha finalmente desaparecido. Eles tinham se iluminado de um brilho que deixava adivinhar uma piada a seguir.

— Mas, onde terão ido parar estas Canárias? Vá procurar, meu caro Olaf, vá procurar. Vá ver na ponte da proa, fique de vigia. Nunca se sabe! E nos avise, por favor, assim que as veja!

— Têm que estar, sim, essas benditas Canárias! Em algum lugar elas têm que estar, com certeza! — disse Flávia.

— Em algum lugar? Que lugar? São estas as informações estranhas que você anda ouvindo pelo navio? — continuou Ferretti, brincando.

— Ah, sim: dizem até coisa pior! — exclamou Flávia.

— O quê?

— Que temos infectados de Ebola a bordo e que fazem a gente continuar navegando para esconder que estamos em quarentena.

— Verdade? Mas Malinka já está ótima. Ela só teve um mal passageiro — disse Laura.

— Não é ela. Dizem que também estavam a bordo dois médicos amigos dela que...

— Mas, que besteira! Não é verdade de jeito nenhum. — respondeu Laura, quase ofendida. Depois acrescentou: — Aliás, vocês sabem o que mais dizem alguns passageiros que parecem bem informados?

— O quê?

— Dizem que terroristas sequestraram o Comandante e estão pedindo um milhão de euros para devolver o navio e os passageiros. — acrescentou Laura.

— Só faltava essa! — exclamou Ferretti, perplexo.

— Se for verdade, tudo faria sentido... — acrescentou o cineasta.

Um arrepio percorreu a espinha de Flavia. Seu pensamento voltou-se aleatoriamente para os lustradores de metais.

Realmente, não os via há dias.

— Vocês repararam que os lustradores de metais desapareceram? — arriscou-se, então, a dizer.

— Mas o que é que tem a ver os lustradores de metais, agora? — cortou Laura, um tanto irritada com a interrupção. — Se alguém tiver sequestrado o Comandante, aí sim que muitas coisas finalmente se explicam! É por isso que não se faz escala em terra firme há tantos dias! E você, Giorgio, o que acha?

— Eu não acredito — disse Ferretti em tom conclusivo, de quem quer encerrar definitivamente uma discussão desagradável — Não acredito. Terroristas, Ebola, maremotos, emersão de Atlântida.... Estamos ficando loucos? Não estão vendo como navega tranquilamente o nosso navio? Vamos parar de nos preocupar. Todas essas coisas, aqui, nesta nave maravilhosa, não existem. Não existem!

— Foram deixadas no mundo — disse Flávia, com um suspiro.

— Esta viagem está mesmo ficando muito interessante — disse Fiorentino — O Giorgio tem razão: é um ótimo tema para meu próximo filme; a cada dia o suspense está aumentando. Ótima *story*, ótima atmosfera, ótima *location*!

A esta altura, o cineasta levantou-se e foi com sua camerazinha filmar a estátua do casal etrusco que estava à frente deles.

Flávia reparou que ele estava dando *zoom* em detalhes do rosto deles.

Talvez Fiorentino estivesse filmando aquele seu modo distraído e enigmático de sorrir às coisas do mundo.

O roteiro do filme estava nascendo...

## Capítulo 23

Na tarde do dia seguinte, da varanda da sua cabine, Flávia viu um espetáculo estranho e inusitado: um céu sombrio, carregado de nuvens baixas que estavam paradas exatamente por sobre o navio e, no horizonte, uma zona muito luminosa, quase sem nuvens. No limite entre as duas áreas percebeu uma série de pequenos redemoinhos escuros que subiam do mar ao céu e, entre eles, uma ininterrupta descarga de raios curtos que tornavam o horizonte distante ainda mais luminoso.

Flávia, curiosa, resolveu subir até o convés do navio para ter uma vista completa do fenômeno, uma visão de 360 graus. Ao chegar ao convés 9, empurrou com força uma das pesadas portas de segurança para sair, mas um vento forte a esbofeteou e empurrou de volta. Ela fechou o zíper do seu anoraque e tentou de novo com mais força. Dessa vez conseguiu.

Que espetáculo! Uma cobertura de nuvens baixa e negra cobria por inteiro o navio e o oceano em volta. Ao longe, por todos os lados, uma faixa clara se iluminava, a intervalos, de uma infinidade de relâmpagos que, partindo do breu do céu se afogavam no mar agitado. Das ondas distantes nasciam pequeninos tornados, aqueles que ela já tinha notado da sua varanda. Pareciam ser as colunas de sustentação daquela pesada cúpula escura.

“Uau! Nunca vi uma coisa assim!” — pensou Flávia, enquanto, toda emocionada, deslocava-se de um lado para o outro no convés para ver melhor. — “Será possível que ninguém mais venha ver este espetáculo extraordinário?!”

De fato, não tinha mais ninguém no convés. Evidentemente, os passageiros preferiam ficar lá embaixo nas belas salas iluminadas tranquilas e reconfortantes.

Ela, ao contrário, ficou por muito tempo no convés. Sozinha, fustigada pelo vento e em silêncio.

Depois de um tempo, começou a ouvir o barulho de trovões. Primeiro, um ribombar surdo e distante. Depois, cada vez mais próximos, fortes e secos. Os raios estavam, portanto, se aproximando do navio! Também aquelas colunas rodopiantes que sustentavam a cúpula escura do céu tornavam-se maiores e mais próximas. Pareciam mini-furacões que nasciam do mar e, logo, desapareciam no alto, entre as nuvens.

Não chovia, porém. Apenas soprava um vento furioso.

De repente, a toda velocidade, um daqueles pequenos redemoinhos se aproximou do navio. Flávia, apavorada, se agarrou à amurada do convés para não cair levada por sua violência. Seguiu-se um relâmpago luminosíssimo e, ao mesmo tempo, um trovão forte e seco que fez vibrar todo o seu corpo por alguns segundos.

Nesse mesmo instante, esbarrou nela um homem de agasalho preto, com o capuz puxado sobre o rosto. Não tinha reparado nele antes. Talvez aquele turbilhão o tivesse empurrado contra ela.

— Desculpa. Desculpa mesmo. — disse ele com voz profunda, articulando aquelas poucas palavras como se lhe fosse muito difícil falar.

— Não foi nada, imagina, não foi nada... O senhor também está aqui para ver o temporal? — respondeu Flávia.

— Não. Não. Desculpa, tenho que continuar correndo. Não posso parar. — respondeu o homem voltando-se para ela e afastando-se em ritmo de corrida.

— Está treinando com um tempo destes? Por que não pode parar? — perguntou Flávia, curiosa.

— Não posso parar. Se quiseres, explico. Neste caso, segue-me.

— Está bem, sigo. — disse ela, alcançando-o e ficando ao lado do homem do agasalho preto.

— Pois bem, agora me explique: por que não pode parar?

— Porque eu sou o teu Tempo. — respondeu o homem na mesma cadência e timbre de voz de antes.

— O meu Tempo?! Como... — balbuciou Flávia zombeteira, insinuando um sorriso.

— Sim, o teu Tempo. Por isso não posso parar jamais.

Flávia, perplexa, não respondeu, mas continuou a correr ao lado daquele homem sem saber porquê. Talvez nem fosse por curiosidade. Talvez por uma espécie de necessidade à qual não conseguia furtar-se.

Por um trecho, continuou a correr ao lado dele em direção à proa, então, ele fez uma curva e passou a ir para a parte oposta do navio, em direção à popa.

— Por que esta curva? — perguntou Flávia, um tanto ofegante.

O homem corria com um passo regular mas, para Flávia, aquele ritmo era rápido demais. Precisava esforçar-se para o acompanhar.

— Fizemos uma curva porque eu sou o teu Tempo. Como já disse — respondeu ele sem ofegar.



— Ah, pensava que o Tempo corresse em linha reta — disse Flávia, entrando na brincadeira.

— Não, não. Não é uma linha reta. Parece uma reta. Mas é uma curva.

— Ah, é? Como assim?

— Porque o raio da curvatura é muito grande.

— Ah, vá! Sério?

— Sim, é a gravidade universal que curva o seu longuíssimo percurso.

— E depois, como termina?

— Não termina nunca porque quando a linha se fecha, recomeça um novo ciclo. Ao infinito.

— Já ouvi falar disso, não é exatamente novidade — respondeu Flávia, zombando. — Mas, desacelere um pouco, não consigo acompanhar!

— Como disse, não posso. Teu tempo já passa mais rápido do que gostarias. O tempo dos viventes corre em espirais: amplas e lentas na juventude, cada vez mais estreitas e rápidas na sequência.

— Já tinha percebido... — acrescentou ela, insegura, como se pensasse consigo mesma.

Então, tomou fôlego e, deixando de brincadeira, continuou:

— Quer dizer que minha espiral vai se estreitar ainda mais e esta corrida vai ficar cada vez mais rápida?

— Exato!

— E no fim?

— No fim, os tempos dos viventes tornam-se apenas pontos. Pontos entre os infinitos pontos da grande circunferência do Tempo — continuou, articulando bem as palavras, o homem do agasalho preto.

Flávia, então, tentou olhar para o rosto daquele estranho passageiro, mas o capuz puxado, cobrindo toda a testa, e um cachecol pesado, que lhe envolvia o nariz e a boca, não lhe permitiram ver grande coisa. Apenas dois olhos luminosos que pareceram faiscar. Faiscar como os relâmpagos de momentos antes.

Neste instante, ele olhou para ela e disse:

— Haverá um momento em que não mais conseguirás me acompanhar.

Pareciam palavras sombrias e definitivas. Flávia, emocionada e já quase sem fôlego, parou e se apoiou, arquejante, no corrimão de uma escadinha.

Viu-o afastar-se em direção à popa. Cada vez menor. Até não mais o ver.  
Pareceu confundir-se com as nuvens negras do temporal.

\*\*\*

No fim da tarde, o temporal passou. Varrido para longe por um vento fortíssimo que limpou completamente o céu, deixando-o claro e límpido.

Por isso, depois da janta, os amigos de Flávia saíram para dar um passeio no convés.

Um céu reluzente de estrelas, muito nítido, fechava como uma cúpula o horizonte circular do imenso oceano, negro e calmo.

A grande nave prosseguia silenciosa em direção ao limite distante em que os dois horizontes se uniam. Parecia querer alcançá-lo.

De repente, uma luz.

— Uma estrela cadente! — gritou Malinka, triunfante. — Vocês viram?

— Sim, por um segundo! Deu tempo de fazer um pedido?

— Não, não deu tempo...

— Outra! Mais uma! Mais outra!

— Quantas estrelas cadentes esta noite! — exclamou Laura.

— Por sorte não são estrelas que estão caindo sobre nós, são apenas meteoros! — corrigiu Flávia, que ainda não tinha perdido o desagradável costume profissional de corrigir o interlocutor. — Nossa Terra está atravessando aquela zona específica do sistema solar em que se situam as “*Quadrântidas*”<sup>12</sup>

— O que é isso?

— Devem ser detritos de um asteroide desintegrado. Quando passamos no meio deles, estes fragmentos, atraídos pela gravidade da nossa Terra, caem na atmosfera e, por atrito, pegam fogo. — explicou Flávia distraidamente porque, ao mesmo tempo, estava curiosa com uma silhueta que se destacava contra as luzes da academia do convés superior.

Então, o reconheceu. Era ele.

---

12 QUADRÂNTIDAS: “Fenômeno observado na atmosfera terrestre, geralmente no início de janeiro, quando esta é atravessada por um conjunto de meteoros, visíveis junto à constelação do Boieiro.” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/quadr%C3%A2ntida> Acesso em: 2022-08-06. (N.T.)

— Vocês nunca repararam naquele homem, aquele lá em cima, aquele com um chapéu de palha? — disse então.

— Não, acho que não. Não estou vendo ninguém. Aonde? — respondeu Ferretti. — De qualquer forma, não devemos ser só nós que estamos contemplando o céu nesta noite tão bela!

Flávia não insistiu. No fundo, não era importante. Talvez nem fosse Panamá aquele que ela entreviu. Talvez fosse ela que agora o estivesse vendo por toda parte.

— Olha, mais uma! Esta é muito maior! — disse Fiorentino. — Explodiu como fogos-de-artifício!

— Talvez sejam sinais. — disse Laura — Mensagens que nos chegam de longe. Nunca gostei da ideia de estar sozinha no Universo. Gostaria de acreditar que os alienígenas estejam tentando contato conosco.

— Se fizessem, significaria que são tecnologicamente mais avançados do que nós.

— Portanto, poderiam fazer o que quisessem com nosso planeta. Até mesmo destruir. Como se vê nos filmes de ficção científica, não é mesmo, Mauro?

— Não seja por isso, estamos conseguindo destruir sozinhos. Mas não, eu acho que eles nos respeitariam como nós respeitamos as espécies em extinção.

— Quantos será que são os habitantes do Universo?

— Estatisticamente, devem ser muitos. Milhões, talvez. Talvez estejam pensando em nós neste momento, como nós estamos pensando neles. E devem estar se fazendo as mesmas perguntas: Será que estamos sós? Para onde vamos? Etecetera e tal.

— Quantos pensamentos no cosmos. Isolados. Cada vez mais distantes entre si neste universo em expansão acelerada. Jamais poderão se tornar uma única rede, um Pensamento único.

— Talvez porque já exista um Pensamento único. E não sejam permitidas interferências.

— Você quer dizer... por um tipo de... ciúme?

— Ora...

— Deixa pra lá! Melhor continuar pensando que estes sinais são convites para se fazer um pedido.

— E será que nós ainda somos capazes de ter desejos? — perguntou Ferretti.

Ninguém respondeu. Dali a pouco:

— Vou voltar para dentro. — disse Flávia — Estou ficando com frio.

Os amigos a acompanharam. Lá dentro, pararam numa saleta onde havia jogos para os jovens. Desde que os estudantes tinham descido em Málaga o lugar estava tranquilo e silencioso.

No fundo, atrás de uma longa fila de máquinas cintilantes que inutilmente pulsavam seus leds coloridos, havia um velho fliperama, daqueles dos anos 1950, com botões laterais e a bolinha de aço que não se pode deixar cair no buraco.

Os amigos de Flávia geralmente jogavam ali à noite. Por nostalgia do jogo pelo qual eram apaixonados na juventude.

Começou Fiorentino, que era o que jogava melhor, tinha reflexos mais rápidos. Os amigos rodearam o fliperama para assistir e animar o jogo.

Partiu a primeira bolinha e, imediatamente, o cineasta, com movimentos hábeis e tempestivos, tentou fazê-la bater contra os cogumelos luminosos que se acendiam e que, tocando campainhas festivas, marcavam os pontos. Era mesmo muito divertido!

Um após outro, todos jogaram. E, como previsto, Fiorentino ganhou.

— Foi por acaso que você ganhou? — perguntou Ferretti.

— Ganhei porque sou o melhor.

— Sim, mas era casual a força com que arremessava, casual a atenção com que acompanhava, casuais os reflexos com que apertava o botão para evitar que a bolinha caísse no buraco.

— Sim, o percurso dependia um pouco de mim e um pouco do acaso.

— Mas, você nunca podia saber onde é que ela iria parar. Certo?

— Bem, sim, em parte é verdade. O percurso variava a cada vez.

— Só duas circunstâncias, porém, eram certeza: o lançamento inicial e a queda no buraco. Estes dois eventos eram obrigatórios, necessários. Alguma vez te aconteceu de, lançada a bolinha, ela não acabar caindo no buraco?

— Realmente, não, nunca.

— Está vendo?

— Mas, até aqui você está filosofando? — interrompeu Flávia — Trate de parar com isso! Mauro não é Deus jogando flíper.

— Sou sim! Eu sou! — disse o cineasta, rindo. — Esse é o meu *Big Bang* pessoal! Eu sou o *deus ex machina*. Eu sou o Deus deste jogo! — concluiu batendo acintosamente a mão no peito.

Em todo caso, quando a bolinha parte, vai sempre acabar no buraco — concluiu Laura.

— Que maravilha! Já chega! Vamos pro bar beber alguma coisa. Ainda estou com frio — disse Malinka, saindo da sala de jogos.

Ainda rindo e comentando as partidas, atravessaram o longo corredor que levava ao bar central. Quando passaram na frente da biblioteca, Flavia notou que estava fechada. Como sempre, aliás. Passada a biblioteca, ela parou, deixou que os amigos prosseguissem, esgueirou-se pela estreita passagem adjacente e apertou o botão da porta de correr que dava para a pequena mesquita.

Apertou o botão várias vezes, mas a porta não se abriu.

— O que você está procurando? Por que parou? Pra que serve este botão? — era Ferretti, atrás dela, perguntando com ar confuso e preocupado.

— Nada, nada — respondeu ela. — Vamos, vamos indo.

Começaram a caminhar em direção ao bar. Ferretti continuou perplexo, mas não lhe pediu explicações.

## Capítulo 24

Navegavam há alguns dias em um oceano perfeitamente calmo, plano como um lago. Mais uma vez, na neblina.

Era uma neblina espessa que impedia totalmente a visão de fora e que encerrava ainda mais os passageiros dentro do limitado mundo daquela grande nave cheia de luzes.

Mozót não tinha mais aparecido, nem no quarto de Flavia nem no de Ferretti. Então, uma noite, de imprevisito, quando ela estava saindo para ir jantar, o viu, ao longe, no fundo do corredor.

Estava no colo de Panamá.

Não conseguiu entender aquela visão. Mas não gostou.

Foi um instante, um brevíssimo flash. E desapareceram.

Sem tentar entender, foi ao encontro dos amigos para o aperitivo no bar *Cerveteri*. Já estavam todos sentados nas poltroninhas de couro laranjadas ao redor da mesa de vidro com os aperitivos e os salgadinhos.

— Desculpem pelo atraso — disse Flavia ao sentar.

Estavam em silêncio. E em silêncio permaneceram.

O garçom filipino lhe trouxe o habitual drink sem álcool com suco de frutas exóticas. Flávia começou a bebericar seu drinque, sem ousar perturbar aquele estranho silêncio que, talvez, tivesse alguma razão de ser.

Assim, ficou contemplando a grande vidraça que dava para fora na esperança de ver dissipar-se a neblina. Mas a vidraça, blindada por aquele denso e homogêneo manto cinzento, não permitia qualquer vista do exterior. Para dentro, ao contrário, comportava-se como um grande espelho polido.

O que Flávia viu naquele espelho foi a imagem refletida e desfocada de sua própria face, ao lado das de seus amigos e, um pouco mais ao alto, atrás deles, a imagem ainda menos definida dos dois grandes rostos sorridentes do casal etrusco da escultura.

Ficou hipnotizada por aquela visão. Não havia diferença entre as imagens refletidas. Rostos vivos e rostos de terracota, refletidos juntos sem mais nenhuma perspectiva de tempo.

Laura também estava olhando para aquela imagem sugestiva. Então, virou-se e dirigiu-se a Flávia em voz baixa:

— Pronto, finalmente juntei-me a eles. Me esperavam há tanto tempo.

Flávia, impressionada com essas palavras, não soube o que responder.

Laura continuou:

— Quanto tempo ainda vai durar esta viagem? Todas estas luzes sempre acesas, todo este desperdício de comida, quanto tempo poderá durar? Todos estes recursos não podem durar ao infinito!

— Ah, não sabemos. E não é responsabilidade nossa! Alguém deve estar cuidando disso. — respondeu Malinka com resignação, olhando para os amigos refletidos naquele grande espelho.

— Tem certeza, Malinka? E se a gente se organizasse? Poderíamos fazer um comitê de passageiros e ir perguntar quanto temos de recursos e por quanto tempo. Enfim, programar o consumo. — interveio Flávia.

— Mas, pra quem? Quem é que sobrou? Quem está no comando?

— Sei que, ao menos, o médico de bordo ainda está aqui. Para começar, vamos falar com ele.

— É verdade. Ele está aqui. Tadinho, está fazendo um grande trabalho. Todo dia a sala de espera dele está cheia. Cada vez mais cheia — disse Laura.

— Faz sentido, somos todos idosos...

— Mas até quando será que ele aguenta?

— Até quando! Até quando! — explodiu Malinka — Por que temos que ser sempre nós, e somente nós, que nos fazemos estas perguntas? O Etruria segue e tudo está funcionando. Melhor tratarmos de pensar no próximo carnaval do Rio, como fazem os outros cruzeiristas.

— De carnaval em carnaval! Que ótimo! — era Ferretti falando, também ele virado para as imagens refletidas naquela grande vidraça-espelho. Depois de uma pausa, continuou:

— Você já foi pra Ilha de Páscoa, Flávia?

— Não. Mas por que essa pergunta estranha? — respondeu Flávia, como se acordasse de um sonho e virando-se para a esquerda, de modo que pudesse ver Ferretti ao vivo, face a face.

— Vale a pena conhecer, a ilha de Páscoa. Te recomendo.

— Não me diga que, na falta de portos no Atlântico, já está sonhando com os do Pacífico! Estamos procurando a passagem do Cabo Horn? Chegamos a este ponto?

— Não, não, fique tranquila. De qualquer forma, quando se chega ao Cabo Horn, a pessoa percebe! Te garanto!

— Por quê? Você atravessou esse promontório famoso?

— Na juventude, com dois amigos. Com um veleiro alugado. Um desafio, um teste de coragem. Uma espécie de iniciação. Loucuras de juventude.

— Ah, então é por isso que você conhece bem as constelações! Você é um perito em navegação!

— Não era disso que eu queria te falar. Eu estava é pensando na ilha de lixo, aquela que atravessamos faz alguns dias, e sobre o destino do nosso planeta. Aqui nesta nave, fora do nosso mundo, nos damos conta que a Terra é a nossa única casa possível nesta parte do Universo.

— Também é isso que dizem os astronautas.

— Lá de cima, realmente, não se veem mais as fronteiras nacionais, as diferenças de língua, de religião, de raça. Um único destino.

— Tem razão. Também estou tendo uma experiência parecida. Sinto uma espécie de afetuosa saudade de tudo o que deixei, mas não de algum lugar em específico ou alguma pessoa em particular, é mesmo do nosso mundo como um todo: lugares, cidades, estórias. Da humanidade toda. Mas o que é que tem a Ilha de Páscoa a ver com tudo isso?

— Você conhece a história da ilha?

— Mais ou menos... Me conte você.

— É uma história muito interessante. Emblemática, por assim dizer. Um microcosmo cujo destino nos sugere o que poderia vir a ser o nosso destino na Terra.

— Por quê?

— Veja bem... Há muito tempo atrás, depois de extenuantes navegações marítimas, talvez em mais de uma leva, algumas populações polinésias chegaram àquela terra isolada no meio do Pacífico. A ilha era maravilhosa, muito verde, cheia



de florestas, de frutos tropicais, com milhões de pássaros marinhos nidificando ao longo do litoral. Tinha comida para todos. Assim, aquelas populações se reproduziram com sucesso em pouco tempo. Mas cometeram dois erros fatais...

— Quais?

— Um foi dividirem-se em clãs guerreando entre si e, o outro, supor que os recursos da ilha eram inesgotáveis.

— Estou começando a entender onde você quer chegar...

— Cada clã entrou em guerra com os outros. Cada clã criou sua própria divindade Moai que, provavelmente, representava o espírito de seu antepassado protetor e a esculpiu com a rocha vulcânica da ilha.

— Aquelas grandes cabeças plantadas no chão, certo?

— Sim, aquelas. Há mais de mil delas na ilha. Cada clã procurou fazer seu próprio Moai mais alto e poderoso do que o dos outros. Fizeram alguns com mais de dez metros de altura e pesando dezenas de toneladas, desperdiçando energia e usando a madeira das florestas. Gradualmente foram cortando tudo, sem pensar nas gerações futuras. Ao final, como já não havia mais árvores, não podiam nem mesmo construir canoas para ir pescar. Até mesmo os pássaros, antes tão numerosos, foram exterminados pelo consumo indiscriminado de seus ovos e de sua carne.

— E então?

— Então, passadas poucas centenas de anos da chegada dos primeiros habitantes, não havia mais nem árvores nem pássaros na ilha. As guerras entre os clãs e as sucessivas carestias fizeram o resto. E, pra fechar com chave de ouro, no século XIX, os poucos adultos saudáveis foram deportados, como escravos, para o Chile ou, então, morreram de doenças que eram desconhecidas para eles, como o sarampo, a escarlatina, etc. Só restaram os doentes e os velhos. Prontamente cristianizados pelos missionários. Até que os poucos sobreviventes perderam a memória de seu próprio passado.

— Quantas analogias: o consumo desenfreado dos recursos, as recentes guerras religiosas,...

— E cada um diz que o seu Moai vale mais que o dos outros!

— Nossa pequena Terra está isolada no cosmos como a Ilha de Páscoa no Pacífico. Consumimos tudo em poucas gerações. Como formigas, espoliamos o planeta, usamos e, depois... lixo! "Descartável", como fazemos com todas as coisas. Mas não temos uma Terra sobressalente!

— Nós, aqui, neste oceano remoto, cada vez mais longe do mundo, somente aqui, finalmente, nos damos conta de ter perdido de vista os verdadeiros problemas, os que vão marcar o futuro da Terra.

— No tumulto dos pequenos eventos do noticiário, no caos das fofocas e das guerras locais, perdeu-se a visão em perspectiva do nosso futuro. É por isso que somente aqui te veio à mente a Ilha de Páscoa. Agora entendi.

— Falou bem, Flavia: uma visão em perspectiva. É bem isso: os projetos para nosso futuro devem vir de longe, de toda a nossa história, mas também devem projetar-se para adiante, em direção a uma compatível visão de mundo.

— Aha!... Por isso é que eu gosto de conversar com um filósofo! Com um que, inesperadamente, me conta a história da Ilha de Páscoa.

— E o que mais podemos fazer durante este longo cruzeiro? A não ser espanar e reavivar as lembranças enquanto esperamos que aconteça algo de novo?

— Giorgio, você acha mesmo que vai acontecer alguma coisa nova? Por quanto tempo ainda vamos continuar a navegar?

— Não faço ideia, talvez alguns dias ainda, ou então nossa viagem vai se esfumar, como se desvanecem sobre o mar os pores de sol que tantas vezes admiramos juntos.

— Eu, ao contrário, sinto que lá adiante, lá mesmo naquele horizonte que é também o limite extremo dos meus pensamentos, bem lá adiante naquela trêmula linha de madreperla onde o mar acaba, sinto que há alguma espécie de expectativa. A expectativa de algo que aguarda por nós.

— Eu, ao contrário, vejo lá somente a expectativa do próximo pôr do sol — sussurrou Ferretti.

A grande nave deslizava silenciosa sobre o mar pacificado.

O sopro do tempo a levava para cada vez mais longe do porto de partida e o seu rastro de apagava na imensidão.

## Capítulo 25

Depois do jantar habitual, finalmente a neblina se dissipou.

Foi então que Malinka Koisan saiu para escrutinar novamente o horizonte. Apesar de tudo, ela tinha esperanças de ver, mais cedo ou mais tarde, aparecer no horizonte a costa do Brasil. Não havia dito aos amigos por medo de ser ridicularizada. Mas tinha esperança.

Malinka abriu a pesada porta estanque que dava para a passarela e viu, lá fora, um espetáculo incrível. Grandioso. Extraordinário!

Voltou correndo.

— Venham! Venham ver! — disse, quase gritando de entusiasmo.

— O que aconteceu?

— Lá fora! Vagalumes! Corram, corram, rápido! O céu está cheio de vagalumes! Estão caindo por todo lado! Parece confete!

Precipitaram-se todos para fora, animados com aquela notícia que, talvez, pusesse fim àqueles dias monótonos, sem história.

Flávia juntou-se ao grupo e correu para fora.

A neblina tinha desaparecido completamente. Por todo lado se acendiam por instantes breves milhares de pequenas cintilações. De vez em quando eram acompanhados de um estampido seco. Também ela ficou extasiada com aquele espetáculo maravilhoso.

E se surpreendeu a bater palmas de alegria.

Durou pouco. Porque, aos poucos, uma dúvida se insinuou na sua mente e, por fim, uma nova e dramática compreensão.

Na falta de Camuncoli, Guglielmetti e Introini, cabia a ela comunicar aos amigos aquela preocupação e explicar a eles o que, talvez, estivesse acontecendo ali fora.

— Voltem para dentro — disse ela, então, simplesmente.

Ferretti olhou para ela com preocupação:

— O que está acontecendo, Flávia?

Ela, com mais firmeza, respondeu apenas:

— Voltem para dentro, todos!

Os amigos entraram, mais por curiosidade do que por medo de ficar lá fora.

Quando todos estava à sua volta, disse:

— O magnetismo terrestre está se reduzindo. Talvez, até, já tenha se esgotado. Por consequência, a magnetosfera não mais nos protege dos raios cósmicos.

— Como assim? Como aconteceu isso? — disse Laura, assustada.

— Porque acontece de vez em quando. O porquê não se sabe. Mas acontece. Era este o fenômeno que estavam estudando os cientistas que foram embora. Eles queriam entender se a causa deste evento singular e periódico era proveniente do espaço sideral ou do núcleo da nossa Terra.

— E aqueles vagalumes? — perguntou Malinka, muito preocupada.

— São causados pelos raios cósmicos que, como não são mais detidos pelo escudo da magnetosfera, golpeiam as moléculas da nossa atmosfera. E o que se vê lá fora deve ser um fluxo de raios cósmicos impressionante, muito mais poderoso do que o normal.

— Por quê? — perguntou Fiorentino que, pouco antes, havia registrado aquele estranho evento com sua câmera e que ainda estava todo animado pela excepcionalidade daquelas imagens.

— Não faço ideia. Talvez tenha acontecido ao mesmo tempo algum grandioso evento cósmico. Talvez todos esses fenômenos estejam ligados entre si.

— Meu Deus... — interrompeu Malinka, levando ambas as mãos ao rosto, como que para se proteger.

— A radiação proveniente do espaço chega até a Terra, bombardeia as moléculas do ar e cria, em cascata, novas radiações de alta energia. Conseguimos enxergar apenas algumas, na faixa do azul. Não sei quais e quantas radiações pode haver ali fora mas, com certeza, é melhor não se deixar atingir por elas.

— Não vamos mais ter nosso campo magnético? — perguntou Laura, deixando-se cair sobre uma poltrona com ar desconsolado.

— Não sei, talvez a gente passe a ter outro, invertido.

Os outros também voltaram a sentar-se, sem falar, mais inseguros e deprimidos do que antes.

— Ao menos aconteceu alguma coisa esta noite! — disse Ferretti, afinal, em tom sarcástico. — Amanhã continuamos nossa costumeira viagem no tempo desta nave.

— E foi um espetáculo estupendo! — concluiu Fiorentino em voz baixa. Não havia mais nada a dizer.

Era preciso aguardar os acontecimentos, mais uma vez.

Tinha ficado tarde e, aos poucos, todos se retiraram para ir dormir. Flávia também decidiu descer para sua cabine.

Quando abriu a porta de seu quarto, uma inesperada luz ofuscante a atingiu. Vinha de fora.

Precipitou-se para a varanda para ver o que teria acontecido.

O céu todo estava iluminado por uma fortíssima luz azul que oscilava com faixas luminosas ondulantes e pulsantes. Uma gigantesca aurora boreal azul.

— *Efeito Cherenkov* — Flávia disse em voz baixa, como se confirmasse algo que esperava há tempo.

A nave, atingida por aquela radiação poderosa, emitia, por sua vez, raios intermitentes de luz fria que variavam entre o azul claro, o escuro e o violeta.

Ela, então, se pendurou da varanda para olhar para o alto, em direção ao topo do navio. Viu, ereto e imóvel na ponte de comando, Panamá. Examinava intensamente o horizonte, como se estivesse buscando um porto invisível que só ele conhecesse. O seu traje branco havia mudado de cor e emitia uma forte e contínua luz azulada. O seu chapéu lançava flashes intermitentes.

Flavia entreviu uma sombra escura que girava com muita velocidade em volta da ponte de comando. Lembrou-se, então, do estranho encontro do dia do temporal e do misterioso anúncio do vórtice de seu tempo expirando. Não teve medo, porém, como se o caso não lhe dissesse respeito.

A nave prosseguia velocíssima e parecia seguir a direção do farol de luz brilhante que partia de Panamá.

Navegava em direção a seu misterioso destino no mais absoluto silêncio. Não se ouvia o rumor das ondas, nem se percebia o sopro do vento.

Talvez houvesse um desígnio naquela viagem que se perdia no oceano.

Flávia não voltou mais para a cabine.

Deixou-se dissolver naquele azul.

## NOTAS EM APÊNDICE

## \* Telescópios MAGIC:

MAGIC (Major Atmospheric Gamma Imaging Cherenkov Telescopes) é um sistema de dois telescópios situados no Observatório Roque de los Muchachos em La Palma, uma das Ilhas Canárias, a cerca de 2 200 m acima do mar nível.

O CBPF é um dos institutos membro da colaboração internacional do MAGIC, que conta com mais de 150 astrofísicos de 25 instituições de pesquisa em onze países. Juntos, eles foram responsáveis pela construção, manutenção e operações dos telescópios. O MAGIC fornece os astrônomos com dados observacionais de qualidade singular para o estudo dos processos mais violentos do universo, e alguns dos seus objetos mais enigmáticos, como os buracos negros.

O primeiro dos telescópios MAGIC está operacional desde 2003, o segundo instrumento tendo sido instalado em 2009. O CBPF se juntou à colaboração MAGIC em 2016 e desde então tem participado ativamente de sua operação. (CBPF - Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações) Disponível em: <https://www2.cbpf.br/pt-br/paginas-internas/pesquisa-e-desenvolvimento/labs-externos/magic-major-atmospheric-gamma-imaging-cherenkov-telescope> Acesso em: 2022-08-06

<https://magic.mpp.mpg.de/> Acesso em: 2022-08-06

<https://en.wikipedia.org/wiki/IACT> Acesso em: 2022-08-06

## \* EFEITO CHERENKOV:

“Consiste na emissão de luz azulada quando uma partícula carregada atravessa um meio dielétrico transparente a uma **velocidade maior do que a velocidade da luz** neste meio.” TAKEDA, Carolina Sayuri. *Radiação de Cherenkov*. Instituto de Física de São Carlos, USP, Maio/2018. Monografia disponível em <https://www.ifsc.usp.br/~strontium/Teaching/Material2018-1%20SFI5708%20Eletrmagnetismo/Monografia%20-%20Carolina%20-%20Cerenkov.pdf> Acesso em 2022-07-25.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito\\_Tcherenkov](https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Tcherenkov) Acesso em: 2022-08-06.

<https://www.youtube.com/watch?v=Z-0bNIXzSIc> in Canal Ciência Todo Dia, de Pedro Loos Acesso em: 2022-05-11.

## \* INVERSÃO MAGNÉTICA

Uma inversão geomagnética é a mudança de orientação do [campo magnético terrestre](#) de tal forma que o norte e o sul magnéticos são intercambiados. Estes eventos implicam frequentemente um declínio prolongado da intensidade do campo seguido por uma recuperação rápida após o estabelecimento da nova orientação. Estes eventos ocorrem a uma escala de dezenas de milhares de anos ou mais.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Invers%C3%A3o\\_geomagn%C3%A9tica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Invers%C3%A3o_geomagn%C3%A9tica) Acesso em: 2022-08-06.

#### \* DORSAL MESO-ATLÂNTICA

“Conhecida também pelos nomes de dorsal Submarina e Crista Média Oceânica, a dorsal Meso-atlântica consiste em um conjunto de montanhas que ficam abaixo do nível do mar. Estas cadeias originaram-se do afastamento das placas tectônicas e formam o maior agrupamento de montanhas do mundo, chegando a 65.000 quilômetros de extensão. (...)

Em alguns pontos do oceano é possível observar elevações da dorsal Meso-atlântica que formam ilhas. Entre os locais destas elevações encontram-se a Islândia, Açores, Ilha de Ascensão e Ilha do Pico, onde está localizada a Ponta do Pico, que é a parte mais alta da dorsal com 2.351 metros de altitude. Além destas, outras ilhas que tem sua formação na dorsal Meso-atlântica são: Jan Mayen, Kolbeinsey, Bermuda, Penedos de São Pedro e São Paulo, Ilha de Santa Helena, Ilha de Tristão da Cunha, Ilha de Gonçalo Álvares e Ilha de Bouvet.”

Disponível em <https://www.infoescola.com/geologia/dorsal-meso-atlantica/> Acesso em: 2022-08-06.

#### \* ONDAS GRAVITACIONAIS

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/espaco/2017/10/ondas-gravitacionais-o-que-sao-de-onde-vem-e-o-que-tem-de-importante> Acesso em: 2022-08-06.

Em 14 de setembro de 2015, dois interferômetros Laser (Observatório de Ondas Gravitacionais do Interferômetro Laser - LIGO, na sigla em inglês) situados a grande distância entre si (Estado da Louisiana e Estado de Washington, nos EUA) registraram, simultaneamente, uma perturbação gravitacional porque as ondas dos dois raios Laser que normalmente deveriam se anular após uma colisão programada – não o fizeram por uma fração de segundos. Queria dizer que um dos percursos tinha se alongado e o outro, encolhido.

Em 12 de fevereiro de 2016, após estudos aprofundados, de que participaram, inclusive, os físicos italianos do análogo LiGO de Pisa, foi dado o anúncio oficial de que a única explicação possível seria uma deformação do espaço-tempo ao longo do percurso, devido à fusão de dois longínquos buracos negros orbitando entre si.

Confirmações ulteriores serão dadas pela missão LISA.

A missão LISA (iniciada em janeiro de 2016) será constituída por três satélites independentes que vão orbitar em volta do sol formando um triângulo equilátero imaginário com lados de 5 milhões de quilômetros. Cada satélite será dotado de um cubo de ouro e platina flutuando livremente no espaço; os três estarão ligados por vários laser, com o objetivo de monitorar a posição dos respectivos cubos. Devido à grande distância que separa os detectores, a passagem de uma onda gravitacional deverá ser capaz de causar um deslocamento entre dois dos satélites da ordem de um bilionésimo de milímetro, detectável pelos laser.

(NOTA DA AUTORA)



**2ª orelha**

**Maria Ivana Trevisani Bach** nasceu em em Albisola (Savona) em 1942. Formada em Biologia, trabalhou como pesquisadora na Universidade de Gênova e como professora de Ciências no Ensino Médio em Savona. Os animais, a Natureza, a ecologia são os temas prevalentes na sua atividade literária. Há alguns anos escreve poesia no âmbito do movimento literário da *Ecopoetry*, tendo escrito o Manifesto Italiano da Ecopoesia em 2005.

O Manifesto foi apresentado na Universidade Oneonta (Estado de Nova Iorque), na Universidade Federal da Paraíba (Brasil), na Universidade de Worcester na Inglaterra e no Congresso de Ecocrítica de Valladolid (Espanha).

Em setembro de 2011 recebeu o Prêmio da Ecopoesia do prestigioso *Lerici Pea* com publicação de poemas e do Manifesto.

Foi conselheira do Parque do Beigua. Participa como convidada dos congressos APTEBA de *Pet Therapy*.

Publicou artigos em diversas revistas científicas, artigos em revistas literárias, um livro de Ecopoemas (Serarcangeli Editore), livros sobre animais, como *Il Patto con il Gatto* (Mursia Editore). O livro mais recente, *La Felina Commedia. Edutainment* (um romance de formação ecopedagógico) foi publicado em italiano e em inglês.

[www.europaedizioni.it](http://www.europaedizioni.it)

## **APÊNDICE B – Manifesto de Ecopoesia Italiana**

## MANIFESTO DE ECOPOESIA ITALIANA (2005)

**Maria Ivana Trevisani Bach**

tradução: Priscila Prado

### ***Definição***

Ecopoesia é um novo gênero literário que se inspira na atual emergência ambiental. Além disso, a Ecopoesia se propõe a “dar voz” aos seres que não têm voz e à afirmação de seus direitos.

A Ecopoesia é uma parte do vasto universo da Poesia e não se coloca em posição de supremacia em relação às outras expressões poéticas tradicionais. É simplesmente diferente, e não alternativa.

### ***Premissa***

Após as confusas e heterogêneas experiências artísticas pós-modernas da segunda metade do século XX, delineiam-se algumas novas tendências que têm origem:

- na velocidade e facilidade da comunicação
- nos processos de globalização, inclusive cultural
- na cada vez mais dramática crise ambiental do nosso planeta

Neste contexto, alguns artistas italianos sentiram necessidade de registrar em um Manifesto as linhas mestras de seus modos de fazer poesia ou, mais amplamente, de se expressarem através da arte.

Esta decisão é fruto de algumas considerações:

A atual superabundante tempestade de notícias na mídia teve como consequência uma reação defensiva tendente a separar das emoções as informações e imagens factuais.

Criou-se, assim, um conflito entre o pensamento racional que tenta compreender os eventos e a enorme quantidade de emoções reprimidas sobre eles.

A acomodação às representações virtuais foi progressivamente saturando as mentes de milhares de pessoas tornando-as espectadoras passivas dos fatos.

A passividade gerou, sobretudo nos jovens, uma apatia quanto aos ideais e valores que tolheu o ânimo necessário para enfrentar os problemas de nosso tempo.

Como resultado de tais considerações, alguns artistas decidem desafiar-se a um tipo de poesia que, abertamente e sem pudores, libere a emoção reprimida a fim de utilizá-la como força motriz para a realização dos objetivos sugeridos pelos novos valores.

### ***Novos valores***

A proteção do meio ambiente se impõe como valor inegável do século XXI em razão da crítica situação atual do nosso planeta.

Superada a ideia de Natureza entendida como recurso inesgotável, também entra em crise a visão antropocêntrica e hierárquica do Humano como senhor ilimitado de tais recursos.

A nova perspectiva da Terra, sugerida pelos novos conhecimentos no campo astronômico e pelas fascinantes imagens que nos chegam do espaço, traz consciência do pequeno lugar que ocupamos no Universo e da nossa não privilegiada presença na Terra. O Humano, portanto, constata seu papel como ator de destruição ou de proteção desta casa em comum e de suas responsabilidades para com este frágil planeta.

Dessa consciência de responsabilidade nasce uma nova ética de relação; não mais exclusivamente entre humano e humano, mas entre Humano e Natureza. Esta nova filosofia moral faz parte da cultura recente que, depois da desestruturação pós-moderna das ideologias, busca novos valores e objetivos sem, no entanto, aprisioná-los em rígidas superestruturas hierárquicas ou ideológicas.

### ***Papel da Ecopoesia neste cenário***

Todo tipo de poesia é capaz de despertar emoções. Toca cordas secretas ou esquecidas. Surpreende com associações inesperadas entre sons ou imagens. Nos faz refletir com uma metáfora. Captura a essência oculta das coisas ou de nossas experiências. Aproveitando o potencial destas sugestões, a Ecopoesia torna-se comunicadora de emoções e, através delas, desperta as consciências predispondo-as a atentar para os problemas de nossos dias.

Este tipo de poesia abrange simultaneamente racionalidade e sentimentos, superando o preconceito do pensamento bipolar do século XX que estabelecia uma separação nítida entre razão e criação artística. Na Ecopoesia, ao lado do tradicional momento emocional da comunicação poética, aparece o momento racional da tomada de consciência da crise ambiental e da necessidade de saná-la. A Ecopoesia é, portanto, multidimensional pois desfaz a cisão entre essas duas dimensões expressivas, revelando-se mais próxima do modo de pensar e de sentir de hoje.

As ciências ambientais sabem analisar detalhadamente os problemas ecológicos atuais, mas isso não quer dizer que, sozinhas, consigam nos fazer agir para os resolver. A linguagem poética que, sobre estes temas, é tão diferente e nova, pode alcançar respostas mais eficazes despertando as consciências e as preparando para atentar aos problemas do século XXI, quais sejam:

- a salvaguarda do nosso planeta e uma nova relação com todos os seres vivos (*Ecopoetry*)
- a afirmação dos direitos fundamentais do homem e a convivência pacífica entre os povos (*Art & Peace*)
- uma nova e diferente introspecção do próprio eu (*Ecopsicologia, etc*)

Essa necessidade de uma poesia nova foi percebida em diferentes partes do mundo. Nasceram, assim, novos movimentos poéticos que associam a poesia às atuais demandas éticas, tais como *Art and Peace*, *Eco Arte* e também *a Ecopoetry*.

### ***Mas, quem é o ecopoeta?***

O ecopoeta não é o aedo que canta a Natureza, mas sim aquele que fala pela Natureza. Dá voz à Natureza. Afirma os direitos dos seres que não têm direitos. É aquele que se sente interconectado com a criação e dela extrai emoções a partir de dentro; o animal torturado, a árvore arrancada, toda a terra poluída, falam diretamente através de seus versos. Em última análise, o ecopoeta fala por esta casa em comum, única e irreproduzível, que deve ser salvaguardada em sua peculiaridade e beleza.

Protegeremos a Natureza se tivermos aprendido a amá-la, se tivermos aprendido a nos sentirmos empáticos para com ela. E é exatamente isto que a Ecopoesia pretende fazer: transmitir este amoroso desejo de proteção. Ajudar-nos a nos sentirmos animais, árvores, floresta. A viver a dor deles como nossa. A ver na beleza de uma paisagem preservada um modelo a salvaguardar. A compreender que o destino da Terra é também nosso próprio destino.

O ecopoeta é, portanto, o intermediário entre a comunidade humana e o mundo natural. É aquele que, ao invés de se martirizar sobre os tormentos de seu próprio eu ou sobre as complexas dinâmicas interpessoais, mergulha na paz da unidade da criação, abre-se ao mundo, aos outros seres vivos e com eles se integra.

### ***A linguagem***

A Ecopoesia não é uma poesia comemorativa, enfática, que se ergue sobre um pedestal indicando o caminho a seguir, mas sim a poesia empática de quem se sente interconectado com a Natureza e reporta suas emoções a partir de dentro. Uma poesia simples, humilde como o são os sujeitos oprimidos que falam através dela.

### ***A comunicação***

Existe também uma especificidade da Ecopoesia neste campo. Num tempo de comunicação global, a poesia também deve saber comunicar globalmente, deve ser acessível a todos, deve estar aberta às diferentes realidades culturais do mundo, bem como compartilhar e difundir os valores de seu tempo.

A Ecopoesia liberta-se do isolamento das fechadas culturas literárias eruditas, das velhas modas sibilinas das vanguardas e das tradições poéticas locais, e utiliza uma comunicação poética simples e clara, compreensível por todas as culturas – portanto, também facilmente traduzível – para difundir-se a um público cada vez mais amplo como proposto pela UNESCO na mensagem do Dia Mundial da Poesia<sup>95</sup>.

A Ecopoesia deve saber comunicar globalmente porque vive em um tempo em que todos os pensamentos, todas as emoções e toda a criatividade do mundo estão em contato universal e simultaneamente. Ela se alimenta desta imensa linfa coletiva para criar novos apelos que, por sua vez, serão transmitidos e recolhidos pelas mesmas vias.

Esta nova Poesia, provisoriamente definida por alguns como “*Post-post-modern Poetry*” porque acolhe algumas tendências das correntes pós-modernas, neste Manifesto, contudo, é simplesmente definida como “ECOPOESIA”.

Essas reflexões estendem-se a todas as formas de arte que tenham por centro a Natureza e o Meio Ambiente. No Manifesto este tipo de Arte é definida como “ECOARTE”.

---

95 Dia Mundial da Poesia: 21 de março. Instituído na Conferência Geral da UNESCO de 1999, em Paris. (N.T.)